



LIVRO II DA TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

MORGAN RICE

ARENA DOIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

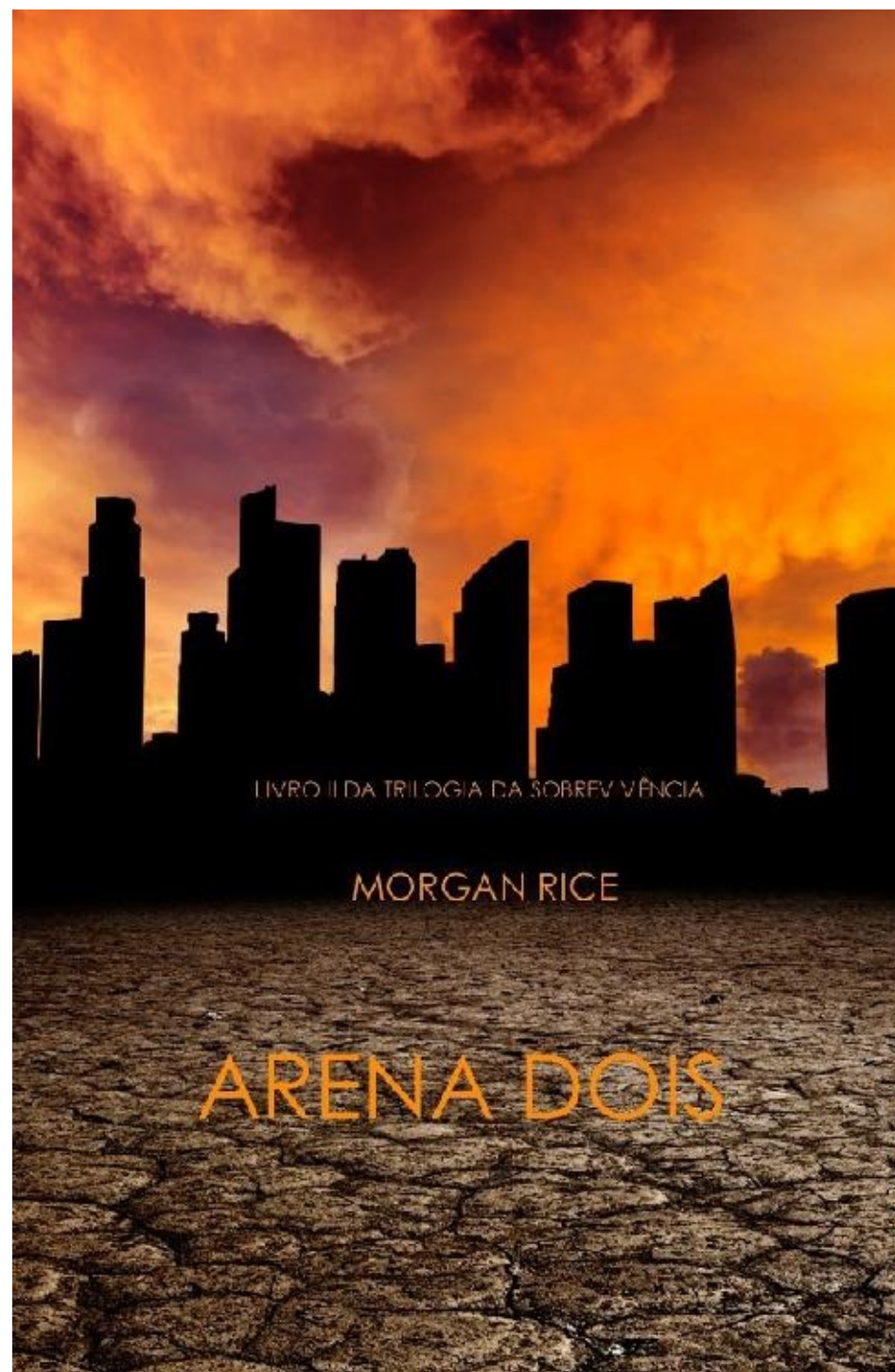
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





ARENA DOIS

(LIVRO II DA TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA)

MORGAN RICE

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Google Play!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Elogios selecionados para Morgan Rice

"Eu vou admitir, antes de ARENA UM, eu nunca havia lido alguma coisa pós-apocalíptica antes. Eu nunca imaginei que seria algo que fosse me agradar... Porém, fiquei positivamente surpresa de como este livro é viciante. ARENA UM é um desses livros que você lê noite adentro até seus olhos ficarem cansados porque você não quer parar... Não é nenhum segredo que eu adoro heroínas fortes nos livros que leio... Brooke é valente, destemida, implacável e, apesar de haver romance no livro, Brooke não se deixa levar por isso... Eu recomendo muito ARENA UM."

--Dallas Examiner

"Rice faz um ótimo trabalho de trazer o leitor para dentro da história desde o início, usando uma incrível qualidade descritiva que transcende a mera pintura do cenário... Bem escrito e extremamente rápido de ler."

--Black Lagoon Reviews (sobre *Transformada*)

"Um história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um ótimo trabalho tramando uma inesperada reviravolta... Inovador e único. A série acontece em torno de uma garota... uma incrível garota!... Fácil de ler mas de ritmo extremamente acelerado. Apropriado para maiores de 12 anos."

--The Romance Reviews (sobre *Transformada*)

"Prendeu minha atenção desde o início e não deixou mais escapar... Esta história é uma aventura incrível, de ritmo intenso e cheia de ação desde o início. Não há um momento entediante sequer."

--Paranormal Romance Guild (sobre *Transformada*)

"Cheio de ação, romance, aventura e suspense. Ponha as suas mãos nesse e se apaixone mais uma vez."

--vampirebooksite.com (sobre *Transformada*)

"Uma trama incrível e é especialmente o tipo de livro difícil de parar de ler à noite. O suspense do final é tão espetacular que imediatamente você vai querer comprar o livro seguinte, só para ver o que acontece."

--The Dallas Examiner {sobre *Loved*}

“TRANSFORMADA é um livro que pode competir com CREPÚSCULO e DIÁRIOS DO VAMPIRO, e fará com que você queira continuar lendo até a última página! Se você gosta de aventura, amor e vampiros, este é o livro para você!”

--Vampirebooksite.com (sobre *Transformada*)

“Morgan Rice prova mais uma vez que é uma talentosa contadora de histórias... Agradará uma grande variedade de público, incluindo jovens fãs do gênero vampiro/fantasia. Termina em um surpreendente suspense que o deixará impressionado.”

--The Romance Reviews (sobre *Amada*)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

DESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)

JURADA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

THE SORCERER'S RING



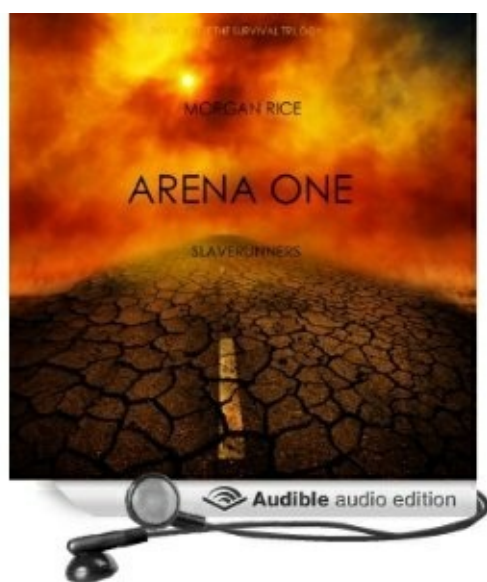
THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Google Play !](#)



[Ouça](#) a TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA no formato de audio book!

Disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Direitos reservados© 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. A ilustração da capa é um direito reservado da f9photos, utilizada sob licença da Shutterstock.com.

ÍNDICE

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

“Muito antes de morrer, morre o covarde;

Só uma vez o homem forte prova a morte.

Das coisas raras de que tenho ciência,

Sempre me pareceu a mais estranha terem os homens medo,

Embora saibam que a morte, um fim a todos necessário,

“Vem quando vem.”

--Shakespeare, *Júlio César*

U M

Há alguns dias na vida que simplesmente parecem perfeitos. Alguns dias em que uma certa tranquilidade toma conta do mundo, quando uma calmaria o envolve de tal maneira que você sente que poderia simplesmente desaparecer, que você tem uma sensação de paz imune a qualquer preocupação. Imune ao medo. Ao amanhã. Posso contar momentos como esse nos dedos de uma mão. E um desses momentos está acontecendo exatamente agora.

Estou com treze anos de idade e Bree, seis; e estamos diante de uma praia de área fina e fofa.

Papai segura minha mão e mamãe segura a de Bree, nós quatro andamos pela areia quente, em

direção ao oceano. Os pingos frios das ondas refrescam meu rosto, aliviando esse abafado dia de

Agosto. As ondas se quebram ao nosso redor e papai e mamãe riem, despreocupados. Eu nunca os vi

tão relaxados. Eu os vejo trocando olhares com tanto amor, quero guardar essa imagem em minha

memória para sempre. É um dos poucos momentos que eu os vejo tão felizes juntos e não quero esquecê-lo. Bree grita, eufórica, empolgada com a quebra das ondas que batem seu peito e com a força da ressaca, que volta na altura de suas coxas. Mamãe a segura com firmeza e papai aperta mais minha mão, nos segurando contra a correnteza do oceano.

“UM! DOIS! TRÊS!” papai grita.

Meu pai me levanta no ar puxando minhas mãos e as mãos de Bree. Eu subo, mais alto que a onda e grito quando ela passa e se quebra atrás de mim. Fico impressionada que papai consegue ficar ali, tão forte, como se fosse uma pedra, aparentemente alheio às forças da natureza.

Quando mergulho no oceano, sinto um choque com a água gelada que toca em meu peito. Aperto a mão de papai com mais força quando a correnteza puxa e, novamente, ele me segura com firmeza no lugar. Sinto que, neste momento, ele vai me proteger de tudo, para sempre.

Onda após onda se quebra na praia e, pela primeira vez em muito tempo, mamãe e papai não estão com pressa. Eles nos levantam de novo e de novo, Bree grita de alegria. Eu não sei quanto tempo passou desde este maravilhoso verão, neste dia pacífico na praia, sob um céu sem nuvens, a água do mar espirrando em meu rosto. Não quero nunca que o sol se ponha, nem que isto mude.

Quero ficar aqui, deste jeito, para sempre. E, neste momento, parece que assim será.

Abro meus olhos lentamente, confusa com o que vejo diante de mim. Não estou no oceano, mas, sim, sentada no banco de passageiro de um barco a motor, que acelera rio acima. Não é verão, mas inverno, os bancos estão cobertos de neve. Blocos ocasionais de gelo passam flutuando ao meu lado.

Meu rosto está respingado de água, mas não da fresca bruma das ondas do oceano no calor, e sim de respingos gelados do Hudson no inverno. Pisco várias vezes até entender que não é uma manhã clara de verão e sim uma tarde nublada de inverno. Tento entender o que aconteceu, como tudo mudou.

Sinto um calafrio ao me sentar e olho a minha volta, repentinamente alerta. Não durmo à luz do dia há muito tempo e isso me surpreende. Rapidamente, tento me orientar e vejo Logan, estoicamente parado atrás do timão, seus olhos fixos no rio, navegando pelo Hudson. Olho pra trás e vejo Ben,

com a cabeça entre as mãos e os olhos no rio, perdido em seus próprios pensamentos. Do outro lado do barco, está Bree, de olhos fechados, inclinada em seu banco, sua nova amiga Rose está abraçada a ela, dormindo em seu ombro e, sentado em seu colo, está nosso novo mascote, uma Chihuahua de um olho só, que também dorme.

Estou impressionada por ter conseguido dormir, mas, quando olho para baixo e vejo a garrafa de champagne pela metade, percebo que o álcool, que eu não tomava há anos, deve ter me deixado sonolenta – isso combinado com as inúmeras noites sem dormir e tantos dias de adrenalina. Meu corpo está tão ferido, tão dolorido e machucado, que eu devo ter dormido sozinha. Sinto-me culpada. Eu nunca deixei Bree fora de vista antes. Mas, quando olho para Logan, com sua imponente presença, creio que devo ter me sentido segura o suficiente para adormecer desse jeito. De certa forma, é como ter meu pai de volta. Será por isso que sonhei com ele?

“Bom ter você de volta,” ouço a voz grave de Logan. Ele olha na minha direção, com um pequeno sorriso no canto de seus lábios.

Inclino-me para frente, contemplando o rio diante de nós, o qual estamos cortando como se fosse manteiga. O ronco do motor é ensurdecedor e o barco percorre a correnteza subindo e descendo em movimentos sutis, balançando um pouquinho. O respingo gelado atinge diretamente o meu rosto, olho para baixo e vejo que ainda estou vestindo as mesmas roupas há dias. Elas praticamente estão grudadas na minha pele, coberta de suor, sangue e sujeira – e, agora, umidade dos respingos. Estou molhada, com frio e faminta. Faria qualquer coisa por um banho quente, um chocolate quente, uma fogueira e uma muda de roupas.

Olho para o horizonte: o Hudson parece um vasto e enorme mar. Estamos no meio da imensidão, distantes de qualquer margem, Logan sabiamente nos mantém longe de qualquer predador. Ao pensar nisso, eu imediatamente olho para trás, à procura de comerciantes de escravos. Não vejo nenhum. Procuro por qualquer sinal de barcos no horizonte a nossa frente. Nada. Examino as linhas das margens em busca de algum sinal de atividade. Nada. É como se tivéssemos o mundo somente para nós. É confortante e desolador ao mesmo tempo.

Aos poucos, vou baixando minha guarda; Sinto como se tivesse dormido por muito tempo, mas pela posição do sol no céu, ainda estamos no meio da tarde. Eu não devo ter dormido por mais de uma hora, no máximo. Olho a minha volta procurando por algum ponto de referência. Afinal, estamos perto de voltar para casa. Mas não encontro nada.

“Por quanto tempo eu dormi?” pergunto a Logan.

Ele dá de ombros. “Talvez uma hora.”

Uma hora, eu penso. Parece que foi uma eternidade.

Verifico o ponteiro da gasolina, ele mostra que já está meio vazio. Isso não é um bom sinal.

“Algum sinal de combustível em algum lugar?” eu pergunto.

E, no momento em que o faço, percebo como é uma pergunta estúpida.

Logan olha pra mim, como se dissesse *sério mesmo?* Mas, é claro, se ele tivesse visto algum posto, ele teria parado.

“Onde estamos?” eu indago.

“Essa é sua região,” ele diz, “Eu ia perguntar a mesma coisa pra você.”

Examino o rio novamente, mas ainda não reconheço nada. Isso é coisa do Hudson – tão vasto, de extensão infinita, é tão fácil desorientar-se nele.

“Por que você não me acordou?” eu pergunto.

“Por que eu deveria? Você precisava descansar.”

Não sei mais o que falar para ele. É isso que acontece com Logan: eu gosto dele, e acho que ele gosta de mim, mas não sei se temos muito que falar um para o outro. E o fato de ele ser introvertido, e eu também, não ajuda.

Continuamos em silêncio, água branca vai se formando abaixo de nós, me pergunto quanto mais poderemos aguentar. O que faremos quando o combustível acabar?

Ao longe, detecto alguma coisa no horizonte. Parece algum tipo de estrutura na água. A princípio, pergunto-me se estou vendo coisas, mas então Logan estica seu pescoço, atento, e eu percebo que ele também deve ter visto.

“Acho que é uma ponte,” ele diz. “Uma ponte demolida.”

Vejo que ele está certo. Cada vez mais perto, está um altíssimo pedaço de metal retorcido, sobressaindo da água como se fosse algum tipo de monumento do inferno. Eu me lembro dessa ponte: ela costumava atravessar lindamente o rio; agora, é um monte de sucata, que mergulha na água fazendo ângulos irregulares.

Logan desacelera o barco, o motor vai silenciando à medida que nos aproximamos. Nossa velocidade cai e o barco se mexe violentamente. Os metais retorcidos aparecem em todas as direções, Logan navega, virando para a esquerda e para a direita, criando seu próprio caminho. Olho pra cima conforme avançamos sobre os escombros da ponte, que se emerge sobre nós. Parece que tem centenas de metros de altura, um testemunho do que o homem, um dia, foi capaz de fazer antes de começar a matar uns aos outros.

“A Ponte Tappan Zee,” eu comento. “Estamos à uma hora do norte da cidade. Temos uma boa vantagem, se eles vierem atrás de nós.”

“Eles *virão* atrás de nós,” ele diz. “Pode apostar que sim.”

Olho para ele. “Como você tem tanta certeza?”

“Eu os conheço. Eles não esquecem, jamais.”

Quando passamos pelo último resto de metal, Logan ganha velocidade e eu inclino para trás enquanto aceleramos.

“Quão longe atrás de nós você acha que eles estão?” pergunto.

Ele olha para o horizonte, sério. Finalmente, dá de ombros.

“Difícil dizer. Depende do tempo que levaram para reunir as tropas. A neve está pesada, o que é bom para nós. Talvez três horas? Seis, se tivermos sorte? Uma coisa boa é que essa belezinha aqui é rápida. Acho que podemos continuar na frente enquanto tivermos combustível.

“Mas não teremos,” eu falo, ressaltando o óbvio. “Nós saímos com um tanque cheio – agora ele está na metade. Ficaremos vazios em algumas horas. O Canadá está bem distante. Como acha que

podemos encontrar combustível?”

Logan olha para a água, pensativo.

“Não temos escolha.” ele diz. “Precisamos encontrar. Não há alternativa. Não podemos parar.”

“Precisaremos descansar em algum momento,” eu falo. “Precisaremos de comida e de algum tipo de abrigo. Não podemos ficar a essa temperatura dia e noite.”

“Melhor passar fome e frio do que ser pego por comerciantes de escravos,” ele fala.

Penso na casa de meu pai, rio acima. Vamos passar bem ao lado dela. Lembro-me da minha promessa à minha cachorra, Sasha, de enterrá-la. Também penso em toda a comida que havia lá, na casinha de pedra – poderíamos pegá-la, iria nos sustentar por dia. Penso nas ferramentas na garagem de papai, em todas as coisas que seriam úteis. Sem falar das roupas extras, lençóis e fósforos.

“Quero fazer uma parada.”

Logan se vira e olha para mim como se eu fosse louca. Posso ver que ele desaprova minha ideia.

“Do que você está falando?”

“Sobre a casa de meu pai. Em Catskill. Cerca de uma hora ao norte daqui. Quero passar por lá.

Há muitas coisas que podemos resgatar. Coisas que iremos precisar. Como comida. E...” eu pauso,

“eu quero enterrar minha cachorra.”

“Enterrar sua cachorra?” ele pergunta, sua voz ficando mais alta. “Você enlouqueceu? Você quer que todos nós sejamos mortos por isso?”

“Eu lhe prometi,” eu digo.

“Prometeu?” ele retruca. “A sua cachorra? Morta? Você está brincando.”

Eu o encaro e ele percebe rapidamente que não estou.

“Se eu prometo algo, eu cumpro. Eu enterraria você se eu promettesse.”

Ele balança a cabeça.

“Ouça,” eu falo seriamente. “Você queria ir para o Canadá. Poderíamos ter ido para qualquer lugar. Esse era o *seu* sonho. Não meu. Quem sabe se essa cidade realmente existe? Estou seguindo você por um capricho seu. E este barco não é só seu. Eu só quero passar na casa de meu pai. Pegar

algumas coisas que precisamos e enterrar minha cachorra. Não vai demorar muito. Estamos bem à frente dos comerciantes de escravos. Sem mencionar que temos uma pequena vasilha de combustível lá. Não é muito, mas vai ajudar.”

Logan lentamente balança sua cabeça.

“Prefiro não pegar esse combustível e não correr tanto risco. Você está falando das montanhas.

Está falando de uns trinta quilômetros terra adentro, não é? Como acha que chegaremos lá após pararmos nas docas? Escalando?”

“Eu sei que tem um caminhão velho. Uma picape surrada. É só uma carcaça enferrujada, mas anda e tem combustível suficiente para nos levar e nos trazer de volta. Está escondida próxima à beira do rio. O rio nos levará até lá. O caminhão nos levará e nos trará de volta. Será rápido. E então continuaremos nossa longa jornada para o Canadá. Será o melhor para nós.”

Logan observa a água silenciosamente por um longo tempo, seus punhos fechados firmemente em volta do timão.

Por fim, ele diz, “Tanto faz. É a sua vida em risco. Mas eu vou ficar no barco. Você terá duas horas. Se não voltar a tempo, irei embora.”

Eu lhe dou as costas e olho para a água, furiosa. Queria que ele fosse comigo. Sinto que ele só pensa nele mesmo e isso me deixa desapontada. Pensei que ele fosse melhor que isso.

“Então, você só se importa consigo mesmo, é isso?” eu pergunto.

Também me preocupa que ele não queira me acompanhar até a casa de meu pai; Não havia pensado nisso. Sei que Ben não vai querer ir eu gostaria de ter um pouco de proteção. Que seja. Eu ainda estou determinada. Fiz uma promessa e irei cumpri-la. Com ou sem ele.

Ele não responde e posso ver que está aborrecido.

Contemplo a água, evitando olhá-lo. À medida que a água se agita em meio ao constante barulho do motor, percebo que estou brava não somente porque estou decepcionada com ele, mas também porque eu comecei a gostar dele, a contar com ele. Eu não dependia de ninguém havia muito tempo. É um sentimento assustador depender de alguém de novo, me sinto traída.

“Brooke?”

Meu coração se alivia com o som de uma voz familiar e eu me viro para ver minha irmãzinha acordar. E Rose também. As duas são como ervilhas de uma vagem, extensões de uma única pessoa. Eu ainda mal consigo acreditar que Bree está aqui, novamente comigo. É como um sonho. Quando ela foi sequestrada, uma parte de mim estava certa de que eu jamais a veria de novo. Cada momento em que estou com ele, sinto como se tivesse recebido uma segunda chance, estou mais determinada do que nunca a cuidar dela.

“Estou com fome,” Bree fala, esfregando seus olhos com a parte de trás de suas mãos.

Penélope senta-se no coo de Bree. Ela não pára de tremer e então levanta seu olho bom em minha direção, como se dissesse que também está faminta.

“Estou congelando,” Rose ecoa, esfregando seus ombros. Ela veste apenas uma fina camiseta e eu me sinto muito mal por ela.

Eu compreendo. Estou com fome e com frio também. Meu nariz está vermelho e eu mal posso senti-lo. Essas guloseimas que encontramos eram deliciosas, mas pouco nutritivas – especialmente em um estômago vazio. E isso aconteceu horas atrás. Penso de novo no baú de comidas, no pouco que restou e me pergunto em quanto tempo ele ficará vazio. Sei que deveria racionar a comida. Por outro lado, estamos todos passando fome e não suporto ver Bree desse jeito.

“Não sobrou muita comida,” eu digo a ela, “mas posso dar a vocês um pouquinho agora. Temos alguns biscoitos e biscoitos água e sal.”

“Biscoitos!” elas gritam em uníssono. Penélope late.

“Eu não faria isso,” ouço a voz de Logan ao meu lado.

Olho para o lado e o vejo com um olhar de desaprovação.

“Precisamos racionar.”

“Por favor!” Bree grita. “Preciso de alguma coisa. Estou com fome.”

“Eu preciso dar a ela *alguma coisa*,” digo firmemente a Logan, entendo sua opinião, mas fico aborrecida com sua falta de compaixão. “Eu vou dar apenas um biscoito para cada um de nós.”

“E quanto à Penélope?” Rose pergunta.

“O cachorro não vai pegar nenhuma comida nossa,” Logan retruca. “Ela tem que se virar sozinha.”

Sinto-me, mais uma vez, aborrecida com Logan, apesar de entender que ele está sendo racional.

Mesmo assim, quando vejo o olhar cabisbaixo em Rose e em Bree e ouço o latido de Penélope mais uma vez, não conseguirei deixá-la passando fome. Eu disfarçadamente lhe darei um pouco de comida da minha própria parte.

Abro o baú e dou uma olhada em nosso estoque de comida. Vejo duas caixas de biscoitos, três pacotes de biscoitos água e sal, vários sacos de ursinhos de gelatina e meia dúzia de barras de chocolate. Gostaria que houvesse alguma comida mais nutritiva, não sei como faremos para isso durar, como isso será suficiente para três refeições por dia para cinco pessoas.

Eu tiro os biscoitos e dou um para cada um. Ben finalmente sai do seu lugar ao ver comida e aceita a sua porção. Ele tem círculos escuros abaixo dos olhos, como se não tivesse dormido. É penoso ver sua expressão, tão devastada pela perda de seu irmão, desvio meu olhar ao lhe entregar seu biscoito.

Vou para a frente do barco e dou a Logan a sua parte. Ele pega o biscoito e, silenciosamente, o coloca em seu bolso, claro, vai guardá-lo para mais tarde. Não sei de onde ele tira tanta força. Eu enfraqueço só de sentir o cheiro de biscoitos de chocolate. Sei que eu deveria racionar comida também, mas não consigo. Mordo um pedaço pequeno, decidida a guardá-lo para mais tarde – mas é tão delicioso que não consigo me conter – eu o devoro inteiro, deixo apenas um pedacinho, o qual reservo para Penélope.

A comida me faz sentir tão bem. O açúcar sobe a minha cabeça e atravessa meu corpo, gostaria de poder comer mais uma dúzia. Respiro fundo quando meu estômago reclama, tentando me controlar.

O rio começa a se estreitar, as margens se aproximam uma da outra à medida que rio serpenteia.

Estamos perto de terra firme e fico bem atenta, analisando a margem, à procura de qualquer sinal de perigo. Quando fazemos uma curva, olho para minha esquerda e vejo, no alto de um penhasco, as ruínas de uma antiga fortificação, agora bombardeada. Fico chocada quanto percebo o que era antes.

“A Academia Militar,” Logan fala. Ele deve ter notado ao mesmo tempo que eu.

É impactante ver que este bastião da força americana é agora apenas uma pilha de destroços, seu mastro da bandeira está retorcido, pendurado sobre o Hudson. Quase nada é igual ao que já foi antes.

“O que é isso?” Bree pergunta com os dentes batendo. Ela e Rose vieram para a frente do barco, ao meu lado, Bree observa a fortificação, seguindo meu olhar. Não quero falar para ela.

“Não é nada, querida,” eu respondo. “Só uma ruína.”

Coloco meu braço em volta dela e a aproximo de mim, envolvo Rose com meu outro braço e também a deixo mais perto. Tento esquentá-las, esfregando seus ombros o melhor que posso.

“Quando nós iremos para casa?” Rose pergunta.

Logan e eu trocamos olhares. Eu não tenho ideia de como responder.

“Não iremos para casa,” eu digo a Rose, o mais gentilmente que consigo, “mas estamos à procura de um novo lar.”

“Nós vamos passar por nossa antiga casa?” Bree pergunta.

Eu hesito. “Sim,” eu respondo.

“Mas não vamos ficar por lá de novo, certo?” ela indaga.

“Certo,” eu falo. “É muito perigoso morar lá agora.”

“Não quero morar outra vez naquele lugar,” ela fala. “Odiava este lugar. Mas não podemos simplesmente deixar Sasha lá. Vamos passar por lá e enterrá-la? Você prometeu.”

Penso na minha discussão com Logan.

“Você está certa,” eu digo gentilmente. “Eu prometi mesmo e sim, iremos parar.”

Logan se afasta, claramente irritado.

“E depois?” Rose pergunta. “Para onde iremos depois?”

“Continuaremos rio acima,” eu explico. “Até onde ele nos levar.”

“E onde o rio termina?” ela questiona.

É uma boa pergunta e eu a interpreto como uma questão mais profunda. Como terminará tudo isso? Com nossa morte? Com nossa sobrevivência? Será que terá fim? Existe algum fim à vista?

Não tenho a resposta.

Eu me viro, me ajoelho e olho nos seus olhos. Preciso dar esperança a ela. Algum incentivo para viver.

“Termina em um lindo lugar,” eu falo. “No lugar para onde vamos, tudo está bem de novo. As ruas são tão limpas que chegam a brilhar e tudo é perfeito e seguro. Há mais gente lá, pessoas amáveis que irão nos acolher e nos proteger. Há comida também, comida de verdade, e você pode comer o tempo inteiro. É o lugar mais lindo que você pode imaginar.”

Os olhos de Rose se arregalam.

“É verdade?” ela pergunta.

Eu aceno que sim com a cabeça. Aos poucos, ela abre um enorme sorriso.

“Quanto tempo vamos demorar a chegar lá?”

Eu sorrio. “Não sei, querida.”

Mas Bree é mais cética que Rose.

“É verdade mesmo?” ela pergunta, baixinho. “Existe mesmo um lugar assim?”

“Existe,” eu falo, tentando parecer convincente. “Não é mesmo, Logan?”

Logan olha para nós, diz que sim a cabeça e logo desvia o olhar. No final das contas, é ele quem acredita no Canadá, acredita que há uma terra prometida. Como ele poderia negar agora?

O Hudson faz curvas e vai ficando estreito e depois largo de novo. Finalmente, entramos em um território familiar. Passamos por locais que eu conheço, estamos cada vez mais próximos da casa de papai.

Viramos uma curva e avistamos uma pequena ilha desabitada, apenas um pedaço de rochas sobressalente. Nela, há um farol, sua lâmpada foi estilhaçada há muito tempo, sua estrutura agora não passa de uma fachada.

Passamos por outra curva e, ao longe, avisto uma ponte que cruzei apenas alguns dias atrás, enquanto perseguia os comerciantes de escravos. Ali, no meio da ponte, posso ver o local da explosão, a enorme cratera, como se uma bola de demolição tivesse sido jogada bem no centro. Lembro-me de quando Ben e eu estávamos de moto, correndo, e quase caímos da ponte. Mal posso acreditar. Estamos quase chegando.

Isto me faz pensar em Ben, me faz lembrar em como ele salvou minha vida naquele dia. Eu me viro para olhar para ele, que está encarando a água, melancólico.

“Ben?” Eu chamo.

Ele olha em minha direção.

“Lembra-se dessa ponte?”

Ele se vira para olhar e vejo medo em seus olhos. Ele se lembra.

Bree me cutuca. “Tudo bem se eu der a Penélope um pouco do meu biscoito?” ela pergunta.

“Eu também posso?” Rose ecoa.

“Mas é claro que sim,” eu respondo em voz alta para que Logan ouvir. Ele não é o único que pode mandar aqui e iremos fazer o que quisermos com nossa comida.

A cachorra, no colo de Rose, se anima, como se entendesse. É incrível. Nunca vi um animalzinho tão esperto.

Bree se inclina para lhe dar um pedacinho de biscoito, mas eu encosto em sua mão, impedindo-a.

“Espere,” eu falo. “Se você vai alimentá-la, ela devia ter um nome, não acha?”

“Mas ela não tem coleira,” Rose diz. “O nome dela pode ser qualquer um.”

“Ela é nossa cachorrinha agora,” eu falo. “Dê a ela um novo nome.”

Rose e Bree trocam olhares, animadas.

“Como deveríamos chamá-la?” Bree pergunta.

“Que tal Penélope?” Rose sugere.

“Penélope!” Bree grita. “Adorei.”

“Eu também gostei,” eu concordo.

“Penélope!” Rose chama a cachorrinha com um berro.

Surpreendentemente, a cachorrinha se vira para Rose quando é chamada, como se seu nome fosse Penélope desde o sempre.

Bree sorri ao dar-lhe um pedaço de seu biscoito. Penélope o pega e o engole de uma só vez. Bree e Rose riem histericamente quando Rose dá o resto de seu biscoito. Ela também o morde e então eu lhe entrego o último pedacinho do meu. Penélope olha para nós, entusiasmada, trêmula, e late três vezes.

Todas nós rimos. Por um momento, eu quase me esqueço de nossos problemas.

Mas, então, ao longe, por cima do ombro de Ben, eu avisto alguma coisa.

“Ali,” eu falo para Logan, me elevando e apontando para nossa esquerda. “É para lá que precisamos ir. Vire aqui.”

Eu vejo a península onde Ben e eu passamos de moto, sobre o gelo do Hudson. Fico com aflição ao pensar nisso, penso em quão louca aquela perseguição fora. É inacreditável que eu ainda esteja viva.

Logan olha por cima de seu ombro para checar se há alguém nos seguindo e então, relutantemente, ele vai desacelerando aos poucos, fazendo a curva para nos levar à margem.

Inquieta, eu olho ao meu redor com cautela quando alcançamos a orla da península. Nós deslizamos junto a ela, fazendo uma curvatura para dentro da ilha. Estamos perto da margem agora, após passarmos por uma torre de água desmoronada. Continuamos em frente e logo passamos perto das ruínas de uma cidade, em direção ao seu centro. Catskill. Há prédios queimados em ambos os lados, parece que foram atingidos por um bombardeio.

Estamos todos atentos à medida que abrimos nosso caminho lentamente pela enseada, indo terra adentro, a costa está a poucos metros de distância, cada vez mais estreita. Estamos expostos a uma emboscada e eu percebo que, inconscientemente, estou com minha mão sobre meu quadril, segurando

minha faca. Percebo que Logan faz o mesmo.

Olho por cima de meu ombro para ver Ben; mas ele ainda se encontra em estado catatônico.

“Onde está o caminhão?” Logan pergunta, há nervosismo em sua voz. “Eu não irei terra adentro, digo-lhe isso desde já. Se qualquer coisa acontecer, precisaremos voltar ao Hudson, e rápido. É uma armadilha mortal,” ele fala, olhando com receio para as margens.

Eu faço o mesmo. Mas a orla está vazia, desolado, congelada, sem ninguém à vista, até onde consigo enxergar.

“Vê ali?,” eu falo, apontando. “Aquele galpão enferrujado? Está dentro dele.”

Logan percorre mais uns trinta metros e então vira em direção ao galpão. Há um cais velho e destruído, onde Logan consegue atracar o barco, a apenas alguns metros da margem. Ele silencia o motor, pega a âncora e a atira para fora do barco. Depois, pega uma corda, faz um laço em uma ponta e o atira em um poste de metal enferrujado. O laço se fixa e Logan puxa a corda, apertando o nó, para que possamos alcançar o cais.

“Nós vamos sair?” Bree pergunta.

“Eu, sim,” respondo. “Espere por mim, aqui, no barco. É muito perigoso para você ir. Eu voltarei logo. Vou enterrar Sasha. Eu prometo.”

“Não!” ela grita. “Você prometeu que nunca mais iríamos nos separar. Você prometeu! Você não pode me deixar aqui sozinha! NÃO PODE!”

“Eu não irei deixá-la sozinha,” eu digo, meu coração se partindo. “Você vai ficar aqui com Logan, Ben, e Rose. Você estará perfeitamente segura. Eu prometo.”

Mas, para minha surpresa, Bree se levanta, salta por cima da corda, passando pela margem de areia e aterrissa, na neve.

Ela fica em pé na terra, com as mãos nos quadris, me encarando, desafiante.

“Se você for, eu vou também,” ela exige.

Eu respiro fundo ao ver que ela está determinada. Sei que, quando ela quer, ela é teimosa.

Será muita responsabilidade levá-la comigo, mas, tenho que admitir, uma parte de mim se sente bem em tê-la ao meu lado o tempo todo. Se eu tentar convencê-la do contrário, só irei gastar mais tempo.

“Tudo bem,” eu falo. “Mas fique perto de mim o tempo inteiro. Promete?”

Ela assente com a cabeça. “Prometo.”

“Eu tenho medo,” Rose fala, olhando de olhos arregalados para Bree. “Eu não quero sair do barco. Prefiro ficar aqui com a Penélope. Pode ser?”

“Eu quero que você fique,” eu lhe respondo, silenciosamente recusando-me a levá-la junto.

Eu me viro para Ben e ele me encara com seus olhos melancólicos. Seu olhar me faz querer olhar para outro lugar, mas eu me forço a não fazê-lo.

“Você vem?” eu pergunto. Queria que dissesse que sim. Estou chateada por Logan preferir ficar aqui, por me decepcionar, eu certamente precisarei de ajuda.

Mas Ben, ainda claramente em choque, apenas me encara de volta. Ele me olha como se não entendesse. Pergunto-me se ele realmente compreende o que está acontecendo ao seu redor.

“Você vem?” eu pergunto com mais firmeza. Não tenho paciência para isso.

Aos poucos, ele balança a cabeça, recusando. Ele está fora de si, eu tento perdoá-lo – mas é difícil.

Viro-me para sair do barco e saltar para a margem. É uma sensação boa ter os pés em terra firme.

“Esperem!”

Vejo Logan se levantar do assento do motorista.

“Eu sabia que alguma coisa assim iria acontecer,” ele fala.

Ele anda pelo barco, recolhendo suas coisas.

“O que você está fazendo?” eu pergunto.

“O que você acha?” ele retruca. “Não vou deixar vocês duas irem sozinhas.”

Meu coração se enche de alívio. Se eu fosse sozinha, não estaria tão preocupada – mas estou muito feliz de ter outra pessoa para me ajudar a tomar conta de Bree.

Ela salta do barco para a margem.

“Estou te falando agora que isto é uma ideia estúpida,” ele diz, ao ficar ao meu lado.

“Deveríamos continuar indo em frente. Logo irá anoitecer. O Hudson pode congelar. Poderíamos ficar presos aqui. Sem falar dos comerciantes de escravos. Você tem 90 minutos, entendeu? 30 minutos para ir, 30 minutos para ficar lá e 30 minutos para voltar. Sem exceções de qualquer tipo. Ao contrário, partirei sem você.”

Olho de volta para ele, impressionada e grata.

“Fechado,” eu falo

Penso em todo esse sacrifício que ele fizera, e começo a sentir algo a mais. Por trás de toda sua postura, começo a sentir que Logan realmente gosta de mim. Ele não é tão egoísta quanto eu havia pensado.

Quando estamos quase partindo, ouço uma movimentação no barco.

“Esperem!” Ben grita.

Eu me viro para encará-lo.

“Você não podem me deixar aqui sozinho com Rose. E se alguém vier? O que eu deveria fazer?”

“Tome conta do barco,” Logan responde, virando-se para ir embora.

“Eu não sei pilotá-lo!” Ben berra. “Eu não tenho nenhum arma!”

Logan se vira mais uma vez, aborrecido, pega uma de suas pistolas da faixa em sua coxa e arremessa na direção de Ben, atingindo-o em cheio no peito, deixando-o confuso.

“Talvez você aprenda como utilizá-la,” Logan fala com desdém ao dar suas costas.

Fico observando Ben, parado ali, parecendo tão indefeso e assustado, segurando uma arma que ele sequer sabe manejar. Parece completamente apavorado.

Gostaria de confortá-lo. Dizer-lhe que tudo ficará bem e que voltaremos logo. Mas, quando olho para a vasta montanha que nos espera, pela primeira vez, não estou tão certa de que vai ser assim.

DOIS

Enquanto caminhamos rapidamente pela neve, olho ansiosamente para o céu escurecendo, sentindo o tempo pressionar. Dou uma olhada para trás por cima de meu ombro e vejo minhas pegadas na neve, além delas, vejo Ben e Rose em pé, balançando com o barco, nos observando de olhos arregalados. Rose segura Penélope, igualmente assustada. Penélope late. Eu me sinto mal pelos três ali, mas sei que nossa missão é necessária. Sei que vamos pegar suprimentos e alimentos que serão úteis para nós, também sinto que temos uma boa vantagem sobre os comerciantes de escravos. Eu corro em direção ao galpão enferrujado, coberto de neve e abro sua porta retorcida com um baque, rezando para que o caminhão escondido ali, há anos, ainda esteja lá. Era uma picape velha e oxidada, em péssimo estado, mais sucata do que um carro realmente, com apenas um oitavo do tanque de combustível restando. Eu a encontrei um dia por acaso, andando pela Rota 23 e decidi escondê-la aqui, perto do rio, caso um dia precisasse dela. Lembro-me de ter ficado surpresa ao ver que ainda dava para dirigi-la.

A porta do galpão se abre com um rangido e ali está ela, escondida exatamente onde eu a deixei, ainda coberta com feno. Meu coração se enche de alívio. Dou um passo para frente e tiro o feno, minhas mãos congelam quando toco o metal gelado. Vou para a parte de trás do galpão e abro as portas duplas do celeiro, o local se enche de luz.

“Belas rodas,” Logan diz, andando por trás de mim, examinando o veículo. “Tem certeza que ainda anda?”

“Não,” eu respondo. “Mas a casa de meu pai fica a uns trinta quilômetros daqui, não podemos exatamente ir escalando.”

Posso ver pelo seu tom de voz que ele realmente não quer participar desta missão, que ele quer voltar para o barco, continuar indo rio acima.

Sento no banco do motorista e procuro pela chave no chão. Finalmente a encontro, estava bem escondida. Eu a coloco na ignição, respiro fundo e fecho meus olhos.

Por favor, Deus. Por favor.

A princípio, nada acontece. Meu coração aperta.

Eu giro a chave de novo e de novo, virando a chave completamente para a direita e, aos poucos, o motor começa a pegar. No começo, é apenas um som baixo, como se fosse um gato moribundo. Mas eu continuo girando a chave e, eventualmente, o som vai ficando cada vez mais alto.

Vamos, vamos.

O motor finalmente pega, roncando alto. Ele engasga e faz barulhos estranhos, está claramente nas últimas. Mas, pelo menos, está funcionando.

Não consigo evitar um sorriso, cheio de alívio. Está funcionando. Está realmente funcionando.

Vamos conseguir chegar em casa, enterrar minha cahorra, pegar alimentos. Sinto como se Sasha estivesse nos observando lá de cima, nos ajudando. Talvez meu pai também esteja.

A porta de passageiro se abre e Bree entra, eriçada de animação, se lançando sobre o banco de vinil ao meu lado, Logan se senta ao lado dela e fecha a porta, olhando fixamente para frente.

“O que você está esperando?” ele diz. “O tempo está passando.”

“Você não precisa repetir,” eu respondo, igualmente seca.

Ponho em marcha e começo a acelerar, saindo do galpão e entrando na neve, sob o céu noturno. A princípio, os pneus ficam encalhados na neve, mas eu acelero mais e faíscas saem quando conseguimos avançar.

Nós continuamos seguindo, fazendo curvas com os pneus carecas, atravessando um campo desnivelado, somos sacudidos o tempo inteiro, em todas as direções. Mas vamos em frente, que é a única coisa que importa agora.

Logo, chegamos a uma pequena estrada de terra. Que bom que a neve foi derretendo ao longo do dia – se não, não iríamos conseguir.

Começamos a pegar uma boa velocidade. O caminhão me impressiona, me tranquilizando à medida que o motor esquenta. Alcançamos quase 50 km/h seguindo pela rota 23 na direção leste.

Continuo pisando até que passamos por um buraco, o que eu lamento muito. Todos nós gememos ao

batermos nossa cabeça no teto. Eu desacelero um pouco, os buracos são quase impossíveis de serem vistos na neve, eu havia me esquecido de como estas ruas ficaram ruins.

É estranho estar de volta a essa estrada, em direção ao local aonde um dia fora meu lar. Estou refazendo o caminho de quando persegui os comerciantes de escravos, memórias vêm à tona.

Lembro-me de correr aqui, de motocicleta, achando que iria morrer, tentando não pensar sobre isso.

No caminho, passamos pela enorme árvore derrubada na estrada, agora coberta de neve. Eu a reconheço como a árvore que foi derrubada no meio do meu caminho, aquela que foi abatida para bloquear o percurso dos comerciantes de escravos, por algum sobrevivente desconhecido que estava nos observando. Não deixo de imaginar se ainda há outras pessoas por aqui, sobrevivendo, talvez nos espionando. Olho atentamente para as árvores, de um lado para o outro. Mas não encontro nenhum sinal.

Estamos indo rápido e, para o meu alívio, nada deu errado. Mas eu não acredito ainda. É quase como se tudo estivesse fácil demais. Olho para o ponteiro de combustível e vejo que ainda não usamos muito, mas também não sei o quão confiável esse medidor ainda é; e, por um momento, me pergunto se teremos gasolina suficiente para ir e voltar. Penso se não tentar essa missão não fora uma péssima ideia.

Finalmente deixamos a estrada principal e entramos na estreita estradinha de terra que irá nos levar montanha acima, para a casa de papai. Estou ainda mais ansiosa agora, enquanto ziguezagueamos pelo caminho, os penhascos repentinamente se abrem a minha direita. Eu dou uma olhada para o lado e não deixo de notar que uma vista incrível se estende por todas as montanhas Catskill. Mas o penhasco é íngreme e a neve está mais grossa aqui em cima, sei que, um movimento errado, uma derrapagem errada e este monte de sucata enferrujada cai.

Para minha surpresa, o caminhão está aguentando. É como se fosse um buldogue. Logo já teremos passado pelo pior e, quando faço uma curva, avisto nossa antiga casa.

“Olhem! A casa de papai!” Bree grita, sentando-se com entusiasmo.

Estou muito aliviada em vê-la também. Estamos aqui, chegamos rápido.

“Olhe,” eu digo para Logan, “não foi tão ruim.”

Porém, Logan não parece aliviado; sua cara se contorce em uma careta enquanto ele olha para as árvores.

“Chegamos aqui,” ele resmunga. “Mas ainda não voltamos.”

Típico. Se recusa a admitir que estava errado.

Estaciono em frente a nossa antiga casa e vejo as antigas pegadas do comerciante de escravos.

Isso me traz todas as memórias de volta, todo o pavor que senti quando eles sequestraram Bree. Eu me aproximo dela e ponho meu braço ao seu redor, abraço-a com força, nunca mais irei deixá-la longe de vista.

Corto a ignição e todos nós saímos ao mesmo tempo, vamos rapidamente em direção a casa.

“Desculpe-me se estiver tudo uma bagunça,” eu falo para Logan quando passo por ele e fico na frente da porta. “Eu não estava esperando convidados.”

Apesar da situação, ele reprime um sorriso.

“Ha ha,” ele diz, sem emoção. “Devo tirar os sapatos?”

Senso de humor. Estou surpresa.

Quando abro a porta e entro, qualquer sinal de humor que eu havia sentido desaparece. Quando vejo o que está diante de mim, meu coração se desespera. Ali está Sasha, deitada, seu sangue já está seco, seu corpo já está duro e congelado. A alguns metros dela, está o cadáver do comerciante de escravos que ela havia matado, também congelado, caído no chão.

Olho para a jaqueta que estou vestindo – a jaqueta dele – as roupas que estou usando – as roupas dele – minhas botas – suas botas – e tenho uma sensação esquisita. Quase como se eu fosse sua cópia.

Logan olha para mim e deve pensar a mesma coisa também.

“Você não quis pegar as calças?” ele pergunta.

Olho para baixo e me recordo que eu não quis. Era demais.

Balanço minha cabeça.

“Que besteira,” ele fala.

E, agora que ele diz isso, percebo que tem razão. Meu jeans velho está molhado e frio, grudado em mim. E, mesmo que eu não queira suas calças, talvez Ben queira. É um desperdício jogá-las fora, afinal, estão em perfeito estado.

Ouçoo um choro abafado e vejo que Bree está parada, olhando para Sasha. Meu o coração se parte ao vê-la assim, sofrendo, olhando para sua cachorra morta.

Dirijo-me até ela e ponho um braço ao seu redor.

“Está tudo bem, Bree,” eu digo. “Não fique olhando.”

Eu lhe dou um beijo em sua testa e tento fazer com olhe para outro lado, mas ela me evita com uma surpreendente força.

“Não,” ela fala.

Ela dá um passo para frente, se abaixa e abraça Sasha, no chão. Ela a envolve em seus braços e então lhe beija a testa.

Logan e eu trocamos olhares. Nenhum de nós sabe o que fazer.

“Não temos tempo a perder,” Logan fala. “Vocês precisam enterrá-la e ir em frente.”

Eu me ajoelho ao seu lado, me abaixo e acaricio a cabeça de Sasha.

“Vai ficar tudo bem, Bree. Sasha está em um lugar melhor agora. Está feliz. Você está me ouvindo?”

Lágrimas escorrem de seus olhos quando ela se endireita, respira fundo e limpa seu rosto com as costas de suas mãos.

“Não podemos deixá-la aqui, assim,” ela fala. “Temos que enterrá-la.”

“Nós vamos,” eu afirmo.

“Não conseguirão,” Logan fala. “O chão está congelado.”

Fico em pé e olho para Logan, mais aborrecida que nunca. Especialmente porque percebo que ele

está certo. E eu deveria ter pensado nisso antes.

“Então, o que você sugere?” pergunto.

“Não é da minha conta. Vou ficar de guarda ali fora.”

Logan se vira e sai da casa, batendo a porta ao sair.

Olho para Bree, tentando pensar rápido.

“Ele está certo,” eu falo. “Não temos tempo para enterrá-la.”

“NÃO!” ela chora. “Você prometeu. Você *prometeu!*”

Ela está certa. Eu prometi mesmo. Mas não havia pensado nos detalhes. A ideia de deixar Sasha desse jeito, aqui, me mata. Mas também não posso arriscar nossas vidas. Sasha não iria querer isso.

Então, tenho uma ideia.

“Que tal o rio, Bree?”

Ela se vira e olha para mim.

“E se nós lhe fizéssemos um funeral na água? Sabe, tipo quando fazem com os soldados que morreram com honra?”

“Que soldados?” ela pergunta.

“Quando os soldados morrem no mar, às vezes, eles são enterrados no mar também. É um funeral de honra. Sasha amava o rio. Tenho certeza de que ela estaria feliz lá. Podemos levá-la conosco e nos despedir dela no rio. Pode ser?”

Meu coração palpita enquanto espero por uma resposta. O tempo está se esgotando e eu sei como Bree pode ser intolerante se algo significa muito para ela.

Para meu alívio, ela concorda.

“Tudo bem,” ela fala. “Mas eu vou carregá-la.”

“Acho que ela é pesada demais para você.”

“Não vou a não ser que eu a carregue,” ela diz, seus olhos brilhando de determinação, me encarando, com as mãos na cintura. Posso ver que ela não vai aceitar nenhuma outra possibilidade.

“Tudo bem,” eu falo. “Você pode carregá-la.”

Nós duas erguemos Sasha do chão e, então eu olho pela casa à procura de qualquer coisa que possamos levar. Vou até o corpo do comerciante de escravos, tiro suas calças e, ao fazê-lo sinto algo em seu bolso traseiro. Fico ansiosa ao descobrir algo maciço e metálico dentro. Tiro um pequeno canivete. Fico feliz em tê-lo e o guardo no meu bolso.

Faço uma rápida revista pelo resto da casa, correndo de quarto em quarto, procurando por qualquer coisa que possa ser útil. Encontro alguns sacos de estopa velhos e pego todos eles. Abro um deles e coloco o livro favorito de Bree, *A Árvore Generosa* e a minha cópia de *O Senhor das Moscas*. Corro até um armário, pego as velas remanescentes e os fósforos e também os coloco no saco.

Vou até a cozinha e depois até a garagem, as portas ainda escancaradas de quando os comerciantes de escravos invadiram. Espero desesperadamente que eles não tenham tido tempo de procurar na parte de trás, no fundo da garagem, pela caixa de ferramentas. Eu a escondi bem, em um vão da parede, vou desesperadamente procurá-la e fico aliviada de encontrá-la. É muito pesada para eu carregar sozinha e então a abro e dou uma olhada rápida, vou pegando qualquer coisa que eu ache útil. Um pequeno martelo, chave de fenda, uma pequena caixa de pregos. Encontro uma lanterna com bateria dentro. Faço um teste e ainda está funcionando. Pego mais um pequeno alicate, uma chave inglesa e fecho a caixa, estou pronta para partir.

Quando estou quase saindo, algo chama minha atenção. Há um enorme cabo de tirolesa, todo enrolado, preso a um gancho na parede. Havia me esquecido dele. Anos atrás, papai havia comprado este cabo de tirolesa, depois o pendurou nas árvores, achando que iríamos nos divertir. Usamos só uma vez, depois disso, nunca mais e, então, o cabo acabou pendurado na garagem. Olhando para ele agora, sinto que poderá ser útil. Subo em cima da caixa de ferramentas e alcanço o cabo, deixo-o sobre um ombro e, no outro, coloco os sacos de estopa.

Saio logo da garagem e volto para dentro de casa, onde está Bree, segurando Sasha com os dois braços, olhando para ela.

“Estou pronta,” ela fala.

Corremos até a porta da frente, Logan se vira e olha para Sasha. Ele balança a cabeça.

“Para onde vocês irão levá-la?” ele pergunta.

“Para o rio,” eu falo.

Ele balança a cabeça, desaprovando.

“O tempo está passando,” ele diz. “Você tem mais quinze minutos para voltarmos. Onde está a comida?”

“Não está aqui,” eu respondo. “Temos que subir um pouco mais, até uma casinha que eu havia encontrado. Podemos fazer isso em quinze minutos.”

Caminho com Bree até o caminhão e jogo os cabos de tirolesa e o saco de estopa na picape. Fico com os sacos vazios, sabendo que irei utilizá-los para pegar comida.

“Para que esses cabos?” Logan questiona, nos aproximando por trás. “Não iremos utilizá-los.”

“Nunca se sabe,” eu falo.

Eu me viro para Bree, ponho um braço ao redor de Bree, que ainda olha para Sasha e depois me afasto, olhando para o topo da montanha.

“Vamos indo,” eu falo para Logan.

Relutantemente, ele se aproxima de nós e começa a subir a montanha.

Nós três avançamos firmemente montanha acima, o vento vai ficando cada vez mais forte, é mais frio aqui em cima. Olho para o céu preocupada, está escurecendo muito mais rápido do que eu esperava. Sei que Logan está certo: temos que voltar ao rio antes do anoitecer. E, com o por do sol acontecendo praticamente agora, sinto uma inquietação crescente. Mas, ao mesmo tempo, sei que precisamos da comida.

Marchamos montanha acima e, finalmente, alcançamos a clareira no topo, quando uma rajada de vento fere meu rosto. A cada minuto que passa, fica mais frio e mais escuro.

Refaço meus passos até a casinha, a neve está densa aqui em cima, sinto-a atravessando minhas

botas enquanto ando. Vejo a pequena construção, coberta de neve, escondida e anônima como sempre. Vou depressa em direção a ela e abro a pequena porta; Logan e Bree estão bem atrás de mim.

“Bela descoberta,” ele diz e, pela primeira vez, ouço admiração em sua voz. “Bem escondida.

Quase tão boa que me faz querer ficar aqui – se os comerciantes de escravos não estivessem em nosso encalço, e se tivéssemos algum abastecimento de comida.”

“Eu sei,” eu falo, quando entro na casinha.

“É linda,” Bree fala. “É a casa para onde iríamos nos mudar?”

Olho para Bree, me sentindo triste. Eu aceno com a cabeça.

“Depois falamos disso, pode ser?”

Ela entende. Também não está nada ansiosa para encontrar os comerciantes de escravos.

Eu me apresso e abro logo o alçapão, desço pela íngreme escada. Está escuro aqui dentro e preciso me guiar através do toque. Estendo as mãos e sinto uma fileira de frascos de vidros, tilintando quando os toco. Os potes de vidro. Não perco tempo. Pego meu saco de estopa vazio e os encho o mais rápido que consigo. Eu mal consigo enxergá-los enquanto o saco vai ficando cada vez mais pesado, mas lembro-me de haver geleia de framboesas, de mirtilos, pickles, pepinos... Encho o saco o máximo que consigo e subo a escada para entregá-lo para Logan. Ele o pega e eu então eu encho mais três sacos.

Deixo a parede inteira vazia.

“Chega,” Logan fala. “Não dá para carregar mais. E está ficando escuro. Temos que ir.”

Agora há um pouco mais de respeito em sua voz. Ele está claramente impressionado com este estoque que eu encontrei e, finalmente, reconhece que precisávamos vir para cá.

Ele estende a mão e me oferece ajuda, mas eu consigo subir a escada sozinha, não preciso de sua ajuda e ainda estou brava com suas atitudes anteriores.

Ao sairmos da casinha, eu pego dois dos pesados sacos enquanto Logan se encarrega dos outros.

Nós três nos apressamos e logo estamos refazendo nossos passos de volta à íngreme trilha. Em minutos, estamos de volta ao caminho e estou aliviada de ver que tudo ainda está aqui. Olho para o

horizonte e não vejo sinais de movimentação em lugar nenhum da montanha, nem no vale.

Entramos de novo no caminhão, giro a ignição, feliz de ver que ela funciona e partimos. Temos comida, suprimentos, nossa cachorra e eu pude me despedir da casa de papai. Estou satisfeita. Sinto que Bree, ao meu lado, também está contente. Logan olha para fora da janela, perdido em seus próprios pensamentos, mas não consigo deixar de imaginar que ele também acha que fizemos a decisão certa.

*

A trilha de volta, para descer a montanha, é desnivelada, para minha surpresa, os breques desta picape velha estão aguentando bem. Em alguns lugares, onde é bem íngreme, deslizamos controladamente, não brecamos realmente, mas, em alguns minutos, já passamos pelo pior e estamos de volta à estável Rota 23, em direção ao Leste. Vamos acelerando e, pela primeira vez em algum tempo, sinto-me otimista. Temos ferramentas preciosas e comida suficiente para nós para alguns dias. Estou me sentindo bem, realizada, enquanto cruzamos a Rota 23, apenas a alguns minutos de chegarmos ao barco.

E, então, tudo muda.

Aperto os freios repetidamente ao ver uma pessoa surgir do nada e ficar bem no meio da rua, balançando os braços histericamente, bloqueando nosso caminho. Ele está a menos de cinquenta metros de nós e eu preciso pisar nos freios com toda a minha força, fazendo a picape patinar; “NÃO PARE!” Logan manda. “Continue dirigindo!” Ele está usando seu tom militar.

Mas eu não consigo lhe dar ouvidos. Há um homem ali fora, indefeso, usando uns jeans surrados e um colete sem manga, neste frio. Ele tem uma longa barba preta, cabelos rebeldes e olhos grandes e insanos. É tão magro que não deve comer há dias. Carrega um arco e flecha, preso ao seu peito. É um humano, um sobrevivente, assim como nós, está óbvio.

Ele movimenta seus braços freneticamente e eu não posso atropelá-lo. Também não posso deixá-lo aqui.

Nós paramos bruscamente, a apenas alguns metros do homem. E ele continua lá, de olhos arregalados, como se não esperasse realmente que iríamos breicar.

Logan não perde tempo e sai do carro, com as mãos em sua pistola, mirando na cabeça do homem.

“PARA TRÁS!” ele grita.

Eu também saio.

O homem lentamente levanta os braços, parecendo atordoado enquanto dá vários passos para trás.

“Não atirem!” o homem implora. “Por favor! Eu sou um de vocês! Preciso de ajuda. Por favor.

Vocês não podem me deixar morrer aqui. Não como há dias. Deixe-me ir com vocês. Por favor. *Por favor!*”

Sua voz está fraquejando e eu vejo angústia em seu rosto. Sei como ele se sente. Há pouco tempo, eu estava que nem ele, implorando por qualquer comida nas montanhas. Na verdade, não estou muito melhor que isso agora.

“Aqui, peguem isso!” o homem fala, tirando seu arco e estojo de flechas. “É para vocês! Não quero machucar ninguém!”

“Movimente-se devagar,” Logan avisa, ainda suspeitando.

O homem estende cautelosamente suas mãos e entrega a arma.

“Brooke, pegue,” Logan fala.

Eu dou um passo para frente, pego o arco e as flechas e os jogo dentro do caminhão.

“Veja,” o homem diz, abrindo um sorriso. “Não sou uma ameaça. Só quero me juntar a vocês. Por favor. Não podem me deixar morrendo aqui.”

Lentamente, Logan baixa sua guarda e abaixa um pouco sua arma. Mas continua de olho no homem.

“Desculpe-me,” Logan fala. “Mas não podemos alimentar mais uma boca.”

“Espere!” eu grito para Logan. “Você não é o único aqui. Você não toma todas as decisões.” Viro para o homem. “Qual é o seu nome?” eu pergunto. “De onde você vem?”

Ele olha desesperado para mim.

“Meu nome é Rupert,” ele responde. “Estou sobrevivendo aqui há dois anos. Já vi você e sua irmã antes. Quando os comerciantes de escravos a levaram, eu tentei ajudar. Fui eu quem cortou aquela árvore!”

Meu coração aperta quando ele diz isso. Foi ele quem tentou nos ajudar. Não posso simplesmente deixá-lo aqui. Não é certo.

“Temos que levá-lo,” eu falo para Logan. “Podemos arranjar espaço para mais um.”

“Você não o conhece,” Logan replica. “Além disso, nós não temos comida suficiente.”

“Posso caçar,” o homem fala. “Eu tenho um arco e flechas.”

“E não está te ajudando muito aqui em cima,” Logan retruca.

“Por favor,” Rupert diz. “Posso ser útil. Por favor. Não me interessa a sua comida.”

“Ele vai conosco,” eu falo para Logan.

“Não vai, não,” ele responde. “Você não conhece este home. Não sabe nada sobre ele.”

“Eu mal sei alguma coisa sobre *você*,” eu falo para Logan, minha raiva crescendo. Odeio como ele consegue ser tão cínico, tão defensivo. “Você não é o único que tem o direito de viver.”

“Se você levá-lo, estará prejudicando todos nós,” ele diz. “Não apenas você. Sua irmã também.”

“Há três de nós aqui pelo que eu saiba,” ouço a voz de Bree.

Eu me viro e vejo que ela saiu do caminhão e está atrás de nós.

“E isto significa que nós somos uma democracia. E meu voto conta. E eu voto para a gente levá-lo junto conosco. Não podemos deixá-lo aqui para morrer.”

Logan balança sua cabeça, parece enojado. Sem mais uma palavra sequer, com sua mandíbula enrijecida, ele entra de volta no caminhão.

O homem olha para mim com um enorme sorriso, sua cara se contrai em milhares de rugas.

“Obrigado,” ele sussurra. “Não sei como posso agradecer.”

“Apenas ande, antes que ele mude de ideia,” eu respondo enquanto retornamos ao caminhão.

Quando Rupert se aproxima da porta, Logan fala, “Você não vai sentar aqui na frente. Fique na parte de trás da picape.”

Antes que eu possa argumentar, Rupert alegremente vai para a parte de trás. Bree entra comigo e logo partimos.

O restante do caminho de volta é desesperador. Enquanto dirigimos, o céu escurece. Eu olho constantemente para o pôr-do-sol através das nuvens, cor de sangue. A cada segundo que passa, fica mais frio e a neve se endurece, vira gelo em alguns lugares, dirigir vai ficando perigoso. O ponteiro do combustível vai caindo, piscando uma luzinha vermelha e, apesar de faltar um quilômetro e meio mais ou menos, sinto como se o caminhão estivesse lutando para andar cada centímetro. Também me sinto muito inquieta com a opinião que Logan tem de nosso novo passageiro. É só mais um desconhecido. Só mais uma boca para alimentar.

Eu silenciosamente desejo que o caminhão continue andando, que o céu continue claro, que a neve não congele enquanto eu piso no acelerador. E, quando acho que nunca iremos chegar, fazemos uma curva e eu finalmente vejo o nosso desvio. Piso com força pela estradinha de terra, descendo na direção do rio, rezando para que o caminhão aguentar. O barco, eu sei, está a apenas uns cem metros de distância.

Damos outra curva e, ao fazê-lo, meu coração se alivia quando vejo o barco. Ainda está ali, balançando na água, vejo Ben em pé, parece nervoso, olhando para o horizonte, procurando por nós.

“Nosso barco!” Bree grita entusiasmada.

Esta rua tem ainda mais lombadas quando aceleramos pela descida. Mas vamos conseguir. Nunca me senti tão aliviada.

Enquanto olho para o horizonte, à distância, vejo algo que faz meu coração se apertar. Não posso acreditar. Logan deve ter visto ao mesmo tempo que eu.

“Maldição,” ele sussurra.

Ao longe, no Hudson, está um barco de comerciantes d escravos – um belo, enorme, negro barco a motor, vindo rapidamente em nossa direção. Tem duas vezes o tamanho do nosso e, certamente, é mais bem equipado. Para piorar, tem outro barco atrás desse, mais distante.

Logan estava certo. Eles estavam bem mais perto do que eu imaginava.

Piso nos freios com tudo e derrapamos até pararmos, a uns dez metros da margem. Estaciono de qualquer jeito, abro a porta e saio, me preparando para correr.

De repente, sinto que há algo muito errado. Sinto que não consigo respirar, tem um braço apertando minha garganta e então sinto que estou sendo arrastada para trás. Estou perdendo ar, vendo estrelas e não entendo o que está acontecendo. Os comerciantes de escravos nos emboscaram?

“Não se mexa,” sibila uma voz em meu ouvido.

Sinto algo afiado e frio contra minha garganta e percebo que é uma faca.

E então eu entendo o que aconteceu: Rupert. O estranho. Foi ele quem me atacou.

T R Ê S

“ABAIXEM SUAS ARMAS” Rupert grita. “AGORA!”

Logan está a alguns metros de distância, apontando sua pistola na direção da minha cabeça. Ele continua segurando-a e posso ver que está deliberando se deve ou não atirar neste homem. Sei que ele quer, mas está preocupado em me atingir.

Percebo como eu fui idiota ao deixar esta pessoa vir conosco. Logan esteve certo o tempo inteiro.

Eu deveria tê-lo escutado. Rupert só estava nos usando, estava atrás de nosso barco, nossa comida e nossos suprimentos, queria tudo para si mesmo. Ele está completamente desesperado. Percebo em um segundo que ele certamente irá me matar. Não tenho nenhuma dúvida disso.

“Atire!” eu grito para Logan. “Vamos!”

Eu confio em Logan – sei que ele atira muito bem. Mas Rupert me segura com força e eu posso ver que Logan está inseguro, indeciso. É neste momento que eu vejo nos olhos de Logan que ele tem medo em me perder. No final das contas, ele se importa. Ele realmente se importa.

Aos poucos, Logan segura sua arma com a palma aberta e então a coloca suavemente na neve.

Meu coração aperta.

“Solte-a!” ele exige.

“A comida!” Rupert grita de volta, sua respiração em meus ouvidos. “Estes sacos! Traga-os para mim! Agora!”

Logan lentamente anda até a parte de trás do caminhão, pega os quatro pesados sacos e volta para o homem.

“Ponha-os no chão!” Rupert grita. “Devagar”

Lentamente, Logan os coloca no solo.

À distância, eu ouço o gemido do motor dos comerciantes de escravos, se aproximando. Não consigo acreditar em como eu fui idiota. Tudo está desmoronando bem na minha frente.

Bree sai do caminhão.

“Largue a minha irmã!” ela berra.

E então eu vejo o futuro se desenrolar diante dos meus olhos. Vejo o que vai acontecer. Rupert vai cortar minha garganta e então irá pegar a arma de Logan e irá matar Bree e ele. E depois Ben e Rose. Vai pegar toda a nossa comida e depois vai sumir.

Matar-me é uma coisa. Agora, machucar Bree é outra, completamente diferente. E é algo que eu simplesmente não vou permitir.

De repente, eu reajo. Imagens de meu pai passam em um flash por minha mente, sua coragem, seus movimentos nos combates mano-a-mano que ele havia me ensinado. Pontos de pressão. Golpes. Chaves de braço. Como se desviar de quase qualquer coisa. Como derrubar um homem com um só dedo. E como se livrar de uma faca no seu pescoço.

Eu invoco algum reflexo ancestral e deixo meu corpo se envolver. Levanto a parte interna de cotovelo, quinze centímetros, e o abaixo com tudo, mirando em seu plexo solar.

O golpe é preciso, exatamente aonde eu queria. Sua faca penetra um pouco em minha pele,

arranhando-a, sinto dor.

Mas, ao mesmo tempo, eu o ouço exclamar e percebo que meu golpe funcionou.

Dou um passo e empurro seu braço para longe do meu pescoço e então dou um chute para trás, atingindo-o entre as pernas.

Ele tropeça para trás e cai na neve.

Fico ofegante, minha garganta está me matando. Logan mergulha para alcançar sua arma.

Eu me viro e vejo Rupert sair correndo em direção ao nosso barco. Ele dá três grandes passos e pula bem no meio. No mesmo movimento, ele corta a corda que segura o barco à margem. Tudo acontece em um piscar de olhos; mal consigo acreditar na velocidade com que ele se movimenta.

Ben fica ali parado, perturbado e confuso, sem saber o que fazer. Rupert, por outro lado, não hesita: se aproxima de Ben e lhe dá um soco no rosto com sua mão livre.

Ben tropeça e cai e, antes que ele consiga se levantar, Rupert o agarra por trás e, quase o sufocando, segura a faca próxima a sua garganta.

Ele se vira e nos encara, utilizando Ben como escudo humano. Dentro do barco, Rose está encolhida, gritando de medo e Penélope late como nunca.

“Se você me acertar, vai acertá-lo também!” Rupert avisa.

Logan está com sua arma de volta, de pé, mirando. Mas não é um tiro fácil. O barco vai se afastando da margem, já está a uns quinze metros, balançando loucamente com a força da correnteza.

Logan tem uns cinco centímetros para acertá-lo sem matar Ben. Logan hesita e eu posso ver que ele não quer arriscar a vida de Ben, nem mesmo para nossa própria sobrevivência. É uma qualidade admirável.

“As chaves!” Rupert grita para Ben.

Ben, a seu favor, fez pelo menos uma coisa certa: ele deve ter escondido as chaves em algum lugar quando viu Rupert se aproximando. Bem pensado.

Ao longe, de repente, vejo os comerciantes de escravos aparecendo, o ronco de seus motores

cada vez mais nítidos. Tenho uma crescente sensação de temor, de desamparo. Não sei mais o que fazer. Nosso barco está distante demais da margem para que a gente consiga pular dentro dele agora – e, mesmo que pudéssemos, Rupert mataria Ben durante o processo.

Penélope late e salta dos braços de Rose, atravessa o barco e afunda seus dentes no tornozelo de Rupert.

Ele berra e, momentaneamente, solta Ben.

Um tiro é disparado. Logan conseguiu sua chance e não perdeu tempo.

É um tiro limpo, bem no meio dos olhos. Rupert olha de volta para nós com os olhos arregalados, enquanto a bala penetra em seu cérebro. E então ele dá um passo para trás, para a beira no barco, como se fosse sentar e, por fim, cai de costas no rio, espirrando água.

Acabou.

“Traga o barco de volta para a margem!” Logan grita para Ben. “JÁ!”

Ben, ainda perturbado, entra em ação. Ele pega as chaves de seu bolso, liga o barco e o direciona de volta à terra. Eu agarro dois sacos de comida, Logan pega os outros dois e nós os jogamos dentro do barco assim que este toca a margem. Pego Bree e coloco dentro do barco, então corro de volta para o caminhão. Logan pega os sacos com suprimentos e eu pego Sasha. Então, ao me lembrar, volto para o caminhão e pego o arco e as flechas de Rupert. Sou a última a pular da margem para o barco, já partindo. Logan toma conta do timão, pisa no acelerador e vamos pegando velocidade, nos afastando do pequeno canal.

Vamos depressa em direção à entrada do Hudson, a uns cem metros de nós. No horizonte, o barco dos comerciantes de escravos – belo, negro e ameaçador – avança em nossa direção, a uns oitocentos metros de distância. Será difícil. Parece que mal conseguiremo alcançar o canal a tempo, mal temos a chance de fazê-lo. Eles estarão bem atrás de nós.

Nós alcançamos o Hudson assim que começa a anoitecer e, ao fazê-lo, os comerciantes de escravos estão à plena vista. Estão a menos de cem metros atrás de nós e cada vez mais perto. Atrás deles, no horizonte, também vejo o outro barco, mesmo estando a um quilometro e meio de distância.

Tenho certeza de que, se tivéssemos mais tempo, Logan me diria *te avisei*. E ele estaria certo.

Assim que penso essas coisas, tiros são disparados. Balas passam por nós, atingindo a carcaça do barco, despedaçando madeira. Rose e Bree gritam.

“Abaixem-se!” eu berro.

Eu me lanço sobre Bree e Rose, as agarro e as jogo no chão. Logan, impressionantemente, sequer se encolhe, continua pilotando o barco. Ele desvia um pouco, mas não perde o controle. Ele se agacha enquanto pilota, tentando evitar as balas e também os pedaços de gelo que começam a surgir no rio.

Ajoelho-me na parte de trás do barco, levantando minha cabeça apenas o necessário, miro, ao estilo militar, com minha pistola. Quero atingir o piloto, disparo várias vezes.

Nenhum o atinge, mas, pelo menos, eles mudam de direção.

“Fique com o timão!” Logan grita para Ben.

Ben, para seu crédito, não hesita. Ele corre para a frente e fica com o timão, o barco vira um pouco ao fazê-lo.

Logan então corre para o meu lado, se ajoelhando.

Ele dispara e suas balas falham, atingindo o barco. Ele disparam contra nós e uma bala não me atinge por centímetros. Eles estão se aproximando rapidamente.

Outra bala arranca um grande pedaço de madeira da traseira do nosso barco.

“Eles estão disparando no nosso tanque de combustível!” Logan berra. “Mire no deles!”

“Onde fica?” eu grito mais alto que o ronco do motor e o som dos disparos no ar.

“Na parte de trás do barco, do lado esquerdo!” ele responde aos gritos.

“Eu não consigo visualizá-lo bem,” eu falo. “Não enquanto estiverem de frente para nós.”

De repente, tenho uma ideia.

“Ben!” eu chamo. “Você precisa fazer com que eles virem. Precisamos ter uma boa visão do tanque de combustível deles!”

Ben não hesita; eu mal termino de falar e ele já está girando o timão com tanta força que eu acabo caindo de lado no barco.

Os comerciantes de escravos viram também, tentando nos seguir. E isso expõe a lateral de seu barco.

Eu me ajoelho, assim como Logan e então disparamos vários tiros.

A princípio, nossas balas erram.

Vamos. Vamos!

Penso em papai. Mantenho meu pulso firme, respiro profundamente e atiro mais uma vez.

Para minha surpresa, faço um disparo certeiro.

O barco dos comerciantes de escravos explode. Meia dúzia de comerciantes de escravos presentes pega fogo e gritam enquanto o barco acelera fora de controle. Segundos depois, ele bate contra a costa.

Outra enorme explosão. O barco deles afunda rapidamente e, se alguém ainda estava vivo, agora deve estar se afogando no Hudson.

Ben nos direciona rio acima, nos mantém em linha reta; lentamente, dou um suspiro. Mal posso acreditar. Nós os matamos.

“Belo tiro,” Logan elogia.

Mas não temos tempo para descansar com a nossa vitória. Ao longe, cada vez mais perto, há outro barco. Duvido que tenham a mesma chance duas vezes.

“Estou sem munição,” eu falo.

“Também estou quase sem,” Logan diz.

“Não conseguiremos confrontar o próximo barco,” eu falo. “E não somos rápidos o suficiente para deixá-los para trás.”

“O que você sugere?” ele pergunta.

“Temos que nos esconder.”

Olho para Ben.

“Encontre um abrigo. Faça isso agora. Temos que esconder este barco. URGENTE!”

Ben acelera e eu vou para a frente do barco, fico ao seu lado, analisando o rio à procura de qualquer esconderijo. Talvez, se tivermos sorte, eles passarão por nós sem nos perceber.

Ou talvez não.

Q U A T R O

Todos nós examinamos o horizonte desesperadamente e, finalmente, à direita, vemos uma pequena abertura. Ela leva a um antigo porto de barcos, todo enferrujado.

“Ali, à direita!” eu falo para Ben.

“E se eles nos virem?” ele pergunta “Não teremos como sair. Estaremos presos. Eles irão nos matar.”

“É um risco que precisamos correr” eu respondo.

Ben pega mais velocidade e faz uma acentuada curva direcionando para a pequena abertura. Nós passamos pelos portões enferrujados, a entrada estreita é a abertura de um armazém. Quando atravessamos o portão, ele desliga o motor e então vira à esquerda, nos escondendo por trás da margem, enquanto balançamos à deriva. Olho para a movimentação que deixamos, sob a luz da lua, e rezo para que ela suavize o bastante para que os comerciantes de escravos não vejam nossos rastros. Todos nós sentamos ansiosamente em silêncio, balançando na água, observando, esperando. O ronco do motor dos comerciantes de escravos vai ficando mais nítido e então eu seguro minha respiração.

Por favor, meu Deus. Deixe que eles passem por nós.

Os segundos parecem durar horas.

Finalmente, o barco deles desliza diante de nós, não desacelerando nem por um segundo.

Seguro minha respiração por mais dez segundos até o barulho do motor deles ficar débil, rezando que eles não voltem.

E eles não fazem. Funcionou.

*

Quase uma hora se passou desde que chegamos aqui, estamos todos amontoados juntos, exaustos, em nosso barco. Não nos movemos com medo de sermos detectados. Mas eu não ouço nenhum barulho desde então e não detectei nenhuma atividade desde que o barco deles passara por nós. Pergunto-me para onde eles foram. Será que ainda estão subindo o Hudson, em direção ao norte, na escuridão, ainda achando que estamos atrás da curva? Ou eles perceberam e estariam voltando, observando as margens dos rios, procurando por nós? Não deixo de pensar que é só uma questão de tempo para que eles voltem por este caminho.

Quando me estico no barco, penso que estamos começando a nos sentir mais relaxados, menos cautelosos. Estamos todos escondidos aqui, dentro desta estrutura enferrujada e, mesmo que eles retornem, não sei como eles poderiam nos encontrariam.

Minhas pernas e pés estão com câimbras de tanto ficar sentada, ficou muito mais frio e estou congelando. Posso ver pelo bater dos dentes de Bree e Rose que elas também estão. Eu gostaria que tivéssemos cobertor ou roupas para dar a elas, ou qualquer coisa que aquecesse. Gostaria que pudéssemos acender uma fogueira – não apenas para nos aquecer, mas também para que pudéssemos nos ver, nos confortar com uns rostos um dos outros. Mas sei que isso está fora de questão. Seria arriscado demais.

Vejo Ben sentado ali, encolhido, tremendo, e me lembro das calças que eu peguei. Levanto-me, o barco balança com força quando o faço, dou alguns passos em direção ao saco e tiro as calças de dentro. Eu as jogo para Ben.

Elas aterrissam em seu peito e ele olha para mim, confuso.

“Elas devem servir,” eu digo. “Experimente.”

Ele está usando jeans surrados, cheios de buracos, finos, e molhados com água. Aos poucos, ele se inclina e tira suas botas, então desliza as calças de couro por cima de seus jeans. Elas ficam engraçadas neles, as calças militares do comerciante de escravos – mas, como eu suspeitava, servem

perfeitamente. Ele puxa o zíper, calado, enquanto se inclina para trás, e posso ver gratidão em seus olhos.

Sinto Logan olhando para mim e que ele está com ciúmes de minha amizade com Ben. Ele está assim desde que viu Ben me dar um beijo lá na Estação Penn. É esquisito, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Eu gosto dos dois, de diferentes jeitos. Nunca havia conhecido duas pessoas opostas – e, mesmo assim, de algum jeito, eles me lembram um ao outro.

Eu vou em direção a Bree, ainda tremendo, abraçada a Rose e com Penélope em seu colo, e me sento ao seu lado, coloco um braço em volta dela e a beijo na testa. Ela pousa a cabeça em meu ombro.

“Está tudo bem, Bree,” eu falo.

“Estou faminta,” ela me diz baixinho.

“Eu também,” Rose ecoa.

Penélope geme baixinho, e posso falar que ela também está com fome. É a cachorra mais inteligente que já conheci. E corajosa, apesar de seu tamanho. Mal consigo acreditar que ela mordeu Rupert quanto ela o fizera; se não fosse por ela, talvez nós não estivéssemos aqui. Eu me inclino e acaricio sua cabeça, ela me lambe de volta de satisfação.

Agora que elas falaram de comida, percebo que é uma boa ideia. Eu tenho tentado ignorar as reclamações de meu estômago há tempo demais.

“Vocês estão certas,” eu digo. “Vamos comer.”

As duas olham para mim com os olhos arregalados de expectativa e ansiedade. Eu fico em pé, cruzo o barco e vou até um dos sacos. Tiro dois potes grande de geleia de framboesa e entrego um a Bree, tirando a tampa antes.

“Vocês dividem este vidro,” eu digo a elas. “E nós três iremos dividir o outro.”

Eu abro o outro pote e o entrego para Logan, que mete um dedo na geleia, pega uma boa quantia e a leva para sua boca. Ele suspira de satisfação – ele devia estar morrendo de fome

Entrego o pote para Ben, que faz o mesmo e então, eu mesma coloco meus dedos no pote, tiro um pouco de geleia e a experimento. Sinto o açúcar na minha circulação quando sinto o gosto de framboesas na boca. É, possivelmente, a melhor coisa que eu já comi. Sei que não é uma refeição, mas se parece com uma.

Parece que eu sou a guardiã da comida, então eu me dirijo ao baú e pego o que sobrou dos cookies, então dou um para cada um, inclusive para mim. Eu olho para o lado e vejo Bree e Rose comendo alegremente a geleia; a cada punhado que elas pegam, oferecem um pouco a Penélope. Ela lambe seus dedos como louca, choramingando. A coitadinha deveria estar com tanta fome quanto nós. “Ele vão voltar, você sabe,” ouço uma voz sinistra ao meu lado.

Eu me viro e vejo Logan sentado, limpando sua pistola, olhando para mim.

“Você sabe disso, certo?” ele pressiona. “Somos presas fáceis aqui.”

“O que você sugere?” eu pergunto.

Ele dá de ombros e desvia o olhar, desapontado.

“Nós nunca deveríamos ter parado. Deveríamos ter seguido em frente, como eu havia dito.”

“Bom, é tarde demais agora,” eu retruco, irritada. “Pare de reclamar.”

Estou ficando farta de seu pessimismo o tempo inteiro, cansada de nossa disputa pela liderança.

Eu não gosto de tê-lo por perto, tanto quanto eu gosto de sua companhia, ao mesmo tempo.

“Nenhuma de nossas opções é boa,” ele começa. “Se seguirmos rio acima esta noite, podemos nos encontrar com eles. Podemos arruinar o barco também. Colidir contra um pedaço de gelo flutuante ou algo assim, eles provavelmente nos pegariam. Se partirmos ao amanhecer, eles poderão nos ver à luz do dia. Poderíamos navegar, mas eles também podem esperar por nós.”

“Então vamos partir de manhã,” eu concluo. “Ao amanhecer. Vamos parar o norte e vamos rezar para que eles tenham dado a volta e estejam indo para o sul.”

“E se eles não estiverem?” ele questiona.

“Você tem alguma ideia melhor? Nós temos que nos afastar das cidades, não ir perto delas. Além

disso, o Canadá fica ao norte, não é?”

Ele se vira, olha para outro lado e suspira.

“Poderíamos ficar por aqui,” ele fala. “Esperar alguns dias. Assegurar-nos que eles passem primeiro por nós.”

“Com este tempo? Se não arranjarmos abrigo, iremos morrer de frio. E até lá, estaremos sem comida. Não podemos ficar aqui. Precisamos continuar andando.”

“Ah, agora você quer continuar em frente,” ele cutuca.

Eu o encaro – ele está realmente começando a me irritar.

“Tudo bem,” ele fala. “Vamos partir ao amanhecer. Até lá, se iremos passar a noite aqui, teremos que ficar de guarda. Em turnos. Eu começo, e depois vai você e depois Ben. Vocês dormem agora.

Nenhum de nós dormiu ainda e todos nós precisamos. Fechado?” ele pergunta, olhando de Ben para mim e de mim para Ben.

“Fechado,” eu respondo. Ele está certo.

Ben não se manifesta. Ele continua olhando para o nada, perdido em seus próprios pensamentos.

“Ei,” Logan fala secamente, se abaixando e lhe chutando o pé, “estou falando com você *Fechado?*”

Ben lentamente se vira e olha para ele, ainda parece desorientado, então concorda. Mas não sei dizer se ele realmente o escutara. Eu me sinto tão mal por Ben; é como se ele não estivesse realmente aqui. Obviamente, ele está dominado pela tristeza e culpa por seu irmão. Não consigo nem imaginar pelo que ele está passando.

“Ótimo” Logan fala. Ele verifica sua munição, apronta sua arma e salta do barco para as docas ao nosso lado. O barco balança, mas não se afasta muito. Logan fica em pé nas pedras secas, examinando os arredores. Ele se senta em um pedaço de madeira e olha para a escuridão, sua arma apoiada em seu colo.

Eu fico junto com Bree, coloco meu braço ao seu redor. Rose também se aproxima e eu a abraço.

“Vocês tem que descansar pouco. Teremos um longo dia amanhã,” eu digo, secretamente pensando se esta será nossa última noite na terra. Pergunto-me até se haverá um amanhã.

“Não até eu tomar conta de Sasha,” Bree fala.

Sasha. Eu havia quase me esquecido.

Olho para o lado e vejo o corpo congelado de nossa cachorra do outro lado do barco. Mal consigo acreditar que nós a trouxemos para cá. Bree é uma dona muito leal.

Bree se levanta e, silenciosamente, cruza o barco e fica junto a Sasha. Ela se ajoelha e lhe acaricia a cabeça. Seus olhos brilham com a luz da lua.

Ando até elas e me abaixo ao seu lado. Também acaricio Sasha, eternamente grata por ela ter nos protegido.

“Posso ajudá-la a enterrá-la?” eu pergunto.

Bree diz que sim com a cabeça, ainda olhando para baixo, derramando uma lágrima.

Juntas, nós pegamos Sasha e a levamos até a lateral do barco. Nós a seguramos ali, nenhuma de nós quer soltá-la. Olho para a água gelada do Hudson abaixo de nós, há ondas se formando.

“Você quer dizer alguma coisa?” eu pergunto, “antes de soltá-la?”

Bree olha para baixo, tentando afastar as lágrimas, seu rosto é iluminado pela luz do luar. Ela parece um anjo.

“Ela era uma cachorra maravilhosa. Salvou minha vida. Eu espero que ela esteja em um lugar melhor agora. E espero que eu a veja de novo um dia,” ela diz, sua voz fraquejando.

Nós nos esticamos o máximo que conseguimos e, gentilmente colocamos Sasha na água. Com um pouco de água espirrando, seu corpo encontra a água. E flutua por um segundo ou dois, e então começa a afundar. As ondas do Hudson são fortes e, rapidamente, a levam, rumo ao mar aberto. Nós a observamos, meio submersa, sob a luz da lua, indo cada vez mais longe. Sinto meu coração apertar. Lembro-me de como estive perto de perder Bree de verdade, de ser arrastada pelo Hudson, assim como Sasha.

Eu não sei quantas horas passaram. Agora deve ser tarde da noite e estou deitada no barco, encolhida junto com Bree e Rose, pensando, sem conseguir dormir. Nenhuma de nós disse uma palavra sequer desde que colocamos Sasha na água. Ficamos apenas sentadas, caladas, enquanto o barco levemente se mexe. A alguns metros de nós, está Ben, também perdido em seus próprios pensamentos. Ele parece mais morto do que vivo; às vezes, quando olho para ele, sinto que estou vendo um fantasma. É esquisito: estamos todos juntos, aqui, mas, ao mesmo tempo, estamos em mundos completamente diferentes.

Logan está a uns dez metros, de guarda, vigiando o píer, segurando sua arma, enquanto ele examina os arredores. Eu consigo imaginá-lo como um soldado. Estou agradecida de ele estar nos protegendo, vigiando o primeiro turno. Estou exausta, meus ossos estão cansadas e eu não quero pegar o próximo turno. Sei que eu devera dormir, mas não consigo. Ficar aqui, com Bree em meus braços, deixa minha mente a mil por hora.

Penso em como este mundo está maluco, completamente maluco agora. Eu mal posso acreditar que tudo isso é real. É como se fosse um longo pesadelo que nunca acaba. Toda vez que eu me sinto segura, acontece alguma coisa. Pensando bem, eu mal consigo entender em como estive perto de ser morta por Rupert. Foi tão estúpido de minha parte ter pena dele, deixá-lo vir conosco. Ainda não consigo compreender porque ele ficou doido. O que ele achou que iria ganhar com isso? Ele estava tão desesperado que seria capaz de matar todos nós, pegar nosso barco e desaparecer – apenas para ter mais comida para si mesmo? E para onde ele levaria tudo isso? Ele era apenas mal? Psicótico? Ou ele era um bom homem e todos estes ano de solidão e fome e frio o enlouqueceram? Quero acreditar na última razão, que ele era, no fundo, um bom homem que enlouqueceu devido às circunstâncias. Assim espero. Mas jamais saberei.

Fecho meus olhos e penso como cheguei perto de ser assassinada, ainda consigo sentir o frio metálico de sua faca em minha garganta. Da próxima vez, não confiarei em ninguém. Não pararei por ninguém. Não acreditarei em mais ninguém. Farei o que dor possível para garantir que Bree, Rose, eu

e os outros sobrevivamos. Sem mais riscos. Sem mais perigos. Se eu precisar me tornar indiferente, insensível, que assim seja.

Pensando em tudo o que passamos, sinto que cada hora no Hudson foi uma batalha de vida ou morte. Nem imagino como poderemos passar por todos os obstáculos e chegar ao Canadá. Ficaria

surpresa se conseguíssemos sobreviver pelos próximos dias, até mesmo os próximos quilômetros na água. Sei que as chances não são boas. Abraço Bree com força, sabendo que esta pode ser nossa última noite juntas. Pelo menos iremos perecer batalhando, sobre nossos próprios pés, e não como escravos ou prisioneiros.

“Eu tive tanto medo,” Bree fala.

Sua voz me pega se surpresa na escuridão. É tão suave, pergunto-me até se ela falou algo mesmo.

Ela não diz uma palavra há horas, achei que estivesse dormindo.

Eu me viro e vejo que Bree está de olhos abertos, me encarando, assustada.

“Teve medo de que, Bree?”

Ela balança sua cabeça e espera vários minutos antes de responder. Percebo que ela está lembrando-se de algo.

“Eles me sequestraram. Eu estava sozinha. E então me colocaram em um ônibus e depois em um barco. Estávamos todas acorrentadas umas as outras. Eles me levaram para dentro daquela casa, você não acreditaria nas coisas que eu vi naquela dia. As coisas que eles fizeram com as outras garotas. Anda consigo ouvir seus gritos. Não consegue esquecer.”

Seu rosto se contorce quando ela começa a chorar.

Meu coração se parte em um milhão de pedaços. Nem consigo imaginar as coisas pelas quais ela passou. Não quero que ela pense nisso. Sinto que ela levará cicatrizes para sempre, e é tudo minha culpa.

Eu a abraço e lhe dou um beijo em sua testa.

“Shhh,” eu sussurro. “Agora está tudo bem. Tudo isso ficou para trás agora. Não fique pensando nessas coisas.”

Mas, mesmo assim, ela continua chorando.

Bree afunda seu rosto em meu eito e eu a embalo enquanto ela continua chorando.

“Desculpe querida,” eu digo. “Eu sinto muito.”

Gostaria de poder libertá-la de todo o sofrimento. Mas não posso. Faz parte dela agora. Eu sempre quis protegê-la, protegê-la de tudo. E agora seu coração está cheio de temores.

Enquanto a embalo, desejo estar em qualquer lugar menos aqui. Gostaria que as coisas fossem como elas foram um dia. Quando o mundo era bom. Quando nossos pais estavam conosco. Mas é impossível. Estamos aqui.

E eu tenho uma crescente sensação de que tudo só irá piorar.

*

Acordo e percebo que é dia. Não sei como já é tão tarde de manhã ou como eu dormi por tanto tempo. Olho ao nosso redor no barco e estou completamente desorientada. Não entendo o que está acontecendo. Nosso barco está flutuando, à deriva no Hudson, no meio deste enorme rio. Bree e eu somos as únicas no barco. Não sei onde estão os outros e não entendo como fomos parar aqui. Nós duas estamos no canto do barco, olhando para o horizonte e eu vejo o barco dos comerciantes de escravos acelerando em nossa direção.

Tento entrar em ação, mas sinto que meus braços estão presos em minhas costas. Eu me viro e vejo que há vários comerciantes de escravos no barco, eles me algemaram e estão me prendendo por trás. Tento lutar de todos os jeitos para me soltar, mas é inútil.

O barco dos comerciantes de escravos para e um deles sai, sua máscara cobrindo seu rosto, ele entra em nosso barco e agarra Bree. Ela se contorce, mas não é páreo para ele. Ele a levanta com um só braço e começa a levá-la.

“BREE! NÃO!” eu grito.

Eu luto com todas as minhas forças, mas é inútil. Sou forçada a ficar parada e assistir eles arrastarem Bree, chutando e berrando no barco. O barco deles vai embora com a correnteza, em

direção a Manhattan, Logo, ele desaparece no horizonte.

Enquanto vejo minha irmãzinha ser levada para longe de mim, eu sei que a perdi para sempre.

Eu grito, um grito sobrenatural, implorando, chorando, que minha irmã voltasse para mim.

Acordo suando. Eu me sento ereta, respirando com força, olho ao meu redor, tentando entender o que aconteceu.

Foi um sonho. Olho para meu lado e vejo Bree, todos estão dormindo no barco. Foi tudo um sonho. Ninguém veio. Ninguém sequestrou Bree.

Tento normalizar minha respiração, meu coração ainda acelerado. Olho para o horizonte e vejo que o sol começa a nascer, um pequeno brilho aparece ao longe. Olho para as docas e vejo Ben fazendo guarda. Lembro que Logan veio me acordar e que eu fiquei vigiando por um tempo. Depois eu acordei Ben, lhe dei a arma e ele ficou no mesmo lugar. Eu devo ter dormido depois disso.

Enquanto fico olhando Ben, percebo que ele está caído. Posso ver daqui, com a fraca luz do dia, que ele também está dormindo. Ele deveria estar de guarda. Estamos indefesos.

De repente, eu detecto uma movimentação, sombras na escuridão. Parece um grupo de pessoas, ou criaturas, vindo em nossa direção. Pergunto-me se meus olhos estão pregando uma peça em mim. Mas então meu coração começa a bater desesperadamente em meu peito, minha boca fica seca e eu percebo que não estou vendo coisas.

Estamos despreparados. E há pessoas nos emboscando.

C I N C O

“BEN!” eu grito, me levantando.

Mas é tarde demais. Um segundo depois, eles nos atacam.

Um tomou conta de Ben, golpeando-o enquanto outros dois vêm correndo em direção ao nosso barco.

O barco se mexe violentamente quando eles chegam à nossa embarcação.

Logan se acorda, mas não há tempo. Um dos homens vai em direção a ele, com sua faca a postos

e está pronto para perfurar seu peito.

Meus reflexos se manifesta. Eu alcanço a faca em minha cintura e arremesso. Ela sai voando velozmente.

É um golpe perfeito. Ela se instala bem na garganta do homem, um segundo antes que ele possa esfaquear Logan. Ele cai, sem vido, por cima dele.

Logan e senta e se livra do cadáver, ele o derruba no rio, espirrando água. Por sorte, ele é sensato e tira minha faca do corpo antes disso.

Há mais dois vindo em minha direção. Com o sol nascendo, posso ver que não são homens: são mutantes. Metade homens metade eu não sei o que. Irrradiados pela guerra. Loucos. Isso me assusta: est tipo, ao contrário de Rupert, são super fortes, malucos e não têm nada a perder.

Um deles vai em direção a Bree e Rose, não posso permitir isso. Vou atrás dele, derrubando-o no chão.

Nós dois caímos com força, o barco balança violentamente. Vejo Logan com o canto dos meus olhos, atacando outro pelas costas, golpeando-lhe com força e depois o joga para fora do barco. Impedimos dois deles. Mas um terceiro vem para cima de nós.

O que eu havia golpeado se vira e me derruba. Ele está em cima de mim, é bem forte. Ele me dá um soco duro no rosto, sinto minha bochecha começar a arder.

Penso rápido: levanto um joelho e o atinjo bem entre as pernas.

É um golpe perfeito. Ele geme e se contorce e, enquanto isso, eu o alcanço e lhe dou uma cotovelada na cara. Há um barulho de osso se quebrando quando eu atinjo sua bochecha e ele cai no barco.

Eu o joga para longe, para a água. Foi um movimento idiota. Eu deveria ter tomado suas armas antes. O barco de mexe violentamente quando ele cai no rio.

Agora me dirijo para o último, ao mesmo tempo de Logan.

Mas nenhum de nós é rápido o suficiente. Ele é mais rápido que nós e, por alguma razão, ataca

Bree.

Penélope pula no ar, rosnado e perfura seus dentes em seu punho.

Ele a chacoalha como se fosse uma boneca de pano, tentando de livrar. Penélope continua pendurada até que ele a sacode com força e a manda voando para o outro lado do barco.

Antes que eu possa alcança-lo, ele está prestes a atingir Bree. Meu coração para quando eu vejo que não chegarei a tempo.

Rose pula para salvar Bree e fica no meio do ataque entre os dois. Ele levanta Rose, se inclina sobre ela e lhe dá uma mordida.

Rose solta um grito descomunal quando sua pele é dilacerada com seus dentes. É uma visão insana e terrível, uma que ficará para sempre em minha memória.

O homem se inclina para trás e está prestes a mordê-la de novo – mas, desta vez, eu consigo chegar a tempo. Tiro a faca extra de meu bolso, dou um impulso para trás e me preparo para atirá-la.

Mas antes que eu o faça, Logan dá um passo à frente, mira com sua pistola e atira.

Sangue se espalha por todo lugar quando o tiro passa pela parte de trás da cabeça do homem. Ele cai no chão e Logan se apressa para jogar o cadáver para fora do barco.

Corro para Rose, que grita histericamente, mal sabendo como confortá-la. Tiro um pedaço de minha camisa e logo envolvo seu braço, que sangra sem parar, tentando estancar o sangue o melhor que eu consigo.

Eu detecto uma movimentação com o canto de meu olho e percebo que um Louco está prendendo Ben no chão das docas. Ele se curva para trás, pronto para morder a garganta de Ben. Eu me viro e atiro minha faca. Ela sai voando e atinge a parte de trás do pescoço do homem. Seu corpo se enrijece e ele cai no chão.

Ben se senta, atordoado.

“Volte para o barco!” Logan berra. “AGORA!”

Ouçõ fúria na voz de Logan, e eu também estou brava. Ben deveria estar de guarda, não dormindo. Ele nos deixou vulneráveis a um ataque.

Ben volta para o barco e, quando ele o faz, Logan logo alcança a corda e a corta. Eu tento cuidar de Rose, berrando em meus braços, Logan toma conta do timão, ligando o barco e acelerando-o. Nós saímos do canal ao amanhecer. Ele está certo e partirmos. Aquelas balas podem ter alertado alguém; quem sabe quanto tempo temos agora.

Deixamos o canal quando o céu está com coloração roxa, deixando vários corpos boiando para trás. Nosso abrigo logo se tornara um local de horrores, espero nunca mais vê-lo novamente. Navegamos pelo centro do Hudson, o barco de mexendo enquanto Logan aperta mais o acelerador. Fico de guarda, olhando em todas as direções, procurando por um sinal dos comerciantes de escravos. Se eles estiverem perto de nós, não há como nos escondermos: os sons dos tiros, os berros de Rose, e o motor barulhento nos deixam completamente detectáveis.

Apenas rezo para, em algum ponto durante a noite, eles tenham retornado, procurando por nós e agora estejam bem mais para o sul do que estamos; se for assim, eles devem estar atrás de nós. Se não, iremos encontrá-los.

Se tivermos sorte, eles desistiram e voltaram para Manhattan. Mas eu duvido disso. Nunca tivemos muita sorte assim.

Que nem esses Loucos. Foi muita má sorte nossa parar o barco ali. Ouvei rumores de que gangues predatórias de Loucos haviam virado canibais, que sobreviviam comendo outras pessoas, mas eu nunca havia acreditado nisso. Ainda é difícil acreditar que seja verdade.

Seguro Rose sim força, sangue escorrendo de sua ferida, caindo em minha mão, eu a embalo, tentando consolá-la. Sua bandagem improvisada já está vermelha, então eu tiro mais um pedaço da minha blusa, minha barriga fica exposta ao frio, e eu substituo seu curativo. É pouco higiênico, mas é melhor que nada, preciso estancar o sangue de alguma maneira. Gostaria de ter algum medicamento, antibióticos ou pelo menos analgésicos – qualquer coisa eu pudesse lhe dar. Quando retiro sua bandagem, vejo o pedaço de carne que lhe falta no braço e desvio meu olhar, tentando não pensar na dor que ela deve estar sentindo. Deve ser terrível.

Penélope está sentada em seu colo, chorando, olhando para ela, obviamente, ela também quer ajudar. Bree parece traumatizada mais uma vez, ela segura a mão de Rose, tentando não chorar. Mas ela está inconsolável.

Eu desejo desesperadamente que eu tivesse um calmante – qualquer um. E, de repente, eu me lembro. Aquela garrafa de champanhe, meio bebida. Corro para a frente do barco e volto com ela. “Beba isso,” eu falo.

Rose chora histericamente, berrando e dor e nem percebe que estou ali.

Seguro a garrafa em seus lábios e a faço beber. Ela quase se engasga com a bebida, cuspidando um pouco para fora, mas ela consegue tomar um pouco.

“Por favor, Rose, beba. Vai ajudar.”

Eu inclino a garrafa novamente contra sua boca e, entre seus gemidos, ela toma mais alguns goles. Sinto que não é certo dar álcool a uma criança, mas espero que isso ajude a aliviar sua dor, não sei mais o que fazer.

“Encontrei umas pílulas,” ouço uma voz.

Eu me viro e vejo Ben ali, parecendo alerta pela primeira vez. O ataque, o que acontecera a Rose, deve tê-lo acordado para a vida, talvez porque ele se sinta culpado por ter adormecido quando deveria estar em guarda. Ele fica ali, estendendo o pequeno frasco de pílulas.

Eu o pego e o examino.

“Achei no armário,” ele diz. “Não sei o que são.”

Leio o rótulo: Ambien. Pílulas soníferas. Os comerciantes de escravos devem ter guardado para ajudá-los a adormecer. A ironia disso: ali estão eles, mantenho os outros acordados a noite inteira e guardando pílulas para conseguirem dormir. Mas, para Rose, isto é perfeito. Exatamente o que precisamos.

Eu não sei quanto devo lhe dar, mas preciso acalmá-la. Entrego-lhe a garrafa de champanhe de novo e me certifico de que ela tome um gole, depois lhe dou duas pílulas. Guardo o resto no meu bolso para não perdê-las e depois fico de olho em Rose.

Em minutos, a bebida e o sonífero começam a fazer efeito. Aos poucos, seus gemidos viram choro e então este fica abafado. Depois de uns vinte minutos, seus olhos se fecham e ela adormece em meus braços.

Espero mais dez minutos para ter certeza de que ela está dormindo e então olho para Bree.

“Você pode segurá-la?” eu pergunto.

Bree se apressa para chegar ao meu lado e eu lentamente me levanto e coloco Rose em seus braços.

Eu fico em pé, minhas pernas estão com câimbras e vou até a frente do barco, ao lado de Logan.

Continuamos indo rio acima, o céu vai se iluminando enquanto eu olho para a água, sem gostar do que estou vendo.

Pequenos pedaços de gelo começam a se formar no Hudon nesta manhã congelante. Posso ouvi-los tocando o barco. É a última coisa que precisamos.

Mas eu tenho uma ideia. Eu me inclino sobre o barco, a água espirra em meu rosto e eu coloco minhas mãos na água fria. É doloroso até de tocar, mas eu me forço a enfiar minha mão inteira, tentando agarrar um pedaço de gelo. Estamos indo bem rápido e é difícil pegar um. Continuo falhando por alguns centímetros.

Finalmente, depois de um minuto de agonia, eu alcanço um. Levanto minha mão, tentado livrá-la do frio e entrego o gelo para Bree.

Ela o aceita, de olho arregalados.

“Segure isto,” eu falo.

Pego a bandagem anterior, cheia de sangue, e a envolvo com o gelo. Entrego para Bree.

“Mantenha isto contra a ferida.”

Espero que isto ajude a anestésiar sua dor, talvez pare com o inchaço.

Eu me viro e minha atenção se paira no rio novamente, olho a minha volta, para todos os lados, a manhã vai ficando cada vez mais brilhante. Estamos cada vez mais rápido em direção ao norte, fico

aliviada de não ver sinais de comerciantes de escravos em lugar nenhum. Não ouço motores e não detecto nenhum movimento de nenhum lado do rio. O silêncio é, na verdade, ameaçador. Será que

estão esperando por nós?

Eu vou para o assento de passageiro, ao lado de Logan e olho para o tanque e combustível.

Menos de um quarto do tanque. Não é nada bom.

“Talvez eles tenham ido embora,” eu arrisco. “Talvez eles tenham voltado, desistiram da busca.”

“Não conte com isso,” ele fala.

Como uma deixa, de repente, ouço o rugido de um motor. Meu coração pára. É um som que eu reconheceria em qualquer lugar do mundo: o motor deles.

Dirijo-me a parte de trás do barco e olho para o horizonte: com certeza, lá, cerca de um quilômetro de distância, estão os comerciantes de escravos. Eles estão navegando em nossa direção.

Vejo-os vindo, me sinto impotente. Estamos quase sem munição, eles estão bem equipados e preparados, com toneladas de armas e munições. Não temos chance se nós combatê-los, não temos como correr mais que eles: eles já estão se fechando. Também não podemos tentar nos esconder novamente.

Nós não temos escolha, a não ser enfrentá-los. E isso seria uma batalha perdida. É como se uma sentença de morte estivesse correndo em nossa direção no horizonte.

“Talvez nós devêssemos nos render!” Ben grita, olhando para frene, assustado.

“Nunca,” eu respondo.

Não posso imaginar me tornar prisioneira mais uma vez.

“Só vou me render morto,” Logan ecoa.

Tento pensar em alguma coisa, qualquer solução.

“Você não consegue ir mais rápido!?” pressiono Logan, quando vejo que eles estão cada vez mais perto.

“Estou indo o mais rápido que consigo!” ele grita de volta, mais alto que o barulho do motor.

Eu não sei mais o que fazer. Sinto-me tão impotente. Rose está acordada agora, chorando de novo, e Penélope late. Sinto como se o mundo inteiro estivesse me cercando. Se eu não pensar

rápido, chegar a alguma solução, estaremos todos mortos em questão de minutos.

Eu examino o barco, à procura de qualquer arma, qualquer coisa, que eu possa usar.

Vamos. Vamos.

De repente, vejo alguma coisa, e eu tenho uma ideia maluca. É tão louco, eu percebo, que talvez até funcione.

Sem hesitar, eu entro em ação. Corro por todo o barco, indo para a direita para o enorme cabo de tirolesa que eu tinha resgatado na casa de meu pai e, imediatamente, começo a desembaraçá-lo.

“Ajude-me!” grito agressivamente para Ben.

Ele corre para perto de mim e, juntos, começamos a soltar e desembaraçar as centenas de metros do cabo.

"Segure essa ponta", eu digo. "Eu vou segurar essa outra. De volta em volta, tente desembaraçá-lo o máximo que puder. "

"O que você está fazendo?" Logan grita, olhando para trás.

"Eu tive uma ideia," eu digo. Olho para a frente e vejo o estreitamento do rio. É perfeito. De uma margem a outra são apenas cem metros. Olhei para a enorme bola de cordas, estimo que deva ser pelo menos o dobro.

"Se eu conseguir ligar uma ponta a outra com estes cabos, antes que eles nos alcancem, nós podemos prendê-los com isto. Como um arame. É arriscado, mas eu acho que pode dar certo. "

"Não é como se tivéssemos todas as opções", diz ele. "Vamos fazê-lo."

Finalmente, eu sinto que ele parou de argumentar e está no meu time.

"Eu preciso que você para vire o barco, totalmente até uma das margens," eu grito, enquanto termino de desembaraçar.

Eu examino o horizonte, analiso as margens, à procura de algo para fixar a linha. Eu vejo um poste de metal enferrujado, cavado no litoral, onde um cais costumava ser.

"Ali!" Eu grito para Logan. "Aquele poste de metal!"

Logan faz uma curva acentuada, fazendo o que eu peço, correndo direito para a estrutura de metal.

Pelo menos agora, finalmente, ele confia em meu julgamento.

Corro para a frente do barco quando Logan passa habilmente ao lado do poste. Eu pego uma extremidade do cabo, alcanço e o envolvo em torno do poste de metal, várias vezes, formando um nó apertado. Eu puxo a corda com força, para testá-lo. É seguro.

"Agora, para o outro lado!" Eu grito.

Logan pisa no acelerador, e corremos para frente, para o outro lado do rio. Ao fazermos isso, eu empurro Bree para fora do caminho do cabo rapidamente; não quero que ela se machuque.

Pego a outra ponta do cabo, uma vez que ele está se desenrolando loucamente, não quero que ele vá ao mar. Nós alcançamos a outra margem e, felizmente, a corda é longa o suficiente e há pedaço do cabo de sobra para poupar.

Quando Logan para na margem, eu pego a ponta do cabo e pulo na areia, procurando freneticamente por algo para prendê-lo. Avisto uma árvore, perto da borda da água. Corro para ela e laço a corda em torno dela, fazendo um laço apertado. Viro-me e o vejo o cabo se levantar para fora da água. Perfeito. Então eu o solto, de modo que a corda se abaixa, pousando sobre a superfície da água. Eu não quero que os comerciantes de escravos o vejam.

Volto para o barco, mantendo a corda folgada. Há provavelmente cerca de cinquenta metros de sobra nele.

Eu verifico por cima do meu ombro e vejo que os comerciantes de escravos estão se aproximando rapidamente. Eles estão a, provavelmente, a apenas uns quinhentos metros. Espero que eles não percebam o que estou fazendo. Parece que eles longe, não devem enxergar.

"Pilote para frente!" Eu grito para Logan. "Mas, devagar, e não muito longe. Apenas uns cinquenta metros. Em seguida, desligue o motor. Deixe o barco parar, à direita, no rio aberto. "

"Desligar?" Logan pergunta.

"Confie em mim", eu digo.

Ele ouve. Ele nos move para a frente lentamente, de volta para o meio do Hudson. Quando ele passa, o restante da linha continua a desenrolar no barco. Quando está perto de acabar, eu grito:

"Pare!"

Logan desliga o motor, segue-se um silêncio assustador. Todos nós ficamos sentados, balançando, girando e olhando para os comerciantes de escravos que se aproximam. Eles estão a apenas algumas centenas de metros de distância.

"Tire suas calças!" Eu grito com Ben.

Ele olha para mim, confuso.

"Agora! Depressa! "

Ele rapidamente desliza suas calças de couro para fora de seus jeans, as que eu dei a ele na outra noite e então os entrega para mim. Eu os envolvo firmemente em torno de minhas mãos, usando-os como uma luva, para que a corda não arranque minha pele.

Finalmente, Logan percebe o que estou fazendo. Ele se apressa, tira sua própria jaqueta, envolve em torno de suas mãos também, e, juntos, nós dois seguramos o cabo restante, esperando.

Eu estremeço quando vejo o horizonte. Eles estão ficando cada vez mais perto, vindo em nossa direção a toda velocidade. Vejo-os levantar suas armas. Espero que eles não percebam o que está acontecendo.

"Ben, segure suas mãos, como se estivesse se rendendo!"

Ben dá um passo à frente e segura as mãos acima de sua cabeça. Funciona. Os comerciantes de escravos baixam suas armas, conversando um com o outro.

Mas eles não diminuem a velocidade. Eles ainda vêm rapidamente para nosso barco. Eles não veem a corda, pousando sobre a água. Eles não têm ideia.

À medida que ficam mais perto do cabo, começo a suar. Seguro o resto do cabo, tremendo, Logan ao meu lado. Esperando. Estão a vinte metros de distância de onde a corda está na água.

Por favor, não descubram. Por favor, não parem. Por favor.

Dez metros de distância. Cinco.

Eu só tenho uma chance para isso, precisa para funcionar perfeitamente. O cabo precisa se elevar

a altura certa.

"AGORA!" Eu grito para Logan.

Ao mesmo tempo, nós levantamos a linha.

O cabo de tirolesa sobe, levantando-se para fora da água e para o ar, cerca de oito metros. É a altura ideal.

A linha sobe direito ao nível do peito dos comerciantes de escravos em pé no barco. Faz um impacto, acertando exatamente neles, e com isso, sinto um tremendo puxão na força da linha. Nós a seguramos com toda a nossa força, enquanto ela atinge o barco deles.

Todos os cinco voam para fora do barco, à direita na água.

O barco continua acelerando para frente por conta própria, sem eles, por mais de cinquenta metros antes de virar, fora de controle, e bater à direita em um grande afloramento de rocha. Com um estrondo horrível, ele quebra em pedaços e, em seguida, explode em chamas.

Enquanto isso, todos os comerciantes de escravos se debatem na água gelada.

Não consigo acreditar. Funcionou. Realmente funcionou.

Logan e eu nos olhamos. Nós soltamos a corda aos poucos.

Logan corre de volta para o timão, pisa no acelerador, e nós fugimos.

Ouçõ os gritos dos comerciantes de escravos atrás de nós, contorcendo-se na água, gritando por ajuda, enquanto partimos. Uma parte de mim se sente mal. Mas eu aprendi minha lição – vezes demais.

À medida que avançamos, o sol nasce e, pela primeira vez em muito tempo, eu começo a relaxar novamente. Não há mais barcos atrás de nós. Pela primeira vez, em tanto tempo quanto me lembro, eu estou começando a achar que podemos realmente fazer isso.

S E I S

Continuamos subindo o Hudson, sem desacelerar à medida que a manhã se transforma em fim de tarde. Logan pisa com força, o ronco do motor sempre presente, determinado a nos deixar o mais

longe possível dos comerciantes de escravos, de Manhattan. Toda a manhã eu fico na borda do barco, olhando, ouvindo, alerta a qualquer sinal.

Mas, conforme o tempo vai passando, eu começo a relaxar. Logan finalmente diminui um pouco a velocidade, deixa no modo de cruzeiro, e o motor sossega. Eu olho para Rose, agora dormindo nos braços de Bree. Bree se encosta, de olhos fechados, Penélope está no seu colo. Ben está abatido, com a cabeça entre as mãos. E Logan apenas observa, os olhos fixos na água, inexpressivo como sempre. Toda a energia em nosso barco está mais relaxada.

Logan retarda o barco ainda mais, e me pergunto por que, então eu olho para a água e vejo enormes pedaços de gelo flutuando. Eles tornam-se maiores e mais frequentes à medida que avançamos. Logan está mais lento para evitá-los, ele vai desviando para a esquerda e para a direita constantemente, indo para dentro e para fora. Todo esse gelo me preocupa, especialmente porque eu me sinto um vento amargo cortando em meus ossos, sinto-o cada vez mais frio, a cada minuto. O céu, brilhante há apenas algumas horas atrás, agora está espesso e cinza. De fato, a neblina está até começando a se estabelecer na água. Sinto que uma tempestade se aproxima.

De repente, flocos de neve começam a cair do céu. Eles são grandes, macios e tenho uma sensação reconfortante quando eles pousam em meu rosto, como se alguma coisa ainda fosse pura no mundo, ainda funcionasse como deveria. Eles me fazem pensar na minha infância, em tempos mais felizes, quando eu amava a neve. Quando isso significava nenhuma escola, brincar com os meus amigos. Agora, porém, ela simplesmente significa ser mais frio, mais úmido. Agora, é apenas um inconveniente.

Em poucos minutos, a neve nos cega, chicoteia nossos rostos, esbranquiça o céu. Torna-se difícil até mesmo ver.

Logan desacelera ainda mais, e me pergunto se estamos ficando sem gasolina. Eu me apresso e fico ao seu lado, olho para o ponteiro indicador: menos de um oitavo de tanque, mas ainda não chegou na reserva. Eu não entendo por que ele está diminuindo a velocidade, até que eu olho para

frente e vejo por mim mesma: ali, diante de nós, está uma ilha no meio do Hudson. Não é enorme, mas não é pequena tampouco: talvez um quilômetro de comprimento e metade da largura. É longa e estreita, rodeada por uma praia de areia e coberta por árvores frondosas, muitas das quais são de pinho, cobertas de neve. Eu vejo Logan observando e eu sei o que ele está pensando. Ele se vira e olha para mim.

"Estamos quase sem gasolina", diz ele. "E continuar navegando nesta tempestade é pedir para termos problemas. O gelo está ficando mais espesso e o rio está endurecendo. Se continuarmos

assim, podemos afundar. E vai ficar escuro em breve. Podemos empurrá-lo, ou podemos estacionar nesta ilha, esperar aqui até que o rio descongele e que a tempestade passe. " Ele estuda os céus. "Se nós empurrarmos, podemos ficar sem combustível e sem abrigo. Sabemos o que aconteceu da última vez que estacionamos na costa. Estar em uma ilha pode ser mais seguro. "

"Eu concordo", eu digo. "É mais seguro."

Ele suspira.

"Não que eu queira para parar", continua ele. "Não. Precisamos nos manter em movimento. Nós precisamos deixar uma grande distância entre nós e eles, o máximo que a gente puder. Precisamos ir para o norte e encontrar combustível. Mas temos que superar esta tempestade. E eu acho que uma ilha é um lugar mais seguro para isso. Talvez a gente fique por algumas horas. Talvez até mesmo durante a noite. Deixar que a tempestade passe e, depois, continuamos. Quem sabe: talvez a gente até encontre algo nela, talvez um pouco de caça, ou alguma coisa para levarmos ".

"Pela primeira vez, eu acho que nós concordamos," eu falo, sem conseguir deixar de abrir um sorriso.

Logan tenta reprimir um sorriso, mas eu consigo ver.

"Vou rodeá-la", eu digo. "Certifique-se de que não há nada de hostil e encontre o melhor local para atracar."

"De acordo", diz ele.

Logan vira o barco, levando-nos ao redor do perímetro da ilha. A costa é rasa, talvez uns dez metros de profundidade, as ondas batem levemente. No limite da areia, há árvores frondosas,

proporcionando um agradável abrigo em qualquer direção. Ao chegarmos do outro lado, vejo as árvores de perto, procurando qualquer sinal de movimento. Mas não vejo nenhum. Porém, novamente, esta ilha é enganosamente grande, as árvores são densas: pode haver alguma coisa lá dentro. Duvido, porém, que haja alguém. Eu não vejo nenhuma evidência disso: não há barcos nem pegadas. Talvez possa haver animais lá dentro. Talvez veados ou raposas, ou outra coisa. Fico com água na boca só de pensar.

Nós circulamos em torno do outro lado e, quando estamos quase terminando o nosso ciclo, avisto um lugar perfeito para atracar o barco: um afloramento de rocha que se projeta para fora da água, no qual poderíamos amarrar o barco e tê-lo protegido contra os elementos dos dois lados. Melhor ainda, as pedras continuam até a terra, transformando-se em uma pequena montanha, dentro da qual há uma grande abertura para uma caverna. Não poderia ser mais perfeito: podemos nos refugiar na caverna para esperar o vento e a tempestade e, ao mesmo tempo, manter um olho sobre o nosso barco.

Eu estendo a mão e aponto para lá.

"Já estou nessa direção", diz Logan. "Um passo à frente de você."

Ele desliga o motor quando nos aproximamos e vamos para as pedras, o barco vira de lado. Eu agarro a corda, me dirijo para a beira e salto para a água quando chegamos à costa. Eu mergulho meus tornozelos na água gelada, sinto agulhadas com este frio que atravessa minhas botas de couro. Mas estou feliz por estar de volta à terra, sem perder tempo, agarro o barco e puxo-o para a areia. Logan salta para fora e me ajuda, juntos, conseguimos deixá-lo um metro e meio para dentro da areia. Eu amarro a corda firmemente em torno do buraco de âncora na frente do barco e, em seguida, a entrego a Logan, que encontra um entalhe na rocha em torno do qual ele a amarra. Ele testa várias vezes o nó: é seguro. O nosso barco não vai a lugar nenhum.

A falta de movimento finalmente faz Ben fica ligado, ele levanta a cabeça e olha em volta, pela primeira vez. Ele olha para mim, com os olhos turvos.

"Onde estamos?", Pergunta ele.

"A nossa nova casa", diz Logan.

"Até que a tempestade passe", acrescento eu.

Por um momento, eu me pergunto se Ben vai discutir, expressar uma opinião diferente, talvez fique com raiva de nós por decidirmos sem ele. Mas ele só sai silenciosamente para fora do barco.

Seu espírito está quebrado, ele mal parece saber onde ele está.

Eu vou até a parte de trás do barco, onde estão Bree e Rose. Elas estão dormindo e eu gentilmente acordo Bree. De os olhos abertos, ela primeiramente não olha para mim, mas para Rose, medo e preocupação marcam seu rosto.

Eu examino Rose, estou igualmente temerosa. Ela não parece bom. Está mais pálida do que antes e, ao mesmo tempo, sei que ela está dormindo, mas não posso deixar de pensar que seu rosto se parece com o de uma pessoa que está morrendo. Eu olho para baixo, para seu braço, seu curativo, e já vejo grandes manchas de vermelho formando em cada lado da mordida. Ela foi infectada e está se espalhando rapidamente.

Eu engulo com esforço, minha boca seca, sei que isso não é bom. Sinto-me tão impotente. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer, um lugar para onde eu pudesse levá-la. Mas não há nada. Champanhe e pílulas para dormir são, pateticamente, tudo o que tenho para lhe oferecer.

Eu pego Rose em meus braços. Penélope se recusa a deixar o colo dela, então eu carrego as duas e as levo como se fossem um bebê. Rose está mole e dorme. Graças a Deus. Espero que ela não esteja sentindo nenhuma dor no momento.

Bree se levanta e caminha ao meu lado. Eu entrego Rose para Logan, e depois salto para baixo e pego Bree, levo-a para fora do barco. A neve cai mais pesada ao nosso redor. Eu assisto Logan levar Rose para dentro da caverna, pego a mão de Bree e o sigo.

"Você pode pegar os outros sacos?" Eu peço a Ben. Eu não quero que ele seja completamente inútil, fazendo nada mais do que para seu próprio benefício.

Ben faz o que eu lhe pedi, volta para o barco e pega as embalagens de alimentos e suprimentos.

Eu me viro com Bree e atravesso a areia macia, em direção à caverna.

"Será que Rose vai ficar bem?" Bree pede. "Onde estamos?"

"Estamos em uma pequena ilha", eu digo. "Nós vamos ficar aqui até a tempestade passar."

"Até Rose melhorar?", Ela pede.

Eu engulo em seco, sem saber o que responder. Eu mesma gostaria de saber.

"Eu vou fazer tudo que posso para ela," eu digo. "Prometo."

Chegamos à entrada da caverna e estou aliviada ao ver que é o abrigo perfeito para nós. Cerca de 15 metros de altura e 30 metros de profundidade, com um teto de 3 metros, não é tão fundo que eu não possa ver seu fim. Vejo que não há animais – nem pessoas – se escondendo aqui dentro. E quando eu entro, já sinto vários graus mais quente, talvez por causa do abrigo contra o vento. Eu olho para baixo e vejo que o piso de terra está seco, a neve parando a poucos metros da entrada.

Eu sinto que nós podemos fazer uma fogueira aqui. Estamos protegidos do vento e protegidos dos olhos de qualquer um que possa estar assistindo. É o lugar perfeito para todos nós para descansar e nos recuperarmos e obter as nossas energias de volta.

Logan deixa Rose suavemente no chão de terra; ele tira sua jaqueta e delicadamente a deixa debaixo de sua cabeça. Ao vê-lo cuidando de Rose, fico surpresa. Não tinha ideia de que ele poderia ser tão gentil.

Penélope está no peito de Rose, de quatro, tremendo. Ela se enrola em uma bola, deitada e pressionando o queixo no peito de Rose, olhando para ela com olhos tristes, recusando-se a sair de seu lado.

"A infecção está ruim", Logan diz baixinho quando ele corre para o meu lado. "Ela precisa de remédios."

"Eu sei", eu digo. "O que você propõe?"

Ele balança a cabeça tristemente. "Eu não sei", ele finalmente responde.

Ben entra com todos os sacos de comida e suprimentos, e os traz para baixo dentro da caverna.

Logan se afasta dele com um olhar de desgosto, ainda chateado por ele ter adormecido quando estava em guarda.

Pelo menos aqui, nessa caverna, estaremos mais seguros. Não teremos tanto a necessidade de ficar de guarda. Não há praticamente nenhuma maneira de sermos emboscados aqui sem se aproximarem pela praia, de barco. Faria muito barulho. Da maneira que eu vejo, esta ilha é realmente deserta, então não precisamos nos preocupar. Viro-me para Logan.

"Antes de ficarmos aqui," eu digo, "é preciso saber se não há mais ninguém na ilha, esperando para nos surpreender. Devemos também limpar este lugar, antes de a tempestade piorar, para ver se há qualquer coisa, qualquer suprimento que possa ser útil, talvez até mesmo algum tipo de medicamento. Talvez haja até mesmo alguns animais aqui para caçarmos, talvez possamos encontrar o jantar".

"Boa ideia", diz ele. "Mas você não deve ir sozinha." Ele se vira e olha para Ben. "Eu iria com você, mas não posso. Preciso ficar de guarda. Não vou deixar todas as nossas coisas e nosso barco sob os cuidados de Ben. "

Ele diz isso alto o suficiente para Ben ouvir, mas Ben, apesar de ter escutado, não reage.

"Você vai," Logan acrescenta, "e leva Ben com você."

Viro-me para Ben, esperando que ele diga alguma coisa ou que fique chateado. Mas, para minha surpresa, ele não o faz. Ele se parece com um homem quebrado. Ele abaixa a cabeça.

"Sinto muito", diz ele em voz baixa. "Eu realmente sinto muito por ter dormido."

Eu posso ouvir sinceridade em sua voz. Ele está tão sobrecarregado pela culpa de seu irmão, e agora, pelo que aconteceu com Rose. É doloroso até olhar para ele, prefiro ir sozinha. Mas Logan está certo: eu deveria ter companhia. E suponho que tê-lo a minha volta é melhor do que nada.

Viro-me para Logan.

"Este lugar não é tão grande. Estaremos de volta em uma hora. "

"Se você não voltar, não posso procurar por você", diz ele, "sem pôr os outros em perigo."

"Não venha me procurar", eu digo. "Se eu não voltar, você sabe que eu estou morta. E, nesse caso, leve as meninas e o barco e siga em frente".

Logan acena para mim solenemente, e eu posso ver o respeito em seus olhos.

"Você estará de volta", diz ele.

*

Ben e eu marchamos por toda a ilha deserta, deixo o arco e flecha por cima do meu ombro. Eu nunca atirei um arco e flecha antes, e eu provavelmente seria terrível utilizando um, mas eu acho que se eu encontrar qualquer tipo de animal, vou testá-lo. Ter esta arma não me faz sentir tão mal por ter matado Rupert, pelo menos, conseguimos isto.

À medida que caminhamos em silêncio, a neve caindo ao nosso redor, o mundo está incrivelmente parado. Ouço apenas o som da neve sendo esmagada sob os nossos pés, e das ondas se quebrando ao longe. O céu de fim de tarde está um cinza sólido. Nós só estivemos fora por dez minutos e, nesse tempo, a neve fresca atingiu meus tornozelos.

Permaneço alerta enquanto caminhamos, com uma mão sobre a faca em meu cinto. Nós cruzamos metade do comprimento da ilha, e ainda nenhum sinal de nada. Esta ilha é como uma floresta em miniatura, coberta de árvores frondosas, sem sinais de qualquer estrutura ou de quaisquer pessoas, ou mesmo de qualquer atividade. Estou me sentindo cada vez mais segura, cada vez mais à vontade.

Ao longe, avisto a ponta mais distante da ilha, e continuo caminhar em direção a ela, andando por dentro e por fora dos grupos de árvores. Assim que lá chegar eu estarei muito aliviada, sabendo com certeza que não há ninguém mais aqui e que podemos ficar descansados à noite. Mas, ao mesmo tempo, se eu não encontrar nenhum suprimento, nada que eu possa guardar e levar, ficarei

desapontada, sabendo que eu estou voltando de mãos vazias para Rose, que está deitada ali, morrendo.

Eu vasculho as árvores de novo, procurando qualquer sinal de comida, de qualquer coisa. Eu paro de andar e Ben pára ao meu lado. Fico ali, ouvindo, por alguns segundos. Mas tudo que eu ouço é o som profundo do silêncio. Eu fecho meus olhos e escuto, posso ouvir o som dos flocos de neve caindo, tocando minha pele e, além disso, o marulho bem fraco do rio contra a costa. Espero sessenta segundos. Ainda nada. É como se estivéssemos completamente sozinhos em um universo pré-

histórico.

"Por que paramos?" Ben pergunta.

Abro os olhos e continuamos caminhando. Andamos em silêncio por mais alguns minutos, indo em direção à ponta da ilha.

Quanto mais andamos, mais eu começo a pensar sobre Ben. Não posso deixar de me perguntar o que exatamente aconteceu com ele lá atrás, em Manhattan. O que aconteceu com seu irmão. Gostaria de saber se eu posso fazê-lo se abrir. Com certeza, parece que ele precisa.

"Não se martirize tanto", eu digo a ele, quebrando o silêncio. "Quero dizer, sobre você ter dormido: isso pode acontecer com qualquer um de nós."

"Mas isso não aconteceu. Aconteceu comigo", ele retruca. "A culpa foi minha. É minha culpa que Rose esteja machucada."

"A culpa e arrependimento não irão ajudar nenhum de nós agora", eu falo. "Ninguém está culpando você. Eu não estou."

Ele dá de ombros, olhando desamparado, à medida que continuamos a caminhar em silêncio.

"Você quer falar sobre isso?" Eu finalmente pergunto, querendo que ele se abra. "O que aconteceu com você na cidade? Seu irmão? Pode fazer bem para você falar sobre isso."

Eu o assisti enquanto caminhamos. Ele olha para baixo, como se estivesse pensando e, então, finalmente, balança a cabeça negativamente.

Tentei. E eu respeito a sua privacidade. Não tenho certeza se eu iria querer falar sobre isso também, se eu estivesse no lugar dele.

Nós chegamos ao extremo da ilha, as árvores se abrem para uma praia aberta, coberta de neve.

Vou até a ponta e daqui eu tenho uma vista deslumbrante sobre o rio Hudson, em todas as direções. É como um vasto mar de todos os lados de nós, enormes pedaços de gelo endurecem, neve cai sobre ele. Parece surreal, primordial. Quando o vento me chicoteia no rosto, sinto, por um momento, que somos os únicos, estamos naufragados em um vasto mar.

Eu faço a varredura nas margens em todas as direções, à procura de qualquer sinal de alguma coisa, de movimento na praia, algo diferente. Mas não vejo nada. É como se fosse um deserto, sem o

homem para modificá-lo, permanecendo assim.

Enquanto eu fico na praia, percebo algo na areia, atravessando a neve. Eu dou alguns passos para a frente, estendo minha mão e pego. É verde e brilhante e, quando encosto-me a ele, percebo que é uma garrafa de vidro grande que deve ter aparecido na praia.

Eu vasculho o resto da linha de costa, e vejo outra coisa brilhante, balançando na água, aproximando-se da costa. Corro mais e buscá-lo. É uma velha lata de alumínio.

Não sei o que fazer com essas coisas – não é o baú do tesouro que eu esperava encontrar. Mas, ainda assim, tenho certeza de que nós podemos fazer algum uso delas, e é pelo menos alguma coisa para trazer de volta.

Eu respiro fundo e me viro, preparando-me para voltar. Desta vez, eu voltarei para o outro lado da ilha passando por um bosque de árvores diferentes, na esperança de encontrar algo, qualquer coisa.

Nós marchamos de volta silenciosamente pela floresta, me sinto decepcionada de não ter encontrado nada de útil, mas, ao mesmo tempo, aliviada que temos a ilha para nós. Eu começo a abaixar a minha guarda quando percebo que, em breve, estarei de volta ao calor da caverna. Minhas mãos e pés estão se tornando mais congelados à medida que caminhamos, eu fecho e solto minhas extremidade, tentando fazer o sangue circular. Minhas pernas estão cansadas, e eu ficarei feliz de me sentar na caverna e relaxar em frente a uma fogueira.

Isso me faz perceber que vamos precisar de madeira para iniciar uma fogueira. Eu, felizmente, lembro-me dos fósforos e velas que eu recuperei na cada de papai. Mas percebo que também vamos precisar de galhos, agulhas de pinheiro, qualquer coisa que eu possa encontrar seca para acender.

Também noto que devemos trazer de volta ramos de pinheiro para tornar o solo mais confortável para todos.

"Procure por galhos", eu digo para Ben. "Galhos secos. Pequenos. Acima do chão, não cobertos de neve. Precisamos de gravetos. Também procure por grandes ramos com agulhas de pinheiro macios, para usarmos no chão. "

Ben anda alguns metros atrás de mim e não responde, mas eu sei que ele me ouviu, pois sobe em uma árvore e eu o ouço estalar um ramo.

Avisto uma árvore com um ramo seco à mostra, e eu me aproximo para retirá-lo. É perfeito. Com uma braçada destes, podemos ter um fogo aceso durante toda a noite.

Assim que me dirijo para outra árvore, de repente, ouço um estalo galho. Ben está bem ao meu lado, então eu sei que ele não fez isso. Meu coração pára. Estamos sendo observados.

S E T E

Eu me viro, na direção do barulho, percebo um movimento. Fico congelada, com a garganta seca, quando percebo o que é.

Não consigo acreditar. Lá, à vista de todos, a menos de vinte metros de distância, estão dois veados. Eles param e levantam a cabeça, olham diretamente para mim.

Meu coração está batendo com excitação. Isto seria comida suficiente para alimentar a todos nós por dias. Mal posso acreditar que a nossa sorte.

Sem pensar, eu pego a minha faca, dou um passo à frente e a atiro, lembrando-me da última vez que isso funcionou.

Mas, desta vez, minhas mãos estão muito frias, eu erro. Eles fogem, correndo para longe.

Eu rapidamente puxar o arco e flecha, coloco uma flecha entre os dedos, e atiro nos veados em fuga. Mas sou ainda mais desajeitada com o arco, e a flecha atinge uma árvore, bem longe dos cervos.

"Droga!" Eu grito. Esta é uma pequena ilha, mas eles são tão rápidos. Sem uma pistola, que eu nunca iria atirar por medo de chamar atenção, e sem armadilhas profissionais, não vejo como poderíamos pegá-los.

De repente, Ben dá alguns passos para a frente, pega o arco de minhas mãos e também uma flecha. Ele dá três passos para a frente, segura o arco habilmente e posiciona a flecha, mantendo sobre seu peito e, depois, espera o momento apropriado, seguindo o cervo, que, agora, deve estar a uns bons cinquenta metros de distância e se afastando mais. Eles também estão zigzagueando para

dentro e para fora das árvores. É um tiro impossível.

Ben lança a flecha vai voando pelo ar.

E então, para minha surpresa, ouço o som distante de carne sendo perfurada. Estou completamente chocada quando vejo que um dos veados cai.

Viro-me e olho para Ben, minha boca está aberta. Ele fica lá, sem se mexer, e abaixa lentamente o arco. Ele parece triste, como se lamentasse o que fizera.

"Você não me disse," eu digo em um tom abafado "que você é um especialista com arco e flecha."

Ele se vira e dá de ombros, tirando as mãos do arco.

"Você não perguntou", diz ele calmamente.

Ben se vira e vai embora, na direção do cervo. E eu fico parada lá, surpresa demais para saber o que falar.

Eu o sigo, ainda tentando compreender o que aconteceu. Eu não tinha ideia de que Ben tivesse alguma habilidade – muito menos, habilidades de caça. Isso foi tiro inacreditável. Eu o havia subestimado, mas agora eu percebo o quão valioso é Ben. E, ao eu vê-lo caminhar com outro ritmo em seus passos, percebo que este episódio fez alguma diferença para ele. Parece que talvez o tenha ajudado a se reerguer, dar-lhe um sentimento de orgulho, de algum propósito. Pela primeira vez, eu me sinto como se ele estivesse de volta a nós, finalmente, apresentando-se como um membro da equipe.

Ambos alcançamos o veado e observamos por cima. Ele encontra-se de lado, há sangue escorrendo pela neve, suas pernas ainda tremem. Foi um tiro perfeito, direito em seu pescoço.

Depois de alguns segundos, ele pára de tremer, morto.

Ben se abaixa, pega o animal e o põe por cima do ombro. Ele se vira e, juntos, caminhamos de volta para a caverna. Enquanto voltamos, vou catando galhos secos por toda a parte, enchendo meus braços. Depois vou pegando galhos de pinho largos, reunidos, serão um enorme cobertor e travesseiro para Rose.

Meu coração se enche de otimismo. O céu escurece e a neve fica mais forte, o vento chicoteia com força total, mas eu não me importo. Temos um abrigo de verdade , com comida fresca para todos, e lenha para fogo. Pela primeira vez, eu sinto que as coisas estão indo bem nosso caminho.

*

Finalmente, uma sensação de paz se instalou sobre nós. Todos nós nos sentamos juntos, no interior da caverna, espalhados em torno de uma lareira. Descobrimos que os fósforos que eu havia recuperado da casa de meu pai eram de valor inestimável, assim como os gravetos que eu trouxe de fora. Todos ajudaram a acender o fogo e, depois disso, nos revezamos para ir para fora, encontrar pequenos troncos que estejam o mais seco possível para coloca-los na fogueira, cada vez maior. As ferramentas do pai vieram mesmo a calhar, usei o martelo e chave de fenda para lascas as cascas molhadas, deixar os galhos sem as camadas úmidas e conseguir a madeira mais seca possível. Agora, o fogo está crepitando, dando-nos todo o calor que precisávamos desesperadamente, aquele que eu estava desejando há alguns dias.

Quando me sento, esfregando minhas mãos diante do fogo, começo lentamente a sentir minhas pernas relaxarem. Eu não havia percebido o quão tensas elas estavam, como eu estava com tanto frio. Sinto-me como se eu estivesse descongelando, voltando a ser eu mesma novamente. É incrível o quão quente está ficando aqui. Com a lareira e abrigo contra o vento e neve, é quase como estar dentro de uma casa.

Quando olho para fora, para a entrada da caverna, vejo que está escuro. A tempestade ficou pior, muito pior, e continua a cair neve com força, silenciosamente e ameaçadoramente, acumulando quase um metro de altura fora da caverna. Os assobios de vento e, ocasionalmente, uma rajada particularmente forte trazem alguns flocos para dentro da caverna. Mas, felizmente, estamos bem protegidos. Este lugar é uma dádiva de Deus. Eu não sei o se teríamos sobrevivido sem ele.

Logan se senta sozinho, na entrada da caverna, olhando para a tempestade, observando o céu escuro, e principalmente mantendo os olhos fixos no barco. Fui até lá algumas vezes verificar o

barco também. Sempre a mesma: estava balançando freneticamente na água da tempestade, mas amarrado com segurança, o mais protegido que poderia estar nesta tempestade. O barco não vai a lugar nenhum. Não há ninguém à vista, até onde os olhos podem alcançar. E, com o vento e neve em fúria, o barco parece escondido, eu sequer consigo vê-lo. Acho que Logan está sendo paranoico. Mas se isso o faz sentir melhor, ficar lá sentado vendo o barco, que assim seja. Eventualmente, ele vai ter que voltar para o fogo e aquecer-se.

Ao meu lado, apoiando-se sobre o fogo, está Ben. Ele me impressionou com suas habilidades: para minha surpresa, ele pegou minha faca de caça e começou a mexer no cervo e, em questão de minutos, ele o abre habilmente. Então ele o corta em pedaços perfeitos, sabendo exatamente quais partes eliminar. Em seguida, ele divide a carne em cinco grandes porções, empalando cada uma em um graveto afiado, e os apoia sobre as chamas crepitantes. Ele vira a carne de vez em quando, o cheiro vai enchendo meus sentidos por um tempo, fazendo meu estômago rosar. O cheiro é delicioso e estou salivando só de pensar em comer uma refeição de verdade.

Eu olho mais uma vez para Rose. Trouxe-a para perto do fogo, debaixo de uma espessa camada de agulhas de pinheiro, e eu posso ver que ela ainda está dormindo um sono inquieto, com a sobrancelha franzida. Mudei seu curativo novamente algumas horas atrás e, quando o fiz, eu dei uma olhada na cor do ferimento. Está pior, a ferida está muito inflamado, espalhando-se pelo seu braço em ambas as direções e estava começando a cheirar mal. Parece que gangrenou. Eu não gosto de ver o quão rapidamente suas bandagens ainda estão cheias de sangue.

Rose parece delirar. Dou-lhe um comprimido para dormir a cada poucas horas, mas eu não sei por quanto tempo isso vai funcionar. Eu não sei mais o que fazer por ela. Sinto-me tão inútil. O que ela realmente precisa é de medicamentos. Medicamentos especiais. E eu não tenho nem ideia de onde começar a procurar por isso. Mesmo que, de alguma forma, eu pudesse enfrentar este tempo e levar o barco pela nevasca com o pouco combustível que nos resta, mesmo se eu pudesse de alguma forma encontrar uma cidade em algum lugar, não é como se nós pudéssemos procurar por uma farmácia funcionando. Eu sei que seria uma causa perdida e colocaria em risco o resto de nós.

Então eu faço o melhor que posso para apenas mantê-la confortável, e rezar pelo melhor. Eu me aproximo, me abaixo e desato lentamente seu último curativo, cheio de sangue.

Rose geme de dor quando eu o tiro. Mais uma vez, eu amaldiçoo o Louco que a mordeu.

Tiro o curativo, deixando a ferida exposta ao ar, vou para a entrada da caverna e pego um punhado de neve, como já fiz várias vezes. Eu volto com ele e me ajoelho ao lado dela, depois coloco a neve sobre sua ferida. Ela estremece e geme quando eu o faço. Espero que a neve faça uma limpeza, resfriando-a um pouco. Eu faço outro curativo novo, seco pelo fogo e, delicadamente, o envolvo em torno de sua ferida.

Rose abre os olhos e olha para mim. Eles são tão pequenos e estão com tanto medo.

"Obrigada", diz ela.

Meu coração se parte ao som de sua voz. Ela é tão doce, tão corajosa. Se eu tivesse a idade dela, eu duvido que seria tão valente. Qualquer outra garota estaria gritando e reclamando.

Eu me inclino para baixo e beijo sua testa, fico assustada ao sentir o quão úmida ela está. Meu coração está partido em mil pedaços. Eu sei que isso não pode acabar bem. Eu não vejo como poderia.

Eu quero gritar para o mundo, por causa da injustiça de tudo isso. Não é justo. Uma menina tão doce, linda e incrível como ela ser tirada de nós. Estou sem palavras, faço o meu melhor para segurar as lágrimas e parecer forte para ela.

"Você vai ficar bem", eu digo, convocando a voz mais confiante que posso.

Ela sorri fracamente, como se pudesse ver a verdade através de mim. Isso me faz pensar em algo que alguém me disse uma vez: na morte, é concedido o dom de se ver através de todas as mentiras.

Bree, sentando-se do outro lado de Rose, estende a mão e acaricia os cabelos de Rose para trás.

Bree parece mais atormentada do que ela. Eu nunca a vi tão triste em minha vida inteira. É quase como se ela fosse a única ferida.

Penélope se inclina sobre o peito de Rose e lhe lambe o rosto de vez em quando.

"Você vai comer alguma coisa?" Eu pergunto a Rose.

"Eu posso tentar", diz ela com voz fraca. "Mas eu não estou com muita fome."

Eu trago o saco de estopa para perto, tiro um pote de geleia e tiro a tampa. Eu posso sentir o cheiro daqui: é cereja. Tem um cheiro delicioso.

"Você gosta de cereja?" Eu pergunto a ela.

"É a minha fruta favorito", ela responde.

Chego com o meu dedo, coloco-o no pote, tiro uma porção de geleia e a ponho em seus lábios.

Ela lambe, fecha os olhos e sorri. Eu estendo a mão com mais um pouco, mas ela balança a cabeça negativamente. "Eu já tive o suficiente", diz ela.

Eu entrego o frasco para Bree, mas ela balança a cabeça.

"Por favor, Bree, você precisa comer."

"Dê o meu para Rose", diz ela, olhando para baixo com tristeza.

Eu estendo a geleia para Penélope, ela devora sem hesitar.

"Está pronto", diz uma voz.

Viro-me e vejo Ben tirar os pedaços de carne fora do fogo. Ele estende os gravetos, pego um deles e passo para Bree. Eu tomo outro e dou para Rose. Eu me inclino, mantenho sua cabeça erguida e, gentilmente, levo comida para seus lábios.

"Por favor, Rose," eu digo. "Você precisa comer algo. Isso irá ajudá-la a se sentir melhor. "

"Não estou com fome," ela diz. "É sério."

"Por favor. Por mim."

Eu posso ver que Rose não quer, mas ela pega pequena mordida de carne por mim. Ela mastiga fracamente, me olhando.

"Você me faz lembrar de minha mãe", ela fala.

Meus olhos se enchem de água e preciso de todas as minhas forças para segurar as lágrimas.

"Eu a amava", diz Rose.

"O que aconteceu com ela?" Eu pergunto. Eu sei que não deveria. Seja qual for a resposta, não deve ser boa.

"Eu não sei", ela responde. "Eles me levaram para longe dela. Ela tentou me salvar. Mas havia muitos deles. Eu nunca mais a vi. Você acha que ela está bem?", Ela pede.

Eu tento o meu melhor para sorrir.

"Eu acho que ela está bem", eu minto. "E sabe o que mais?"

Rose sacode a cabeça lentamente.

"Eu sei que, se ela estivesse aqui, agora, ela se sentiria tão orgulhoso de você."

Ela sorri.

Eu abaixo a comida para ela novamente, mas desta vez, ela balança a cabeça com veemência. "Eu não consigo", ela fala. "Dói tanto", ela admite, piscando os olhos de dor.

Eu tento pensar no que mais posso fazer por ela. Tudo o que posso pensar é mantê-la confortável.

Talvez eu devesse dar-lhe um outro remédio para dormir.

Corro para o fogo e pego a garrafa de vidro com a neve derretida, agora é só água. Eu a trago de volta para Rose. "Beba", eu digo, pondo uma pílula em sua língua. Ela o faz.

Sento-me ao lado dela e lhe acaricio os cabelos. Eu vejo seus olhos já fechando, e sinto que, em poucos minutos ela estará dormindo.

Olho para Bree e vejo que ela não tocou na comida.

"Bree, coma", eu peço. "Por favor."

"Você não está comendo", ela fala.

Ela está certa.

"Eu como se você comer", digo. "Precisamos. Não comer não vai ajudar Rose a ficar melhor. "

Chego até a lareira, pego meu graveto com carne e dou uma mordida. A carne é dura e sem gosto, mas eu não estou reclamando. Pode não ser saborosa, mas encho minha boca e percebo o quão faminta estou. Dou uma mordida após a outra, quase incapaz de me conter. Eu sinto os nutrientes entrarem em meu corpo e não me lembro de quanto tempo faz desde a última vez que eu comi carne

fresca cozida.

A fome de Bree também é saciada, ela finalmente come. Após umas poucas mordidas, para e descasca uma tira carne para Penélope, que arrebatada da sua mão. No passado, Bree iria rir; mas agora, ela permanece sombria.

Ben se senta na parede distante, à minha frente e mastiga calmamente. Eu vejo o pedaço de carne restante no fogo e olho para Logan, ainda sentado, em guarda, na entrada da caverna. Eu olho para baixo e vejo que Rose está dormindo ao meu lado, então me levanto, pego o graveto e caminho até ele.

"Venha se sentar perto do fogo", eu digo. "Olhar para a escuridão não vai adiantar nada. Não tem ninguém nesta ilha, ninguém está pegando nosso barco. Nós mal conseguimos ver dois metros à frente do nosso rosto. Venha. Se você não comer e não dormir, não vai ajudar nenhum de nós. Precisamos de você forte. "

Relutantemente, ele cede se levanta, pega o pedaço de carne e me segue de volta para o fogo.

Sento-me ao lado de Rose e Bree, nossos pés voltados para o fogo e Logan se junta a nós. Ele se senta e come.

Todos nós nos acomodamos e ficamos lá sentados por um longo tempo em silêncio, o único som é o estalo de madeira queimando e as rajadas de vento lá fora. Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me relaxada, com cada um de nós sentados ali, olhando para as chamas, cada um perdido em seu próprio mundo. Eu não deixo de sentir que estamos todos apenas esperando para morrer, cada um de sua própria maneira.

Rose, de repente, resmunga e grita em seu sono. Bree corre até ela e pega sua mão, Penélope dá um ganido.

"Está tudo bem, Rose," Bree a tranquiliza, acariciando seus cabelos.

Eu não consigo assistir a isso, não vou suportar vê-la sofrendo.

"Se não fizermos alguma coisa, ela vai morrer", eu digo baixinho para Logan.

Ele faz uma careta. "Eu sei", diz ele. "Mas o que podemos fazer?"

"Eu não sei", eu digo, sentindo-me desesperada e sem esperança.

"Isso é porque não há nada que possamos fazer. Nós passamos por centenas de quilômetros, e só há escombros. Você acha que, se sairmos lá fora agora, à noite, nesta nevasca, vamos encontrar uma cidade por perto, antes que nosso combustível se esgote? Uma cidade que tenha o remédio que ela precisa? "Ele balança a cabeça lentamente. "Se formos lá fora agora, todos nós iremos ficar presos. Se eu achasse que houvesse alguma chance de encontrar o que ela precisa, eu o faria. Mas você sabe tão bem quanto eu que não há o que fazer. Ela está morrendo. Você está certa. Mas se formos por aí, todos nós vamos morrer, também. "

Eu escuto suas palavras, indignada, mas, ao mesmo tempo, tenho os mesmos pensamentos. Eu sei que ele está certo. Ele acabou de dizer o que está em todas as nossas mentes. Estamos em uma situação impossível. Não há nada que possamos fazer a não ser vê-la morrer. Isso me faz querer gritar.

"Não que eu queira ficar aqui sentado", ele diz. "Precisamos nos manter em movimento. Precisamos de armas. Precisamos de munição. E comida. Muita comida. Precisamos de suprimentos. E combustível. Mas nós não temos escolha. Precisamos esperar a tempestade passar. "

Eu olho para ele.

"Você está tão certo de que vamos encontrar este lugar que estamos procurando no Canadá?" Eu pergunto. "E se ele não existir?"

Ele franze a testa para baixo, para o fogo.

"Encontre uma alternativa melhor para o que estamos procurando ao longo do caminho e me avise. Se você encontrar um lugar seguro, com abundância de alimentos e suprimentos, eu fico.

Raios! Ficaria para sempre. Mas não vi nada disso. E você? "

Lentamente, relutantemente, eu balanço minha cabeça.

"Até então, vamos nos manter em movimento. É assim que eu penso. Eu não preciso encontrar o paraíso ", ele explica. "Mas eu não vou me estabelecer em um terreno baldio qualquer."

De repente, fico curiosa em relação a Logan, sobre de onde veio seu instinto de sobrevivência.

Sobre de onde ele veio. Como ele foi parar aonde ele parou.

"Onde você estava antes de tudo isso?" Eu pergunto baixinho.

Ele olha para o fogo e, pela primeira vez, me olha diretamente nos olhos. Então ele desvia o olhar para o lado. Uma parte de mim quer se aproximar dele, mas outra parte ainda está incerta. Eu ainda não sei muito bem o que pensar dele. Claramente, estou em dívida com ele. E ele está em dívida comigo. Tudo isso é um fato. Precisamos uns dos outros para sobreviver. Mas, se nós andaríamos juntos se as coisas fossem de outra maneira, é uma coisa completamente diferente. Eu me pergunto como seria.

"Por quê?", ele pergunta.

E assim ele é. Sempre reservado.

"Eu só quero saber."

Ele olha de volta para o fogo, minutos passam. As madeiras racham e estalam no fogo, começo a pensar que ele nunca vai responder. E, então, ele fala:

"Jersey".

Ele respira profundamente.

"Quando a guerra civil começou, entrei para o exército. Como todo mundo. Fui para o campo de treinamento, a formação, os nove metros. Levei anos para perceber que eu estava lutando a guerra de outras pessoas. Guerra de alguns políticos. Eu não queria fazer parte disso. Estávamos todos matando uns aos outros. Foi tão estúpido. Inútil. "

Ele faz uma pausa.

"As bombas foram lançadas, e toda a minha unidade foi dizimada. Eu tive sorte – estava debaixo da terra quando elas explodiram. Eu saí, consegui voltar para a minha família. Eu sabia que precisava retorna e protegê-los ".

Ele pára, respirando fundo.

"Quando cheguei em casa, meus pais estavam mortos."

Ele fica em silêncio por um longo tempo.

"Eles deixaram um bilhete", diz ele, fazendo uma pausa. "Eles mataram um ao outro."

Ele olha para mim, os olhos marejados.

"Eu acho que eles viram como o mundo ia ser e que não queriam fazer parte disso."

Estou surpreso com a sua história. Sinto um peso no meu peito. Eu não posso imaginar o que ele passou. Não é à toa que ele é tão reservado.

"Sinto muito", eu digo. Agora eu me arrependi de ter perguntado. Sinto que eu demandei uma resposta.

"Eu fiquei mais triste por meu irmão mais novo do que por mim", diz ele. "Ele tinha 10 anos e eu o encontrei em casa, escondido. Traumatizado. Mas sobrevivendo. Não sei como. Eu estava prestes a levá-lo para algum lugar, quando os comerciantes de escravos apareceram. Tinham-nos cercados e estávamos em menor número. Lutei e consegui matar alguns. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Havia muitos deles.

"Eles me fizeram um acordo: eles deixariam o meu irmão livre se eu me juntasse a eles. Eles disseram que eu nunca precisaria capturar ninguém, somente ficar de guarda na arena. "

Ele faz uma pausa por um longo tempo.

"Eu me justifiquei, para mim mesmo. Eu queria que meu irmão vivesse. E, depois de tudo, eu ouvi dizer que existem arenas muito piores arenas que a Arena Um".

O pensamento me enche de pânico: Eu nunca tinha imaginado que algo pior poderia estar lá fora.

"Como isso é possível?", pergunto.

Ele balança a cabeça. "Há todos os tipos de coisas doentes lá fora", diz ele. "Gangues. Canibais.

Os mutantes. E outras arenas que fazem da Um, um nada. "

Ele suspira.

"De qualquer forma, eu dei ao meu irmão duas armas carregadas, deixei comida por duas semanas, minha moto, e mandei-o ir embora, pela Rota 80, em direção ao oeste. Eu disse a ele para

ir para a casa de Jack, nosso tio, em Ohio, se ainda estivesse por lá. Pelo menos, era um destino. Eu me certifiquei que ele alcançou a estrada e foi na direção certa. Essa foi a última vez que eu o vi. "

Ele suspira.

"Os comerciantes de escravos me levaram, me fizeram um deles, e eu fiquei de guarda na arena.

Durante meses, todas as noites, eu assisti os jogos. Tinha nojo. Eu vi novas pessoas chegarem e partirem a cada noite. Mas eu nunca vi ninguém sair de lá vivo. Nunca. Até que você veio. "

Ele olha para mim.

"Você foi a única."

Eu olho para ele, surpresa.

"Quando eu vi você lutar, eu sabia que minha hora tinha chegado. Eu tinha que sair daquele lugar.

E eu tinha que fazer tudo o que pudesse para ajudá-la".

Penso em quando eu o conheci, como sou grata a ele por nos ajudar. Lembro-me de nossa viagem pelo centro da cidade, ele me alimentando quando eu estava doente, como me senti grata de estar novamente com ele.

"Você me disse algo uma vez," eu começo. "Perguntei-lhe por que fez isso. Por que você me ajudou. E você disse que eu o lembrava de alguém. "eu olho para ele, meu coração palpitando. Eu sempre tive vontade de lhe perguntar isso. "Quem?"

Ele olha para trás, para o fogo. Fica quieto por um longo tempo, me pergunto se ele vai me responder.

Por fim, em voz baixa, ele diz. "Minha namorada".

Isso me surpreende. De alguma forma, eu não consigo imaginar Logan com uma namorada. Eu o imagino em um quartel militar. Também estou chocada que eu o faça lembrar-se dela. Isso me deixa pensativa. Quem era ela? Será que ela se parece comigo? É por isso que ele fez isso? Será que ele a vê quando me vê? Ou será que ele realmente gosta de mim?

Em vez disso, eu só posso reunir toda a minha coragem e perguntar: "O que aconteceu com ela?"

Lentamente, ele balança a cabeça. "Morta".

Perguntei demais. Em outro tempo e lugar, estas seriam perguntas inofensivas, mas não vivemos em uma época inofensiva e, aqui e agora, mesmo a pergunta mais inocente leva a respostas letais. Eu deveria ter lembrado o que eu havia aprendido anos atrás: melhor não perguntar nada a ninguém. É melhor apenas viver no silêncio, no terreno baldio. Melhor não falar nada.

O I T O

Abro os olhos, olho a minha volta, tentando descobrir onde eu estou. Estou sentada, encostada na parede de pedra da caverna, olho ao meu redor e vejo todo mundo deitado ao redor do fogo, dormindo. Algo parece errado.

Eu sinto algo rastejando na minha perna, olho para baixo e vejo uma enorme tarântula, andando até minha panturrilha. Eu salto para cima com um sobressalto, afastando-a para fora, assustada. Sinto-me mais delas, em cima de mim, eu me giro de novo e de novo, freneticamente, tentando me livrar delas.

Eu olho para baixo e vejo dezenas delas, rastejando por todo o chão. Tarântulas cobrem as paredes, enxames delas, fazendo com que as paredes pareçam vivas.

Viro-me e olho para a entrada da caverna. Assim que eu o faço, de repente, uma dúzia de comerciantes de escravos aparecem. Eles estão usando máscaras e segurando armas, prontos para atacarem. Há muitos deles, e eles estão vindo muito rápido, armas em punho. Estou desarmada, e não há nada que eu possa fazer. Eles nos encontraram.

Eles vêm diretamente para mim, o mais próximo levanta a arma para a minha cabeça. Minha garganta fica seca, um momento antes, escuto um tiro.

Acordo ofegante, golpeando meus braços e pernas, tentando fazer com que as aranhas saíssem de mim. Eu olho a minha volta e percebo, aos poucos, que foi só um pesadelo.

Estou na caverna, inclinando-me contra a parede de pedra, diante das brasas que se consomem na fogueira. Todo mundo está dormindo, exceto, eu vejo, Logan, que fica na entrada, estoicamente olhando para fora, montando guarda. O dia amanhece.

Eu me sento, ofegante, tentando me acalmar. Foi tão vívido.

"Você está bem?" ouço uma voz suave.

Olho para Logan, que olha para trás, preocupado. Atrás dele, a neve está empilhada, pelo menos uns quarenta e cinco centímetros e ainda está nevando. Eu não posso acreditar. A tempestade não parou.

Eu respiro fundo e aceno de volta.

"Apenas um sonho ruim", eu digo.

Ele balança a cabeça, e se vira para olhar para fora.

"Eu sei como é isso", diz ele.

Eu me levanto, tiro as teias de aranha de mim e caminho até ele. Quando chego à boca da caverna, olho para fora. A luz do amanhecer é bela, com traços de vermelho no horizonte contra as nuvens cinzentas grossas. O Hudson se transformou em gelo em algumas partes. Névoa e neblina se instalam em todos os lugares, sinto como se estivéssemos em um cartão postal de inverno surreal. Está muito tranquilo. Sinto-me escondida aqui, segura. Eu olho para o nosso barco, coberto de neve, ainda balançando na água. Sim, é traiçoeiro lá fora, mas, ao mesmo tempo, isso significa que ninguém pode chegar até nós. Parece que temos mais um dia sem problemas; claramente, não podemos ir para lugar nenhum assim.

"Parece que nós não vamos a lugar nenhum hoje", eu digo.

"Parece mesmo."

Viro-me e olho para Rose, meu coração acelerado. Será impossível para nós sairmos e tentar encontrar um remédio para ela com este tempo, que é o único inconveniente.

Corro mais e a examino. Sua respiração é superficial e rápida. Ela parece mais pálida do que na noite anterior, seu curativo ficou verde e marrom, pus escorre para fora dos lados. Eu posso sentir o cheiro a metros de distância, e meu coração se retorce ao examiná-la.

Ajoelho-me e, lentamente, desembrulho. Como eu, ela torce e estremece, gemendo baixinho. Eu desvendá-lo, pingando com pus. Sua ferida se transformou inteiramente preto, purulenta, e eu quase

gag. Meu coração se parte em pedaços. Eu mal posso imaginar a dor e sofrimento que ela está no momento. Parece incurável. Eu sinto vontade de chorar, sabendo o que está no horizonte para ela. Eu daria qualquer coisa para ser médico, ter um médico aqui agora. É como assistir a minha própria irmã morrer, sem poder fazer nada.

Quero sentir que estou fazendo algo, então eu correr para a boca da caverna, pegue um pouco de neve fresca, e gentilmente colocá-lo em sua ferida. Ela estremece como eu fazê-lo. Eu tomo uma das ataduras frescas que me restam para secar pelo fogo, e envolvê-la ao redor, fazendo o melhor que posso.

Dirijo-me para trás e vir para Logan. Sento-me ao lado dele, olhando para a neve, e meus olhos se.

"Está ruim, não?", ele pergunta.

Concordo com a cabeça, sem olhar para ele.

"Você está fazendo tudo o que pode", ele fala.

"Não, eu não estou," eu respondo.

Ele fica calado.

Penso no que aconteceu, imaginando como poderíamos ter evitado isso. Eu deveria ter sido mais vigilante, naquela noite, quando os mutantes atacaram. Eu nunca deveria ter deixado Ben ficar de guarda. Eu sabia que ele era muito frágil, muito instável. Eu não posso deixar de sentir como se fosse tudo culpa minha.

"Não é culpa sua", diz Logan, surpreendentemente, como se estivesse lendo minha mente. "A culpa é dele", ele fala, apontando com a cabeça para trás, para Ben, que dorme ao lado da parede do fundo.

Logan recusou que Ben ficasse de guarda na noite anterior, ainda não confia nele. Eu posso sentir sua raiva e ressentimento em relação a ele, mas eu sei que isso não serve para nada. Sim, Ben adormeceu. Mas, mesmo que estivesse acordado, quem sabe se as coisas não teriam acontecido de forma diferente.

"Você não deveria ser tão duro com ele," eu digo. "Ele acabou de perder o irmão."

"Isso não é desculpa. Ele deveria ter ficado acordado, ou se ele não podia, ele deveria ter acordado um de nós. A culpa é dele que ela foi mordida. "

"Você está certo. Ele deveria ter ficado acordado. Mas mesmo que ele estivesse acordado, você realmente acha que as coisas teriam ocorrido de maneira diferente? Você acha que Ben os teria parado? "

"Sim, eu acho", ele responde. "Ele teria pelo menos nos acordado. Eu poderia ter feito algo mais cedo. "

"Nós estávamos em desvantagem numérica. Eles foram rápidos. Mesmo que ele nos acordasse, eu não sei se teria feito alguma diferença ".

Logan dá de ombros.

"De qualquer forma, a raiva e a culpa não vai nos ajudar agora", eu digo. "Ben sente muito.

Precisamos ficar unidos. Vocês precisam superar o seus problemas e se darem bem. "

"Eu não preciso me dar bem com ninguém", Logan fala.

Eu olho para ele, perguntando se ele acha que toda a sua vida é uma ilha.

"Continue pensando assim".

*

A neblina vem rolando pelo Hudson enquanto eu ando com Ben, nossas botas triturando a neve, estamos atravessando a ilha, à tarde, à procura de comida. A nevasca ainda está continua, pior do que nunca, o vento nos chicoteia com rajadas ocasionais. É incrível. Eu sinto que não para de nevar há dias. A neve chega aos joelhos, fazendo com que cada passo seja feito com esforço. Quando o vento sopra, eu posso ver talvez a uns noventa metros de distância, quando isso não acontece, e a névoa se reúne, eu mal posso ver três metros a minha frente. Com o nevoeiro e a neve, sinto que a nossa caça, hoje, é um esforço inútil. Eu acho que Ben também pensa assim.

Mas temos que tentar. Sabemos que há outros veados por aqui, e eles não têm para onde ir. Nós temos que encontrá-los, conseguir pelo menos mais uma boa refeição para todos nós, antes de partirmos. Bree precisa desesperadamente de proteína, e Rose ... Bom, meu coração afunda quando

eu penso nela.

Está um tempo horroroso aqui, meus pés e rosto entorpecidos, mas, de certa forma, ainda é melhor do que estar na caverna. Com Rose morrendo, a caverna tornou-se pequena, tensa, claustrofóbica, preenchida com o cheiro da morte. Eu precisava sair. E eu acho que Ben também. Logan, é claro, queria ficar para fazer guarda, observar o barco. Eu acho que ele nunca mais poderia confiar em Ben para manter a guarda de novo.

Ben segura o arco e as flechas pendurados no ombro, eu só tenho a minha faca de caça. Se detectarmos os veados, Ben é a nossa melhor esperança. Mas, mesmo com sua habilidade, eu não vejo como ele possivelmente seria capaz de caçar hoje. É provavelmente uma causa perdida, mas ainda assim, uma distração bem-vinda.

Ben e eu andamos em silêncio, sem falar um com o outro. Mas é um silêncio confortável. Eu sinto que ele saiu de sua concha desde ontem. Talvez ele se sinta mais confiante, talvez um pouco melhor em relação si mesmo, depois de levar o cervo para o jantar. Agora ele percebe que não é inútil.

"Onde você aprendeu a atirar assim?" Eu pergunto.

Ele olha para mim, assustado; são as primeiras palavras que falei, quebrando um longo silêncio.

Continuamos por mais alguns passos antes de ele responder.

"Quando eu era mais novo", diz ele, "antes da guerra. Acampamento diurno. Tiro com arco e flecha era meu talento. Eu ficava no intervalo por horas e horas, muito tempo depois que todos iam embora. Eu não sei por que, eu sempre adorei. Eu sei que é bobagem ", ele diz, e faz uma pausa, parecendo envergonhado", mas era o meu sonho competir nos Jogos Olímpicos. Antes da guerra, era a isso que eu me dedicava ".

Estou surpreso por isso, não esperava isso dele, de todas as pessoas. Mas eu me lembro de seu tiro, foi extraordinário.

"Eu gostaria de aprender", eu digo.

Ele olha para mim, as sobrancelhas arqueadas em surpresa.

"Eu vou te ensinar", ele diz.

Eu olho para ele e sorrio. "Eu acho que é um pouco tarde para isso."

"Não, não é", diz ele com firmeza. "Nunca é tarde demais."

Eu ouço a seriedade em sua voz, e estou surpresa ao ver o quão determinado ele é.

"Eu quero te ensinar", ele insiste.

Eu olho para ele, surpresa. "Agora?", Pergunto.

"Por que não? Nós estamos aqui há horas, e não há nenhum sinal do cervo. Não é como se nós fôssemos perdê-lo se gastarmos alguns minutos. "

Eu acho que ele tem razão.

"Mas não temos um campos de treinamento aqui", eu digo. "Nós não temos alvos nem nada disso."

"Você está errada", ele diz com um sorriso. "Olhe ao seu redor. Tudo na sua frente é o alvo de um arqueiro. Na verdade, as árvores são um dos melhores alvos. "

Eu olho em volta e tenho uma nova visão da floresta.

"Além disso", ele diz, "Estou cansado de andar. Eu não me importaria de fazer uma pausa por alguns minutos. Venha aqui ", diz ele, apontando.

Minhas pernas estão ficando cansadas, também e eu realmente gostaria de aprender. Eu odeio depender de outras pessoas para as coisas, gosto de aprender tudo o que posso para ser autossuficiente. Estou em dúvida sobre se eu posso realmente aprender esta habilidade, especialmente nestas condições, mas estou disposta a tentar. Além disso, é a primeira vez que Ben está sendo carinhoso comigo, e eu sinto que ele está começando a sair de seu trauma. Se isso ajudá-lo, então eu estou disposta a fazê-lo.

Vou até ele, e ele remove o arco do ombro e entrega para mim.

Eu seguro o arco com a mão esquerda e pego a corda com a minha mão direita, testando. Ele é mais pesado do que eu pensava, a sua grande estrutura de madeira faz pressão no meu braço.

Ben chega por trás de mim, estende a mão e põe a mão esquerda sobre a minha mão esquerda, sem cima do punho do arco. Quando ele o faz, sinto um calafrio. Ele me pegou desprevenida. Eu não

esperava que ele viesse tão perto, que ele encostasse sua mão na minha. A sensação de seu toque é como um choque elétrico.

Ele estende sua mão direita e a coloca sobre a minha mão direita, na corda. Sinto seu peito tocar as minhas costas.

"Segure-o assim", ele diz. "Apoie seus ombros. Se você estiver segurando muito para o alto, você nunca vai atingir seu alvo. E mantenha-o mais perto ", ele continua, puxando-o para mais perto do meu peito. "Alinhe os olhos no entalhe. Você está muito tensa. Relaxe. "

"Como vou relaxar quando estou puxando a corda?" Eu pergunto.

Mas eu não consigo relaxar por outra razão: eu estou nervosa. Eu não estive tão perto de um menino nos últimos anos. E eu me dou conta de que há algo sobre Ben que eu realmente gosto. Que eu sempre gostei, desde que eu o conheci.

"O paradoxo do tiro com arco e flecha", diz ele. "Você tem que estar tenso e relaxado ao mesmo tempo. Você está puxando uma corda amarrada a um pedaço de madeira, e essa tensão é o que vai fazer com que a flecha voe. Ao mesmo tempo, os músculos precisam ser flexíveis para direcioná-la.

Se você ficar tensa, você vai perder o alvo. Deixe os seus ombros, mãos, pulsos e pescoço todos relaxados. Não coloque o seu foco no arco, mas no alvo. Experimente. Veja aquela árvore, aquela torta? "

Uma rajada vem e o nevoeiro levanta por um momento e, ao longe, avisto uma árvore grande, retorcida, de pé por si só, cerca de trinta metros de distância.

Ben dá um passo para trás, soltando-me e eu me vejo sentindo falta da sensação de seu toque. Eu puxo a corda e miro. Fecho um olho e tento focar o entalhe no final da madeira, tentando alinhar a flecha.

"Abaxe um pouco o arco", ele sugere.

Eu o faço.

"Agora, respire fundo e, em seguida, lentamente, solte."

Eu respiro fundo e, ao exalar, solto o ar. A corda é liberada e a flecha sai voando.

Mas fico decepcionada ao ver que ela não bateu na árvore. Errei por vários metros.

"Eu disse que isso era um desperdício de tempo", eu falo, irritada.

"Não, não é", ele me anima. "Isso foi bom. O problema era que você não posicionou bem seus pés. Você deixou sua força no arco. Sua força está em seus pés e em seus quadris. Você tem que estar enraizada. Plante a si mesma. Tente de novo ", diz ele, entregando-me outra flecha.

Eu olho para ele, preocupado.

"E se eu falhar?" Eu digo.

Ele sorri. "Não se preocupe. Eu vou encontrar as flechas. Elas não podem ir muito longe. "

Eu tomo outra seta e coloco-a sobre a corda.

"Não a puxe para trás de uma só vez", ele aconselha, gentilmente. "É isso aí", acrescenta ele, quando me vê puxando mais devagar.

A sequencia é mais tensa desta vez, talvez porque eu esteja nervosa, ou talvez porque eu me sinta mais competitiva. Ao puxar a corda para trás, sinto o arco tremer arco, e é difícil de parar.

"É difícil firmá-lo", eu digo. "Meu objetivo esta em todos os lados."

"Isso é porque você não está respirando", diz ele. "Relaxe os ombros, abaixe-os e puxe para mais perto de seu peito."

Ele vem atrás de mim, se estica e coloca suas mãos sobre as minhas. Eu sinto seu peito contra as minhas costas e, lentamente, deixo de tremer um pouco menos.

"Ótimo", ele fala, dando um passo para trás. "Ok, respire fundo e solte."

Eu o faço e depois atiro.

É emocionante assistir a flecha ir voando pelo ar, pela espessa nevasca e vê-la bater na árvore.

Ela não atingiu o centro, como eu esperava, mas ela atinge a borda do tronco. Pelo menos, acertei.

"Ótimo!" Ben grita, realmente animado.

Eu não sei se ele está apenas sendo gentil, ou se ele está falando a verdade, mas, de qualquer forma, sou grata pelo seu entusiasmo.

"Não foi grande coisa", eu digo. "Se fosse um veado – especialmente um em movimento – eu nunca teria atingido."

"Dê a si mesmo um desconto", ele fala. "Esse foi o seu primeiro tiro. Tente novamente. "

Ele estende a mão e me entrega uma outra flecha. Desta vez, eu a coloco na corda, mais confiante e a preparo. Desta vez, eu puxo a corda de volta com mais facilidade, com mais firmeza, lembrando-me de tudo o que ele me ensinou. Eu planto meus pés e abaixar o arco. Aponto para o centro da árvore, e puxar a corda para trás, respirando profundamente, antes de soltar.

Antes mesmo de soltá-la, de alguma forma, sei que será um bom tiro. É estranho, mas antes mesmo de atingir, eu sei que vai dar certo.

E rela mente dá. Eu ouço o som de madeira sendo atingida pela flecha, mas, daqui a névoa está espessa e eu não posso dizer onde eu acertei.

"Vamos lá", diz Ben, trotando para a frente animadamente em direção à árvore. Eu o sigo, igualmente curiosa para ver o resultado.

Chegamos à árvore, e eu não posso acreditar. Foi um tiro perfeito. No centro.

"Bingo!", Ele grita, batendo palmas. "Está vendo? Você é um talento natural! Eu não teria conseguido isso na minha primeira vez! "

Pela primeira vez em muito tempo, tenho a sensação de elevar minha autoestima, de ser boa em alguma coisa. Parece verdadeiro, genuíno. Talvez eu tenha uma chance de tiro com arco, pelo menos o suficiente para pegar o jantar de vez em quando. Esse tiro pode ter sido um golpe de sorte, mas de qualquer forma, eu sinto que eu posso obter prática a longo do tempo. É uma habilidade que eu sei que eu posso usar. Especialmente aqui.

"Obrigada", eu digo, me sentindo profundamente grata, ao entregar-lhe o arco de volta.

Ele o leva, enquanto procura pelas flechas da árvore e as põe de novo no estojo em suas costas.

"Você quer segurá-lo?", ele pergunta. "Você quer disparar sobre os cervos, se algum dia a gente encontrá-los?"

"De jeito nenhum. Se encontrarmos, teremos uma oportunidade. Não quero perder o jantar de todos. "

Voltamo à caça, indo mais para dentro da ilha.

Nós caminhamos em silêncio por vários minutos, mas agora é um silêncio diferente. Algo no ar mudou, nós estamos mais próximos um do outro do que antes. É como se o silêncio tivesse passado

de um confortável a um mais íntimo. Estou começando a ver as coisas de Ben que eu gosto, coisas que eu não tinha visto antes. Sinto que é hora de lhe dar uma segunda chance.

Continuamos andando, atravessando a floresta, quando, de repente, para minha surpresa, a ilha termina. Chegamos a uma pequena praia de areia, agora coberta de neve. Nós ficamos lá olhando para o Hudson, que agora é só uma enorme parede branca. É como olhar para uma parede de nevoeiro. Como olhar fixamente para o nada.

E lá, para minha surpresa, na praia, inclinando-se para beber a água do Hudson, está um veado. Não está a mais que seis metros de nós, nem mesmo está ciente da nossa presença. Está exposto a céu aberto, quase fácil demais para um tiro. Uma parte de mim não quer matá-lo.

Mas Ben já tem o arco na mão, uma flecha posicionada e, antes que eu possa dizer algo, ele puxa a corda.

Ao menor barulho, o veado levanta a cabeça e se vira, eu o sinto olhando diretamente para mim.

"NÃO!" Eu grito para Ben, sem me conter.

Mas é tarde demais. O cervo tenta fugir com meu grito, mas a flecha já está voando. Ela voa na velocidade da luz e atinge o veado no pescoço. O cervo dá alguns passos para a frente, tropeça e, em seguida, cai, a neve branca pura imediatamente fica vermelha.

Ben vira e olha para mim, surpreso.

"O que foi aquilo?", ele pergunta.

Ele olha para mim, seus olhos grandes, azuis cheios de surpresa. Eles parecem iluminados pela neve, cativantes.

Eu não tenho ideia de como responder. Estou envergonhada. Desvio o olhar de vergonha, não querendo encontrar aqueles olhos.

"Eu não sei", eu digo. "Foi estúpido. Sinto muito. "

Espero Ben para me dizer que eu sou boba, que eu quase o fiz perder o jantar, que eu deveria ter mantido minha boca fechada. E ele estaria certo.

Mas em vez disso, ele estende sua mão e pega a minha. Eu olho para ele, e ele olha para mim com seus grandes olhos sensíveis, e diz:

"Eu entendo".

*

O clima é sombrio quando nos sentamos em volta da fogueira, olhando para as chamas após a refeição. A noite caiu e, inacreditavelmente, ainda está nevando. Agora deve um metro de altura de neve por aí, acho que todos nós estamos querendo saber se alguma vez vai deixaremos este lugar.

É claro que não devemos ficar reclamando: pela primeira vez em muito tempo, temos abrigo de verdade, fogo, calor, sem medo de ataques e comida de verdade. Mesmo Logan finalmente relaxou sua guarda, percebendo que ninguém poderia chegar a esta ilha nestas condições. Ele finalmente parou de fazer guarda sentado e agora se senta com o resto de nós, olhando para as chamas.

Ainda assim, estamos todos tristes. Pois ao nosso lado, deitada, gemendo, está Rose. É óbvio que ela atingiu um ponto sem retorno, ela pode morrer a qualquer momento. Toda a cor deixou sua pele, o negro da infecção se espalhou por todo seu ombro e peito e ela está lá, cheia de suor e se contorcendo de dor. Os olhos de Bree estão vermelhos de tanto chorar. Penélope fica no peito de Rose, lamentando-se de forma intermitente, recusando-se a ir para outro lugar. Eu me sinto como se eu estivesse esperando a morte.

Normalmente, eu iria devorar a carne fresca, mas hoje eu como apenas metade, assim como os outros. Bree nem sequer tocar a porção dela. Até mesmo Penélope, quando eu lhe entreguei um pedaço, se recusou a comer. É claro que Rose não iria dar uma mordida.

Parte meu coração vê-la sofrer assim. Eu não sei mais o que fazer. Dei-lhe o restante dos comprimidos para dormir, três de uma vez, na esperança de anestesiá-la, aliviar sua dor. Mas agora ela está sofrendo muito, as pílulas não fazem efeito. Ela chora e geme e se contorce em agonia. Fico sentada, acariciando seus cabelos, olhando para as chamas, me perguntando quando isso vai acabar. Eu sinto como se todos nós estivéssemos presos em algum sofrimento interminável que não tem hora

para acabar.

"Leia uma história para mim", pede Bree.

Viro-me e vejo que ela está me olhando com os olhos vermelhos.

"Por favor", ela implora.

Eu coloco um braço em torno dela e a abraço apertado; ela descansa a cabeça no meu ombro, chorando baixinho.

Eu fecho meus olhos e tento me lembrar das palavras de A Árvore Generosa. Elas geralmente vêm a mim, de imediato, mas, esta noite, eu estou tendo um momento difícil. Minha mente está confusa.

"Eu ..." Eu começo e então paro. Eu não posso acreditar, mas eu estou tendo um branco. "Sinto muito. Eu não me lembro. "

"Então me conte uma história", diz ela. "Qualquer coisa. Por favor. Algo de antes da guerra. "

Penso nas minhas lembranças, tentando me recordar de algo, qualquer coisa. Mas eu estou tão cansada e tão exausta, que nada me vem à mente. Então, de repente, eu me lembro.

"Lembro-me de uma noite, quando você era mais nova" eu começo. "Você devia ter uns quatro anos. Eu tinha uns onze anos. Estávamos com a mamãe e o papai. Era uma noite de verão, a mais

perfeita, linda noite, não tinha nenhuma brisa e o céu estava cheio de estrelas. Mamãe e papai nos

levaram para um carnaval ao ar livre, eu não me lembro de onde. Era uma espécie de região

agrícola, porque eu me lembro de andar por todos esses campos de milho. Parecia que andamos a

noite toda, um passeio mágico através de fazendas abertas, subindo e descendo colinas suaves.

Lembro-me de olhar para cima e admirar todas as estrelas. Havia tantas delas e eram tão brilhantes.

O universo parecia vivo. E eu não me sentia sozinha.

"E então, depois de toda essa caminhada no meio do nada, ali, no meio destes campos, havia um

pequeno carnaval da cidade. Ele iluminou a noite. Havia jogos e pipoca e algodão doce e maçãs do

amor e todos os tipos de coisas divertidas. Eu me lembro de que você amou as maçãs do amor. Havia

um estande, onde as maçãs flutuavam e você afundou a cabeça na água para tentar morder uma. Você deve ter tentado uma centena de vezes. "

Eu olho para baixo e vejo Bree sorrindo.

"Será que a mamãe e o papai ficaram bravos?"

"Você conhece o papai", eu digo. "Ele fica impaciente. Mas você era tão insistente que eles esperaram. Eles não eram loucos. No final, papai ficou até torcendo por você. Disse-lhe como domo

você deveria fazer, lhe aconselhou. Você sabe como ele é. "

"Como se estivéssemos no Exército", ela lembra.

"Exatamente."

Eu suspiro e penso, tentando me lembrar de mais.

"Eu me lembro de que eles nos deram os bilhetes para a roda-gigante e nós quatro nos sentamos juntos, na frente. Você adorou. Você não queria sair. Mais do que tudo, você tinha amado as estrelas. Você queria que a roda gigante parasse quando estávamos no topo, para que você pudesse estar mais perto do céu enquanto você olhava. E você fez com que mamãe e papai fossem de novo com você até que você finalmente conseguisse o que queria. Você estava tão feliz. É tão bom com o céu: apontou para a Via Láctea e a Ursa Maior e tudo. Coisas que eu nem sabia. Eu nunca vi você tão contente."

Bree tem um verdadeiro sorriso em seu rosto agora, enquanto ela descansa a cabeça no meu ombro. Posso sentir seu corpo começar a relaxar.

"Conte-me mais", diz ela, mas agora sua voz é um sussurro suave, caindo no sono.

"Mais tarde, fomos para uma sala de espelhos. E, em seguida, assistimos a um show de horrores. Havia uma mulher barbada, e um homem de 300 kg, e um outro homem que tinha dois metros de altura. Ele era assustador.

"O jogo favorito do papai eram as armas. Ele nos fez parar nas armas BB e ficou ele disparando de novo e de novo. Quando ele perdeu um alvo, ele ficou bravo e culpou o gerente pela arma defeituosa. Ele insistiu que ele nunca perdeu um tiro, que havia algo errado com a arma e que ele queria que seu dinheiro de volta. Sabe como o papai era. "

Pensando nisso agora, eu sorrio com a lembrança dele. Algo assim não teria a menor importância nos dias de hoje.

Eu olho para baixo, esperando ver Bree sorrir de volta, mas a encontro dormindo.

Rose solta grunhidos e se contorce de novo, perto do fogo, e, desta vez, Logan parece realmente abatido. Ele se levanta, caminha até a entrada da caverna e olha para fora da neve, aparentemente assistindo nosso barco. Mas eu sei que ele não está prestando atenção; não há nada para ver lá fora.

Ele só não pode tirar sua dor e sofrimento. Está perturbando ele, talvez mais do que ninguém.

Ben se senta à minha frente, olhando para as chamas também. Ele parece estar se recuperando cada vez mais. Tenho certeza que ele deve ter melhorado sua autoestima ao nos alimentar por duas noites.

Sento-me em silêncio, olhando para o fogo por o que parece horas, Bree dormindo em meus braços. Não sei quanto tempo se passou, quando Ben fala:

"O que aconteceu em Nova York foi horrível."

Eu olho para ele, surpresa. Ele olha diretamente para mim, seus grandes olhos com alma me encarando e eu posso ver que ele quer falar, que ele quer que eu saiba. Que ele está pronto. Ele quer me contar tudo.

N O V E

"Eu peguei o trem onde meu irmão estava", Ben começa a contar ", ele me levou até o fundo dos túneis. Parou em uma grande estação de mineração, no subsolo. Havia centenas de meninos acorrentados juntos, trabalhando como escravos. Eu olhei para todos os lugares por ele. Em todos os lugares. Mas eu não poderia encontrá-lo ".

Ele suspira.

"Eu me aproximei sigilosamente até um dos meninos e lhe perguntei. Eu me escondi nas sombras enquanto ele perguntava ao redor. Eu o descrevi perfeitamente. Finalmente, a palavra voltou para mim. Eles disseram que ele estava morto. Todos concordaram. Eles viram um dos comerciantes de escravos ficar bravo com ele por não se mover rápido o suficiente, disseram que o golpearam com uma corrente. Eles o viram morrer. "

Há um longo silêncio, e então um grito abafado e eu vejo Ben enxugando suas lágrimas. Nem sei

o que dizer. Eu não posso compreender a culpa que ele deve sentir.

"Eu nunca deveria tê-lo deixado sozinho", diz Ben. "Lá nas montanhas. Eu o deixei sozinho, só por uma hora. Eu não achei que eles viriam. Eu não os via há anos. "

"Eu sei", eu digo. "Eu nunca pensei que isso aconteceria, tampouco. Mas não é culpa sua. Eles são os culpados, não você. "

"A pior parte de tudo isso, para mim, é não vê-lo morto por mim mesmo", diz Ben. "Não vê-lo morto. Sem saber ao certo. Eu não posso explicar isso, mas eu não acredito que ele esteja morto.

Uma parte de mim ainda acha que esses meninos poderiam ter confundido-o com outra pessoa. Eu o conheço. Ele não iria morrer. Não gosto disso. Ele é forte. Inteligente. Mais esperto do que eu, mais forte do que eu. E mais corajoso do que eu. Eu acho que ele escapou. Eu realmente acredito. Eu acho que ele encontrou seu caminho de volta até o rio. Eu acho que ele vai voltar para a nossa casa, e me esperar lá. Voltar para as montanhas. "

Eu olho para Ben e vejo um olhar frenético em seus olhos e percebo que ele aprendeu sozinho a acreditar nessa fantasia. Eu não quero estragar a sua fantasia. Eu não quero dizer-lhe que isso é quase impossível. Porque nesta época, todos nós precisamos de nossos sonhos, tanto quanto precisamos de comida ou água.

"Você acredita?", Pergunta ele, olhando diretamente para mim. "Você acha que ele ainda está vivo?"

Eu não tenho coração para dizer não.

Então, ao invés, eu olho para ele e falo: "Tudo é possível."

Porque uma parte de mim sabe que não é útil viver de fantasia, mas outra parte de mim tem conhecimento de que, às vezes, a fantasia é tudo que você tem.

*

Abro os olhos, desorientada. Não entendo o que está acontecendo. O chão da caverna está enfeitada com milhares de flores coloridas, roxas e brancas e rosa. Eu olho para baixo e vejo que eu estou deitada em uma cama de flores, vejo a luz solar fluindo para dentro da caverna. Do lado de fora, está quente, agradável, é um belo dia de primavera, com uma brisa suave vinda do rio. Além da entrada da caverna, eu vejo árvores exuberantes, flores por toda parte, o chilrear dos pássaros. O sol

é tão brilhante e forte, é como uma luz que brilha na do céu. Quando eu olho ao meu redor, percebo que há um brilho branco suave no ar; uma grande sensação de paz veio tomar conta de mim.

Sento-me e vejo, de pé diante de mim, Rose, irradiando luz atrás dela. Para minha surpresa, ela parece perfeitamente saudável e feliz agora, um grande sorriso no rosto.

Ela dá um passo para frente e envolve seus braços em mim em um grande abraço. Ela beija minha bochecha e sussurra: "Eu amo você, Brooke."

Eu a puxo para trás e olho para ela, dou-lhe um beijo na testa, estou tão feliz de vê-la saudável novamente.

"Eu também amo você", eu digo.

Eu posso sentir o calor e o amor que irradia fora dela. Ela se afasta lentamente. Eu tento segurá-la, mas ela se solta de minhas mãos e eu a sinto indo embora.

"Rose?"

Diante dos meus olhos, ela começa a flutuar. Ela flutua no ar, sorrindo para mim.

"Não se preocupe", ela fala. "Eu estou feliz agora."

Ela se torna mais e mais translúcida, até que se mistura com a luz. Ela flutua para fora da caverna, lá fora, para o céu, cada vez mais alto, o tempo todo, com o rosto olhando para mim, sorrindo. Eu posso sentir o intenso amor dela, e eu sinto tanto carinho por ela. Quero abraçá-la, eu não quero que ela vá. Mas eu sinto sua partida.

Eu acordo, olhando ao redor na caverna. Eu me pergunto se estou sonhando neste momento, e levo um minuto para perceber que, desta vez, eu estou realmente acordado.

A luz do sol inunda a caverna, está muito mais quente do que ontem. A neve está empilhada bem alta, mas já está derretendo e há luz lá fora. Eu me lembro de ficar acordada a noite toda com Rose; ela estava tremendo, queimando de febre. Mas eu não queria deixá-la ir. Eu sacudi e sussurrei em seu ouvido que tudo ficaria bem.

Agora eu olho para baixo e vejo que Rose ainda está em meus braços. Eu lentamente me inclino para trás, a examino e meu coração gela ao ver que seus olhos estão abertos. Abertos sem

movimentação. Eu fico olhando para ela por alguns segundos, até perceber que ela está morta.

Olho em volta e vejo que todos estão dormindo, percebo que eu sou a primeira a acordar.

Eu abraço Rose apertado, embalando-a, meus olhos inundando de lágrimas. Penélope, no seu colo, chora e se lamenta, começa a latir. Ela lambe a mão de Rose e late mais e mais.

Os outros começam a acordar. Bree se levanta e corre para o meu lado, eu me preparo. Ela se inclina e olha para o rosto de Rose. E, de repente, seu rosto contorce-se em lágrimas. Ela começa a chorar histericamente.

"Rose!", ela lamenta. Ela envolve seus braços em volta dela, segurando-a firme. Ela chora e chora.

Ben e Logan se sentam e olham, expressões sérias em seus rostos. Eu vejo Logan enxugar uma lágrima e se vira, não querendo ser visto.

Ben, no entanto, deixa as lágrimas caírem livremente de seu rosto. Eu sinto o molhado em meu rosto e percebo que eu ainda estou chorando também. Mas, estranhamente, sinto também uma sensação de paz. Meu sonho tinha sido tão real, tão vívido, eu sinto como se isso realmente tivesse acontecido, que Rose estava realmente comigo. Eu sinto que ela realmente disse adeus e que ela está em um lugar tranquilo agora.

"Eu sonhei com ela," eu digo a Bree, tentando consolá-la. "Eu a vi. Ela estava feliz. E sorrindo.

Ela está em um bom lugar agora. Ela está feliz. "

"Como você sabe?" Bree pede.

"Ela me disse. Ela está feliz. Ela te ama. "

Isto parece fazer Bree se sentir melhor. Seu choro fica mais lento, e ela gentilmente se afasta um pouco.

Eu olho para fora e noto que não será possível enterrar Rose com este tempo. Mesmo com este dia mais quente, o chão, com certeza, está congelado. Ela vai ter que ter um enterro no rio.

Acho que quanto mais cedo o fizermos, melhor. Temos que seguir em frente. Precisamos seguir

em frente.

"Você quer me ajudar a carregá-la?" Pergunto para Bree, querendo envolvê-la.

Eu me levanto, agarro os braços de Rose e deixo Bree pegar as pernas. Juntas, vamos levá-la para fora da caverna. Ben e Logan e Penélope nos seguem.

Saímos na neve macia, que alcança minhas panturrilhas, a luz brilha e eu fico momentaneamente cega. É como um dia de verão. Pássaros cantam e está provavelmente uns vinte graus mais quente e grande parte da neve já derreteu. A tempestade passou. É como se ela nunca tivesse ocorrido.

Penélope se perde na neve espessa e Logan se abaixa para levantá-la.

"Onde estamos levando ela?" Bree pergunta.

"Não podemos enterrá-la", eu digo. "O chão está congelado e não temos nenhuma pá. Nós vamos ter que enterrá-la no rio. Sinto muito. "

"Mas eu não quero colocá-la na água", disse Bree, seu rosto se contorce quando ela começa a chorar novamente. "Eu não quero que ela seja comida pelos peixes. Eu quero enterrá-la aqui, nesta ilha. "

Logan, Ben e eu trocamos um olhar preocupado. Eu não sei o que dizer. Eu entendo como ela se sente. E eu não quero tornar as coisas ainda piores para ela. Então, novamente, não é apenas prático. Mas conhecendo Bree, ela não vai desistir. Eu preciso encontrar uma solução alternativa.

Eu olho para o rio, e fico impressionada com uma ideia.

"E sobre o gelo?"

Bree se vira e olha para o rio.

"Vê esses enormes pedaços flutuantes de gelo? E se a gente colocar Rose em um desses? Deixar que lhe carreguem rio abaixo? Ela vai flutuar, transportada no gelo. Como um anjo, flutuando para longe. Eventualmente, o gelo vai derreter e o rio vai levá-la. Mas não agora. "

Eu me preparo, na esperança de Bree concordar.

Para meu grande alívio, lentamente, ela acena com a cabeça, de acordo.

Todos nós caminhamos até a beira da água e, à medida que nos aproximamos, eu assisto e espero

por um dos grandes blocos ocasionais de gelo flutuar para perto de nós no rio. Eles são muito poucos e estão longe, mas, ocasionalmente, eles vêm. Um vai flutuando, mas estão a uns cinco metros na água – não há nenhuma maneira de alcançá-lo.

Ficamos esperando e esperando e, finalmente, um enorme bloco de gelo, de cerca de um metro e oitenta de comprimento se desprende dos outros e desvia para o nosso caminho, como se estivesse sendo levado por uma corrente mágica. Está a uns quarenta e cinco centímetros na água e enquanto estou tentando descobrir como eu vou caminhar até ali até pegá-lo segurando Rose ao mesmo tempo, de repente, Ben e Logan começam a agir. Eles correm até mim, andando pela água e agarram cada uma das pontas. Suas botas ficam encharcadas e tenho certeza que o rio está congelante, mas eles aguentam bravamente. É bom vê-los trabalhando juntos para variar.

Eles puxam o gelo perto da costa, e, juntos, todos nós colocamos Rose sobre ele. Ela parece um anjo deitado em cima.

Enquanto seguramos o gelo, Bree se inclina sobre ela, olhando para baixo.

"Eu amo você, Rose," ela diz.

Penélope late.

Finalmente, depois de vários minutos de silêncio, Bree dá passos para trás. Nós quatro empurramos o bloco enorme para dentro do rio.

Nós todos, em terra, assistimos o bloco de gelo começar a flutuar para longe, rio abaixo, o minúsculo corpo de Rose espalha-se sobre ele. Eu estava certa: ela se parece com um anjo, flutuando no meio de todo aquele branco. Espero que onde quer que ela vá, ela encontre um lugar de paz.

Logan já está de olho em nosso barco. Ele vai até ele e começa a escavar a neve para fora, preparando-se.

"Nós devemos ir agora", ele fala, levantando a neve com as duas mãos, sem perder tempo.

"Eu também quero ir embora", diz Bree. "Eu odeio este lugar. Nunca mais quero voltar aqui".

"Vamos para onde exatamente?" Ben pergunta. Estou surpresa. É a primeira vez que ele perguntou sobre qualquer um dos nossos planos, ou demonstrou qualquer preocupação.

"O que o interessa?" Logan retruca. "Você não disse nada antes."

"Bom, eu estou dizendo alguma coisa agora", Ben se defende. Posso sentir a tensão entre eles.

"Nós estamos rumo ao norte", responde Logan. "Como sempre fizemos. Para o Canadá. "

"Há quatro de nós aqui", diz Ben. "E eu não quero ir para o Canadá."

Logan olha para ele, estupefato. Estou chocada, também.

"Como você disse, há quatro de nós", diz Logan. "Isso significa que são as regras da maioria. Eu quero sair, Bree também. Isso é dois. Brooke? ", ele pergunta, olhando para mim.

Na verdade, agora que ele me pede, eu não tenho tanta certeza. Uma parte de mim sente que temos uma coisa boa acontecendo nesta pequena ilha. É difícil de chegar, difícil de sermos emboscados.

Temos uma caverna, abrigo contra o vento e a natureza. Uma parte de mim se pergunta se podemos viver aqui. Seria chato, mas seguro e protegido. Quando ficarmos sem comida, poderíamos pegar o barco para a margem e caçar. Capturar alimento, trazê-lo para cá. E talvez possamos cultivar alguma coisa aqui no verão. E há peixes.

Eu respiro fundo, não querendo causar um racha.

"Eu não sei o que tem lá fora," eu digo. "Pode ser mais seguro continuarmos para o norte. Mas pode ser mais perigoso. Pessoalmente, eu acho que pode ser mais seguro ficarmos só aqui. Eu não

vejo por que deveríamos estar com tanta pressa para sair. Eu não vejo como os comerciantes de escravos nos encontrariam aqui. Se você está preocupado em avistarem o barco, podemos arrastá-lo para terra, escondê-lo nas árvores. Eu acho que ele pode ser muito pior para nós lá fora. Eu voto para ficarmos aqui. "

Logan parece incrédulo.

"Isso é ridículo", diz ele. "Vamos ficar sem alimentos em dias. Talvez possamos encontrar mais, talvez possamos sobreviver aqui por algumas semanas. E então o quê? Os comerciantes de escravos

ainda estão atrás de nós. E esta é apenas uma faixa pequena de terra. E se há uma cidade lá fora? A cidade real, que tem tudo o que precisamos para viver para sempre? "

"Temos tudo o que precisamos aqui", eu digo. "Comida. Abrigo. Segurança. O que mais precisamos? "

Logan balança a cabeça. "Como eu disse, as regras da maioria. Eu voto para sair. O mesmo

acontece com Bree. Você vota em ficar. Ben? "

"Eu voto para sair, também", diz Ben.

Estou surpreso com isso.

Logan sorri. "Agora sim", diz Logan. "Nós estamos indo."

"Mas eu voto para irmos para o sul", acrescenta Ben.

"Sul?" Logan questiona. "Você está louco?"

"Eu quero voltar para minha antiga casa", diz Ben. "Nas montanhas. Quero esperar lá pelo meu irmão mais novo. Ele pode voltar. "

Meu coração se aperta ao ouvir isso. Pobre Ben, agarrando-se a sua fantasia.

"Não há nenhuma maneira de nós irmos para lá", diz Logan. "Você teve sua chance. Você deveria ter dito alguma coisa antes. "

"Faça o que quiser", diz Ben. "Eu vou voltar para casa."

Nós quatro de nós ficamos lá, parados. Não há maioria de votos aqui. Cada um quer algo diferente, ninguém cede.

De repente, um barulho de rachadura perfura o ar. Um galho de árvore cai bem perto de nós, levo um momento para perceber isso. O barulho vem de novo, e mais um ramo cai e é aí que eu percebo: são tiros. Estamos sendo atacados.

D E Z

Outro tiro e uma bala voa direto em minha direção e bate no chão, a poucos metros de onde eu estou.

"Protejam-se!" Logan grita.

Todos nós corremos de volta para a caverna, enquanto ouvimos outro disparo, que lasca um galho uns trinta centímetros acima de minha cabeça.

Nós chegamos de volta à caverna e ficamos amontoados dentro, olhando um para o outro, chocados.

"Que diabos é isso?" Eu pergunto.

"Um atirador de elite", diz Logan. "Em algum lugar em terra. Não está vindo da ilha – o ângulo é muito íngreme. Ele deve ter esperando por nós." Logan vira e olha para mim. "Você ainda quer ficar aqui?"

Ele tem razão. Mas eu não me importo com quem estava certo ou errado agora. Só quero tirar todos nós daqui, de maneira rápida e segura.

"E agora?" Eu pergunto.

"Eu só tenho algumas balas que ficaram na minha pistola", disse Logan. "Não há nenhuma maneira de eu mata-lo. Ele está muito longe. Isso é um rifle de longa distância. Ele nos prendeu aqui.

"

Ben atravessa a caverna e pega o arco e flechas. Ele está com uma nova expressão – determinada, destemida, uma que eu não havia visto antes.

"Onde você está indo?" Eu pergunto.

Mas ele apenas se dirige para fora da caverna, sem hesitar, para o campo aberto.

"Ben!" Eu grito. "Não! Você vai ser morto! "

Mas Ben continua andando, enquanto isso, outra bala é disparada, não o atingindo por alguns centímetros.

Ben continua andando, nem sequer pestanejou. É inacreditável. Ele caminha com o queixo para cima, decidido, andando para a direita, por entre as árvores, na direção do tiroteio. É como se ele fosse um suicida.

E, em seguida, ocorre-me: talvez ele seja suicida. Talvez ele se sinta tão sobrecarregado com a culpa sobre seu irmão, que uma parte dele quer morrer.

Corro para a boca da caverna, como todos nós e fico ali, observando.

"Ele vai se matar", eu digo.

"Essa é a sua escolha", diz Logan.

Ben caminha por entre as árvores, tiros vindos atingindo tudo ao redor dele, falhando por questões de centímetros, atingindo apenas as árvores. Ele chega à costa e fica ali, exposto. Disparos

atingem a areia perto dele, mas erram.

Como se ele tivesse todo o tempo do mundo, Ben remove lentamente o arco de seu ombro, tira uma flecha e estuda a outra margem distante. No horizonte, do outro lado do Hudson, no alto de um penhasco, há um atirador solitário, apontando para baixo com seu rifle. O estoque de seu rifle brilha com a luz do sol.

Mais tiros são disparados, mas Ben não pestaneja. Ele continua ali, valente. Gostaria de saber se isto é coragem ou suicídio. Ou os dois.

Ben coloca uma flecha no arco, puxa a corda para trás, e mira. Ele fica lá parado por alguns segundos, esperando, mirando o seu alvo. Outras balas são atiradas, mas erram, ele nem se abala. E então, finalmente, ele solta a flecha.

Eu vejo a vela flecha através do ar, alta, atravessando o Hudson, uns bons cem metros. É um belo disparo. É impressionante.

Fico ainda mais impressionada ao ver que atinge seu alvo: se aloja no lado direita no peito do atirador solitário. Depois de um momento, ele cai de cara para baixo, morto.

Olho para Ben em estado de choque.

Ben caminha de volta para nós. Ele fica na boca da caverna, segurando seu arco e flecha, e nós ficamos lá, olhando para ele. Sem mais tiros vindos por baixo. Não foram os comerciantes de escravos. Deve ter sido um solitário, atirador enlouquecido. Um sobrevivente.

Ben olha de volta para nós em silêncio e, pela primeira vez, posso ver o guerreiro em seus olhos, completamente diferente do Ben que eu via antes. Eu também posso sentir que uma parte dele também queria realmente morrer, queria que o pistoleiro o matasse, queria se juntar ao seu irmão. Mas ele não conseguiu o que queria.

Ao mesmo tempo, parece que o episódio foi catártico, como se tivesse exorcizado algo de dentro dele. Algum tipo de culpa por seu irmão ou Rose. Como se ele tivesse enfrentado a morte e agora estava pronto para viver novamente.

"Estou pronto para sair", diz ele. "Vamos para o norte."

*

Os quatro de nós se sentam silenciosamente no barco, cada um perdido em nosso próprio mundo, enquanto navegamos continuamente pelo Hudson. Logan está pilotando, estamos dirigindo há horas, percorrendo nosso caminho lentamente rio acima, evitando pedaços de gelo que se separam. Todos nós mantemos nossos olhos abertos, para a frente, nenhum de nós se atreve a olhar para trás.

Todos nós deixamos muitas coisas para trás. Desde o tiroteio, Ben não fala mais em voltar para casa. Eu não tenho nada a dizer a ninguém. Obviamente, não era seguro ficar lá, no final das contas. Esso atirador pode ter sido apenas um ou pode haver mais de onde ele veio.

O clima agora está muito mais sombrio. Todos nós sentimos a ausência de Rose. Penélope se senta no colo de Bree, tremendo e eu sinto que estamos todos de luto por nossa companheira perdida. Acho que sua morte também nos lembra do quão perto estivemos de morrer. Poderia ter sido qualquer um de nós, por puro acaso que teve que acontecer a ela.

Eu não acho que nenhum de nós realmente acredita que iremos viver por muito tempo. A cada dia que passa, vemos nossa morte em nosso rosto. Não é uma questão se vamos todos morrer ou não. A questão é quando.

Uma parte de mim tinha desistido de se importar. Apenas olho para frente, focando no extremo norte, no objetivo distante do Canadá. Eu o mantenho em minha mente, tentando não desanimar. Se é real ou não, isso realmente não importa mais. É algo. Um destino. É melhor do que vagar sem rumo, em direção a Deus sabe onde. É reconfortante pensar que estamos para algum lugar que um dia poderá ser nosso lar.

Ben me surpreendeu lá atrás, surpreendeu a todos nós. Eu tinha certeza que ele seria morto. Seja qual for o seu motivo, suas ações foram corajosas, ele matou o atirador e salvou todos nós. Eu acho que Logan tem um novo respeito por ele. Eu certamente. E eu acho que Ben, sentado um pouco mais alto, tem um novo respeito por si mesmo. É como se, finalmente, ele se tornasse membro da nossa equipe. Bree, por outro lado, está retraída desde a morte de Rose. Seus olhos parecem fundos, ocos e ela

parece mais letárgica do que nunca. É como se uma parte dela tivesse morrido com Rose. Ela agarra Penélope como se estivesse segurando um pedaço de Rose e olha para a água como se estivesse sentindo todas as tristezas do mundo. Eu não suporto vê-la assim. Mas eu não sei mais o que dizer. Logan, ao meu lado, está calado, posso ver a preocupação em seu rosto. Ele fica com o timão, verificando o ponteiro de combustível a cada poucos segundos. Estamos agora oficialmente no vermelho. Ele continua explorando a linha de costa, assim como eu, para detectar quaisquer sinais de uma cidade, uma estação – qualquer coisa. Mas não há nada. Estaremos sem gasolina em breve. E ficaremos presos. O que eu não daria agora por apenas um litro de gasolina. Eu não sei o que vamos fazer sem este barco, se tivermos que deixá-lo.

De repente, vejo algo vindo em nossa direção no rio. No começo eu me pergunto se eu estou vendo as coisas, mas depois vejo que é real. Eu pego minha arma, mesmo que não haja nenhuma munição sobrando e me preparo.

"Abaxe-se!" Eu grito para Bree.

Ela e Ben se abaixam, observando pelas bordas. Logan olha para mim, sem entender, então ele olha para a água também vê. Ele se agacha, e se estica para pegar sua arma.

Vindo para cá, está um outro barco. É um enorme barco de metal enferrujado, talvez uma centena de metros de comprimento e metade da largura – parece uma mini barca. Ele flutua em nossa direção, entre os pedaços de gelo, torto, em um ângulo. E então me dou conta de que há algo errado com ele.

Ao entrar em uma visão melhor, eu vejo o que é. E posso relaxar.

É um navio fantasma. Todo o seu casco está oco por dentro, posso até ver através dele. É incrível: um enorme vazio, uma carcaça, oxidada, boiando no rio. Há rangidos e barulhos quando ele passa pelo rio, espremido entre grandes blocos de gelo, inclinando-se. Esta à deriva no nosso caminho e Logan se afasta para nos manter a uma boa distância dele.

Flutuamos na mesma velocidade que ele e eu olho para cima, espantado com seu tamanho, até bloqueia o sol. É assustador. É como olhar para um velho navio pirata. Eu quero saber quem pilotou

isso, me pergunto há quantos meses tem flutuado por este rio. É de outro mundo, esta estranha relíquia, este vestígio de um mundo que já existiu. Isso me faz pensar se há alguma coisa que restou no mundo.

Nenhum de nós diz mais nada enquanto ele passa. Eu relaxo minha guarda, percebendo que não há perigo.

Mas eu ouço um barulho e olho para baixo, quando nosso barco começa a desacelerar. No começo eu me pergunto se nós ficamos sem combustível. Mas não é isso. De repente, paramos de nos mover, o nosso barco geme. Estamos presos.

Eu olho para baixo, tentando descobrir o que aconteceu.

"Será que batemos em um rochedo?" Eu pergunto. "Não estamos muito longe da costa?"

Logan balança a cabeça, olhando para baixo severamente.

"Gelo", ele responde.

Eu me inclino sobre o barco e vejo. Ali, ao nosso redor, estão enormes pedaços de gelo, nos cercando. Grande parte se acumulou ao nosso redor e não conseguimos sair do lugar. Eu não posso acreditar.

"E agora?" Ben pergunta, também se inclinando.

"Precisamos sair", diz Logan.

"Nós precisamos de algum tipo de ferramenta", ele continua. "Como uma serra. Ou um martelo"

Lembro-me do martelo que peguei na casa de meu pai e vasculhar o meu saco, puxo-o para fora.

Curvo-me sobre a borda e martelo no gelo.

Mas isso não tem efeito algum. O gelo é muito grosso, e meu martelo é muito pequeno.

Volto para trás, exausta.

"Boa tentativa", diz Logan.

Eu olho ao redor do rio e percebo que estamos isolados aqui. Isso é ruim. Pode levar horas para o gelo a derreter. E a corrente está agora trazendo-nos de volta rio abaixo.

Logan, Ben e eu trocamos um olhar nervoso; claramente, nenhum de nós tem alguma ideia.

"E que tal a âncora?" Bree pede.

Todos nós viramos e olhamos para ela. Ela fica ali, apontando. Sigo o dedo para a parte traseira do barco, para a pequena âncora em uma corrente de ferro. À direita de Bree. É uma ideia brilhante.

Logan se apressa para pegá-la. Estou impressionada com a sua força: ela deve pesar 13 kg, ferro sólido.

"Afastem-se", diz ele.

Ele se inclina sobre a borda, levanta a corrente com a âncora e a bate com força no gelo. Ela cai com um ruído e eu vejo algumas rachaduras de gelo se dividindo em várias partes. Logan faz isso de novo e de novo e, em breve, os enormes pedaços de gelo são soltos.

Ele deixa cair a âncora e se vira para Bree com um sorriso: "Bem pensado", diz ele.

Eu me aproximo dela e coloco meu braço em torno dela, ela sorri orgulhosa.

"Não sei o que os adultos fariam sem você", eu digo.

Logan acelera e nós quebramos o gelo restante em águas abertas. Estamos navegando, mas mais lentamente do que antes, Logan faz o seu melhor para evitar os pedaços flutuantes. Eu estou ao lado dele, olhando para o horizonte.

"Vê aquilo ali?", ele pergunta, apontando.

Eu olho e, ao longe, vejo, na praia, os restos do que parece ter sido um posto de gasolina. É pequeno, a doca está desmoronando, os restos de bombas de combustível estão enferrujados. Parece que era utilizado para encher o tanque de barcos. Fica na periferia de uma cidade em expansão, dilapidado, como todas as outras cidades pelas quais passamos.

"Acho que devemos tentar", ele fala. "Provavelmente está vazio, mas precisamos tentar. Nós estamos ficando sem combustível. "

"Poderia ser arriscado, ficar tão perto da costa de novo", eu digo.

"Nós não temos escolha", diz Logan. "Não vai demorar muito até que o rio congele de novo. E se as bombas estiverem vazias, podemos dar uma olhada nesta cidade. "

Ben e Bree estão de pé ao nosso lado, olhando também.

"Alguma objeção?" Logan pede.

Ficamos todos em silêncio. É provavelmente um desperdício de tempo, mas ele está certo: não é como se nós tivéssemos muitas escolhas.

Logan vira em direção ao cais. Nós ficamos parados, meu coração batendo em antecipação, eu silenciosamente desejo e rezo para que haja gasolina restando nessas bombas. Tudo que precisamos é um pouco de combustível, em apenas uma bomba. Apenas alguns galões. Algo. Qualquer coisa.

Vamos.

Logan pára habilmente ao lado da doca, alinhando o barco. Ele salta para fora, o nosso barco balança quando ele vai para a doca, a sessenta centímetros de distância.

Ele levanta o bico enferrujado de uma das bombas, insere-o no barco e puxa a alavanca. Meu coração pára quando ouço um barulho sibilante. Depois, o silêncio.

Logan tenta de novo e de novo. Ele vai para trás e bate na bomba. Mas nada acontece. Está vazio.

Nós todos olhamos para longe, fazendo uma careta. Nós sabemos o que isso significa.

"E agora?" Ben pergunta.

"Nós não temos escolha", diz Logan. "Temos que ver se podemos encontrar um pouco de gasolina. Temos que procurar nesta cidade. Um pouco, qualquer coisa. Talvez até mesmo tirar de um carro velho, se é que podemos encontrar algum. O barco para está inútil agora. "

Ele está certo. Eu sei que ele está certo, mas eu odeio admitir isso. Eu não quero deixar a segurança do barco, não quero voltar para a terra. Mas eu sei que, sem gasolina, ele não serve para nada.

"Vamos lá", eu falo.

Eu pulo para fora do barco, o cais balançando quando eu pouso, em seguida, viro para Bree e a puxo para cima. Ben fica no barco, relutante em sair, depois, finalmente, pula e se junta a nós. Logan desce e afunda a âncora.

"E o barco?" Ben pergunta.

Logan balança a cabeça.

"Não dá para levá-lo conosco", ele responde. "Um de nós poderia ficar de guarda, mas isso seria um desperdício de tempo. Não se preocupe com isso ", ele fala. "Não serve para nada sem combustível. E não vai a lugar nenhum. "

Todos nós seguimos Logan em direção à cidade, eu olho para trás por cima do ombro, olho mais uma vez no barco. Eu não sei por que, mas eu tenho uma sensação de que eu nunca mais o verei novamente.

O N Z E

Caminhamos entre os escombros cobertos de neve até o centro da Rua Principal, eu olho para a cidade apocalíptica diante de nós. É a maior cidade que eu já vi em anos, se estende por dezenas de blocos, até onde a vista alcança. Em ambos os lados, há estruturas em ruínas, edifícios queimados. A devastação é enorme. Isso me lembra de algumas dessas fotos que vi de cidades bombardeadas após a Segunda Guerra Mundial.

A neve, que está derretendo, ainda atinge nossas canelas e vários objetos se destacam, como brinquedos abandonados. Eu vejo o casco de um carro queimado, suas rodas cobertas de neve, o seu teto enferrujado. Um pouco depois, vejo um carrinho de mão quebrado.

Estamos todos tensos, alertas, enquanto caminhamos por este lugar que um dia foi uma cidade.

Torço e rezo para que possamos encontrar combustível. Tudo o que precisamos é uma casa, uma loja, um lugar – algo que a gente possa achar. Quem sabe? Talvez possamos até encontrar mais do que combustível? Talvez alimentos, armas, munição.

Chegamos à primeira loja que parece poder ter alguma coisa ainda, enfio minha cabeça através de uma estrutura aberta onde antes devia ser uma janela. Eu olho para dentro, mas não vejo nada, apenas escombros.

Estou prestes a seguir em frente, mas Bree, de repente, entra. Ela deve ter visto algo, porque ela passa pela entrada e da loja, ajoelha-se e põe a mão entre os escombros. Ela puxa algo, que brilha na luz. Estou espantado com ela o avistou. Ela o segura diante de nós e todos nós o examinamos. É uma

velha lata enferrujada. Parece que ele era lata de balas. Ela a abre, e fico surpresa: dentro, há várias balas vermelhas.

Cada um de nós se aproxima e pega uma. Eu coloco uma em minha boca e fico animada com o sabor doce e açucarado que corre através do meu sangue. Tem gosto de cereja, é doce e azedo ao mesmo tempo. Uma delícia.

"Que belo achado", eu digo para Bree.

"Posso dar um para Penélope?", ela pergunta, a cachorrinha se contorce nos braços de Bree.

"Melhor não", eu digo. "Ela pode ficar engasgada."

Nós continuamos, agora, cada um está mais determinado em procurar entre os escombros com mais atenção. Porém, depois do achado inicial de Bree, não encontramos mais nada. Entramos de loja em loja, quarteirão após quarteirão, e eu estou começando a ficar sem esperança.

"Eu acho que tudo o que foi deixado para trás já deve ter sido levado por outra pessoa", diz Ben.

"Estamos perdendo tempo."

"Nós não temos escolha", diz Logan. "Precisamos encontrar combustível."

"Bom, não podemos encontrar gasolina apenas com a força do pensamento", diz Ben. "Se não há combustível, simplesmente não há combustível."

"Deve haver algum posto em algum lugar", diz Logan. "Talvez uma antiga oficina de carros."

"Você não acha que os catadores teriam encontrado já?" Ben pergunta, irritado.

Eu não posso deixar de achar que Bem tem razão. Talvez estejamos apenas perdendo tempo.

Logan pára e encara Ben, igualmente irritado.

"Você tem alguma ideia melhor?" Logan pergunta.

Ben hesita. Claramente, ele também está perplexo.

"Talvez devêssemos nos dividir", ele sugere. "Explorar mais terreno."

"Tudo bem", responde Logan sem hesitar. "Você vai para aquele lado e eu vou por aqui."

Ambos viram e olham para mim, como se perguntassem quem eu irei acompanhar.

Sinto-me dividida, como uma criança que tem que escolher entre os pais. Não quero ofender

nenhum deles. Mas, quando olho para eles, não consigo deixar de pensar que Ben precisa mais da

minha ajuda, já que Logan é capaz de cuidar de si mesmo. Então eu me viro e me junto a Ben.

"Vamos nos encontrar aqui, daqui uma hora," eu digo a Logan. "Gritem se vocês encontrarem alguma coisa."

Percebo um olhar magoado no rosto de Logan, quando ele se vira e vai em sua própria direção, não consigo deixar sentir como se eu o tivesse traído. Mas, antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele já vai se afastando. Bem tem razão, de qualquer maneira. Nós vamos cobrir mais terreno desta forma.

Bree fica comigo e nós três nos dirigimos para uma rua lateral. Enquanto caminhamos, eu olho de um lado para outro, observando todas as diferentes lojas. Eu olho para todos os lugares, à procura de qualquer sinal de uma oficina de carros ou de uma garagem. Mas não encontro nenhum.

Porém, quando viramos em outra rua, dou uma olhada nela e não posso acreditar na minha sorte:

há uma placa desbotada onde se lê: "Armas". Das janelas, sobraram apenas as estruturas, tenho certeza de que esta foi a primeira loja invadida quando a guerra eclodiu. Mas eu decido entrar de qualquer maneira.

Eu vasculho os escombros, à procura de qualquer coisa que possa ser útil. Naturalmente, todas as vitrines de vidro foram quebradas e todas as armas forma pegas. No chão, vejo algumas balas perdidas. Eu me abaixo, pego uma e começo a examiná-la, quando, de repente, ouço um ruído distante, como um grito.

Eu imediatamente me viro e meu coração pára ao ver que Bree não está aqui. Estamos apenas eu e Ben. Estou chocada: eu podia jurar que ela estava me seguindo.

"Bree?" Eu chamo, frenética. "Onde você está?"

Ben olha de volta para mim, com os olhos arregalados e, antes que ele possa responder, eu disparo, saio correndo da loja.

De volta à rua, eu olho ao meu redor e vejo pegadas de Bree na neve. Também vejo pegadas de Penélope e então entendo o que aconteceu: Bree deve ter colocado Penélope no chão, que deve ter fugido. E Bree deve ter ido atrás dela.

Ouçõ outro grito e eu tenho certeza que é de Bree.

Eu corro pela rua, seguindo os rastros. Sou inundada pelo pânico, imaginando os piores cenários possíveis.

"BREE !?" Eu grito, agitada.

Eu viro a esquina e paro, de repente, no local. Lá, do outro lado da rua, estão Bree e Penélope ao seu lado. Ela está congelada, em estado de choque, não ousa se mover nem um centímetro. Pois, em pé, na sua frente, levantando-se sobre ela, está um enorme urso vicioso e faminto.

O urso ruga quando ameaça Bree. Parece que ele não come uma refeição há anos.

Eu observo a cena com horror. Há pouco que eu possa fazer: Bree, do outro lado do quarteirão, está longe demais de mim. Não há como eu alcançá-la tempo.

Ben está ao meu lado.

"Onde está o arco !?" Eu grito para ele. "Atire!"

"Eu não o trouxe comigo!", Ele responde, assustado.

"BREE!" Eu grito. "Dê um passo para trás, devagar!"

Mas Bree não me escuta. Ela deve estar muito congelada de medo.

Eu disparo em uma corrida. O urso se aproxima dela e não há nada que eu possa fazer. Será tarde demais. Vou ter que assistir a minha irmã morrer diante dos meus olhos.

"BREE!" Eu grito.

O urso se aproxima mais e, ao fazê-lo, de repente, eu vejo a ação.

Atrás do urso, Logan vira a esquina e sai correndo, com um pé de cabra velha em sua mão. Ele ataca, ficando entre Bree e o urso e consegue dar um golpe a tempo, quando as garras do animal estão prestes a desferir um golpe. De alguma forma, ele também consegue tirar Bree do caminho no último segundo.

Bree sai correndo, tropeçando na neve, as garras do urso cortam a coxa de Logan em seu lugar.

Logan urra de dor, enquanto seus seu sangue esguicha para todos os lados, manchando a neve

vermelho.

Logan passa o pé de cabra para sua outra mão, gira e golpeia a mandíbula do urso. O urso grunhe, se vira e foge pela rua lateral.

"Logan!" Eu grito, correndo em sua direção.

Ele cai de joelhos, agarrando sua coxa com as duas mãos. Meu coração se aperta, já posso ver que ele está gravemente ferido.

Eu corro até ele, me ajoelho e o abraço, passando um braço ao redor de seu ombro. Ben, para ajudar, se ajoelha também e sustenta Logan com o braço. Nós dois o levantamos, segurando-o. Ele é pesado, muito mais pesado do que eu pensava.

Ben se abaixa, arranca uma tira de sua camiseta e a amarra ao redor da ferida de Logan, bem apertado. O sangramento diminui, mas encharca o pano rapidamente.

"Nós temos que voltar para o barco," eu digo. "Você consegue andar?"

Logan parece atordoado, confuso.

"Eu não sei", diz ele.

Nós o apoiamos e ele caminha conosco. Logan está mancando mal, posso sentir seu peso sobre mim. Eu olho para a lesão e vejo que as garras os perfuraram bem fundo, quase todo o caminho até o osso. O sangue de Logan faz uma trilha na neve.

Bree, bem ao nosso lado, está chorando.

"Sinto muito", diz ela. "Eu sinto muito. É tudo culpa minha. "

"Você não fez nada de errado", eu digo para ela.

À medida que corremos de volta pelas ruas, eu me pergunto qual deveria ser o próximo passo. Eu não faço ideia. Eu sei que tenho que voltar para o barco, dar a Logan algum conforto. Esta cidade foi uma perda de tempo. E eu sinto que estar em campo aberto é muito perigoso. Quando voltarmos para o barco, de alguma forma eu saberei o que fazer.

À medida que viro esquina e o rio surge à vista, de repente, eu congelo. Eu não posso acreditar

no que vejo.

Minha boca fica seca e meu coração salta para minha garganta. Estou chocada demais para me mover. Para falar. Eu sinto o mundo girando fora embaixo de mim.

Porque ali, ao longe, na água, eu vejo nosso barco ser levado embora. Ele está sendo puxado da costa por uma grande lancha, toda preto. Não são comerciantes de escravos, se parecem com algum tipo de pirata. Eles cortaram a nossa âncora e amarraram o nosso barco à volta deles e agora o levam embora a toda velocidade. Já estão do outro lado do rio, indo Deus sabe para onde. Nosso barco está desaparecido.

Estamos presos.

D O Z E

Nós quatro ainda estamos atordoados, enquanto caminhamos para o norte, através do bosque, ao lado do Hudson. Caminhamos ao lado do rio, sobre os trilhos de trem cobertos de neve, vou observando a água à medida que avançamos. Uma parte de mim se recusa a acreditar que nosso barco foi roubado.

Mas já se passaram muitas horas e começamos a entender que ele se foi para sempre. Que estamos presos, a pé. E o nosso barco, nosso único meio de transporte, se foi.

Depois que descobrimos que o barco tinha sido pego, nós ficamos retirando a neve das carcaças dos veículos que estavam na rua, alguns deles encostados, torcido, queimados. Foi um momento de desespero e um desperdício de tempo. É claro que nenhum deles tinha as chaves, e a maioria sequer tinha motores, apenas um monte de metal, vestígios de carros. Nenhum deles remotamente funcionava.

Sabíamos que não podíamos ficar na cidade. Pensamos que nosso abrigo mais seguro seria em algum lugar na floresta, perto do rio. Por isso, andamos.

Agora estamos aqui, completamente sozinhos. Eu não posso acreditar o quão estúpido fomos ao deixar o barco sem um vigia. Mas, novamente, quem teria imaginado que algo assim iria acontecer?

Fomos muito descuidados. Deveríamos ter pensado em algo assim.

Mas, quando eu penso sobre isso, percebo que, mesmo que ficássemos com o barco, não havia muito a ser feito. Era um grande grupo de piratas profissionais, armados. Sobreviventes. Eles provavelmente acabariam conosco com suas armas. E com o nosso barco, basicamente, sem combustível, não é como se nós pudéssemos ir para outro lugar. Talvez nós tivéssemos sorte de que fomos roubados quando não estávamos presentes. Talvez se tivéssemos provocado uma luta, todos nós estaríamos mortos agora.

Começamos a digerir a dura realidade de não termos nenhum transporte nem abrigo agora, começa a pesar muito em todos nós. Nós vamos andando devagar, nossos pés vão triturando a neve, que vai endurecimento. A temperatura caiu dez graus, e o vento começa a açoitar; a neve agora está congelando e virando gelo. Um frio profundo está começando a se estabelecer em meus ossos, perfurante. Eu olho para os outros e vejo que também se sentem assim. Estamos todos amontoados, esfregando as mãos, desesperado por calor.

Para piorar as coisas – muito mais – Logan. Ele estava muito ferido, Ben e eu temos que ajudá-lo a ficar em pé, com seus os braços pendurados em nossos ombros. Isto nos faz reduzir a velocidade e eu estou muito preocupada com ele. Até agora, ele era sempre a espinha dorsal do grupo, a nossa força; agora, ele é um fardo. Eu não posso deixar de sentir que as probabilidades estão se voltando contra nós. A ideia de alcançar o Canadá neste momento é quase uma piada. Teremos sorte se alcançarmos a próxima milha.

Estamos chegando cada vez mais longe de quaisquer vestígios de civilização, para dentro da floresta e eu estou começando a sentir que as nossas chances são baixas. Estamos quase sem suprimentos, não há nenhum sinal de abrigo e está ficando mais escuro, mais frio, em breve, vamos ter que parar durante a noite. Inclusive o arco e flecha de Ben foi deixado no barco, não temos mais. A fome se instala, corroendo meu estômago, me apunhalando com dores agudas. Estou me sentindo mais fraca a cada passo, especialmente com o peso do Logan me pressionando para baixo.

À medida que continuamos a descer os trilhos do trem, eu olho para o rio e o vejo se congelar, como se um grande lençol de gelo o cobrisse. É incrível. Mesmo se estivéssemos em nosso barco agora, nós não poderíamos chegar a lugar nenhum, de qualquer maneira.

Eu não posso continuar por muito mais tempo e sinto que Ben e Logan tampouco podem. Ao longe, vejo um bosque particularmente grosso das árvores, formando uma parede contra o vento. Vamos nessa direção.

Ao entrarmos no trecho de árvores, eu sinto que eles fornecem alguma proteção contra o vento.

Eu paro, e os outros se viram para mim.

"Acho que devemos descansar aqui", eu digo. "Está quase escuro."

"Boa ideia," Ben fala, retirando lentamente o braço de Logan de seu ombro.

Logan estremece de dor quando ele faz. Eu olho para baixo, para a perna dele: ela já está inchada. Felizmente, não parece tão infeccionada como a de Rose; talvez o tempo frio tenha ajudado.

Mas, ainda assim, é uma lesão muito feia.

"Você está bem?" Eu pergunto a Logan.

Ele balança a cabeça rapidamente, fazendo uma careta e Ben e eu o abaixamos no chão. Ele senta-se pesadamente, com as costas contra uma das árvores frondosas e exala sentindo dor ao fazê-lo, com o rosto se contraindo em um milhão de rugas. Mas ele não chora nem reclama. Nem uma vez.

Ele é um soldado de verdade.

"Estou morrendo de fome", diz Bree.

Eu me odeio por deixar nossa comida no barco; a única coisa que eu pensei em levar comigo era um único pote de geléia meio comido. Eu o retiro do meu bolso agora. É de framboesa, o favorito de Bree, quando eu desenrosco a tampa, Penélope também choraminga. Coloco minha mão dentro, tiro uma boa porção e coloco na palma da mão aberta de Bree. Ela come devagar, saboreando-o e, em seguida, se estica e dá um pouco para Penélope.

Eu passo o frasco para Ben, depois para Logan, cada um pega um dedo cheio e saboreia.

Finalmente, eu faço o mesmo, como a última parte do frasco. A geleia derrete na boca, é a melhor

geleia de framboesa que já comi em minha vida. Eu fecho meus olhos, tentando aproveitar cada segundo dela. O que eu não daria agora por uma dúzia de frascos como este.

Eu olho para o frasco vazio com saudade. Estamos sem comida. Vai ser uma noite longa e difícil.

*

Horas se passaram desde que nos acomodamos aqui. A noite caiu e nós quatro nos sentamos na neve, de costas para as árvores, congelando. Todos nós nos amontoamos contra o vento e o frio, que parecem ficar piores a cada minuto.

Graças a Deus, depois de horas de esforço, eu consegui acender uma fogueira. Usei o último dos fósforos que peguei na casa de papai, acendi a última vela e usei o abrigo do vento para acender os gravetos que eu tinha encontrado. Construí uma pequena pilha, mas, mesmo assim, gastei quase todos os fósforos para conseguir alguma coisa.

Agora, há uma pequena fogueira diante de nós quatro. Estamos todos com tanto frio, que estamos literalmente em cima do fogo, levantando e esfregando as palmas das mãos. Cada rajada de vento que passa ameaça apagá-la, e eu me levanto a cada alguns minutos para colocar mais lenha no fogo. O fogo está lutando para se manter vivo. Assim como nós.

Ajuda muito, mas fornece pouco calor nestas condições terríveis. Eu nunca estive com tanto frio na minha vida. O frio se infiltra em minhas mãos, meus pés, meu nariz. É difícil pensar direito. Eu tenho que continuar abrindo e fechando minhas mãos e meus pés, tentando de manter o meu corpo inteiro sem congelar. Sinto que, se eu dormir, nunca mais acordarei.

Nem consigo imaginar como seria pior sem o fogo. Eu sei que ter uma fogueira aqui não é seguro – podemos atrair atenção indesejada. Mas estamos além da preocupação. Se amanhã continuar assim, não sei como vamos sobreviver outro dia. Nós ficaremos congelados até o fim do dia – isso se não morrermos de fome antes.

Olho para Logan, e ele parece delirante. Ele dorme, fazendo uma careta de dor e sua perna parece rígida, congelada. Eu não sei como seremos capazes de arrastá-lo amanhã.

Coloquei um braço sobre o ombro de Bree, esfregando-a enquanto ela se encosta mim, para descansar a cabeça no meu ombro. Eu sinto um consolo ao pensar que, de fato, se todos nós morremos, pelo menos, vamos morrer do nosso jeito. Não como escravos ou prisioneiros. Mas juntos. Livres.

Bem, pelo menos, fizemos uma longa viagem. Eu penso em como avançamos muito, no quanto realizamos – escapamos dos comerciantes de escravos, chegamos tão longe. É alguma coisa, pelo menos.

Pelo menos, temos sobrevivido. E isso é o que eu aprendi. Cada dia de sobrevivência é uma vitória. Isso resume o que vivemos. E minhas centenas de dias de sobrevivência foram centenas de pequenas vitórias.

"Você pode me ler uma história?" Bree pede.

Eu tento pensar, tento mais uma vez me lembrar das palavras de A Árvore Generosa. Desta vez, para minha surpresa, as palavras voltam para mim.

"Uma vez, havia uma árvore e ela amava um menino. E todos os dias o menino vinha e ele juntava suas folhas e as transformava em coroas e brincava de rei da floresta ", eu conto.

Eu sinto Bree relaxar em meus braços enquanto eu continuo a recitar o livro da memória. Por incrível que pareça tudo volta para mim, linha após linha e eu recito o livro inteiro para ela. Até o fim:

"Bem, um velho toco é bom para sentar e descansar. Venha, Menino, sentar-se. Sente-se e descanse. 'E o menino o fez. E a Árvore ficou feliz. "

Eu sinto Bree dormindo em meus braços. É um dom, adormecer com este tempo. Espero que ela sonhe com coisas, com outros mundos, outros lugares, outros tempos.

Olho para Logan e vejo que ele também está dormindo, um sono profundo, doloroso. Então eu olho para Ben. Ele está acordado, com os olhos abertos, olhando para as chamas. Eu me pergunto o que ele estará pensando. Em seu irmão? O que ele poderia ter feito diferente?

Eu não posso evitar, mas penso naquele momento, na Estação Penn, antes de nos separarmos.

Quando ele se inclinou e me beijou. Por que ele fez isso? O que ele realmente quis dizer com isso?

Eu já não estou certa sobre o que ele sente.

"Ben?" Eu chamo baixinho, meus dentes batendo.

Ele se vira e olha para mim. Seus olhos estão fundos, como se ele tivesse acabado de passar por uma guerra.

Uma parte de mim pensa que podemos não sobreviver a esta noite. Se não superarmos, eu quero saber o que ele realmente sente por mim.

Agora que ele está olhando para mim, eu não sei o que fazer. Estou nervosa. Mas eu me forço.

Afinal, eu tenho pouco a perder.

"Quando você me beijou, lá na cidade", eu começo. "Por que você fez isso?"

Eu olho para ele, procurando seus olhos, esperando a reação dele. Eu não sei por que, mas, por alguma razão, este momento, este lugar, de todos os lugares possíveis é, de repente, importante para mim.

Ele abre a boca e a fecha várias vezes. Ele parece confuso, como se ele não soubesse como responder.

"Eu ... eu ... um ..." Ele olha para baixo, depois para cima novamente. "Sinto muito", diz ele. "Eu não estava no meu juízo perfeito."

Suas palavras me machucam.

"Então você está dizendo que você não queria?", Pergunto.

Meu coração está apertado. Ele olha para baixo, depois de volta para mim.

"Não é isso o que eu quero dizer", ele fala. "Eu tinha a intenção de fazê-lo. Eu queria fazê-lo. Eu queria."

"Então por que você está arrependido?" Eu pergunto.

Ele olha para mim, confuso.

"Você não está chateada que eu te beijei?", ele pergunta.

Eu penso sobre isso. Fiquei surpresa na hora. Mas não ... Chateada. E agora, quando penso...

Não, eu não estou chateada.

Na verdade, eu quero que ele faça isso de novo.

Mas eu estou nervosa, e as minhas palavras estão começando a me abandonar. Então, ao invés de falar, eu balanço minha cabeça.

Lentamente, ele se levanta, esmagando neve por baixo dele, e dá alguns passos em minha direção.

Ele fica no lugar vazio ao meu lado, contra a mesma árvore e olha nos meus olhos. Ele estende uma mão e a coloca na minha bochecha.

Meu coração está batendo.

E então, lentamente, Ben se inclina e me beija.

No começo, eu hesito.

Mas, então, eu me encontro com o beijo dele, beijando-o de volta. Meu coração está batendo rápido no meu peito e, pela primeira vez em tanto tempo quanto me lembro, eu não estou mais consciente dos meus arredores, do frio, da fome, das milhões de coisas que estão erradas no universo.

Eu penso só em Ben. E de como é incrível que ele possa me transportar deste lugar, deste tempo, com apenas um único beijo, mágico.

T R E Z E

Eu acordo ao amanhece, abrindo lentamente meus olhos, com mais frio que nunca. O frio é insuportável. Sinto como se alguém tivesse me jogado em uma geladeira, depois fechou a porta, e não me deixou sair por uma semana.

O fogo acabou há muito tempo, agora, só restaram cinzas, cobertas de gelo. Eu olho para cima e vejo que todo o chão está coberto de gelo e que todas as árvores estão cobertas de gelo, também.

Tudo, até o menor ramo, tem com gelo. Eu não posso acreditar. Uma tempestade de gelo.

O mundo é tão bonito quando está frio, tudo congelado, brilhando sob a luz do amanhecer. Eu me sinto como se eu tivesse despertado no palácio do Super-homem.

Eu tento me mexer e sinto meu corpo coberto de gelo, preso à árvore. Levanto meus braços e

ombros, quebrando pequenas partículas deste gelo. Ben está dormindo ao meu lado, apoiando-se contra a mesma árvore e Bree está dormindo do meu outro lado. A dois metros de distância, está Logan, deitado exatamente como eu o deixei, contra a sua própria árvore. Todo mundo está dormindo, menos eu. Eles todos parecem congelados. Na verdade, todos parecem mortos e, por um momento, eu me pergunto se eles todos morreram de frio.

Meu coração bate loucamente quando eu me sento. Eu balanço Bree. Penélope acorda, olhando para mim, seus olhos estão sonolentos e, então, finalmente, Bree abre os olhos, também. Eu me encho de alívio. Não estamos mortos, ainda.

Eu chego perto de Bem e também o chacoalho, em seguida, me levanto e mexo em Logan.

Felizmente, cada um acorda, embora todos eles pareçam congelados, meio mortos. Eu sei que não podemos ficar mais aqui.

"Temos que nos levantar," eu digo. "Temos que nos manter em movimento. Se não o fizermos, vamos congelar até morrer. Vamos. Levantem-se ", eu digo, convocando a minha voz mais rígida, tentando fazer com que eles se mexam.

Eu os ajudo a se levantarem e, lentamente, cada um deles começa a fazê-lo, ouço o som do gelo se quebrando à medida que eles ficam em pé. Logan tenta várias vezes, mas parece que não consegue se apoiar sobre a perna ruim, que está coberta de gelo. Eu tenho esperança de que o gelo tenha ajudado a reduzir sua inflamação, pelo menos. Eu me curvo e coloco um de seus braços por cima do meu ombro, e Ben faz o mesmo do outro lado. Juntos, nos o levantamos sobre seus dois pés. Perco o equilíbrio quando eu faço isso: parece que ele pesa uns quatrocentos e cinquenta quilos.

Logan geme quando fica de pé, ele cambaleia, instável.

"Eu não consigo aguentar", ele fala.

"Nós vamos levá-lo", eu digo.

Eu olho para Ben, ele acena com a cabeça, e, juntos, começamos a caminhar com Logan, ele se inclina pesadamente sobre nós, mancando em uma perna. Bree se apressa e para nos acompanhar, segurando Penélope. Eu dou uma última olhada para trás, para nosso pequeno acampamento, o fogo

congelado, as árvores brilhantes ao nosso redor. Fico feliz de deixar este lugar.

Nós quatro caminhamos pela mata, durante a aurora, cada um dolorido e esgotado. Chegamos a uma clareira aberta e encontramos os trilhos do trem, continuamos ao lado deles, nossos pés trituram gelo com cada passo. Devem estar uns dez graus. Eu nunca estive com tanto frio em minha vida. É um frio entorpecente, que me impede de pensar com clareza.

"Para onde vamos?" Bree pergunta, quebrando o silêncio.

Eu estou me perguntando a mesma coisa. Tudo o que sei é que estamos indo para o norte, para alguma cidade remota no Canadá, que, provavelmente, nem sequer existe. A cada passo, eu sinto mais e mais a inutilidade, a impossibilidade, de nossa missão. Estamos desacelerando a cada passo, também e eu estou seriamente com dúvidas se vamos mesmo sobreviver ao anoitecer.

"Eu não sei", eu respondo para Bree, com sinceridade.

Procuro por um abrigo a medida que avançamos, mas não vejo nenhum. Nada além de árvores intermináveis, trilhos de trem, e o rio congelado ao nosso lado. Nenhum sinal de cidade, nenhum barco, nenhuma casa antiga – nada. Estamos no meio de um vasto trecho de um terreno abandonado, andando e andando. A cada minuto que passa, fica mais frio, mais difícil e minhas pernas doem mais.

"Parem", diz Logan.

Ben e eu paramos e nos viramos para olhar para ele. Ele está gemendo de dor, o rosto contraído, muito pálido. Ele parece um cadáver ambulante.

"Eu não posso mais continuar", diz ele. "Deixem-me aqui. Vocês serão mais rápidos sem mim. Eu não vou aguentar de qualquer maneira. "

"Nós não vamos deixar você", eu digo.

Logan tira os braços de nossos ombros e, de repente, cai no chão. Ele fica ali, sem se mexer.

"Eu não posso continuar", ele fala, deitado.

Todos nós trocamos um olhar preocupado.

"Deixem-me", diz ele. "Estou falando sério."

Eu não sei o que fazer. Eu sei que eu não posso deixá-lo. Mas se ele se recusa a andar, eu não

posso forçá-lo a.

Eu percebo que ele está certo: não estamos chegando a lugar nenhum. Ele está nos atrasando.

Mas, ao mesmo tempo, eu não me importo. Eu penso em situações anteriores, me lembro de quando ele me ajudou. Ele não me deixou morrer, por nenhum motivo. E eu não estou a ponto de deixá-lo morrer. Especialmente porque ele se machucou para salvar a vida de Bree.

"Nós podemos ficar aqui o dia todo, se você quiser", eu digo para ele. "Nós não vamos deixar você. Se você não pode andar, vamos acampar aqui. "

Logan fracamente balança a cabeça, cansado demais para discutir.

Enquanto eu fico ali, escutando o uivo do vento, sentindo mais frio do que nunca, tentando descobrir o que fazer, de repente, eu ouço um barulho.

Ben e Bree devem ouvi-lo, também, porque, ao mesmo tempo, todos nós viramos e olhamos para o horizonte.

Eu fico ali, observando o horizonte e me pergunto se meus ouvidos estão pregando peças em mim. Em primeiro lugar, existe um barulho baixo, como o som de um motor. No começo eu me pergunto se é um barco de um comerciante de escravos, percorrendo o Hudson de alguma forma, apesar do gelo e que está vindo para nos pegar. Mas então eu noto que o motor soa diferente. Como uma espécie de veículo. Talvez um caminhão.

Eu olho ao redor e não vejo sinais de uma estrada. Mas, de alguma forma, o som está ficando mais forte, mais perto. Eu até começo a sentir o tremor do chão debaixo de mim.

"Um trem!" Bree grita, animada.

Assim que ela diz isso, eu percebo que ela está certa. Eu não posso acreditar. Eu não tinha ideia de que isso seria possível. Um trem? Funcionando? Eu não vejo um comboio em andamento há anos.

Mas, novamente, eu nunca vim para o lado de cá do rio.

Mas um trem para onde? De onde? Operado por quem? Não parece possível.

De fato, à medida que continuo olhando, para o horizonte, lá começa a surgir um trem grande de carga oxidado, movendo-se à direita de nós, sobre as faixas. Vai devagar, movendo-se lentamente,

levantando enormes nuvens de fumaça.

Sei que isso pode ser o que nós precisamos. Poderia ser uma dádiva de Deus. Se conseguirmos chegar ao trem de alguma forma, talvez seja quente, ou, se não for aquecido, talvez, pelo menos, estaremos protegidos da natureza. Seja o que for, tem que ser mais quente do que estar aqui fora. E nós poderíamos entrar e descansar e, não importa para onde ele esteja indo, está, no mínimo, indo para o norte. E, quem sabe? Talvez esteja indo para algum lugar civilizado?

Nós não temos escolha. Aqui nós vamos congelar até a morte.

"Logan, você tem que se levantar!" Eu grito para ele. "Há um trem vindo! Temos que pegá-lo! "

"Não", ele geme.

Ben entra em ação: ele se abaixa e, com toda a sua força, ele levanta Logan. Ele o agarra pelos ombros e arrasta seus pés, Logan geme. Eu me aproximo e ajudo, conseguimos deixá-lo em pé.

Logan abre seus olhos e olha para mim.

"Logan, por favor," eu peço. "Você me salvou uma vez. Deixe-me salvá-lo. Deixe que nós o salvemos. Por favor. Sobreviva. Não queremos ficar sem você."

Os olhos de Logan se abrem por um momento, então ele acena com a cabeça, cedendo.

Ficamos parados de um lado, esperando o trem que vem em nossa direção. Felizmente, ele vai lentamente, provavelmente cerca de cinco quilômetros por hora. Meu palpite é que eles querem economizar combustível.

Mas é perfeito para nossos propósitos. Isso nos dará a chance de saltar sobre ele colocar Logan a bordo.

Esperamos ele passar, observando, vejo que se trata de uns vinte vagões. Os vagões são feitos de uma madeira velha e desgastada, e algumas das portas estão abertas, revelando carros vazios. Eu me pergunto novamente qual o seu propósito.

Nós nos colocamos em posição eu arrasto Logan perto dos trilhos.

"Logan, você tem que nos ajudar", eu digo. "Quando nos aproximarmos, Ben vai saltar para cima e abrir a porta. Ele vai te puxar e eu vou empurrar. Bree, quando Ben saltar, você saltar também e

entra. Todos prontos? "

Todos nós assentimos, lá vem o próximo vagão.

"AGORA!" Eu grito.

Ben salta para dentro do trem, vira e estende uma mão. Ao meu lado, Bree pula com Penélope, entrando facilmente no carro. Empurro Logan com todas as minhas forças e Logan faz o seu melhor para fazer um último esforço, pegando a mão de Ben se empurrando. Ben, por sua vez, puxa Logan com tudo o que ele tem. Dou-lhe um empurrão final e ele vai de cabeça no carro. Suas pernas estão saindo, mas ele está dentro.

O carro passa por mim, então eu corro para alcançá-lo. Minhas pernas estão se movendo lentamente, mais duras do que eu pensava e eu escorrego. O trem está ficando mais longe.

"Brooke!" Bree grita.

Eu me levanto e me esforço para correr mais rápido, o ar frio cortando meus pulmões.

Ouçõ a voz do meu pai na minha cabeça.

Vamos lá, soldado. Vamos!

Eu corro, apesar da dor rompendo meus membros congelados, respirando com dificuldade. Eu corro mais rápido que o trem, alcanço o carro, então agarro a mão de Ben. Subo num degrau de ferro e ele me puxa. Entro e caio no vagão.

Sento-me, olhar ao redor, e mal posso acreditar. Entramos. Conseguimos. Nós quatro. Penélope late.

Eu cair na gargalhada, um riso vitorioso. É contagiosa e todos nós ficamos sentados lá, rindo.

Nós conseguimos. Estamos livres do frio e estamos em movimento.

É muito mais quente aqui, em comparação com o amargo frio lá fora. Esta é a oportunidade que precisávamos para descongelarmos. Para descansar. Melhor ainda, agora temos uma visão do campo enquanto avançamos, o que nos permite olhar para todas as cidades – ou qualquer outra coisa.

"Nós conseguimos", eu digo.

Eu olho para baixo e vejo Logan sorrindo, deitado no chão. Bree e Ben se sentam perto.

"A questão é, para onde?" Ben pergunta. "Para onde está o trem está indo?"

É a mesma pergunta que eu estou me perguntando.

"Onde quer que seja", Ben diz: "ele não pode ser bom. Eu estou supondo que as únicas pessoas organizadas o suficiente para executar um comboio devem ser os comerciantes de escravos."

"Pode ser algum tipo de governo ou unidade militar", eu digo. "Talvez até aquela cidade no Canadá que Logan estava falando."

Mas mesmo quando eu digo isso, eu sei que é improvável. Eu sei que Ben está provavelmente certo.

"E se não for?", Pergunta ele.

"Bom, penso que não estamos com frio e agora temos um ponto de vantagem para explorar o campo. Se passarmos por quaisquer cidades, quaisquer abrigos, qualquer estrutura, qualquer barco – qualquer coisa boa – podemos descer. Ficarmos no meio da floresta também não estava ajudando".

Ben dá de ombros, não convencido.

"É arriscado", diz ele. "Nós não sabemos o que está acontecendo aqui. Ou o que está esperando por nós."

Uma parte de mim sabe que ele está certo; mas, ao mesmo tempo, eu não vejo que outra escolha.

Temos que seguir com este trem e ver onde ele nos leva.

E só espero e rezo pelo melhor.

*

Abro os olhos, imediatamente alerta. Alguma coisa está errada. Eu olho em volta e vejo Bree, Logan, Ben e Penélope, todos dormindo na minha frente. A tênue luz da tarde entra silenciosamente pelas frestas da madeira. Tudo parece muito tranquilo. Mas eu sei que alguma coisa está errada. Eu posso sentir isso.

E então eu percebo: não estamos em movimento. O trem parou.

Tento me orientar, lembrar. Estou sentada exatamente onde eu me coloquei quando cheguei, junto às ripas da porta do trem, para que eu pudesse olhar para fora. Lembro-me de ter sentado aqui e assistido a paisagem de campo, por horas. Olhava desse lado, e Ben do outro. Prometemos deixar o

outro saber se víssemos algo que valesse para sairmos do trem. Mas eu fiquei olhando por horas, e não vi nada. Não havia nada além de deserto e desolação. E neve e o gelo, até onde a visão podia alcançar. Era uma terra árida: como atravessar a face da lua.

E então, em algum momento, eu devo ter caído no sono. Mas que idiotice minha. Eu deveria ter ficado acordada, em guarda. Mas, quando olho em volta, vejo que os outros dormem também.

Estávamos tão cansados.

E agora estamos parados. Eu não sei o porquê. Ou onde. Eu olho e não vejo nada, somente deserto.

Meu coração está batendo forte, quando penso qual poderia ser nosso destino. Devo acordar todo mundo? Devemos ir agora?

Antes que eu possa decidir, eu ouço um barulho. A princípio, ele é fraco, então ele se torna mais nítido. Ouço passos na neve e no gelo se aproximando. O som de trituração fica mais alto, já que várias pessoas estão cada vez mais perto. Eu me preparo, querendo saber quem pode ser. Tenho a sensação de que, quem quer que seja, não pode ser bom.

Eu olho em volta para os outros, meu primeiro instinto é protegê-los. Alcanço minha cintura, sinto minha faca e coloco a mão sobre ela, pronta para usá-la se for preciso.

"Ben," Eu chamo.

Ele não responde, dormindo.

"Ben," Eu chamo novamente.

Finalmente, ele abre os olhos e pisca várias vezes, desorientado.

"Temos companhia."

Ben se senta, alerta. Logan, agora acordado, desliza a pistola para Ben, que a pega.

De repente, a porta do trem desliza aberta, inundando o vagão de luz. A iluminação é ofuscante e, por um momento, eu não consigo ver o que está acontecendo. Eu me ajoelho lado, fora de vista; Por sorte, Ben, Logan e Bree estão de um lado que não pode ser visto. Todos nós nos escondemos em

cantos escuros, não há nenhuma maneira de nos identificarem sem que olhem com cuidado. Meu coração está batendo forte no meu peito, quando me pergunto quem poderia ser.

Ouçõ os gritos e gemidos de várias pessoas e, momentos depois, seus corpos são lançados para todos os lugares dentro do carro. Um após outro, os corpos pousam no chão com um baque, no vagão, junto com a gente. Estas pessoas estão amarradas e amordaçadas, com as mãos presas atrás das costas e os pés amarrados, elas caem com força no chão duro, se contorcendo. Eu percebo que alguém deve estar jogando as para dentro.

Eles são prisioneiros. Mas para quem? E por quê? E para onde eles serão levados?

Eu me preparo, me perguntando se alguém irá nos seguir, se eu terei que lutar.

Mas as portas corrediças do trem se fecham rapidamente com um estrondo. Eu ouço um som novo e faz meu coração apertar: é o som de um parafuso de metal pesado, sendo colocado no lugar. E então, eu percebo: estamos sendo fechados.

O trem começa se mover de novo.

Estou sobrecarregada de emoções conflitantes. Uma parte de mim quer sair imediatamente, uma reação precipitada, uma vontade de abrir a porta. Eu odeio ficar trancada em qualquer lugar. E agora eu me sinto como uma prisioneira.

Mas outra parte de mim me obriga a manter a calma, para descobrir o que está acontecendo. E, possivelmente, esperar. Afinal, não há boas opções lá fora, também.

Ben deixa a arma e eu abaixo a minha faca. Nós quatro trocamos um olhar desconfiado, olhando para os nossas novas companhias.

"Brooke?" Bree chama nervosamente.

"Está tudo bem, Bree," Eu digo com confiança.

Os seis prisioneiros se viram com o som da nossa voz; eles se contorcem e olham para mim.

Entra luz suficiente entra as ripas para que eu possa ver perceber. Eles têm a nossa idade.

Adolescentes. Magros. Eles parecem cansados, doentes, com frio. Eles se parecem com mortos

vivos. Olham para mim com olhos desesperados, ocos. Uma delas, uma menina com o cabelo castanho fibroso, conseguiu se livrar da mordação.

"Por favor, ajude-me", ela sussurra para mim, com a voz rouca. "Por favor, me solte. Eu te imploro. " Olho para Ben e ele assente, com a cabeça.

"Não faça isso", diz uma voz.

Logan está sentado, lutando com sua perna. "Não os desate."

"Por quê?"

"Você não os conhece. Você não sabe como eles vão reagir. "

"Eu não vou te machucar", a menina sibila para Logan.

"Eu sei que ela não vai me machucar", diz ele. "Mas eles podem chamar a atenção que não precisamos."

Eu olho entre ela e Logan, pensando. Logan é tão cínico, eu não compartilho suas opiniões. E eu não posso deixar de me sentir terrível por ela.

Corro para ela e uso a faca para cortar as cordas por trás de seu pulso. Eu, então, corto as cordas que amarram seus pés. Ela imediatamente se inclina para frente e esfrega seu pulso e tornozelos, respirando com dificuldade, arrancando-lhe a mordação.

Ela examina o vagão do trem, parecendo frenético, seus olhos estão arregalados.

"Você tem que sair enquanto pode", ela fala rapidamente, agitada. "Você não entende. Você não entende o que eles vão fazer com você."

Ela olha ao redor, como se estivesse louca, como se estivesse procurando uma maneira de escapar.

"Quem são eles?", Pergunto. "Quem é você? Para onde eles estão levando você? "

"Eu tenho que sair", ela fala, ficando de pé. "Eu não posso deixar que eles nos levassem."

"Levá-la para onde?" Eu pergunto, ficando cada vez mais alarmada. Ela vira a cabeça para todos os lados, então, de repente, ela se levanta e começa a correr por todo o vagão.

"Espere!" Eu grito, preocupada com o que ela vai fazer, preocupada que ela chamará a atenção

para nós. Logan estava certo. Eu não deveria ter desamarrado.

Mas é tarde demais. Ela se lança por todo o vagão, corre para a pequena porta que liga os dois carros. Ela tenta abri-la, mas não consegue.

Ela se inclina para trás e chuta a madeira com os pés descalços. Ela chuta de novo e de novo, mesmo cortando seus próprios pés. Seja lá o que for que ela está fugindo, ela está realmente desesperada. Ela joga seu corpo através da madeira e, finalmente, a quebra. Uma rajada de ar gelado entra no carro.

"Pare!" Eu grito, correndo para ela.

Mas eu não consigo pará-la a tempo. Ela pula entre os carros e depois salta para baixo, caindo com os pés descalços na neve e no gelo.

Ela não parece se importar. Olho para ela, e ela continua correndo, correndo para longe do trem.

De repente, o trem faz uma parada brusca, me faz voar pelo vagão e bater a cabeça na parede.

Viro-me e olho entre as ripas e a vejo correndo pelo campo. Então eu vejo um comerciante de escravos. Ele dá um passo para cima, segura uma arma e dispara.

"Não!" Bree grita, de pé ao meu lado, também assistindo.

Ela foi baleada nas costas dela e cai de cara, morta.

O comerciante de escravos se vira e olha para o nosso carro. Eu sinto como se estivesse olhando diretamente para mim.

"Sinto muito", disse Bree. "Eu não devia ter gritado."

Meu coração afunda ao ver o comerciante de escravos se aproximando de nosso carro.

"Nós temos que sair daqui", eu digo com urgência.

"Eles estão vindo!" Bree grita, ainda olhando pelas frestas. Viro-me e olho: comerciantes de escravos. Toneladas deles. Eles estão vindo em direção ao nosso vagão. Estamos perdidos.

Como fui idiota. Eu não devia ter soltado a menina.

"Nós temos que nos render!", diz Ben. "Eles vão nos matar."

"Não!" Eu grito, determinada a nunca mais ser capturada. "Não vamos nos render. Quando eles abrirem a porta, dispare! "

Eu mantenho minha faca, pronto para atirá-la.

De repente destrancam a porta e a tiram.

Assim que o fazem, Ben dispara. Ele consegue atingir um comerciante de escravos no peito. Ele cai de cara, no carro.

Enquanto isso, a arma do comerciante de escravos cai de suas mãos e desliza pelo chão em minha direção. Eu a pego.

Eu me ajoelho, de costas para a parede oposta, e abro fogo. Mato um após o outro. Ben também atira. Os corpos estão se acumulando. Eu não consigo acreditar nos danos que estamos fazendo.

Eu gostaria de saber o quanto de munição que me resta quando, de repente, a parede se abre atrás de mim. Eu não tinha ideia de que havia uma porta de correr no outro lado do carro, também, e agora eu percebo que minhas costas não estavam contra uma parede, mas contra uma porta. Ela se abre atrás de mim e eu sinto mãos me agarrando, me puxando para trás.

O mundo e o céu passam voando por mim, enquanto eu saio voando pelo ar e caio de costas na neve. Eu sinto minha cabeça e costas baterem no gelo duro, sinto o ar sair de meu peito.

Atordoada, caída de costas, eu olho para o céu azul, as nuvens e depois vejo vários comerciantes de escravos em cima de mim, franzindo o cenho para baixo através de suas máscaras. Antes que eu possa reagir, um deles levanta sua bota.

A última coisa que eu vejo, vindo na direção do meu rosto, são as suas grossas solas de borracha.

E então meu mundo escurece.

Q U A T O R Z E

Eu acordo com uma dor de cabeça terrível. Todo o lado direito do meu rosto está inchado e eu posso sentir um caroço enorme na minha cabeça. A dor é tão forte que, pela primeira vez, eu não sinto fome nem frio. Parece uma combinação de uma péssima ressaca e de ter sido golpeada com um

soco no rosto.

É quando eu me lembro: os comerciantes de escravos. A nossa luta. Aquela bota na direção da minha cara.

Em pânico súbito, tento descobrir onde estou. Eu ouço o som familiar do trem em movimento nas pistas e sinto um vento gelado soprando, percebo que eu estou de volta ao mesmo vagão de trem. Só que, agora, as coisas são diferentes: eu estou deitada de lado, no chão e quando tento mover as mãos e os pés, percebo que estou presa. Minhas mãos estão amarradas juntas nas minhas costas com uma corda de linho grosso e os meus pés estão amarrados nos tornozelos. Eu me contorço, tento me mover, mas não consigo. A corda fere minha pele. Eles me amarraram muito bem.

Eu levanto minha cabeça, olho ao meu redor, tentando desesperadamente ver quem mais está aqui comigo. Olho primeiro para Bree. Há vários corpos espalhados pelo chão do vagão e, a princípio, eu não posso dizer quem é quem. Há pelo menos dez pessoas aqui. Agora somos apenas o primeiro grupo que foi jogado aqui: atados. Desamparados.

Sou tomada pelo pânico quando me pergunto se Bree ainda está comigo, se ela está viva ou morta. Eu olho ao meu redor, em todas as direções, movendo o meu corpo da melhor forma possível e, finalmente, com alívio, a vejo. Ela está presa, também, encostada ali. Estou aliviada que ela está aqui e ainda mais aliviada ao ver que seus olhos estão abertos e que ela está olhando para mim.

Como uma bola sobre seu estômago, está Penélope, tremendo, encolhida .

"Bree? Você está bem? "

Ela acena com a cabeça, mas seus olhos estão arregalados, posso ver o medo no seu rosto.

"Você está ferida?" Eu pergunto. Eu examino seu corpo, sem ver sinais de lesão e, quando ela balança a cabeça, dizendo não, eu me sinto ainda mais aliviada. Temos sorte. Matei vários deles. E tudo o que fizeram em troca foi nos prender.

Mas, quando eu penso sobre isso, eu percebo que talvez não tenhamos tanta sorte. Se eles escolheram nos prender, nos levar para algum lugar, ao invés de nos matar, deve haver uma boa

razão. E isso só pode significar que eles estão nos levando a um lugar para nos torturar. Ou, para sermos usados como esporte. Ou pior: para nos fazer lutar em outra arena.

Meu estômago se contorce quando penso nisso. Eu olho a minha volta no vagão, vejo Ben e Logan, ambos presos. Também observo as outras crianças, todas amarradas, deitadas no chão, sem se mover. Não posso acreditar que eu acabei nessa posição novamente. Uma prisioneira. Eu não consigo me imaginar indo para outra arena. Fecho meus olhos por um momento de agonia, tentando bloquear tudo.

O passeio de trem fica turbulento, minha cabeça bate na madeira e me faz acordar. Percebo que eu adormeci.

De repente, ouço uma batida forte na porta do trem. Estou confusa, pois o trem ainda está em movimento. O barulho vem de novo, de ambos os lados, como granizo batendo na madeira.

Eu rolo, contra a porta do carro e levanto o pescoço, olhando pelas frestas. Eu não posso acreditar no que vejo.

O trem diminui a velocidade à medida que entramos nos escombros de uma cidade. É um lugar grande, os prédios estão queimados, vejo apenas a pilhas de ruínas. As ruas estão cheias de lixo, dejetos, e para minha surpresa: pessoas. Os mutantes. Biovítimas. Seus rostos estão desformados e derretidos, seus corpos magros. Parecem malucos, como se um hospício tivesse deixado todos seus pacientes saírem de uma só vez. Parece que eles foram despedaçados, se pudessem. Pela primeira vez, eu estou feliz que essas portas do trem são fechadas com parafusos.

Grupos deles começam a mancar em direção ao trem, atirando pedras em nós, enquanto passamos. Alguns vêm até a porta e batem nela com paus. Eles estão cantam e gritam, estou tentando entender o que está acontecendo.

À medida que atravessamos a cidade, quarteirão após quarteirão, percebo que estamos sendo levados para algum lugar para o entretenimento desses povos. Nós somos a diversão. O som dos objetos batendo no carro é ensurdecedor.

Tento descobrir em que cidade em que estamos. Fomos tão longe ao norte, por tanto tempo, eu

estou supondo que deve ser o norte do estado de Nova York. Quando olho para fora, para o contorno da cidade, acho que reconhecer o que já foi Buffalo. Vejo rios à distância, cruzando toda a cidade e estou surpresa de ver várias lanchas sobre eles. Barcos de comerciantes de escravos, bem guardados, dezenas de soldados, em todos os lugares.

Isso me diz algo. Estamos sendo levadas a eles. E isso só pode significar uma coisa: uma nova arena.

As batidas crescem tão alto que eu temo que irão esmagar as portas do vagão. Nesse exato instante, o trem, de repente, mergulha para baixo, como um passeio de montanha-russa. Eu sinto um frio na barriga. De repente, a cidade fica escura. As pistas estão inclinadas para baixo, viraram um túnel, que passa por baixo da cidade. Agora tudo que eu vejo são as luzes de emergência vermelhas do túnel, que passam a cada vinte metros ou mais. Nosso destino não pode estar longe.

Eu atravesso todo o vagão, fico ao lado de Bree. Quero ter certeza de que ela está bem.

"Está tudo bem Bree," Eu a tranquilizo. "Só fique perto de mim. Você entende? Aconteça o que acontecer, fique perto de mim. "

Ela acena com a cabeça e eu posso ver que ela está tentando ser corajosa, mas ela está assente em meio a lágrimas silenciosas.

De repente, o trem pára. Lá vem o som de nosso vagão sendo destrancou, os parafusos são retirados.

Penélope late.

"Vai Penelope!" Bree grita.

Ela olha para Bree e choraminga, não querendo sair.

"VÁ! CORRA! ESCAPE!" Bree grita ferozmente.

Penélope finalmente a ouve e, assim que a porta do carro se abre, ela se vira e dispara, saltando para fora. Ela passa tão rápido, voa sem que os comerciantes de escravos notem, desaparecendo sob os trilhos. Espero que ela corra para muito longe daqui.

Nós não temos tanta sorte. Vários pares de botas de aço sobem dentro do carro e eu olho para

cima, vejo seus rostos, através das máscaras, olhando para baixo.

Agora, estamos à sua mercê.

*

Um comerciante de escravos caminha em minha direção e tira uma faca enorme. Fico ali, amarrada e indefesa e fecho os olhos, esperando que ele me apunhalem. Eu me preparo. A faca se aproxima e ele se inclina, vejo a lâmina descer. Eu recuo.

Mas, para minha surpresa, ele não me corta; em vez disso, ele desliza a faca entre os meus pés e corta as cordas entre meus tornozelos. Ao meu redor, os outros comerciantes de escravos estão fazendo o mesmo com os outros. Eles querem que a gente ande. Eles estão nos levando a algum lugar. Também espero que eles cortem as cordas dos meus pulsos, mas eu não tenho tanta sorte. Um comerciante de escravo me agarra por trás, pela parte de trás de minha blusa e me levanta para que eu fique em pé. É bom estar de pé novamente, esfrego meus tornozelos juntos, tentando acalmar a queimadura da corda. As cordas estão ainda apertadas demais em meus pulsos, limitando meus ombros e, enquanto eu ando, mal posso me movimentar.

Os comerciantes de escravos também tiram as mordanças de outros prisioneiros. Assim que o fazem, uma menina uns dois anos mais nova que eu grita, desesperada.

"Onde você está nos levando !? Para onde vamos? Onde estamos? "

O comerciante de escravos se aproxima e lhe dá um tapa com as costas de sua mão no rosto dela.

Ela grita e cai para trás, batendo em algumas caixas vazias. Outro comerciante de escravos a puxa para que fique de pé.

Lição aprendida. Não seja insolente.

Somos agrupados fora do trem e guiados para baixo do chão, pelo túnel de trem. Minhas botas trituram no cascalho. Pelo menos é seco aqui, não há neve. Mas é escuro, iluminado somente pelas lâmpadas de emergência, e é frio, correntes de ar açoitam através dos túneis vazios. Estamos todos agrupados, eu me certifico de ficar perto de Bree. Somos cutucados e empurrados ao começarmos a

marchar túnel abaixo, indo mais fundo na escuridão. Gostaria de saber para onde eles estão nos levando.

Somo empurrado e impelido no túnel após o túnel, indo cada vez mais fundo, dezenas de comerciantes de escravos estão atrás e na nossa frente. Eu ando com Bree de um lado e Logan e Ben do outro. Logan está sofrendo, eu posso ver, mancando muito em sua perna, Ben e eu fazo o nosso melhor para apoiá-lo entre nós. Os outros prisioneiros marcham como ovelhas, nem mesmo tentam resistir.

Nós viramos uma curva e paramos diante de uma parede de pedra. Há apenas uma tocha acesa e debaixo dela, mal posso distinguir uma porta de aço. Um comerciante de escravos dá alguns passos para a frente, a destranca e a deixa aberta.

Levo um chute forte na parte inferior das minhas costas e sou empurrada, com o resto do grupo, caindo para dentro do lugar. Eu caio com força no chão, levantando poeira do chão sujo, em seguida, ouço a porta de aço bater atrás de mim.

Mas minhas mãos estão presas com tanta força nas minhas costas que é difícil para mim conseguir ficar em pé de novo. Eu fico lá, ao lado de Bree e Logan e com os outros, olho para cima, tentando descobrir onde estamos.

É uma enorme sala cavernosa, as paredes iluminadas por tochas, no alto. É como uma grande caverna. A primeira coisa que noto é o barulho. E o segundo é o movimento.

Olho para cima, tirando poeira dos meus olhos e vejo dezenas de pessoas que pululam pela sala. Crianças. Nós somos os únicos amarrados, as crianças novas, jogadas no chão.

Enquanto observo, vários das outras crianças correm em nossas direções e, de repente, começam a chutar uma adolescente no chão, a poucos metros de distância de mim. Ela grita quando a chutam por todos os lados. Várias crianças se abaixam e começam a vasculhar seus bolsos, procurando por sobras que puderem encontrar.

Quando eu estou a ponto de gritar em protesto, eu sinto um chute forte no meu estômago. Eu olho para cima e vejo um menino parado perto de mim. Sinto que outros vasculham meus bolsos. Então eu sinto outro chute.

Eu me chacoalho como louca, tentando me libertar, mas minhas mãos estão fortemente amarradas.

Conseguo me virar de lado e, com meu pé livre, chuto um deles com força no rosto: um menino desgredado, de uns 15 anos. Chuto com força a sua mandíbula e ele cai. Mas, de imediato, recebo outro chute nas minhas costelas. Há muitos deles.

Olho para Bree e vejo, felizmente, que não chegaram nela ainda. Mas vejo um menino se aproximar dela, talvez de uns 11 anos, com cabelos castanhos e olhos verdes. Mesmo sob essa luz, não posso deixar de notar que ele parece diferente dos outros – nobre, inteligente, gentil. Ele é bonito, também, com sardas espalhadas por todo o rosto.

Por isso, fico surpresa ao vê-lo puxar uma faca, com este doce rosto angelical que ele tem, e apontá-la para as costas expostas de Bree.

"BREE!" Eu grito desesperadamente.

Enquanto eu a vejo, a vários metros de distância, o menino abaixa a faca e, para minha surpresa, corta as cordas que limitam seus pulsos. Ele a liberta.

Sinto outro chute nas minhas costelas, logo antes de eu ver Bree gritar para ele: "Liberte-a!" apontando para mim.

O menino se infiltra entre os outros e, um momento depois, eu sinto a faca cortando as cordas dos meus pulsos.

Isso é tudo que eu preciso. Um momento depois, eu fico em pé e ataco a pessoa na minha frente, com força, menino magrelo de 17 anos. Eu o empurro vários centímetros para trás e lhe bato com força no chão, deixando-o sem ar. Eu fico em pé, giro e chuto outro menino com tudo no rosto, nocauteando-o.

Então eu me viro de novo, como uma mulher selvagem, pronta para enfrentar os outros.

Mas agora que eu estou livre e, por ter causado alguns danos, os outros parecem desconfiar de mim. Das doze crianças que estão ali, apenas uma dá passos para a frente para me desafiar. Um menino, sem um olho, talvez de uns 15 anos, mas alto e gordo. Ele franze a testa ao me atacar,

chegando com a palma da mão suja para me dar um tapa no rosto.

Eu esquivo no último segundo e ele sai zunindo por mim. Quando ele o faz, eu me inclino para trás e chuto com força em sua lombar. Ele sai voando para a frente, de cara, e cai sobre seu estômago, cheio de gordura. Não perco nenhuma chance, eu corro atrás dele e chuto com força entre suas pernas, enquanto ele está no chão. Ele geme de dor e pára de se mover.

Viro-me para enfrentar os outros, mas, agora, eles estão com medo. Todos eles recuam, começando a se dissipar. Vejo que Logan e Ben ainda estão amarrados e me apresso para eles, olhando para o menino que nos libertou. Eu não sei quem ele é, onde ele foi, ou por que ele fez isso – mas agora eu não consigo encontrá-lo. Eu fico próxima a eles, protegendo-os e as outras crianças se afastam para os fundos.

Eu percebo que essas outras crianças são prisioneiras, assim como nós. Eu não consigo entender por que eles nos recebem desta maneira.

"Eles fazem isso com todos os novatos", diz uma voz.

Viro-me e vejo o menino ali, segurando a faca.

"Eles estão apenas tentando ataca-los. Para tirar o que podem. E, para testá-lo. Afinal, você é a concorrência. Eles querem mostrar quem é que manda. "

"A concorrência?" Bree pergunta, dando um passo a frente.

Eu posso ver pelo jeito que ela está olhando para esse menino que ela gosta dele. E eu posso ver pela maneira como ele olha de volta que ele também gosta dela. Ele abaixa a faca.

Corro até ele. "Pode me emprestar isso?" Eu pergunto.

Ele olha para mim com cautela, relutante em deixar sua arma comigo.

Aponto para Ben e Logan, ainda amarrados no chão. O rapaz se vira, não querendo soltar sua faca, em vez disso, ele se apressa para cortar as cordas.

Ben fica rapidamente em pé; ele está abalado, mas não ferido gravemente. Logan, no entanto, só se vira. Eu posso ver pela dor em seu rosto, que ele é incapaz de se levantar. Sua perna inchada parece pior.

É mais quente aqui, muito mais quente do que lá fora. Com todo o calor humano, com todas as tochas, deve estar perto de uns 60 graus aqui. Agradeço pelo indulto: não precisamos nos descongelar. Porém não é bom para a perna de Logan. Eu não posso deixar de pensar em Rose, de como ela morreu. Peço a Deus para que Logan não tenha o mesmo destino. É tão estranho olhar para ele agora, ali, tão indefeso, quando, poucos dias atrás, ele era a nossa força, a espinha dorsal da nossa equipe.

"Sim, a concorrência", o menino continua, voltando para o lado de Bree. "Acha que vocês estão aqui sozinhos?"

"Onde é aqui?" Eu pergunto. "Onde estamos?"

"Você está na gaiola, assim como todos nós. Nós somos o entretenimento agora. Amanhã, os jogos começarão. Vocês participarão, assim como o resto de nós. Nós todos vamos morrer juntos. "

Viro-me e examino o quarto, olho para todos os rostos. Todos são crianças, adolescentes, assim como nós. São todos magros, sobreviventes, sequestrados dos campos pelos comerciantes de escravos. Alguns parecem mais doentes do que os outros. Apenas alguns deles parecem estar mais ou menos bem. Eu percebo, com uma sensação de agonia, que estamos indo na direção de outra arena, em breve, lutaremos até a morte. Para matar uma das crianças nesta sala.

Eu só identificar uma pessoa que parece forte e eu estou surpresa ao ver que é uma menina. Com a minha idade, a minha altura, mas com uma estrutura mais musculosa do que eu. Na verdade, ela está quase parecida com um fisiculturista. Ela usa calças apertadas, de camuflagem e uma camisa verde esfarrapada e, por algum motivo, ela fica do outro lado da sala, com as costas contra a parede, e olha diretamente para mim com seus grandes olhos negros. É um olhar penetrante, intenso e eu me pergunto o que eu fiz para desagradá-la. Ela se parece um oponente formidável.

"Não tenha medo dela", diz o menino, observando o meu olhar. "Essa é a minha irmã."

Dirijo-me para o menino e não vejo nenhuma semelhança.

"Ela só está cuidando de mim."

Viro-me e olho para o garoto, e me lembro como ele nos ajudou. Sou muito grata.

"Obrigada por nos salvar", eu digo.

Ele sorri e encolhe os ombros para trás. Ele é bonito, inocente, com suas sardas no nariz.

Bree se aproxima dele. "Sim, obrigada", ela ecoa.

Ele se vira e olha para ela e sorri de volta, parecendo ser paralisado por ela.

Ela olha para o lado e eu poderia jurar que eu vejo seu rosto corar.

"Quer nos apresentar a sua irmã?" Eu pergunto.

"Claro", diz ele.

Há uma doçura neste menino, uma atitude feliz e despreocupada, que me surpreende, como se ele é não se incomodasse com tudo isso.

Enquanto o seguimos, Ben e eu arrastamos Logan. Bree se apressa e caminha ao lado dele.

"Qual o seu nome?", Pergunta ele.

Bree se vira e olha para mim, como se pedisse permissão, e eu aceno de volta.

"Bree", diz ela. "Qual é o seu?"

"Charlie", diz ele, estendendo a mão.

Bree espera um momento e depois a aperta.

"Charlie", diz ela. "É um nome engraçado."

"Por quê?", Pergunta ele.

"Eu não sei, simplesmente é."

"Minha irmã não vai gostar", ele me diz, quando nos aproximamos. "Eu só estou avisando. Ela fica brava quando eu falo com as pessoas. Especialmente se eu as ajudo. Ela quer que fiquemos sós.

"

Aproximamos-nos, e ela aparece à vista, está debaixo de uma tocha: ela está contra a parede, os braços cruzados, com sua camisa sem mangas, eu posso ver seus músculos enormes em seus ombros e braços. Ela se parece com uma rocha, como parte da própria parede. Parece uma pessoa sem senso de humor, com o rosto de um guerreiro. O oposto de seu irmão mais novo. Ele estava certo: ela está de cara feia.

"Venha aqui", ela manda Charlie.

Ele se apressa e fica ao seu lado, de frente para nós.

"Seu irmão nos salvou," eu digo a ela. "Obrigada".

"Ele deveria ter deixado vocês morrerem", diz ela.

Ela franze a testa, elas quis dizer cada palavra que mencionou.

Estou surpresa com a resposta dela. Eu nunca conheci uma pessoa tão difícil; ela é mais difícil do que Logan antes.

"Nós não estamos executando uma caridade aqui. É cada um por si. E se eu tiver que matar cada um de vocês nos jogos, eu vou ", diz ela. "Não pensem que vocês serão meus amigos."

"Eu nem sei do que tratam os jogos são," eu digo.

Ela olha fixo para mim, fria. "Você irá."

"Não seja tão má com eles, Flo", Charlie pede.

"Que jogos?" Ben pergunta, dando um passo a frente.

Ela o examina, olhando-o de cima a baixo, com frieza, analisando sua concorrência. Parece que ela decide que não vale a pena.

"A razão pela qual estamos aqui", diz ela. "Somos isca. Todo mundo morre. "

"Exceto você!" Charlie entra na conversa com orgulho. "Diga a eles! Ela é a única que conseguiu sobreviver. Esta é a sua segunda vez. "

Examino-a com um novo respeito. De alguma forma, eu não estou surpresa.

Mas sua carranca só se aprofunda.

"Eu não sou estúpido o suficiente para pensar que isso significa que eu vou sobreviver novamente. A nova arena começa amanhã. Eles verão como matamos uns aos outros, até que estejamos satisfeitos. Vencer não te leva a algum lugar. Eu estou de volta aqui, onde eu comecei. Não há prêmio para o vencedor. Apenas uma morte prolongada. "

"E quanto à fuga?" Eu pergunto.

Ela olha para mim como se essa fosse a ideia mais estúpida do mundo.

"Você não acha que se fosse assim tão fácil, eu teria feito isso já?"

Ficamos ali, no silêncio sombrio e eu pondero esta notícia. É desolador. Ela tem razão: se houvesse uma maneira de sair, eu tenho certeza que ela teria encontrado. Estamos presos.

"Ou alguém teria," Flo acrescenta. "Eles trazem essa gentinha pelos vagões de trem. Este quarto está sempre enchendo com eles. Eu os odeio. Eu odeio todos eles. Eles são tão estúpidos. Eles não percebem o que está à frente deles. Alguns deles tentam escapar. Eles não chegam longe. Realmente não importa: todos nós vamos morrer de qualquer maneira. Aqui ou lá fora. "

Eu olho e vejo Charlie esgueirando por trás de sua irmã; ele chega e entrega furtivamente algo a Bree algo. Ela alcança e agarra-lo.

"Charlie, não!" Grita Flo, dando um tapa em sua mão. Mas é tarde demais. Ele é pego em flagrante, quando dá a Bree um pequeno pedaço de chocolate.

"Qual é o problema com você !?" ela pergunta.

"Eu só quero dar a ela um pequeno pedaço", diz ele.

"Essas pessoas não se importam com nós", ela repreende.

Charlie olha para baixo, envergonhado.

Você está errada, eu quero falar. Eu me importo com você. E especialmente com Charlie, a quem eu já amo como um irmão. Terei sempre um espaço especial para ele em meu coração, por ter nos ajudado e por ter dado um pedaço de chocolate para Bree. Seu coração ficou muito insensível, eu quero dizer a ela. Você pode estar sobrevivendo, mas já está morta por dentro.

Mas eu não digo nenhuma dessas coisas, porque eu reconheço uma parte de mim nela. E isso me assusta. Ela é quase como a versão de mim mesma, o que eu poderia ter se tornado, se eu passasse por uma estrada tão árdua. Eu me lembro de o que aconteceu quando eu ajudei aquele homem lá no Hudson, e uma parte de mim a entende e a respeita – mas, ao mesmo tempo ela me desagrada.

"Você pode tê-lo de volta", diz Bree, estendendo a mão para entregá-lo a Flo.

Flo olha para ela e, por um milésimo de segundo, eu acho que vejo sua expressão amolecer.

Em seguida, ele endurece novamente.

Ela vira de costas, pega Charlie e o puxa, para ir embora com ela. Eles desaparecem, para um lado mais escuro da sala cavernosa, sinalizando claramente que o seu tempo com a gente acabou. Eu os assisto andar na escuridão, já sinto falta de Charlie, sinto como se tivéssemos perdido um amigo.

Bree se vira e mostra o chocolate para todos nós.

"Vamos dividir", diz ela.

Ben balança a cabeça, e eu faço o mesmo, também, apesar da dor no meu estômago.

"É seu", eu digo.

"Logan, e você?", Pergunta. "Você tem que comer alguma coisa."

"Essa é uma boa ideia", repito, e Ben e eu o ajudamos a se levantar.

Ele olha para ela fracamente e balança a cabeça.

Mas Bree quebra um pedaço de sua porção e coloca-o na boca dele. Ela empurra o chocolate em sua boca e mastiga. Seus olhos brilham, pela primeira vez em dias.

"Esse é o melhor chocolate que eu já comi", ele diz a ela.

Meu coração se parte ao som de sua voz, ouço o quão fraco ele está. Penso na ironia: nós viemos até aqui por causa dele e ele se machucou salvando Bree. Eu me sinto horrível. E Bree também.

"Eu preciso sentar," Logan sussurra.

Todos nós nos dirigimos para a parede oposta, arrastando Logan com a gente. Encontramos um ponto contra a pedra onde todos possam se sentar, iluminados sob uma tocha, de costas para a parede. É um bom ponto de vantagem: nós podemos examinar a sala inteira, ver o que todo mundo está fazendo, ter certeza que ninguém vem para cima de nós.

Instalamos-nos e esperamos, um silêncio pesado nos cobre. Eu não consigo evitar, mas sinto como se todos nós estivéssemos esperando por nossas mortes.

*

Nós ficamos sentados lá, nós quatro, de costas contra a parede, olhando para fora, observando.

Não sei quanto tempo se passou. A atividade na caverna parece ter se acalmado, com a maioria dos

outros sentados ou deitados ao longo das laterais da caverna. Poucas pessoas atravessam de um lado para o outro, interagem um com o outro. A maioria são desconfiados e cautelosos e se mantêm reservados. Eu me sinto como se estivéssemos na prisão e eu não confio em ninguém. Especialmente após a recepção que tivemos.

Olho para Bree, sentada à minha direita, e Ben a seu lado. Cada um deles se senta com seus olhos bem abertos, observando em estado de choque. Eu olho para o meu outro lado e vejo que os olhos de Logan estão fechados. Sua respiração é superficial, estou preocupada com ele. Eu estendo a mão e afasto o cabelo de seus olhos, coloco a mão em sua testa. Ele é fria e úmida. Ele geme de dor.

"Shhh", eu disse. "Vai ficar tudo bem."

Eu olho para baixo, para sua perna, vejo a ferida purulenta, gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Alguns medicamentos, antibióticos – ataduras, pelo menos. Mas não tenho nada. Eu me lembro da vez em que ele cuidou de minha saúde, na cidade, quando eu estava tão doente. Ele me ajudou. Ele me arranhou medicamentos. Eu me sinto terrível em não poder retribuir.

Eu corro minha mão de novo e de novo sobre a testa, tentando acalmá-lo.

Lentamente, os olhos dele se abrem. Ele olha para mim. Fracamente e sorri. Em seguida, ele fecha os olhos novamente.

"Você não é tão ruim", ele sussurra, de olhos fechados.

Eu não posso deixar de sorrir de volta.

Eu sinto Ben olhando para nós; não consigo deixar de sentir que ele está com ciúmes que eu esteja dando a Logan toda essa atenção. Eu não quero que ele fique. E eu tenho sentimentos por Ben. Mas eu não posso ignorar Logan em uma hora de necessidade como esta.

Eu me inclino para trás e fecho os olhos por um minuto e me pergunto como chegamos até aqui.

Eu não posso acreditar que estou nesta posição, mais uma vez, prestes a entrar em outra arena. Eu errei em algum lugar ao longo do caminho. Eu tento pensar no que eu poderia ter feito diferente. Eu deveria ter sido mais cuidadosa, mais reservada. Talvez nós nunca devêssemos ter parado na casa do

meu pai, afinal. Talvez nós deveríamos ter ficado só no rio, como Logan havia dito, se nós nunca tivéssemos parado, as coisas teriam sido diferentes. Talvez a gente só tivesse que continuar. Mas para onde? Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Não parece haver nada neste mundo. Nada, exceto a violência e o mal e as arenas, agrupados no que sobrou das grandes cidades. Isto é o que a nossa sociedade virou.

Recebo outra dor de fome aguda, e eu estou me sentindo tonta. Eu nunca estive tão com tanta fome na minha vida e eu seriamente acho que não coseguirei passar a noite sem outra refeição.

Quando estou pensando nisso, um par de botas aparece diante de mim, vindo das sombras. Um grande adolescente, talvez de uns 19, alto, robusto, pára diante de nós. Ele olha para baixo, coloca as mãos na cintura e nos examina com cuidado. Ele parece olhar especialmente para Bree, para cima e para baixo, como se ela fosse uma presa. Ele sorri, um sorriso perverso.

"As novas crianças", afirma.

Minha raiva aumenta, especialmente porque eu vejo como ele olha para a minha irmã.

"O que você quer?" Eu pergunto bruscamente.

Lentamente, seu sorriso cai.

"Negócios, não é?", Diz ele. "Eu gosto disso." Ele lambe os lábios. "Bem, querida, eu vim aqui para lhe fazer um favor. Para fazer um acordo. Você quer comida, certo? Vocês todos querem, certo?"

Ele olha para a esquerda e para a direita, nos examinando.

"Bem", ele continua, antes de podermos responder. "Eu tenho. Boa comida. Comida fresca.

Muita. Mais do que vocês podem comer. "

Olho para esse monstro: ele é alto e robusto, parece bem alimentado, muito melhor alimentado do que os outros. Parece um oponente forte e feroz. E sombrio, falso. Eu odeio a maneira como ele lambe os lábios para mim.

"Como eu disse," Eu repito, uma raiva em minha voz. "O que você quer?"

Ele sorri.

"Eu quero negociar", ele fala, seus olhos negros frios me olhando. "Alimento por o sexo."

Eu não posso acreditar nisso; Estou chocada demais para sequer responder.

"Você me serve", ele fala, olhando para mim. "Eu a trago de volta em uma hora, quando eu terminar com você, darei comida suficiente para todos vocês."

Quando ele sorri para mim, orgulhoso de si mesmo, nunca senti tanto nojo em toda a minha vida.

Eu quero me levantar para chutá-lo, mas não vale a pena gastar essa energia. Em vez disso, eu simplesmente virar a cabeça, esperando que ele volte para a parede da onde ele saiu. Ele nem merece uma resposta.

Mas, em seguida, ele se vira e olha para Bree.

"Ou, se você me deixar um ir com a garotinha aqui", ele acrescenta: "Eu vou lhe dar o dobro de comida."

Algo se acende dentro de mim e, sem pensar, eu reajo. Eu me levanto do chão, me sustentando com as palmas de minhas mão, estico minha perna para trás, a trago para o lado e o chuto com força atrás de ambos os joelhos, tirando o do chão. Ele cai de costas no chão, com força.

Sem parar, eu salto sobre um joelho, me inclino sobre ele e, com meu polegar e o indicador, e os cravo profundamente em pontos de pressão sobre sua garganta.

Ele olha para mim, os olhos arregalados, com falta de ar. Ele pega a minha mão, tentando removê-la, mas eu a tenho bem presa, e a força que toma conta de mim a mantém ali. Eu penso no que ele disse sobre Bree e eu quero rasgá-lo em pedaços. Eu faço-o lutar por cada respiração.

"Eu só vou dizer uma vez:" Eu rosno, com os dentes cerrados. "Se você chegar perto da minha irmã de novo, ou mesmo olhar em sua direção, eu vou te matar. Você entende? Eu vou te matar. "

Lentamente, ele acena com a cabeça e eu deixo ir. Ele se senta, com falta de ar e, em seguida, se levanta e se afasta.

Ele se vira e me olha enquanto corre.

"Você está morta!", Ele grita, com uma voz chorosa. "Amanhã, na arena. Eu vou pegá-la. Você está morta!"

E, com isso, ele desaparece na escuridão.

Viro-me e olho para os outros. Bree parece assustada e Ben fica ali, com os punhos cerrados.

"Você está bem?", Pergunta ele.

Concordo com a cabeça, respirando lentamente, meu coração ainda acelerado. Eu me inclino e beijo Bree na testa.

"Ele ia me machucar?", Pergunta.

"Não se preocupe, amor," eu digo. "Ninguém nunca vai te machucar. Não enquanto eu estiver por perto".

Eu lentamente me inclino para trás e vejo Logan sorrindo para mim.

"Boa jogada", diz ele, com a voz rouca. "É claro, eu teria feito de forma diferente."

Eu não posso deixar de sorrir de volta. Estou prestes a responder, dizer algo espirituoso, mas meus pensamentos são interrompidos.

A campainha soa, eu olho e fico surpreso ao ver um enorme buraco aberto no teto da caverna. Um foco de luz brilha diretamente para baixo e, de repente, todas as outras crianças estão de pé, correndo, correndo em direção à luz no meio da sala. Eu não entendo o que está acontecendo, até que, de repente, vejo algo cair do teto e chegar ao chão. Estão jogando alguma coisa no chão, e eu não entendo o que é. E então eu percebo: comida.

Restos de comida estão sendo derramados, em linha reta até o chão, baldes e baldes. Parece aveia, e caem no chão de terra com barulho gosmento.

Tem um aspecto asqueroso, mas as outras crianças não perdem tempo, atacando, pegando com as mãos e colocando em suas bocas.

Lá em cima, inclinando-se sobre a borda, há dezenas de rostos de humanos, rindo com o espetáculo. Eles jogam mais baldes, e alguns deles caem sobre as costas das crianças, que comem de quatro. Eles riem mais.

Eu não perco tempo. Mesmo asqueroso como é, ainda é algum tipo de alimentação, e meu estômago decide por mim. Ben e Bree também ficam em pé, não necessitando de qualquer estímulo.

Nós todos corremos para o centro, e chegamos à fossa em que as crianças se acotovelam para abrirem caminho; eu me aproximo e as pessoas me dão cotoveladas violentamente do lado esquerdo e do direito. Depois de algumas contusões, eu chego ao centro, fico de quatro e pegou um punhado de

despejos. Eu enfio na minha boca e mastigo.

É viscoso e, talvez, a coisa mais nojenta que eu já comi. Tem gosto de cevada crua, mal cozida.

Mas é comida, e eu agarro punhado após punhado. Eu olho e vejo Ben recebendo um punhado, mas vejo que Bree não teve coragem. Eu pego um punhado para ela e coloco em sua mão; então eu pegar mais dois e faço o mesmo.

Quando estou olhando para ela, vejo uma coisa: a poucos metros de distância, está Charlie, sobre suas mãos e joelhos, pegando um pouco de comida. Ele não vê uma pessoa rastejando por trás dele – um menino magro, talvez de uns 16 anos, com cabelo preto encaracolado e um monte de acne. Ele se arrasta atrás de Charlie e, em um movimento rápido, ele se abaixa e pega a faca de sua bainha. Ele, então, levanta a faca para o alto e eu vejo que ele tem um alvo: está prestes a enfiá-la nas costas de Charlie.

Sem pensar, eu entro em ação. Abordo o garoto um segundo antes de ele apunhalar Charlie. Eu o derrubo com força para o chão e a faca sai voando. Eu o giro, plantando seu rosto no chão e torço seu braço por trás das costas, quase o quebrando. Ele grita de dor.

Charlie, ao meu lado, olha para baixo e percebe o que eu fiz.

Olho para o chão, procurando a faca e estou surpresa ao ver que já não está mais ali. Olho para cima e vejo Flo, de pé, segurando-a.

"Deixe-o ir", diz ela, com frieza.

Eu levanto o meu joelho das costas do garoto e me afastou. Agora, esta é a sua.

Flo pega o garoto pela parte de trás de sua cabeça e, sem hesitar, pega a faca e corta sua garganta, de mane ita rápida e limpa, os músculos ondulando em seus braços e ombros. O garoto quase não tem tempo de gritar, enquanto o sangue jorra de seu pescoço. Ele morre.

Flo está em pé, olhando ao seu redor para ver se alguém irá desafiá-la. Ninguém o faz; eles rapidamente voltam a comer. Eu vejo o olhar implacável em seus olhos, e, finalmente, percebo que ela é um assassina nata.

Flo dá dois passos para a frente, e coloca a faca na bainha de Charlie com firmeza. Ela o agarra pelos ombros e o olha nos olhos.

"Nunca mais fique exposto. Você está me ouvindo? "

Charlie acena de volta, atordoado.

Flo se vira e olha para mim. Lentamente, sua carranca suaviza.

"Você salvou a vida de Charlie", ela afirma.

Eu dou de ombros. "Eu só reagi."

Ela me olha de cima a baixo, balançando a cabeça, como se estivesse com um novo respeito.

"Eu lhe devo uma", diz ela. "E isso não é algo que eu vou retribuir de leve. Sigam-me. Todos vocês. Deixem essa comida. Eu tenho muito. "

Viro-me e olho para Ben e Bree, que olham para mim com curiosidade; todos nós a seguimos.

Pego mais um punhado de despejos para Logan e, rapidamente, dou para ele. Eu estendo a mão e colocou um em sua boca. "Mastigue", eu digo.

Ele mastiga. Em seguida, Ben e eu nos inclinamos para baixo, para levantá-lo e começamos a arrastá-lo do outro lado da caverna, para o canto de Flo.

Flo e Charlie montaram um acampamento no canto mais distante da caverna. Nós a seguimos até o fundo, dando voltas até alcançá-lo. Estou impressionado com a sua organização. Suponho que é isso que Flo ganha por ser a vencedora. Sua propriedade toma uma grande parte da caverna, cercada por pedras nos três lados para que fiquem protegidos em todas as direções. Ela tem uma bela fogueira, e uma caixa grande cheia de despejos.

Bree vai até Charlie e ele a ela, posso ver que estão felizes em se reencontrar. Cada um leva um punhado de despejos e mastiga.

"Não é tão ruim quanto parece", diz Charlie. "Você se acostuma com isso."

"Eu acho horrível", diz Bree. "Mas eu estou com tanta fome que comeria qualquer coisa."

"Lembro-me de uma vez, quando o mundo era bom, eu tinha uma pilha de panquecas", diz

Charlie. "Cinco delas com manteiga e xarope de bordo e chantilly. Meu Deus. Foi a melhor coisa que eu já comi. Você pode imaginar comendo isso? "

"Charlie, pare," reprimes Flo. "Isso não é útil."

"Está tudo bem", Bree o defende. "Eu gosto. Eu não como panquecas há anos".

"Viver na fantasia é pedir para morrer," Flo diz.

Eu penso sobre isso. Por um lado, ela está certa. Mas, por outro lado, o que tem de bom na realidade? Não é a fantasia tudo o que nos resta?

Deixamos Logan ao lado da fogueira de Flo e, quando o fazemos, ela olha para sua perna.

"Eu tenho medicamentos", ela fala.

Meu coração pula quando olho para ela.

"Presentes para o vencedor. Quando você ganha, eles lhe dão uma série de coisas. Alimentos, principalmente. Mas alguns remédios também. Coisas básicas. Eles querem você em forma para a próxima rodada. Eu tenho algumas seringas com medicamentos. Acho que é para as feridas, para curá-las Talvez penicilina, ou algo parecido. "

"Por favor", eu digo. "Eu daria qualquer coisa."

Ela põe a mão em seu peito e tira uma seringa nova, desembrulhado e dá para mim. Eu a abro e examino o líquido claro. Espero que seja o que ele precisa.

Corro até Logan, me ajoelho ao seu lado, olho para ele. Ele está suando.

"Você quer que eu tente?", Pergunto. "Eu não sei o que está aqui dentro."

"Sim", diz ele, com voz fraca. "Não tenho nada a perder."

Eu me inclino e inserir a agulha o mais suavemente que posso e injeto o líquido. Ele estremece.

"Eles me deram algumas guloseimas, também", ela acrescenta. "Será que alguém gosta de marshmallows?", Pergunta ela, olhando para Bree.

Bree olha para ela, com os olhos arregalados.

"Você está brincando", diz ela.

"Ela não brinca", diz Charlie. "Ela realmente conseguiu. E deve realmente gostar de você. Ela ainda nem deu para mim. Disse que estava esperando por uma noite especial. "

"É verdade", diz Flo. "Amanhã, eles começam. Esta pode ser nossa última noite. "

"Eu não entendo", Bree diz a Charlie. "Se você tem comida aqui, por que você estava no poço, lutando por despejos com os outros?"

"Flo quer me defenda sozinho", ele responde. "Ela diz que me fará mais forte."

Flo chega a sua bolsa, pega um punhado de marshmallows e coloca um em cada uma das nossas mãos abertas. Ela distribui varas e nos os colocamos nos espetos para depois assá-los sobre o fogo.

O cheiro de assar marshmallows me faz salivar. Eu tiro meu fora, quase preto e mastigo devagar, saboreando cada mordida. Satisfaz meu corpo inteiro. Eu comeria mais mil mais se pudesse.

Meus pensamentos se dirigem para amanhã, na arena. Meu estômago se contorce, quando me pergunto o que está reservado para nós.

"Conte-nos como é", eu peço para Flo, que fica em frente ao fogo, mastigando. "A arena."

Flo fica em silêncio por um longo tempo; finalmente, ela balança a cabeça.

"Amanhã, eles virão para nós cedo", ela conta. "Esteja pronta. O primeiro dia de luta, não é o que parece. É mais uma questão de sobrevivência do que lutar. Você não vai entender até que você veja

por si mesma. Mas há maneiras de viver e maneiras de morrer. Vou te dar alguns bons conselhos. Não vá para as pontes. E fique longe das bordas. Não tente escapar. Esse é o erro que as pessoas fazem.

Elas querem escapar. Mantenha-se calmo. Não pense sobre a luta, ou ganhar. Pense sobre como sobreviver. Apenas lembre-se: as coisas não são o que parecem".

Sou grata pelos seus conselhos, mas quando tento absorver tudo, me parece confuso e avassalador. Seu conselho é demasiado ambíguo; eu não sei realmente ao certo o que ela está falando.

"Eu realmente não entendo", eu digo.

"Você não vai entender agora", ela explica. "Mas quando você estiver lá, você entenderá."

"Eu vou escapar", diz Charlie, enquanto ele se senta ao lado de Bree, assando marshmallow dela e comendo o seu. Essa visão me faz pensar em fogueiras de verão, quando nós ficávamos sob as estrelas por horas, quando tudo estava a salvo.

"O que quer dizer, fugir?" Eu pergunto.

"Eu vou encontrar uma maneira de sair daqui. Os túneis de trem. Quando chegamos, eu vi para

onde eles vão. Quando eles me trouxeram aqui, eu escapuli. Corri um pouco antes de ser pego. Eu vi para onde eles levam. Há uma saída para trás. Fora da cidade. Eu vi seus barcos. Eu sei como chegar lá. "

Meu coração salta com essa possibilidade.

"Pare de falar bobagem", Flo o reprime asperamente.

O rosto de Charlie se entristece, e há um silêncio tenso.

"Eu só estou tentando contar a eles" Charlie começa.

"Já ouvi o suficiente das suas histórias", disse Flo. "Isso é ridículo. Você não pode escapar daqui.

Mesmo se você fizesse isso, eles te caçariam e te matariam em dois segundos. Isso é uma morte certa. Lutando na arena, pelo menos, você tem uma chance. E aonde você iria de qualquer maneira?

Você acha que há algum grande mundo lá fora esperando para ser encontrado? "

Charlie olha para o chão, decepcionado; mas então ele olha para cima, os olhos cheios de esperança.

"Você se lembra do que o pai disse? Sobre essa cidade? No Canadá? "

Imediatamente, eu estou em alerta máximo e me sento reta. Logan, Ben e Bree também o fazem.

Estou chocado. Esta cidade é de verdade? Ou é apenas um rumor persistente?

"Charlie", eu chamo. "O que você acabou de dizer?"

Ele se vira e olha para mim, sem saber. "Sobre o Canadá?"

"Como você sabe sobre isso?" Eu pergunto. "É verdade?"

"Não, claro que não," Flo responde.

"Sim, é!" Charlie insiste.

"Foi apenas mais uma das fantasias do pai", diz Flo.

"Não, não foi!", Diz Charlie. "Ele sabia. Ele estava lá. Ele não estava mentindo. Tudo o que temos a fazer é chegar até o rio. Para o Canadá. Podemos encontrá-lo. Eu sei que podemos. Ele disse que era pelo rio "

Charlie parece tão certo, e sua história parece se alinhar com a de Logan. Pergunto-me se talvez

essa cidade realmente exista.

Flo balança a cabeça.

"Como eu disse," ela fala, "você pode viver na fantasia ou na realidade. E você pode morrer em qualquer um, também. "

Eu penso sobre isso.

"Bom, se vamos morrer de qualquer maneira, por que não viver na fantasia?" Eu pergunto a ela.

Ela me encara fixamente e eu posso sentir a frieza em seus olhos, como uma brisa de inverno. Eu me forço a desviar o olhar, vejo morte em seus olhos e sei que, em breve, ela estará vindo atrás de mim, também.

*

Fico acordada na escuridão, até tarde da noite, Bree enrolada em meus braços, Logan ao meu lado, Ben do outro lado. Sentado ao lado de Bree, está Charlie, suas cabeças descansam uma sobre a outra. A poucos metros de distância, está Flo. Todo mundo está dormindo, a não ser eu. E Flo. Seus olhos estão bem abertos, olhando para as chamas moribundas do fogo. Fria, dura, inflexível. Vejo que estar acordada é seu hábito natural de ser. Uma guerreira até de seu último suspiro, sempre no limite. Eu quero dormir, mas eu não consigo, porque minha mente não para de correr. Eu continuo tentando pensar no amanhã, sobre o que vai acontecer. Se eu pudesse estar preparada, eu poderia me sair melhor. Mas Flo não parece querer me dizer nada mais e eu tenho que me contentar com o que ela já me disse. Repito suas palavras mais e mais em minha mente. *Não vá para as pontes. E fique longe das bordas.* eu não sei o que isso significa.

Estou determinada a sobreviver. Estou determinado sobreviver para a Bree, Ben, Logan. Eu olho para ele, e ele parece mais relaxado do que antes, tenho um bom pressentimento de que o medicamento ajudou. Eu não sei até de manhã.

Pelo menos está quente aqui e fomos alimentados. Ironicamente, os comerciantes de escravos que nos pegaram provavelmente salvaram nossas vidas. Eu sei que, mais um dia naquelas terras selvagens e teríamos morrido com certeza. Ironicamente, eles nos deram vida. Pelo menos por

enquanto.

Eu olho para Bree, enrolada em meus braços. Eu quero tanto protegê-la, protegê-la de tudo isso, obrigar os comerciantes de escravos a não se aproximarem dela. Mas eu sei que é inútil. Quebro

minha cabeça pensando no que eu posso fazer. Mas eu continuo chegando a becos sem saída.

Fico sentada por horas e horas, sabendo que deveria dormir, sabendo que eu preciso descansar para amanhã. Mas eu não consigo. Eu tento o máximo que eu posso e, algumas vezes, sinto meus olhos ficando pesados, meu queixo acenando – mas, imediatamente, caio em sonhos rápidos, conturbados, com papai gritando com a mamãe. E eu acordo rapidamente, em guarda, não encontrando nada além de escuridão e silêncio.

Quando olho para a escuridão, eu posso jurar que vi o rosto de meu pai, tornando-se mais vivo, olhando fixamente para mim. Sua expressão é dura e firme, como costumava ser quando ele estava tentando me fazer forte.

"Brooke, você é um soldado", ele fala. "Assim como o seu pai. Um fuzileiro naval. Você pode não usar o uniforme, mas isso não significa que você não tenha o coração de um fuzileiro naval. O valor de um fuzileiro naval. Isso significa que você não se rende. E, se você morrer, morreu. Mas você morrerá como um fuzileiro naval. "

É como se eu sentisse ele aqui, comigo, na sala. De alguma forma estranha, é confortante. Eu me sinto menos sozinha. Pela primeira vez em anos, eu sinto falta dele. Eu realmente sinto falta dele.

Eu ouço você, papai, eu falo, em minha mente. E eu amo você.

QUINZE

Abro os olhos com um som metálico. Uma porta de aço range ao ser aberta, a luz inunda a sala, e eu percebo que eu caí no sono. Eu me levanto com um salto, acordada, alerta, pronta para lutar.

Eu fico lá e vejo que Flo já está de pé, com os punhos cerrados, olhando para as nossas visitas.

Lá, na entrada, há dezenas de comerciantes de escravos, vestindo máscaras, cada um carregando um uniforme preto em seus braços. Eles marcham para dentro da sala e, quando o fazem, as dezenas de crianças lentamente ficam de pé em todas as direções. Todos sabem o que está vindo. Chegou a hora.

O alarme soa e quem quer que ainda estivesse dormindo, se levanta. Um comerciante de escravos marcha até cada criança e vários deles se aproximam de nós. Um marcha até mim e empurra em minhas mãos um pacote preto de roupa. Olho para ele, surpresa.

"Seu uniforme", explica Charlie.

Flo, de pé, a poucos metros de distância, diz, "Coloque-o. Por cima de suas roupas. Se você não o fizer, eles batem em você."

Levanto o meu me perguntando como um tamanho único serviria para todos, em seguida, percebo que é feito de um material flexível, tipo lycra. Suponho que deva ficar bem justo.

Eles me entregaram um conjunto de calça e uma jaqueta. Todo preto, apertado, com exceção da jaqueta, que é densamente acolchoado, como um uniforme militar. A jaqueta tem um X amarelo brilhante no meio dela. Como se fossemos um alvo. Isto não augura nada de bom. Pelo menos, ela vai me manter aquecido.

Eu me agacho e deslizo as calças sobre minhas botas, sobre minhas calças e, em seguida, coloco a blusa e a jaqueta e fecho o zíper. O meu fica apertado e confortável, mas sinto-me bem com este uniforme. O acolchoado me abraça e eu me sinto como um guerreiro ir para a batalha. Tudo ao meu redor, todas as outras crianças também os vestem. Toda a sala, vestindo uniformes pretos apertados com Xs amarelas em todo o peito. Somos todos alvos ambulantes.

Certifico-me de que Bree faz o mesmo e ajudo Logan com o seu. Estou emocionada de ver que Logan está melhor; o medicamento está ajudando. Sua cor de pele voltou, seus olhos estão brilhantes e ele é capaz de ficar em pé sozinho. Ele manca, mas não tão mal.

"O que você me deu, funcionou", ele me diz. "Obrigado".

"Graças a Flo", eu digo. "Eu não fiz muito."

"Obrigado, Flo", ele agradece a ela.

Ela se vira e olha para ele, sem sorrir.

"Não me agradeça ainda", diz Flo. "Você vai morrer em breve."

Assim é Flo. Recusando-se a abandonar sua astúcia, mesmo que seja por um segundo.

Um comerciante de escravos fica atrás de mim e me empurra com força na minha lombar, fazendo com que eu tropece para frente. Todos nós somos empurrados e cutucados e começamos a marchar para a saída. Finalmente, estamos deixando este lugar. Uma parte de mim deseja que eu nunca mais volte.

Bree, Ben, Logan, Charlie e Flo marcham ao meu lado pelos túneis sinuosos do metrô. Nós seis fazemos o caminho com as dezenas de outras crianças através dos túneis frios e escuros, nossos passos ecoando. Eu sinto que estou marchando sem alternativa para o meu destino. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Qualquer coisa. Eu preciso pensar em uma estratégia, algum tipo de plano. Eu não quero Bree separada para mim. Ou Ben. Ou Logan.

"Assim que chegar lá, devemos agir como uma equipe", eu digo a todos, incluindo Charlie e Flo.

"Ficar juntos. Não importa o que aconteça. Se alguém nos atacar, podemos tomar conta das costas uns dos outros. Bree, você está me ouvindo? Eu quero você perto de mim. Ao meu lado, não importa o que aconteça".

Bree olha para cima e concorda, posso ver o pânico no seu olhar.

"Isso não vai dar certo," Flo fala. "Você vai perceber quando estiver lá. Não vai funcionar. É cada um por si. Não vou ficar tomando conta de vocês. Vou apenas me proteger. E proteger Charlie." Seus olhos e mandíbula endurecem, desafiadora. Eu não sei o que dizer.

"Isso significa que nós somos inimigos?" Eu pergunto a ela.

"Eu gosto de você", ela fala. "De todos vocês. Mas eu estou aqui para ganhar. Para sobreviver.

Não para que vocês vivam. Não às minhas custas. Nem às custas de Charlie. Eu não quero matá-la. E eu lhe devo um favor. Então, eu vou lhe dar um bom conselho: fique longe de mim. Longe".

Nós viramos a curva e, diante de nós, o túnel é inundado com luz solar. Uma saída para o exterior. Um vento frio me dá um tapa na cara, e eu ouço os gritos abafados de uma multidão.

Sou empurrada com força uma última vez e todos nós vamos tropeçando para fora do túnel do trem, para o exterior. Eu fico cega sob a luz ofuscante e o frio incomoda meu rosto. Mesmo assim, é

bom estar do lado fora, fora desse túnel escuro, sentindo o ar fresco.

Meus sentidos são assaltados por várias sensações ao mesmo tempo. O ar é preenchido com os aplausos e gritos quem parecem ser de milhares de pessoas. Abro meus olhos e vejo que estamos em uma grande estrada de terra e, de cada lado, atrás de uma cerca guardada pelos comerciantes de escravos, há centenas de pessoas, biovítimas, nos caçoando. Eles estão vestidos com trapos e seus rostos são mutilados. Mutantes, pessoas grotescas. Eles levantam os punhos e rosnam, a excitação no ar é perceptível.

Meu coração está batendo acelerado de ansiedade à medida que avançamos. Os comerciantes de escravos nos cutucam e nos empurram para frente, uma enfia com tudo a coronha de sua arma em minhas costelas. Está frio, mas não tão frio quanto no dia anterior. Na verdade, está até que quente para um dia de inverno. Estou muito feliz de ver que a neve está praticamente derretida e, pelo menos, meu uniforme está me mantendo aquecida. Eu me sinto confortável e segura com ele, protegida da natureza, sua cobertura de plástico rígido me faz me sentir invencível. Tenho vontade de girar e golpear forte o comerciante de escravos no rosto, roubar sua arma, cortá-lo e sair correndo. Mas eu sei que, se eu fizer isso, Bree, Ben, Logan e os outros não vão chegar longe. Eu olho em volta e vejo dezenas de comerciantes de escravos treinados a nossa volta, suas armas contra seus quadris. Seria um massacre.

Nós deixamos uma pequena colina e, quando estamos no topo, a vista se estende diante de mim.

Eu vejo, à distância, a arena para a qual seremos levados.

Meu coração pára diante deste local assustador: milhares de membros da multidão estão espalhados por todo um enorme desfiladeiro circular, falésias cem por centenas de metros. O cânion é atravessado por quatro pontes de corda, espaçadas uniformemente no círculo, todas levando a um pequeno pedaço, circular de terra no centro. Esta ilha, que deve ter talvez uns cem metros de largura, está ligada ao continente apenas pelas quatro pontes de corda. Do lado contrário, existe um prumo para fora da borda íngreme.

Os espectadores torcem loucamente no local aonde nós chegando à colina.

Minha garganta fica seca quando eu percebo que eles estão nos levando. Eles nos empurram para irmos em direção a uma das pontes, para a peça circular de terra no meio. Quando estivermos lá, não teremos como sair sem atravessar uma dessas quatro pontes de corda para voltarmos ao continente. A queda é de centenas de metros de profundidade. É como um grande desfiladeiro, mas com uma ilha no meio.

Isto não augura nada de bom. Vamos todos ser presos juntos nessa pequena massa de terra e forçados a lutar entre si até a morte, ou lutar entre si para atravessar uma das pontes para voltar para terra firme. Não há outra saída.

É um jogo cruel para uma arena. O que seus oponentes têm que fazer é empurrá-lo para fora da borda e você estará morto. Não há espaço para erro. Nenhum. E eu não gosto de alturas.

Sem mencionar que ninguém nos deu nenhuma arma. O que é que eles esperam que façamos: luta até a morte com as nossas próprias mãos?

Eu engulo sem seco, preocupada com Bree, Logan e Ben, até mesmo com Charlie. Só não estou preocupada com Flo. De alguma forma, eu sinto que ela é invencível.

O suspense aumenta à medida que marchamos, a multidão ruge mais alto. Quando estamos a apenas alguns metros de uma das pontes de corda estreita, apenas alguns metros de largura, eu posso ver a borda. A queda é estonteante, pelo menos uns cem metros. Um deslize significa morte certa.

"Brooke, estou com medo", diz Bree ao meu lado. Ela está olhando para fora, para a borda, e eu a agarro pelos ombros e a puxo para perto.

"Não olhe", eu digo. "Apenas me siga. Fique perto. Você vai ficar bem. "

Um comerciante de escravos me cutuca com força nas costas, me fazendo tropeçar e, desta vez, eu já tive o suficiente: meus reflexos vêm à tona, eu giro e o empurro de volta. Imediatamente, outro comerciante de escravo vem e me dá uma bofetada no rosto, em seguida, um terceiro e empurra outra vez. Entendi a mensagem. Eu parar de resistir e continuar em frente com os outros.

"Você está desperdiçando sua energia," Flo repreende.

Ela está certa. Preciso me concentrar. Eu continuo com os outros, como ovelhas, enquanto eles

nos empurram para uma das pontes de corda. Ela balança e oscila quando eles o fazem, e eu me encontro agarrada ao corrimão de corda.

A multidão aplaude quando todos nós passamos pela ponte, direcionados para a massa de terra no centro. Eu tento não olhar sobre a borda como os balanços de corda; ela parece muito frágil para nos segurar. Eu estendo a mão e seguro a mão de Bree, ela obedientemente segura minha mão e o corrimão de corda. Logan está mancando e Ben, atrás de mim, felizmente, tenta ajudá-lo. É difícil para ele superar seus ciúmes e ajudá-lo. Como é estranho: apenas alguns dias atrás, eram dois rivais. Agora, eles estão ajudando uns aos outros.

Atrás de nós, Flo anda, ela é tão estável que sequer precisa se segurar no corrimão. Ela estende a mão e agarra a parte de trás da camisa de Charlie, pelo pescoço, guiando-o. Ela me lembra dum lobo, segurando um filhote em sua boca. Seu rosto tem uma expressão de desafio, vestindo um olhar de aço da morte e eu temo por qualquer um que fique em seu caminho.

Eu passo para a ilha com alívio, feliz por estar fora da ponte frágil. Nós todos somos conduzidos para o centro da mesma. Ela é mais larga do que eu pensava, abrangendo uns cinquenta metros em sua parte mais larga. Mas dezenas e dezenas de crianças são arrebanhados, e logo o espaço vai ficando lotado. Todos vão, naturalmente, para o centro, o mais longe possível das bordas. Os comerciantes de escravos, após terminarem seu serviço, voltam e marcham através da ponte, de volta ao continente. Quando eles o fazem, a multidão comemora novamente. Agora estamos sozinhos aqui.

Nós todos estamos aqui, dezenas de nós, amontoados no centro de desta ilha, todos nervosos, sem saber o que fazer.

Do mesmo modo que eu me pergunto o que vai acontecer a seguir, a multidão se cala. Um caminho se abre na multidão e um grupo de comerciantes de escravos vem para a frente, levando sobre seus ombros um enorme trono dourado, trazido por hastes. No trono, está sentado um único homem, com cabelos longos até os ombros. Uma longa cicatriz vai do canto do lábio até o queixo, fazendo-o parecer que ele está zangado. Ele se levanta e estende os braços: é enorme, musculoso, usando um colete sem mangas, mesmo com este frio. Ele se parece com uma montanha. Eu não posso

dizer sua etnia: talvez um cruzamento entre nativos americanos e latino-americanos. Ele é um dos homens mais ferozes que já vi.

Quando ele fica em pé, os milhares de mutantes se calam. É óbvio que ele é o líder.

"Irmãos e irmãs, eu apresento a vocês o nosso mais novo lote de competidores" ele grita com sua voz grave.

A multidão vai à loucura. Eles estão diante de uma grade de metal, na altura da cintura, na borda do cânion, e batem sem parar nela. Um barulho alto ressoa e vejo que cada um deles segura uma rocha, que suam para bater no metal.

O líder ergue os braços novamente e a multidão aquieta.

"Há duas formas para a vitória, concorrentes:" Ele diz para nós. "Um é para retornar ao continente. Se você atravessar uma ponte e voltar aqui, você estará seguro para sempre. A outra, claro, é ser o último a ficar em pé."

A multidão rugue.

As crianças todas se viram, olham para as pontes ou para as outras, nervosas. É como estar em um estábulo de cavalos antes de uma tempestade.

O líder estende os braços pela última vez:

"Que os jogos da morte comecem!"

A multidão, grita e bate suas pedras nas grades.

Penso sobre as palavras de Flo. *Fique longe das pontes. Fique longe das bordas. Nada é o que parece.*

Agora eu tenho uma ideia do que ela estava dizendo. Mas é um conselho de verdade? Ou ela estava mentindo para ter uma vantagem?

Antes que eu possa descobrir, antes que eu possa criar estratégias, de repente, o inferno se revela.

Sinto algo duro bater na lateral do meu braço, eu me viro e vejo que os espectadores estão atirando pedras em nós. Felizmente, eles estão suficientemente longe então a maioria deles erram a

mira. Mas um monte de pedras está passando por perto e uma segunda pedra atinge a minha perna.

Dói muito.

Pânico se instala. Tudo ao meu redor, dezenas de crianças que estavam no centro começam a correr para as pontes. Elas disparam em todas as quatro direções, para as quatro pontes simetricamente espaçadas ao redor da ilha, eu vejo Bree começa a correr com eles. Eu estendo a minha mão e a agarro.

"Não", eu digo. "Fique aqui."

Eu posso ver no rosto de Ben que ele quer correr também.

"Mas você ouviu!" Ben diz freneticamente. "Nós temos que chegar ao continente. Temos que vencer os outros!"

"Não!" Eu grito de volta. Eu olho e vejo Flo parada no centro, segurando Charlie pelos ombros.

Espero que ela saiba o que está fazendo.

"E as pedras!" Logan grita, esquivando-se de uma que, por pouco, não acerta sua cabeça.

Antes que eu possa responder, de repente, sou atacada por trás e caio de bruços no chão.

Eu me viro e encontro um dos adolescentes em cima de mim. Ele segura uma pedra acima da minha cabeça, uma pedra grande e afiada e começa a abaixá-la para baixo, na direção do meu rosto.

É o menino da noite passada. O que queria fazer sexo com Bree.

Ele me prende, e eu não consigo reagir a tempo. Eu estremeço quando ele está prestes a me atacar.

De repente, pouco antes de me matar, ele pára no ar. Seus olhos se arregalam, congelados, e ele cai, mole, para o lado.

Olho para o lado e vejo uma pedra afiada que se projeta na parte de trás do seu pescoço, seu sangue escorre dele.

Eu olho para cima e vejo Flo de pé sobre ele, franzindo a testa para baixo.

"Agora estamos quites", ela diz.

Eu não posso acreditar: ela acaba de salvar minha vida.

Tudo ao meu redor está um caos, não são apenas as crianças correndo para as pontes, não são apenas pedras voando em todas as direções, mas também um grupo de crianças que decidiu por outra estratégia: matar os outros.

Eu vejo uma criança pegar outra por trás e atirá-la ao pela borda do penhasco. Ouço seu grito enquanto ela cai, um grito de morte. E a mesma criança que atirou é agarrada por trás por uma outra e é jogada. Com outro grito, ela cai penhasco abaixo.

Do outro lado do pedaço de terra, vejo outra criança atacando as outras pelas costas; ele as chuta nas costas e as envia precipício abaixo .

Outro garoto pega uma pedra e bate em outro na parte de trás da cabeça. Ele cai, em colapso.

Agora eu percebo que Flo estava certa. Fique no centro. Longe da borda. Faz sentido. Mas por que não correr para a ponte?

Eu olho e vejo Flo deitada de cara no chão, segurando Charlie baixo. Antes que eu possa descobrir o porquê, outra pedra passa raspando pela minha cabeça, eu me viro e percebo que a multidão se deslocou, encontrou um lugar que mais próximo para arremessar pedras. Agora, há toneladas delas sendo atiradas em nós.

"Abaixem-se!" Eu grito para os outros.

Bree demora para reagir então eu pego e a puxo para baixo, para o chão. É momento de sorte: uma pedra passa muito perto de onde sua cabeça estava um instante atrás. Logan agarra Ben e o puxa para baixo, poupando-lhe, também, de uma grande rocha que visava sua cabeça.

Eu olho para cima e vejo que uma das crianças mercenárias, que acabou de arremessar outra para fora do penhasco, se vira e lança seu olhar sobre nós, no centro. Ele vem atacar e vejo que ele tem os olhos postos em Bree.

Eu não espero. Mesmo com as rochas sendo arremessadas de cima, eu pego uma pedra grande, fico em pé e estou pronta para atacá-lo. Quero atingi-lo no meio de seu ataque, antes que ele chegue perto Bree. Vamos um na direção do outro, de cabeça, ele aponta uma pedra em direção ao meu

rosto. Eu me abaixo, e, ao mesmo tempo, enfio a minha pedra em seu intestino.

Ele cai de joelhos e eu golpeio seu nariz, estraçalhando-o. Ele cai.

Eu sinto passos de alguém me atacando por trás, quando percebo, é tarde demais, eu deixei minhas costas expostas. Viro-me a tempo de ver outro em minha direção, prestes a jogar uma pedra na parte de trás da minha cabeça. Não consigo reagir a tempo.

De repente, ouço um barulho zunindo, assim que eu me preparo para receber o golpe, vejo o menino cair ao meu lado. Eu olho para cima e vejo Bree ali, percebo que ela jogou uma pedra, com uma mira perfeita, atingindo o garoto bem na cabeça. Foi um arremesso perfeito, ela salvou a minha vida. Estou impressionada.

Eu corro de volta para Bree e caio no chão ao lado dela.

Os espectadores torcem e gritam, enquanto continuam a atirar pedras em nós. Seus gritos se transformam em rugidos animados, eu olho para cima e vejo o primeiro grupo de crianças chegando a uma das pontes. Uma dúzia delas debanda pelas pontes de corda, todas correndo de uma só vez. Elas correm em fila única. Logo eles estão na metade do caminho, a ponte balança descontroladamente.

No meio do caminho, um deles tem a ideia de atacar os outros; ele pega uma criança por trás e atira-o para fora da ponte. Ela mergulha para a morte, gritando. O valentão pega outro e tenta jogá-lo, mas este garoto agarra a borda do corrimão quando ele é jogado, em seguida, ele agarra o tornozelo do valentão e o puxa com ele. Juntos, os dois mergulham para baixo, gritando, para a morte.

As dúzias de crianças deixadas na ponte continuam a atravessar, aproximando-se do outro lado, para a liberdade. Os espectadores atiram pedras como loucos, apontando agora para eles. Um garoto é atingido com tanta força que ele perde o equilíbrio e cai mergulhando para fora da ponte.

Mas os outros estão conseguindo rapidamente, parece que eles estão conseguindo. Eu não posso acreditar que era assim tão fácil. Flo estava errada? Deveríamos ter ido com eles?

Então, tudo muda. A plateia abre caminho para um grupo de comerciantes de escravos que marcham, segurando tochas. Sem hesitar, eles se apressam até a ponte e tocam fogo nas cordas.

Depois eles encostam as tochas do outro lado da ponte, colocando fogo de ambos os lados.

Em instantes, a ponte de corda, desestabilizada, pegando fogo em todas as direções, oscila de forma irregular. É horrível. Não há para onde essas crianças irem. Chamas sobem nos dois sentidos e algumas das crianças já estão pegando fogo. Elas gritam e berram, tentando apagar o fogo, atropelando os outros. Mas é inútil.

Um deles salta para fora da ponte, escolhendo o suicídio. Outros tentam apagar as chamas, mas, de repente, a ponte entra em colapso. As 10 crianças ou mais que estavam lá mergulhar no ar, todas em chamas, gritando, em direção às suas mortes.

O público comemora loucamente.

Flo estava certa. Seu conselho salvou nossas vidas.

Olho para as outras três pontes, e agora eu me pergunto. Uma dúzia de crianças já está correndo para uma das outras pontes. Elas correm, tropeçando, vendo quem vai chegar mais rápido.

Mas quando eles estão quase do outro lado, algo terrível acontece. O chão começa a se esvaír, no local onde a ponte está ligada à terra. Raízes e sujeiras vão se desintegrando e, de repente, uma das duas cordas se rompe.

A ponte balança descontroladamente de um lado para o outro e todas as crianças gritam tentando se segurar. Algumas caem.

Então, a outra corda se rompe. A ponte, ligada apenas pelo lado oposto, balança descontroladamente, indo em direção a parede do penhasco. Qualquer criança que conseguiu ficar pendurada antes, sai voando a toda velocidade, batendo direto para a parede. É um som horrível de ossos se quebrando.

Eles caem como insetos, mergulhando para a morte, não sobrou ninguém vivo.

Tudo o que resta da ponte é uma longa linha de corda, presa em uma extremidade, indo direto para baixo do penhasco. A multidão ruge.

Olho para as outras duas pontes e me pergunto o que as espera. Vejo uma dúzia de garotos correrem na direção de uma delas, a toda velocidade, tentando atravessar. Mas eles acabaram de

testemunhar o que aconteceu nas outras duas pontes e agora eles não têm tanta certeza se devem

continuar, eles hesitam, parando no meio do caminho, debatendo se deveriam voltar. Alguns deles correm para a frente, em debandada, enquanto outros tentam correr de volta.

No continente, de repente, a multidão abre caminho e dois comerciantes de escravos avançam com grandes facões. Eles levantam as armas, bem alto, e a multidão incita-os, as crianças na ponte ficam com os olhos arregalados de tanto medo. Eles se viram e tentam retornar.

Mas é tarde demais: os comerciantes de escravos abaixam seus facões e cortam as cordas. A ponte cai balançando. Todas as crianças são atiradas, gritando, mergulhando para a morte quando as cordas se espatifam na parede.

Desvio o olhar desta visão terrível. Além de nosso pequeno grupo, amontoados no chão da ilha, eu olho em volta e vejo que agora restam apenas cerca de cinquenta de nós. Os outros também estão no chão, alguns cobrem suas cabeças, todos fazem o nosso melhor para evitar as pedras que atiram. Nós todos olhamos para a ponte remanescente. É a nossa única saída. Mas parece bom demais para ser verdade. Nenhum de nós parece querer tentar. Será apenas mais um truque cruel? Será que eles querem nos ver todos mortos? Realmente não há outra saída?

A plateia multidão ovaciona e eu vejo um enorme sorriso de satisfação no rosto de seu líder. Eu gostaria de poder matar todos eles.

"Essa ponte é um truque?" Pergunto a Flo, que está deitada a poucos metros de distância de mim.

"O que você acha?", Ela responde, cínica.

É claro que eu sei a resposta. Não pode ser assim tão fácil. Pode? Talvez seja algum tipo de psicologia reversa.

Aparentemente, várias outras crianças têm a mesma ideia. Elas, de repente, ficam em pé e correm para a ponte remanescente. Deve haver uns dez deles, almas corajosas. Correm para ela a toda a velocidade, um deles ataca outro por trás, aparentemente, ainda pensando que matar uns aos outros é o caminho para vitória. Outro bate em outro garoto e ainda tem um que lança outra criança pelo penhasco.

Os outros continuam a correr, alcançam única ponte e eu estou chocada quando os vejo atravessarem o caminho facilmente, rapidamente. Não há nada de errado com esta ponte, estou me arrependendo agora. Parece que eles vão conseguir. Eles são os corajosos, aqueles dispostos a arriscar, enquanto os outros não o são – e serão recompensados por isso.

Então, tudo dá errado. As crianças estão a apenas metros de distância do continente, quando todos param. Não consigo entender o porquê; eles estão ali, congelados, como se estivessem colados na ponte.

Quando eu olhar de perto, quando ouço seus gritos, percebo o que aconteceu: milhares de pequenas lâminas surgem na ponte, atravessando seus pés, atravessando suas mãos no corrimão. As crianças são perfuradas com facas, sangue jorra deles, estão literalmente presos à ponte. Sou muito grato por não ter corrido para ela.

Eu engulo em seco e olho ao meu redor. Há apenas uns quarenta nós somos sobrando. Todas as pontes já se foram, a multidão está gritando como um louco.

"MATEM! MATEM! ", A multidão canta para nós.

Eu olho para os nossos adversários e eles olham de volta. Ao mesmo tempo, parece que todos tem a ideia de que o único caminho é matar os outros.

Um olhar selvagem começa a aparecer nos rostos dos sobreviventes, posso vê-los se preparando, pegando pedras, preparando para lutar. Então, começa. Aparentemente tudo de uma só vez, as cerca de quarenta crianças ficam em pé e atacam umas às outras. A multidão vai à loucura.

Eu fico em pé, protegendo Bree, quando os outros começam um combate mano a mano em torno de nós. Eu assisto Flo se levantar, pegar uma rocha e esmagar um menino no rosto antes que ele pudesse bater em Charlie. Então Charlie se abaixa, pega uma pedra e atira em rapaz alto que corria na direção de Flo. É um lance perfeito, bem entre as pernas, o rapaz cai de joelhos, gemendo. Ao longe, vejo um menino pegar uma garota pela cabeça, correr em direção à borda e atirá-la para fora

do penhasco. Ela começa a gritar.

A multidão está urrando como selvagens.

De repente, sinto alguém se aproximando de mim por trás e me viro na hora certa. Um menino grande pula em cima de minhas costas. Mas eu me curvo quando ele o faz e, em um movimento suave, o viro no chão. Ele cai de costas na terra, perdendo o ar. Eu passo por cima dele e o chuto com força uma vez no rosto, nocauteando-o.

Vejo Ben sendo derrubado com força, por trás, ele cai no chão; Logan, ao lado dele, chega e dá uma cotovelada no atacante na parte de trás de sua cabeça, derrubando-o e o afastando de Ben. Mas, então, o próprio Logan é chutado, bem nas costelas e ele cai. Um segundo rapaz pula sobre Logan, imobilizando-o.

Bree pega uma pedra enorme e a arremessa na parte de trás do garoto que ataca Logan. Ele rola e sai de cima dele. Estou surpresa com a ferocidade de Bree.

Logan rola sobre suas costas. Ele se liberta de seu segundo atacante, dá um joelhada no intestino e joga para longe. Ele então consegue chegar perto do menino, agarrá-lo com uma chave de braço, sufocando-o até que ele desmaia.

Dezenas de crianças lutam ao nosso redor, muitas estão correndo em nossa direção. Pedras são lançando pelo ar, e uma, de um espectador, atinge uma criança bem na têmpora, nocauteando-a. A multidão grita como selvagem.

Eu logo percebo que esta é uma proposta sem vitória. Não podemos sobreviver muito tempo assim. Em breve, estaremos todos mortos. Tem que haver outra saída. Tem que haver. Tem que haver uma maneira de chegar ao continente sem matar uns aos outros.

Eu olhar novamente para as quatro pontes caídas e as examino, de repente, vejo um padrão. Duas delas – a maneira como elas entraram em colapso. Uma foi cortada do nosso lado, a corda ainda ligada ao continente e outra foi cortada no lado do continente, a corda ainda está apegada à nossa ilha. A corda oscila para baixo, como uma escada para o inferno. Eu tenho uma ideia.

"Sigam-me!" Eu grito para os outros. "Eu vejo uma saída!"

"Do que você está falando?" Flo grita.

Mas não há tempo para explicar. Pego Bree e corro para uma das pontes derrubadas. Logan vem coxeando atrás de mim, Ben o ajuda e Flo relutantemente pega Charlie, e os dois me seguem, também.

"É melhor você saber o que você está fazendo", Flo adverte.

Nós seis corremos na direção de uma das pontes desabadas, esquivando-se de pedras disparadas e de outras crianças. Felizmente, as crianças estão preocupadas com outras, mas uma pedra bate com força em meu quadril. Dói como o inferno.

Quando eu chego ao precipício, eu caio no chão e deslizo meu corpo até a borda. Olho para baixo e vejo as duas cordas, caídas, a extensão sobre toda a altura até o fundo do desfiladeiro, uns bons cem metros abaixo. Bem alto. Eu odeio alturas. Mas eu respiro fundo e me forço a olhar. Eles cortaram as cordas que chegavam ao continente, mas elas ainda estão presas deste lado. Eu as testo, puxando com força. Não cedem.

Eu olho para o outro lado do cânion, vejo a outra ponte destruída. As cordas se soltaram do nosso lado, mas não do outro. Poderíamos descer por uma e subir por outra.

Viro-me e vejo que algumas das outras crianças nos notam e estão vindo em nossa direção.

Pedras voam perto de minha cabeça e eu sei que precisamos que agir rapidamente.

Flo olha sobre a borda, também, vendo o que eu estou pensando.

"Assim, podemos descer", diz ela. "Então o quê? Isso não vai nos tirar daqui. "

"Eles tiveram que projetar este cenário com uma saída," eu digo. "Caso contrário, não seria um jogo. Você não vê? É tudo um jogo para eles. Nós apenas temos que descobrir como quebrar o código. Esse lugar todo foi projetado com uma forma de chegar ao outro lado. Estas duas pontes, elas entram em colapso em duas direções diferentes. Há uma razão. Ele deixou uma saída. Podemos descer esta corda, e subir a outra. "

"Isso é loucura", diz Flo. "E se eles cortarem a corda no meio do caminho?"

"Ou se uma das crianças cortar no meio do caminho?" Ben pergunta.

"Essa é o risco que temos que correr," eu digo. "Eu não acho que eles irão. As outras crianças, elas querem uma maneira de sair, também. E os inventores do jogo – você não vê? Eles querem sobreviventes. Eles querem prolongar isso. Nós somos o seu entretenimento."

As outras crianças estão chegando perto, cada vez mais próximas. Elas sabem que algo está acontecendo.

"Não temos tempo a perder", eu digo. "Eu serei a última e protegerei nossas costas. Bree, você vai primeiro. Em seguida, Charlie."

Pego Bree, a aproximando de mim e a posiciono de modo que ela vai descer com os pés a frente, seguro sua mão e me certifico de que ela agarra firmemente nas cordas.

Ela olha para trás, para mim, os olhos arregalados de medo.

"Estou com medo", diz ela.

"Não tenha medo", eu lhe garanto. "Você vai ficar bem. Agora vai! "

Bree trava, congelada de medo. Estou suando: Eu não sei o que fazer.

De repente, aparece Charlie. Ele desliza até ela e olha para ela docemente.

"Está tudo bem", diz ele. "Eu vou com você. Apenas me siga. Nós podemos fazer isso juntos. Um degrau de cada vez ".

Bree parece relaxar quando Charlie desce com ela. Eles começam a descer juntos, fico aliviada.

Em seguida, eu cutuco Logan para ir, e depois, Ben.

Flo finalmente parece a bordo, mas ela pára e olha por cima do meu ombro. Várias crianças estão correndo para nós, agora estão a apenas vinte metros de distância. Ela se abaixa, pega uma pedra e joga em um deles. Ela bate nele, e ele cai. Mas os outros ainda continuam se aproximando.

"E o resto deles?", Ela pede.

"Vá", eu digo. "Tome conta deles. Eu me encargo disso."

Ela olha para mim com algo parecido com admiração, então, ela me surpreende. Pela primeira vez, ela sorri.

"Você não é nada ruim", diz ela.

Antes que eu possa agradecer-lhe por estas palavras, que provavelmente são o mais próximo de um elogio, ela segura na corda e começa a descer rapidamente.

Volto a tempo: duas crianças estão vindo diretamente para mim. Um deles abaixa a cabeça, e eu posso ver que ele está com o objetivo de me atacar, para me jogar para fora da borda.

Eu me forço a ficar parada, relaxada. E espero. Assim como meu pai me ensinou.

Então, no último segundo, eu agacho de uma vez, o mais baixo possível, passando por baixo dele e, quando ele está prestes a me bater, eu apareço, usando sua força para jogá-lo por cima do meu ombro. Sua dinâmica o leva voando sobre a borda. Ele cai, gritando.

Porém, não consigo reagir a tempo em relação ao outro. Ele me aborda, me derrubando para o chão duro. Ele me deixa na borda e, antes que eu possa reagir, ele começa a me sufocar, segurando minha cabeça para trás sobre o penhasco. Eu olho e não vejo nada além de uma queda enorme entre mim e o cânion abaixo. Ele tem toda a vantagem. Eu não tenho nada.

Começo a escorregar e a deslizar, prestes a cair. Ele faz uma careta para baixo, mostrando seus dentes amarelados. Eu percebo que ele vai me matar. É assim que eu vou morrer.

Estou ficando sem ar e, rapidamente, deslizo pela borda, tenho algumas opções. Eu percebo que eu tenho que fazer uma última jogada desesperada.

Estico minha mão sobre a borda e consigo pegar uma enorme raiz, que sai do lado do penhasco.

Envolvo minhas pernas em volta de sua cintura do menino e, em seguida, deslizo o meu corpo para trás, ao longo da borda, agarrando a raiz para salvar minha vida. Rezo para que ela me sustente.

Eu balanço sobre a borda, levando-o comigo. Solto minhas pernas e ele cai, gritando, mergulhando de cabeça para baixo até a sua morte.

A raiz está cedendo rapidamente, cai terra por todos os lados; eu consigo me balançar bem a tempo de agarrar a borda da escada de corda. Assim que o faço, a raiz cai. Mais um segundo e eu teria morrido.

Corro até a escada de corda e, quando o faço, sinto algo duro me bateu no ombro. Viro-me e vejo

que os espectadores estão loucos, atirando pedras em todos enquanto descemos. Outra pedra me atinge forte na parte de trás, cada uma dói mais que a outra. Eu só espero e rezo que Bree aguent firme.

Estou na metade do caminho da descida do penhasco quando eu sinto o movimento de corda.

Olho para cima e vejo um grupo de crianças no alto, nos olhando, tendo a mesma ideia. Eles se penduram na corda e começam a descer também. Eu estava certa: eles não iriam cortá-la. Eles querem sair, também. Eu só espero que a corda possa nos segurar.

Eu olho para baixo e vejo que os outros já atingiram o chão do cânion. Eu tento ir mais rápido e consigo chegar até o fundo. Há uma queda de três metros até atingir chão, hesito por um momento. Sei que isso vai doer.

Eu solto. Caio no ar e atinjo o chão duro. Dói, mas estou bem.

Os outros estão lá, esperando por mim. Todos chegaram até aqui em segurança.

"Vamos, vamos!" Eu grito, e nós correr pelo chão do cânion, correndo para a corda pendurada no penhasco do outro lado. As pedras chovem sobre nós, como se fossem granizo, mas estamos nos movendo rápido e a maioria não nos atinge.

É estranho estar aqui embaixo – é como estar nas entranhas da terra. Olho para cima e vejo os penhascos íngremes em ambos os lados e percebo que uma enorme subida nos espera para que cheguemos ao topo. Espero e rezo para que funcione.

Eu chego à outra ponte de cordas penduradas, paro e olho para cima. Ele se estende direto até o chão do penhasco. Puxo com força. É resistente.

"É arriscado", diz Flo, respirando com dificuldade quando ela vem ao meu lado. "Eles podem cortá-la, quando estivermos na metade do caminho. Ou queimá-la. Ou nos matarem com pedras. Ou qualquer coisa."

"Eu não acho que eles irão", eu respondo, olhando para ela, recuperando o fôlego, também. "Eu acho que uma parte deles quer que façamos isso. Afinal, eles precisam de entretenimento para amanhã".

Ela olha para cima, sem saber, enquanto os outros se aproximam de nós.

"Além disso", eu acrescento, "não temos escolha."

Eu me abaixo, pego Bree e a levanto na corda. "Suba", eu digo.

Flo agarra Charlie e os dois sobem juntos.

Em seguida, vem Logan, e depois Ben.

Flo faz uma pausa. Ela se vira e eu também, para ver o que ela está observando. Uma dúzia de crianças estão acabando de descer a outra corda, copiando a minha estratégia. Eles estão vindo em nossa direção.

"Vá", eu digo a Flo. "Proteja o grupo. Eu cuido da parte traseira. "

Flo me dá um olhar de aprovação, então pega a corda e começa a subir. Eu subo logo após ela.

Assim que o faço, uma das crianças abaixo de mim alcança e agarra meu tornozelo. Uma adolescente magra com ombros largos, ela me puxa com força para baixo, impedindo-me de subir.

Minhas mãos estão ficando cansadas, minhas palmas queimam nas cordas e, em um esforço desesperado para me livrar dela, eu chuto com meu outro pé, acerto a cara dela.

É um chute perfeito em seu nariz. Ela solta e eu continuo subindo, o mais rápido que eu posso.

Eu consigo uma boa velocidade, alcanço os outros e logo estamos na metade do caminho do precipício. Eu mal posso acreditar: meu plano está realmente funcionando. Pela primeira vez, eu me pergunto se nós conseguiremos.

E depois vêm as pedras. Estamos na metade do caminho quando as pedras começam a serem atiradas ao nosso redor. Os espectadores as jogam desesperadamente, elas chegam em nós como mísseis. Não é que eles haviam nos deixado em paz: eles estavam apenas esperando que a gente chegasse mais perto.

Eu cubro minha cabeça, e os outros fazem o mesmo, faço o meu melhor para suportar a torrente de mísseis. Eu olho para baixo e vejo várias crianças subindo a corda atrás de mim e vejo que uma delas é atingida por uma pedra particularmente grande, bem na cabeça. Ela perde o controle e cai, de ponta a ponta, no chão. Está morta.

Meu coração enche de pânico. Não podemos ficar aqui.

"Mexam-se!" Eu grito para cima.

Todos nós começamos a nos mover novamente, subindo, apesar das pedras. Elas vêm com força, batendo em meus braços e ombros.

Eu ouço um grito, olho para cima e vejo Charlie perder a aderência. Ele cai da corda, vai caindo pelo ar. Flo estende a mão para agarrá-lo, mas acontece tão rápido, que ela não alcança.

Instintivamente, eu consigo. Quando ele passa voando, de alguma forma, sou capaz de agarrar sua camisa. Eu pego com força e o seguro com uma mão, balançando no ar. Eu o balanço, e o trago de volta a corda, ele a agarra, atrás de mim.

Eu respiro fundo de alívio: Acabei de salvá-lo de uma morte instantânea. Eu olho para cima e vejo o alívio no rosto de Flo e também gratidão.

Mas não há tempo para pensar nisso: estamos debaixo de fogo, e todos nós continuamos a subir o nosso caminho em linha reta. De alguma forma, nos esforçamos para chegar através das pedras.

Estamos perto, a apenas poucos metros do topo, quando a multidão se distancia e um comerciante de escravos dá um passo à frente com um facão. Ele levanta sua arma bem alto, e eu posso ver que ele está com o objetivo de derrubar a corda.

Meu coração se enche de pânico. Se ele cortar, estaremos todos mortos.

Eu me mexo rápido. Alcanço o meu bolso de trás e retiro a faca que eu encontrei. Eu acho que agora é a hora de usá-la.

Agarro a corda com uma mão, me inclino para trás e a arremesso com toda a minha força.

Ela voa pelo ar, de ponta a ponta, em linha reta, para cima. É um lance perfeito.

A faca atinge a testa do comerciante de escravos e ele desmorona na beira do precipício, caindo diante de nós para sua morte.

Os espectadores amam isso. Eles torcem como loucos à medida que continuamos a escada. Bree chega primeiro na terra. Em seguida, Logan, depois Ben, então Flo, e Charlie. E, por último, eu. Caio

no chão, exausta, cada músculo do meu corpo prestes as se render, quase incapaz de recuperar o fôlego. Eu não consigo acreditar. Nós conseguimos. Nós realmente conseguimos.

Os espectadores ficam para trás, se separam quando o líder aparece, transitando em seu trono.

Ele fica lá, olhando para todos nós. Ele olha por um longo tempo e acalma a multidão. Gostaria de saber se ele vai nos matar.

De repente, ele abre um largo sorriso. E então sei que tivemos sucesso. Nós sobrevivemos ao primeiro dia.

D E Z E S S E I S

Todos nós sentamos na caverna, cada um encostado na parede, cada um tentando se recuperar. Eu olho em volta, para Bree, Ben, Logan, Flo e Charlie – estamos um grupo lamentável. Estamos cheios de arranhões e contusões. Posso sentir meu corpo coberto de grandes vergões, vejo cortes nos rostos dos outros. Eu não tinha percebido quantas pedradas tinha levado até agora, quantos golpes eu sofri, até que eu me sentar aqui para me recuperar, sentindo a dor e o inchaço de todos os ferimentos.

Ficamos aqui sentados, ainda vestidos com nossos trajes negros de combate com cruces amarelas em todo o peito. Por mais que seja um lembrete amargo dos eventos do dia, pelo menos, a estrutura é acolchoado e confortável e me mantém aquecida. É doloroso demais até para tentar tirá-lo. Dói me ajoelhar. Meus músculos estão ficando rígidos e suspeito que os dos outros também. Eu não consigo me ver sobrevivendo outro dia como este.

Nós seis ficamos ao redor da fogueira, sombrios, um alarme soa e o grande buraco no teto se abre novamente. Desta vez, em vez dos resíduos que mandaram da última vez, seis cestos de metal são abaixados através de cordas. Eu me levanto e manco para eles, assim como os outros, com exceção de Logan, que está dolorido demais para se levantar.

Quando eu chego ao centro da sala, olho para baixo e fico surpresa com o que eu vejo: em cada cesta, há uma grande variedade de iguarias: carnes, queijos, frutas. Tudo frescos. Eu mal posso acreditar. Eu pego o meu, os outros pegam os deles, eu me aproximo e pego o de Logan para ele. O

teto se fecha tão rápido quanto foi aberto.

"Eu acho que as boas refeições são reservadas para os vencedores," Ben diz, com um sorriso em seu rosto cansado.

Voltamos para nosso canto da caverna, eu entrego a Logan sua cesta e me sento ao lado dele, Bree se senta do meu outro lado. Eu vasculho minha cesta de guloseimas e a primeira coisa que eu acho é uma barra de Snickers. Eu rasgo a embalagem e o enfio na minha boca. Eu como mordida após mordida, sem conseguir me conter. É a melhor coisa que eu já provei. Se eu morresse neste momento, morreria feliz.

Em seguida, como um enorme pedaço de salame, seguido de um pedaço de queijo . Eu sei que eu deveria comer devagar, diminuir o ritmo. Mas eu não consigo. Sinto que eu não como há anos. Todos os outros estão fazendo o mesmo, devorando todos os alimentos.

Sou grata aos comerciantes de escravos por um momento, mas então eu percebo que eles estão apenas nos dando comida para nos sustentar para amanhã. Eles nos querem em nossa melhor forma, para que possamos assistir a um bom combate na arena, para que eles possam nos assistir matando uns aos outros.

Quando eu me sento e olho ao meu redor, me pergunto se serão apenas nós seis amanhã. Se assim for, o que vamos fazer? Eu sei que eu não poderia levantar um dedo contra ninguém aqui. Nem mesmo Flo. Estou muito curiosa para saber como será amanhã.

Dirijo-me a Flo, que está ali comendo com Charlie ao seu lado.

"Eles vão nos colocar na mesma arena amanhã?" Pergunto a ela.

Ela continua mordendo o pedaço de salame, não olhando na minha direção, não responde até ela terminar tudo. Ela respira fundo e balança a cabeça, lambendo os dedos.

"É sempre diferente. Eles têm uma variedade infinita de arenas. "

"Você tem alguma ideia de como será a próxima?" Bree pede.

Flo balança a cabeça.

"Tudo o que eu sei, com certeza, é que amanhã será pior. Eles sempre levantam as apostas.

Sempre."

"Pior?" Bree pergunta, incrédula.

Eu mal posso entender. Como algo pode ser ainda pior?

Outro alarme soa e, do outro lado da caverna, uma porta de aço se abre. Eu não posso acreditar que os comerciantes de escravos voltariam para nós tão rapidamente. Então eu noto: eles não estão vindo para nos pegar; eles estão trazendo competidores novos.

Dezenas de crianças são empurradas para dentro do quarto, rostos novas. Os comerciantes de escravos os cutucam, chutam e empurram para entrarem mais fundo no local. Logo, a sala se enche. As crianças parecem atordoada e confusa, provavelmente da mesma forma que estávamos quando chegamos. São nossos concorrentes para amanhã.

Sinto-me aliviada e também estressada. Aliviada porque o combate não será entre nós seis, lutando uns contra os outros; e estressada, porque agora temos dezenas de novos concorrentes.

Percebo que Flo está olhando para eles, os examinado. Sua mão repousa sobre sua faca, ela está claramente em vantagem.

Várias crianças olham para nós, veem nossas cestas, nossa comida e, talvez, sintam o cheiro também. Alguns dos adolescentes maiores começam a vir em nossa direção.

Imediatamente, eu me levanto, assim como Flo, pronta para enfrentá-los, para proteger o que é nosso. Eles devem perceber que não somos amigáveis, pois, no meio do caminho, ele pausa, como se deliberassem.

"Nos dê um pouco da sua comida", um dos meninos, o maior deles, pede. Ele é estrábico, com um enorme nariz e lábios finos. Ele deve ter pelo menos um metro e noventa e cinco.

"Arranque dos meus dedos", responde Flo, sua voz de aço.

Ele fica parado, incerto, enquanto olha para seus companheiros. Eu me preparo para uma luta, mas, de repente, um outro alarme soa e o teto se abre. Baldes de despejos caem e todas as crianças viram e correm para eles. O novo garoto zomba de nós e, em seguida, se junta aos outros. Mas antes que ele faz, ele aponta para Flo e diz: "Eu não vou esquecer."

"Espero que não", Flo retruca.

O menino se volta para o buraco e luta com os outros por um lugar. Percebo que ele é particularmente agressivo, jogando os outros para fora do seu caminho enquanto ele mergulha de cara nos resíduos.

Lentamente, relaxamos e nos sentamos. Eu vejo essas novas crianças maravilhadas. De onde eles vêm?

"Isso acaba algum dia?" Pergunto a Flo.

Ela balança a cabeça.

"Há uma fonte infinita de carne fresca lá fora", ela responde. "Mas não se preocupe – logo vai acabar para nós. Temos sorte de ter sobrevivido hoje. Não teremos tanta sorte amanhã. "

"Tem que haver uma maneira de sair", eu digo. "Precisamos de um plano. Alguma coisa."

"Nós não podemos continuar assim", acrescenta Ben. "Nós vamos morrer."

"Nós podemos escapar", Charlie fala.

"Charlie, pare com isso," Flo corta .

"Por que parar?" Eu pergunto, olhando para Charlie.

"Ele sabe de alguns túneis", responde Flo. "Mas como isso seria útil para nós? Há uma porta de aço de um metro e vinte de entre esta sala e o lado de fora. Há uma dúzia de comerciantes de escravos lá fora, todos armados. É um desperdício de energia para pensar sobre isso. "

Ela tem razão. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento de voltar para a arena me dá uma sensação desesperadora.

"O que acontecerá se eles nos obrigarem a lutar uns contra os outros?" Charlie pergunta, triste, olhando para Bree.

É o elefante no aquário.

"Nós não estamos aqui para fazer amigos, Charlie", diz Flo. "Nós estamos aqui para sobreviver.

Você entende? "

É uma resposta dura. Mas, ao mesmo tempo, gostaria de saber se, no fundo, Flo está apenas tentando convencer a si mesma.

Gostaria de saber mais sobre Flo e Charlie, de onde vieram, seus passos. Mas ela se levanta e se afasta, para um canto distante, obviamente não quer mais conversa. Ela é uma pessoa difícil de ficar amiga.

Eu uso a oportunidade para olhar para Logan, ver como ele está.

"Você está bem?", Pergunto. Ele não parece nada bem.

Ele balança a cabeça lentamente. Eu olho para baixo para sua perna, está mais inchada do que antes.

"Posso ver?" Eu pergunto.

Ele hesita, depois assente. Eu me aproximo e gentilmente estendo a mão e levanto suas calças. Eu paro quando vejo a ferida. Está pior. Muito pior. Isso me lembra dos primeiros estágios da ferida de Rose, ficando preto nas bordas. Meu coração afunda: o medicamento não fez muito efeito, afinal de contas.

"Eu sei", diz ele. Ele deve ver a minha expressão. Gostaria de não ter mostrado, mas eu não consegui. Sinto-me horrível.

Logan é assim, para resumir toda a situação com três palavras. Ele sabe que suas horas estão contadas. Ele sabe que pouco que podemos fazer agora. Sabe que não há nada mais que eu possa dizer. Sento-me ao lado dele.

"Não está tão ruim assim", eu digo, reunindo minha voz mais confiante. "Você vai melhorar até amanhã. Tenho certeza disso. "

"É isso o que você pensa", ele diz.

Eu quero distraí-lo, afastar sua mente de tudo isso. Noto Ben, sentado a poucos metros de distância, olhando para mim, sinto que ele quer falar comigo. Mas eu não posso deixar de sentir que os dias de Logan estão contados, acho que ele precisa mais de mim.

Eu abaixo a minha voz quando me viro para Logan, fora do alcance da voz de Ben.

"Logan?" Eu pergunto baixinho.

Ele se vira e olha para mim.

"Você salvou minha vida muitas vezes. Você me fez prometer que eu iria aguentar firme. E eu prometi, por você. Agora você pode me retribuir o favor? Você pode aguentar? Por mim? "

Ele olha para mim por um longo tempo.

"Por que você se importa tanto?", Pergunta ele.

Sua pergunta me pega de surpresa. Eu afasto meu olhar, pensando. Vasculho meus sentimentos, e tento descobrir o caminho certo para formar uma frase. Viro-me e olho para ele.

"Porque você significa muito para mim", eu digo. "Porque eu me importo com você. Porque eu ficaria arrasada se algo acontecesse com você. "

Ele olha nos meus olhos por um longo tempo, como se investigasse se eu estava dizendo a verdade. É fácil para mim, porque é real. Eu realmente tenho sentimentos por Logan, também.

Finalmente, ele acena com a cabeça, satisfeito.

"OK", diz ele. "Você tem até amanhã. Eu prometo-lhe isso. Mas você tem que encontrar uma maneira de nos tirar daqui. Você precisa. "

Suas palavras ecoam na minha cabeça, quando ele fecha os olhos e se vira.

Você precisa.

*

Eu acordo ao som de um barulho alto, a porta de aço se abre e o quarto é inundado de luz, percebo que eu caí no sono. Estava tão cansada, tão esgotada fisicamente, que eu devo ter deixado meus olhos se fechar depois de comer.

Dezenas de comerciantes de escravos marcham se reúnem a nós. Já estamos de uniformes, mas eles distribuem para os novatos e arrastam todos aos seus pés. Lentamente, eu me levanto, meu corpo reclama e geme em protesto. Todos os outros fazem o mesmo, exceto Logan. Ele fica lá, sofrendo, com dor, e eu tenho que ajudá-lo a ficar de pé. Isto não parece nada bom.

Certifico-me de que Bree está do meu lado quando marchamos para fora da sala, até os túneis, agora familiares. Enquanto caminhamos, olho para todos os lados, à procura de quaisquer sinais de possíveis rotas de fuga, pensando sobre o que Charlie havia dito. Ao entrarmos mais fundo nos túneis, ele me dá uma cotovelada nas costelas. Sem dizer nada, eu viro e sigo seu olhar; ele acena

com a cabeça, apontando em uma direção. Eu vejo um túnel que desvia para o lado e percebo que ele acha que é uma rota de fuga.

Como estamos marchando para a frente eu percebo que seria muito arriscado tentar qualquer tipo de fuga agora; seria também deixar os outros vulneráveis para serem mortos, especialmente Logan. Mas eu arquivoo esse túnel na parte de trás da minha cabeça. Talvez em uma outra hora.

Em breve seremos atirados para fora, para o caminho de terra familiar, o sol está brilhando neste dia de inverno. É mais um dia ameno, a neve derreteu completamente e, desta vez, o caminho vira para a direita. Nós marchamos e marchamos, até que minhas pernas se cansam.

Rodeamos uma colina, por um novo caminho e, quando o fazemos, vejo que há centenas de espectadores gritando e zombando à medida que avançamos. Eu não posso deixar de me sentir como se este fosse uma caminhada da morte, os nossos passos finais para a execução.

O caminho dá voltas e mais voltas e, depois da última curva, a nova arena se abre diante de nós.

Meu coração pára.

Diante de nós, existe um monte gigante de areia, parece mais com uma montanha. Sua base tem cerca de uns cem metros de largura e se eleva, provavelmente, a uns sessenta metros de altura, terminando em um pico, como se fosse uma pirâmide. É composta de areia lisa, fina. Em todos os seus arredores, há centenas de torcedores, em um círculo amplo. Seu líder está sentado em seu trono, elevado acima dos outros, está sorrindo e olhando.

No início, eu não consigo entender o que esta arena é. Mas assim que eu a examino, começa a ficar claro. Com uma sensação de desespero, percebo que a montanha de areia é a arena. De alguma forma, nós seremos jogados nessa areia. Mas com que objetivo? Chegar ao topo?

Somos cutucados e empurrados e, logo, estamos na borda da montanha. A multidão fica em silêncio quando o líder se levanta e estende seus braços.

"Meus companheiros mutantes", ele começa e, em seguida, faz uma pausa dramática. "Eu apresento a vocês os participantes deste dia!"

Há uma enorme festa.

O líder levanta os braços, e a multidão fica quieta.

"Há seis voltando vitoriosos hoje e, por isso, nós os saudamos."

A multidão comemora quando eles olham para nós. Eu quase não me vejo como uma vencedora.

"O objetivo da arena, competidores de hoje," ele continua, olhando para todos nós ", é chegar ao topo da montanha de areia. Quem chegar ao topo ganha, e será poupado da morte. Aos vencedores de

ontem, será concedido o privilégio de uma breve vantagem. Dêem um passo para frente, vencedores!

"

Bree aperta minha mão com força e eu dou um passo à frente com ela, assim como os outros

fazem. Ao fazermos isso, os multidão comemora descontroladamente. Todos nós caminhamos em

direção a enorme montanha de areia, eu não sei o que fazer. Sigo Flo, que se inclina para frente e

começa a subir a areia. Eu coloco minhas mãos na areia fofa, então meus pés e dou alguns passos.

Meus pés afundam, é difícil de andar. A cada dois passos que dou, eu escorrego um. Isso me lembra

de uma época quando eu era criança e tentei subir uma duna de areia íngreme.

"Há algo suspeito", diz Ben. "Não pode ser tão fácil assim. Basta subir ao topo? "

"E não é", diz Flo.

Viro-me e olho para ela. Ela está com seu rosto enigmático, olhando estoicamente em frente.

"Que truques eles têm esperando por nós?" Eu pergunto a ela.

Ela me olha com dureza.

"Você salvou Charlie ontem, então eu vou lhe dar mais um pequeno conselho", diz ela. "Nada é o que parece", ela começa. "Lembre-se disso. Não se apresse. Não corra para o topo. Deixe os outros irem antes de você. Você está me ouvindo? Quem tentar ganhar, vai perder. "

Estamos todos escalando, a uns três metros acima do chão da montanha quando, de repente, um alarme soa.

Há uma enorme ovação da plateia e as dezenas de novas crianças correm atrás de nós e começam a escalar a montanha. Eles saem em debandada em todas as direções ao nosso redor.

Como reflexo, eu começo a subir mais rápido, assim como os outros; mas eu vejo Flo

para trás e me lembro de suas palavras, estendo minha mão para deter de Bree e Ben. Logan está indo mais lento do que o resto de nós, então eu não preciso pará-lo.

"O que você está fazendo?" Ben pergunta.

"Deixe-os ir", eu digo.

"Mas se não chegarmos ao topo, vamos perder!" Bree implora.

"Confie em mim", eu digo.

Ben, relutantemente, pára e permite que um grupo de cerca de uma dúzia de garotos passem por ele. Nós sentamos e esperamos os outros correrem pela montanha. Eu vejo duas crianças que passa, a minha frente, uma alcança a outra e a agarra por trás. Ela puxa a outra para trás com força e o outro sai voando pelo ar, caindo para baixo da montanha.

Quando ele cai, há um estrondo e, quando ele se aproxima da base da montanha, longas pontas de metal se elevam em todas as direções. Ele cai rolando na direção dessas lanças e acaba empalado aos gritos.

O público aplaude em êxtase.

Agora eu percebo. Claro, não seria tão fácil como parecia. Os riscos aumentaram. Este não é mais um inocente jogo de Rei da Montanha. Cair para trás significa cair para a morte.

De repente, eu sinto um pulso agarrar meu tornozelo, olho para trás e vejo uma menina desesperada, talvez de uns 18 anos, com cabelos longos, gordurosos que se agarram ao seu rosto. Ela escava os dedos em minha pele e puxa com força. Sinto que começo a deslizar para trás, para baixo da montanha. Estou perdendo meu controle, minhas unhas deslizam pela areia e sei que, em momentos, cairei para trás e serei empalada nas lanças.

Antes que eu possa reagir, vejo Bree chegar, pegar um punhado de areia e, em seguida, virar e jogar bem nos olhos da menina. A menina solta meu tornozelo, tampando os olhos. Eu puxo minha perna para cima e chuto sua garganta com força. Ela cair para trás e é perfurada pelas pontas metálicas. A multidão comemora loucamente.

Olho para Bree, admirada com sua inteligência e muito grata por salvar minha vida. "Obrigada", eu

agradeço.

Outras crianças estão correndo atrás de nós.

"Deixe-os ir", eu digo para os outros, querendo evitar um novo confronto.

Bree e eu nos separamos de Charlie e Flo, criando um caminho no meio. Várias crianças passam por nós, correndo para o topo.

Mas um deles pára e pega Bree, aparentemente pensando que ela será uma presa fácil. Ele começa a puxá-la para trás quando eu chego e puxo sua mão, tentando fazê-lo largar. Ao mesmo tempo, Logan gira e enfia seus cotovelos no peito do garoto, fazendo-o cair montanha abaixo. Ele é fica empalado nas lanças, de cara, e a multidão aplaude.

Olho para Logan, impressionado com sua explosão de energia. Eu tinha quase me esquecido dele, mas vejo que seu espírito de luta ainda continua lá.

Várias outras crianças correm por nós e eu olho para cima e vejo uma menina à frente dos outros, está quase na metade. Mas então algo acontece. Quando olho para ela, vejo seus pés começarem a afundar. Logo, está apenas sua cintura, então só peito. Suas mãos estão para o alto, agitando-se e eu percebo: ela está presa em uma armadilha de areia. Areia movediça.

Ela grita enquanto afunda, sua cabeça sumindo. Logo, seus gritos são abafados, ela foi completamente engolida pela areia.

A multidão aplaude.

Percebo agora o quão verdadeiramente traiçoeira esta arena é. Pode ser ainda pior do que a último, eu começo a me perguntar se há alguma maneira de sair. Faço uma nota mental de onde ela foi pega, para me certificar de que não passarei no mesmo lugar duas vezes.

Algumas das outras crianças hesitam, mas um outro menino corre mais distante, passando por onde ela estava até que, de repente, ele pára, gritando em agonia. Uma lâmina se levanta da areia, espetando seu pé. Ele fica lá, preso, gritando, tentando sair. Mas ele não pode. Sangue escorre de sua ferida, manchando a areia de vermelho.

A plateia berra.

Ao meu redor, várias lâminas aparecem, perfurando muitas crianças. Em outros lugares, mais armadilhas de areia se abrem, engolindo outras. Percebo que esta arena é uma armadilha gigante.

Como um campo minado. Flo estava certa: é melhor não ter pressa. Essa "vantagem" para os vencedores era apenas um truque. O conselho de Flo, mais uma vez, salvou nossas vidas.

O alarme toca e eu ouço algo girando no ar. À minha volta, vejo objetos pousarem na areia e, por um momento, eu me pergunto se é uma tempestade de granizo. Mas então eu sou atingida por algo duro nas costas e percebo que a arena agora está aberta para que os espectadores possam atirar pedras. Ao meu redor, rochas estão sendo lançadas, batendo a areia por todos os lugares. Várias me batem na parte de trás dos braços e pernas. Uma quase atinge minha cabeça. É doloroso e, obviamente, a intenção é nos manter em movimento.

Não temos escolha a não ser continuar o nosso caminho até a montanha.

"Arrastem as mãos!" Flo grita. "Não peguem no chão e soltem. Se uma lâmina for aparecer, você sentirá, de antemão, algo duro na areia aí, retirem as mãos. "

É um bom conselho, todos nós continuamos a subir, arrastando as mãos à medida que avançamos.

Depois de vários metros, sinto algo e, rapidamente, retiro a minha mão. Uma fração de segundo depois, uma enorme lâmina aparece, não me atingindo por um milésimo de segundo.

Mais pedras voam para mim e uma grande pedra bate na parte de trás da minha espinha. Dói como o inferno. E tenho uma ideia. Vou buscar a pedra e a guardo.

"Recolham todas as pedras!" Eu digo para os outros.

Bree, Ben, Logan e os outros começam a recolher as pedras.

"Joguem na areia, antes de se moverem. Vai mostrar qualquer armadilha. "

Ao mesmo tempo, todos nós começamos a jogar as pedras à nossa frente. Dezenas de lâminas aparecem e limpamos uma boa parte do nosso caminho.

Porém, eu guardo uma pedra, me viro e aponto para um espectador. Eu a atiro e o atinjo entre os olhos, derrubando-o. A multidão vaia.

Viro-me e sorrio para mim mesma. É uma pequena satisfação. Eu mal lhe fiz um arranhão, mas, com certeza, me senti bem em lhe fazer experimentar um pouco do seu próprio veneno.

Há cerca de trinta crianças ainda vivas mais acima na montanha. Estes estão começando a perceber o quão traiçoeira esta arena é e alguns começam uma nova estratégia, parar e esperar que os outros ultrapassem. Outros têm ainda outra estratégia: a de recuar, voltar para baixo da montanha e matar todos abaixo deles. Acho que eles pensam que chegar ao topo é impossível e eliminar todos os outros é o caminho para vencer.

Três crianças se apressam para nos atacar. Um deles, correndo em minha direção, pisa em uma armadilha e uma lâmina de metal o empala; ele cai de joelhos e depois cai de cara, morto. Os outros dois, no entanto, conseguem chegar perto. Um corre direto para mim, descendo a montanha, aproveitando seu impulso e, antes que eu possa reagir, ele me ataca com força.

Caio de costas e nós dois vamos descendo montanha abaixo, rápido. Estou indo direto para as lanças na base da montanha, preciso pensar rápido.

Eu arco minhas costas e levanto as pernas para cima, com toda a minha força, como se fizesse cambalhotas para trás, consigo usar seu impulso para enviá-lo voando sobre minha cabeça. Bem a tempo: ele é empalado nas lanças e amortece minha queda livre.

Mas agora eu estou de volta para a base da montanha, há pedras sendo violentamente atiradas em mim, e eu subo o mais rápido que posso, tentando refazer cuidadosamente os meus passos. O outro garoto restante mergulha em nosso grupo, seu objetivo é Logan, indo direto no mais ferido. Ele o derruba com força, e os dois vão descendo a montanha em velocidade máxima.

Eles estão indo em direção às lanças na base, e meu coração aperta. Parece que, em alguns momentos, Logan será perfurado. O público torce loucamente.

No último segundo, Logan reúne toda a sua força. Ele estende a mão, agarra o menino e o gira.

Ao chegarem às lanças, o rapaz é empalado, de costas, o sangue é jorrando de sua boca.

A multidão aplaude.

Mas algo está errado. Logan está preso, também, não está se mexendo e, quando eu olho de perto, meu coração pára: vejo que a lança atravessou o menino e também o braço de Logan. Logan grita, a dor parece insuportável.

Eu corro de volta para a base da montanha, assim como os outros, corremos até ele para tirá-lo dali. Os outros ajudam e, ao tiramos, ele urra de dor. O aço deixa lentamente sua carne, sangue escorre por toda parte. Ele respira com dificuldade, suando, eu me abaixo e rasgo uma tira da minha blusa para usar como um torniquete, amarrando-a em torno de sua ferida. Ela rapidamente se enche de sangue.

Flo e eu, cada uma põe um de seus braços ao redor dos ombros e começamos a levá-lo para cima, longe dos espectadores zombando e das pedras que são atiradas.

"Deixe-me", ele resmunga.

"De jeito nenhum", eu respondo.

Juntos, nós mancando de volta até a montanha. Eu olho para cima e noto que há quase uma dezena de crianças sobrando, sentadas lá, mais ao alto da montanha, provavelmente esperando por nós para ultrapassá-los. Todos parecem com medo de seguir em frente, sem saber o que está reservado para eles.

E então, tudo muda.

Outro alarme soa alto e eu detecto um movimento estranho na areia. No começo eu não consigo entender o que é. E quando eu faço, eu não consigo acreditar.

Deslizando para fora da areia, em todas as direções, aparecem dezenas de cobras coloridas.

As crianças que estavam mais no alto tentam sair do caminho, mas é tarde demais para elas. Elas tentam evitar as cobras, correndo para todos os lados, mas as cobras cravam suas presas neles. Eles gritam de agonia, um após o outro. O veneno age rapidamente e vários caem mortos; outros são perfurados pelas lâminas ao correrem.

A boa notícia é que as cobras morrem ao afundarem seus dentes na pele das crianças; parece que

usar seu veneno as mata.

A má notícia é que sobrou uma cobra particularmente grande.

Ela desliza para baixo da montanha, bem em nossa direção.

Não, eu penso. Não uma cobra. Qualquer coisa menos uma cobra.

É claro que a cobra se dirige para mim. Eu me preparo para o ataque, encolhendo-me com antecedência, sem ter para onde ir.

Mas Flo salta de um lado, pega a cobra pela sua cabeça e a prende, apertando forte com as duas mãos. Ela se contorce como louca, mas não consegue se soltar.

"Charlie, o seu fio!", ela grita.

Charlie se apressa, tira um fio com duas pontas de seu bolso e envolve em torno da garganta da cobra, várias vezes. Ele aperta tão duro quanto pode e Ben corre para ajudá-lo. Por fim, a cabeça da cobra é cortada. O resto de seu corpo desliza, de forma incontrolável para baixo da montanha.

Eu olho em volta e vejo que todas as outras crianças estão mortas. Nós somos os únicos sobreviventes que sobraram. Eu mal posso acreditar.

Nós agarramos Logan e todos nós vamos juntos até o topo montanha. Vamos em fila única, cuidadosamente seguindo o rastro de cadáveres de outras crianças que abriram o caminho para nós, que já desarmaram todas as armadilhas e, dentro de instantes, chegamos ao topo, a salvo.

Um alarme ecoa e a multidão faz barulho.

Mal consigo acreditar. Nós sobrevivemos.

D E Z E S S E T E

De volta a nossa caverna, de noite, sentamos em volta da fogueira, completamente exaustos. Eu apoio minha cabeça contra a parede e fecho meus olhos, parece que nunca mais irei abri-los novamente. Cada osso do meu corpo dói e me tortura. Não consigo acreditar nas coisas pelas quais meu corpo passou nesses últimos dois dias. Se alguém me falasse que eu poderia dormir agora e acordar daqui a vinte anos, eu dormiria.

Eu só quero que esta agonia e este sofrimento acabem – não apenas para mim, mas para todos nós. Estamos lutando por nossas vidas, apegados à vida, mas uma parte de mim se pergunta, para quê? Isto tudo vai acabar com todos nós mortos. De certa forma, estamos apenas prolongando nossa agonia.

Eu olho a minha volta e vejo os rostos exaustos de Bree, Charlie, Bem e Logan – e até mesmo Flo. Sinto-me especialmente mal de ver Logan, deitado ao meu lado, com esta aparência. Ele se machucou muito mais que todos nós, eu tento estancar o sangue de sua ferida, mas isto mal está funcionando. Ele perdeu muito sangue, está muito pálido, como se já estivesse morto. Tentei acordá-lo várias vezes, mas ele apenas resmunga e vira para o outro lado. Meu coração se aperta, estou com medo. Se ele não receber atenção médica, e logo, não sei se ele conseguirá sobreviver. Sem contar que será impossível para ele competir amanhã nos jogos. Não consigo deixar de sentir que estou sentada e sua morte está próxima.

O resto de nós não está muito melhor. Estamos tão surrados, abatidos e feridos e exaustos, sem falar que estamos morrendo de medo do que nos espera amanhã. Flo estava certa: eles fazem as apostas todos os dias. Não sei mais o que eles podem fazer para amanhã. Tenho certeza de que amanhã será nosso último dia.

Um alarme soa, o teto se abre e, desta vez, eles abaixam dozes cestas, cheias de comidas e suprimentos. Ontem nós avançamos desesperadamente sobre elas, hoje, ao contrário, apenas olhamos uns para os outros, exaustos demais para pegá-las.

Eventualmente, nos esforçamos para ficar em pé e cruzamos a sala. Minhas pernas parecem pesar uma tonelada cada uma. Pego minhas duas cestas e as cestas de Logan e cada uma recolhe as suas. Nós as levamos até o fogo.

Fico animada ao ver que elas estão cheias de guloseimas, comidas, biscoitos e docinhos de todos os tipos. Incrível como os comerciantes de escravos conseguiram guardar tanta comida boa até o dia de hoje, com o resto de mundo morrendo de fome. Pensar nisso me deixa enojada: como eles podem

ter tanto e os outros, tão pouco.

Enquanto ontem eu havia devorado minha comida, hoje eu me mexo bem devagar assim como os outros. Uma parte de mim perdeu apetite. Abro um chocolate e mordo um pedaço; é muito gostoso, me delicio com o açúcar na minha circulação. Mas não tenho a mesma animação que ontem.

Tiro a barra de chocolate de bem da embalagem e coloco na boca de Logan, tentando fazer com que ele morda um pedaço. Mas ele não o faz. Ponho minha mão em sua testa, a febre subiu ainda mais, fico ainda mais preocupada. Gostaria de poder ter feito alguma coisa.

“Logan,” eu digo baixinho. “Você precisa comer. Por favor.”

De olhos fechados, ele balança sua cabeça, agoniado. Ele acaba abrindo um pouco seus olhos, o suficiente para olhar nos meus.

Ele fica me olhando, seus olhos nos meus, por um tempo que parece uma eternidade. Ele não fala uma palavra sequer, mas, no seu olhar, sinto algumas palavras. *Obrigado. Eu amo você. Desculpe-me.*

Gostaria de poder lhe dizer as mesmas coisas de volta, mas tenho vergonhas, ainda mais com os outros tão próximos. Por um lado, tenho sentimentos verdadeiros por Ben. Porém, também sinto algo por Logan, especialmente agora, que o sinto partir. Quero passar mais tempo com Bem, mas eu *preciso* ficar com Logan.

Eu me encolho ao lado de Logan e apoio sua cabeça em meu colo, gentilmente afastando seu cabelo de sua testa molhada de suor, eu decido distraí-lo contando uma história.

“Uma vez, quando eu era mais nova, antes da guerra, meu pai me levou para caçar,” eu começo.

Acho que Logan iria gostar desta história.

Ele se anima um pouco, sei que está interessado. Encorajada, eu continuo.

“Ele havia me dado este enorme rifle e eu estava morrendo de medo de usá-lo. Andamos por horas, no meio da floresta, à procura de qualquer coisa para caçar. Eu não queria estar lá, mas queria deixá-lo feliz.

“Perto do por do sol, eu notei um olhar estranho em seus olhos, um olhar que eu nunca havia percebido antes. Parecia confuso. Talvez medo. Ele sempre fora tão confiante, no controle... Eu não

entendia o que estava acontecendo. Para mim, aquele olhar era mais assustador que qualquer outra coisa.

“Eu perguntei o que estava acontecendo e, finalmente, ele admitiu que estava perdido. Não sabia como voltar. Nessa hora, estávamos no meio da floresta e estava começando a escurecer. Eu estava morrendo de medo. Perguntei o que deveríamos fazer. Ele disse de deveríamos encontrar uma árvore, descansar e, no dia seguinte, encontraríamos a saída.

“Fiquei tão assustada que eu comecei a chorar. Ele brigou comigo, disse que eu deveria ser forte, que as coisas poderiam estar piores. Depois de um tempo, eu parei de chorar e me sentei ao lado dele, apoiada na árvore. Ficamos assim, em silêncio, contra a mesma árvore, a noite inteira.

“O mais esquisito era que ele não falou mais nenhuma palavra para mim o resto da noite. Como se ele não tivesse nada a falar para sua própria filha.

“Pensei nessa noite por anos e, por muito tempo, fiquei ressentida com ele. Mas, agora, olhando para trás, não sinto mais raiva. Agora, eu sei que, para ele, silêncio era conversa. Era sua maneira de ficar comigo. Ele estava me dizendo que me amava, da sua maneira. Ele só não conseguia usar palavras.”

Eu olho para Logan, e ele olha de volta para mim, de olhos abertos.

“De algumas formas, ele me lembra de você,” eu falo, nervosa de confessar isso.

Logan abre seus olhos com um último esforço e me observa. Vejo um pequeno sorriso se formar nos cantos de seus lábios, percebo que ele gostou da história.

Logan não fala nenhuma palavra também, mas ele lentamente concorda e eu consigo ver o amor no seu olhar. Nesse momento, posso ver que ele é igual a papai. Ele está falando comigo. Mesmo que não use palavras.

*

É tarde da noite, mas não sei que horas e estamos todos sentados, com exceção de Logan, acordado, ao redor da fogueira. Depois do que aconteceu hoje, ninguém consegue dormir. Olhamos para as chamas, de olhos arregalados, cada um perdido em seu próprio mundo, cada um encarando a

morte.

Horas atrás, dezenas de novos recrutas foram jogados na sala. Estas novas crianças ficaram juntas, do outro lado da caverna, contentes com as cestas dadas a elas. Ninguém tenta se aproximar de nós, o que para mim é bom, pois não sei se teria a energia para brigar com eles. Não que eu me importe muito com nossa comida agora. Mas estou curiosa de porque há poucas crianças desta vez.

“São retardatários,” Flo diz. Olho para ela e vejo que ela também os observa. Ela tem uma misteriosa maneira de ler minha mente. “Os comerciantes de escravos não tiveram muita sorte hoje. Más notícias para nós.”

“Por quê?”

“Eles precisam manter os jogos divertidos para a plateia. Quando eles não têm crianças suficientes, eles não têm alternativa a não ser fazê-las lutarem umas contra as outras.”

Instintivamente, sinto que ela está certa. E isto faz meu coração apertar. Não suporto pensar nisso. Não posso imaginar como seria ser colocada na arena contra Bree, Charlie, Ben, Flo. Contra Logan. É cruel demais para se pensar.

“Bom, nós encontramos um jeito de continuarmos juntos nisso,” eu falo. “Acho que poderemos dar um jeito amanhã, também.”

Flo dá de ombros. “Eu não tenho tanta certeza,” ela diz.

Tento interpretar suas palavras, entender seu significado. É uma ameaça? Ela está dizendo que irá lutar contra nós? Uma parte minha diz que sim. Ela é uma sobrevivente, e tem que cuidar de Charlie. Vindo dela, eu não suspeitaria.

Voltamos a ficar em silêncio, cada um retraído em seu próprio mundo, cada um com cara de enigma, quando penso sobre amanhã. Sei que não iremos aguentar mais um dia. Preciso bolar um plano. Alguma coisa. Preciso achar uma saída.

Examino cada opção possível em minha mente, de novo e de novo, até meus olhos pesarem.

Penso repetidamente nos túneis de Charlie, sentindo que esta é a resposta. Mas não consigo pensar

claramente, encontrar uma saída. A solução está fora do meu alcance.

*

Quando o alarme soa na manhã do terceiro dia, meus olhos já se encontravam abertos. Com os olhos cansados, passei a noite inteira acordada, pensando nas possibilidades, ideias para nos libertar. A porta de metal se abre e dezenas de comerciantes de escravos marcham para dentro.

Não quero lhe das a dignidade de me levantar então eu fico em pé antes que possam chegar perto de mim. Vou andando e acordando os outros. Ajudando Bree e Charlie a se levantarem. Vejo que Flo já se levantara. Bem acorda com um pouco de esforço.

Os comerciantes de escravos estão a nossa frente e eu vou até Logan, eu o chacoalho vigorosamente Ele demora um pouco para abrir os olhos. Não parece nada bem.

“Levante-se,” eu falo.

Ele balança sua cabeça. Parece meio morto.

Um comerciante de escravos se aproxima e lhe chuta.

“Deixe-o em paz!” eu berro.

O comerciante de escravos me empurra e eu bato com força contra a parede. Flo se levanta e dá um soco no rosto do comerciante de escravos. Fico impressionada e agradecida por ela ter me defendido.

Mas ela também paga seu preço, e recebe um tapa da costas da mão de outro comerciante de escravos, o som do golpe ecoa pela sala.

Ela volta a atacar mas eu me meto entre os dois, evitando a briga.

“Tudo bem, Flo,” digo para ela, vejo a violência em seus olhos, não quero que ela se machuque.

“Deixe para lá. Vamos deixar Logan em pé.”

Eu seguro Logan com a ajuda de Flo e Ben e nós levantamos Logan. É como levantar uma árvore velha. Ele geme de dor e Ben e eu apoiamos um braço em cada ombro dele, ajudando-o a ficar em pé. Nós seis marchamos para fora da sala.

Somos empurrados para fora da habitação e desta vez nos guiam para um túnel diferente. Somos levados para uma enorme porta de aço e, quando esta se abre, para minha surpresa, entramos em um aposento super iluminado, todas as paredes cheias de armas expostas. Há espadas, arcos e flechas, escudos, facas, estilingues, lanças e tudo mais que se possa imaginar. Não entendo o que está acontecendo. Penso nos danos que eu faria a um comerciante de escravos com essas armas e sinto como se tivesse entrado em uma loja de doces.

“Escolham!” vocifera um comerciante de escravos.

De repente, a dezena de crianças novas sai correndo pela sala, cada uma escolhendo uma arma.

“É dia de luta,” Flo diz, e então se apressa para chegar a uma parede. Ela pega uma grande espada.

Eu me apresso com Logan, Charlie e Bree e também chegamos perto da parede, apoio Logan contra a parede e lhe dou um grande escudo.

“Se você não pode lutar, pode, ao menos, se defender, certo?” eu pergunto.

Ele concorda, fracamente.

Eu pego uma longa lança e a prendo em minhas costas. E então pego uma espada longa, também.

Enquanto estou com ela, vejo uma bela faca de caça e também a pego para mim e a prendo em meu cinto.

Ao meu lado, Bree escolhe um estilingue. É uma boa escolha. Ela sempre foi boa com seu estilingue feito em casa, e este aqui traz uma sacolinha com pedrinhas e ela a amarra ao seu cinto.

Então, é claro, ela escolhe o arco e flecha, com o qual ela também é boa. Charlie escolhe uma estranha arma medieval: com uma corrente longa de um lado e uma bola metálica do outro. Ben escolhe apenas uma longa espada, e nada mais.

Flo, segurando sua espada, se vira para mim e, por um momento, eu sinto como seria enfrentá-la.

De certa forma, seria como lutar contra um espelho, uma imagem minha. Isso me assusta.

Um alarme ressoa e eu olho ao redor da sala, vejo as outras crianças bem armadas. Isso não

parece nada bom.

“Bree, Charlie,” eu falo. “O que quer que aconteça, fiquem perto de mim, tudo bem? Não se afastem muito. Assim eu posso ficar de olho em vocês.”

“Você não precisa tomar conta de Charlie,” Flo me censura. “Eu cuido dele.”

Ela é possessiva, e já está com cara de luta.

“Só quero ajudar,” eu respondo.

“Tome conta de si mesma,” ela retruca.

Ela desenha uma linha na areia.

“Charlie, venha aqui, fique comigo,” ela comanda.

Charlie olha para mim e para Flo, parece relutante em ir. Mas, lentamente, ele obedece e caminha até o lado de Flo.

Não consigo deixar de pensar que agora como todos adversários. Todos lutando para sobreviver.

*

Marchamos pelo túnel por horas, parece, completamente debaixo da terra, desta vez, passamos por luzes vermelhas de emergência a cada seis metros. Ratos fogem correndo debaixo de meus pés e,

à distância, eu escuto o som do trem passando em algum lugar. Pergunto-me quantos trens passaram por aqui hoje, quantos escravos foram capturados nos campos para serem apresentados aos jogos.

Isso me deixa enojada.

Sinto o vento do inverno me açoitando, mais frio hoje e me pergunto quando iremos chegar na parte externa. Alguma coisa está diferente hoje. Desta vez, não conseguimos ver o final do túnel. Não entendo. Os jogos de hoje serão no subsolo?

Logan está cada vez mais pesado enquanto Ben e eu o carregamos, posso sentir sua força vital se esvaindo. A ideia de levá-lo à competição, desse jeito, é loucura. Ele mal consegue ficar em pé.

Tento mais uma vez pensar em alguma estratégia, um jeito para que todos nós sairmos vivos. Mas é difícil. Estamos rodeados por uma desena de crianças armadas, todas prontas para nos matar e eu sequer conheço o terreno da batalha. Apenas me manter viva já será um desafio, manter os outros,

então, nem se fala. Bree me preocupa mais que todos os outros. Preciso achar um jeito de protegê-la.

Uma enorme porta de aço se retrai e, com isso, o túnel se enche de luz solar. Escuto o rugido surdo de uma multidão e somos empurrados para frente. Eu levanto meus olhos contra a luz brilhante, tentando entender onde estamos.

Assim que me jogam para o lado de fora, a porta de aço se fecha às minhas costas, o vento de inverno me esbofeteia, o rugido fica ainda mais alto. Olho ao meu redor e não vejo ninguém da plateia. Não sei de onde vem esse som. E o barulho se manifesta de novo e eu olho para cima.

Percebo que estamos no fundo de um desfiladeiro circular, com precipícios íngremes que se erguem ao nosso redor, por vários metros. No topo, na beira dos precipícios, atrás de um corrimão, estão os espectadores. Eles zombam de nós, aqui embaixo.

As paredes se levantam, por centenas de metros e eu não vejo como conseguiríamos sair daqui. E então percebo: desta vez, não há como escapar. Olho ao meu redor e vejo as crianças armadas até os dentes, juntas conosco no fundo desta cratera. Eles nos trouxeram até este lugar, sem saída, para que a gente lute até a morte. Mas por que aqui embaixo? Por que não no térreo?

Examino a arena, as paredes do desfiladeiro e tenho um mau pressentimento. Sinto que os comerciantes de escravos estão escondendo algum truque na manga. Olho para cima e vejo, a uns trinta metros, cordas grossas penduradas do todo da cratera. Mas por que elas param na metade? Não faz nenhum sentido. Como deveríamos chegar perto delas, para começar?

Antes mesmo que eu possa pensar mais a respeito, uma voz ecoa no ar. A plateia se cala e eu olho para cima, vejo o líder olhando para baixo, e braços abertos, um sorriso convencido estampa seu rosto.

“Irmãos e irmãs!” ele esbraveja. “Eu lhes apresento o terceiro e último dia da Arena Dois!”

As pessoas gritam em resposta. Ele espera que elas fiquem quietas.

“O objetivo de hoje é simples. Há dezoito de vocês aqui. Vocês irão matar uns aos outros.

Quando sobrar apenas uma pessoa, ele ou ela será o ganhador!”

A plateia enlouquece com suas palavras.

“Que comecem os jogos!”

De repente, sinto uma movimentação ao meu redor. As outras crianças olham umas para as outras e então para nós – e a competição começa.

O público berra, alucinada.

Esta arena mostra o pior das crianças. Vejo expressões venenosas em seus rostos quando elas saem atacando em todas as direções. Vejo uma menina levantar sua espada e perfurar as costas de um garoto baixinho. Ele cai, atordoado, a primeira casualidade. A multidão rugue.

Sinto uma movimentação atrás de mim e me viro, vejo uma menina gorda vindo em minha direção, carregando um machado acima de sua cabeça. Meu instinto de sobrevivência aflora. No último segundo, eu desvio do caminho e movimento minha espada para cortar a empunhadura de seu machado em dois. Ela sai voando por mim com seu machado quebrado e, ao passar por mim, lhe dou um chute nas costas, fazendo-a cair de cara.

A plateia comemora. Ela se levanta com um grunhido.

“Eu não quero machucá-la,” eu falo, tentando convencê-la. É verdade. Não quero matar ninguém.

Só quero que todo mundo saia vivo daqui.

Mas ele não me dá ouvidos. Ela parece achar que, para sobreviver, terá que me matar.

Ela tira uma faca de sua cintura e vem me atacar, segurando-a, gritando. Eu não espero. Tiro a pequena faca do meu cinto, me posiciono e arremesso a faca na direção dela. Enquanto ela vem me atacar, a alguns metros de distância, minha faca se aloja perfeitamente em sua testa. Seus olhos se arregalam e ela fica paralisada, e depois cai de costas, morta.

A plateia grita.

Mas sou pega de surpresa. Antes que eu possa reagir, aparece um garoto do meu lado, girando um enorme martelo. Eu desvio e ele não me atinge por um centímetro. Sinto o arajada de ar de seu movimento e percebo que, mais um segundo e ele teria quebrado minhas costelas.

Este menino é rápido e forte e, sem pestanejar, ele levanta o martelo acima de sua cabeça e quer acertá-lo em meu ombro. Eu não consigo reagir rápido o suficiente e percebo, no momento seguinte, que ele irá quebrar meu braço.

Uma pedra o atinge na lateral de sua têmpora, ele cambaleia e depois cai de lado. Vejo que Bree acabou de usar seu estilingue. Foi um tiro perfeito. Mais uma vez, ele salvou minha vida.

Antes mesmo que eu possa processar isso, eu sou pega mais uma vez desprevenida. Outras três crianças vem me atacar. Por alguma razão, todas parecem me ter como alvo. Uma delas trás uma espada para me atingir pelas costas, ouço um som metálico e vejo Logan perto de mim, segurando seu escudo, me protegendo. Fico impressionada. Ele acabou de me salvar.

Logan cambaleia com sua perna machucada, mas consegue manter o escudo, e o utiliza para bloquear diversos ataques. Ele logo se mexe e golpeia o adolescente no rosto, derrubando-o. Eu avanço na direção dele e perfuro seu coração com minha espada, mantando-o. Ele cai e a multidão comemora.

Outro menino vem em minha direção pelo lado, segurando uma lança, pronto para me atacar.

Antes que eu possa reagir, ouço um zunido em minha orelha, e vejo o que acabou de atingir a garganta dele. Uma flecha. Ele cai, morto, soltando sua lança antes mesmo de poder utilizá-la. Olho para o lado e vejo Ben parado ali, acabara de atirar a flecha.

Outro menino me agarra por trás com uma chave de braço, ele tem antebraços fortes e me aperta com força. Seus braços são as piores armas: está tirando a vida de mim. E também está me utilizando como escudo humano, para que os outros não possam me ajudar. Não sei como irei sair dessa.

Então sinto que ele se desequilibra e cai. Não entendo como, mas estou livre de seu sufocamento, tento respirar. Olho para baixo e vejo uma corrente de metal com uma bola presa aos seus calcanhares. Charlie os jogara, derrubando-o. Pego minha espada e a afundo em seu coração. A plateia vibra.

“Charlie!” Flo censura, chamando-o de volta ao seu lado. Ela está ocupada lutando, se inclina

para trás e chuta uma menina no peito, depois gira sua espada e corta sua cabeça fora. O público vai à loucura.

Olho ao meu redor e não consigo acreditar na carnificina. O combate está tão rápido que é atordoante. À nossa volta, há cadáveres. Todas as outras crianças estão mortas. Nós seis ganhamos.

Apesar dos avisos de Flo, trabalhamos como uma equipe. E agora, somos os únicos sobreviventes.

A plateia ruge e bate os pés loucamente. Parece que ganhamos do sistema.

Nós todos ficamos ali, olhando um para o outro, todos sem fôlego, segurando nossas armas.

Agora, não há mais ninguém para lutar, apenas uns aos outros. E, claro, nenhum de nós faria mal para o outro.

Ou não?

Eu olho para o lado, e vejo Flo me encarando, seu olhar é ameaçador. Vejo-a examinando todos nós, como se fôssemos seus inimigos finais.

A multidão aquietada quando o líder dá um passo à frente.

"Só pode haver um sobrevivente. Se vocês não vão lutar um contra o outro, então vamos matar todos vocês. "

Nós todos ficamos lá, congelados com uma estranha tensão. Flo se aconchega ao lado de Charlie, e Logan, Ben e Bree ficam mais perto de mim. Ben tem a mão em seu arco e flecha, e Bree em seu estilingue. Eu posso ver que uma parte do Flo quer ser o único vencedor, por Charlie. Mas eu acho que outra parte dela está dividida. Afinal, eu salvei Charlie e ela também. E agora acho que também tenho o apoio de Bree e Ben. Ela hesita, sobrecarregada de conflitantes emoções.

Nós continuamos lá, nenhum de nós se move e, logo, a multidão começa a vaiar. E então, para nos importunar, eles começam a atirar pequenas pedras, todas caem ao nosso redor, como granizo. Mas as rochas não nos acertam, a multidão se encontra longe demais para fazer qualquer dano grave.

Quando suas vaias crescem, eu começo a ouvir um barulho estrondoso. Parece que o mundo está prestes a explodir, e eu não consigo descobrir o que é. Até eu olhar para cima.

Avisto uma pedra enorme que está sendo rolada, empurrada para baixo do penhasco. Ela vai até a

borda, ensurdecidora e vem rolando para baixo, pelas paredes – direto para nós.

No mesmo instante, todos nós corremos juntos, tentando loucamente escapar da pedra que vem voando em nossa direção como um míssil. Eu pego a mão de Bree e corro, conseguimos escapar apenas o suficiente para sair de seu caminho. Ela não nos atinge por centímetros. Ela cai levantando uma nuvem de poeira, e depois cai na parede do fundo do desfiladeiro como uma bomba nuclear. O chão treme, e levanta uma nuvem ainda maior de poeira e detritos.

A multidão vibra loucamente. O líder dá um passo à frente.

"Isso foi apenas uma pedra. Temos dezenas de outras. Se vocês não lutarem uns contra os outros, vocês serão mortos por nós em poucos minutos. Agora, levantem-se e lutem! "

O público comemora e Flo se vira lentamente para mim.

"Temos que lutar," ela diz. "Se não, eles irão nos matar."

"Não quero lutar contra você," eu respondo. "Deve haver outra maneira."

"Não há," ela fala. "Se não por si mesma, faça isso pelos outros. Nós duas temos que lutar."

Eu olho para cima e avisto outra pedra, situada no alto, percebo que ela está certa. Se não fizermos algo em breve, essas pedras vão matar todos nós.

"Não, não quero que vocês lutem!" Charlie berra.

"Nem eu!" grita Bree.

Eu me viro e olho para os dois, sentindo a agonia deles.

"Vai ficar tudo bem," eu digo. "Não se preocupem."

Flo se vira e caminha lentamente para o centro do chão do cânion. Quando ela faz isso, a multidão vai à loucura. Quando eu a vejo, sinto que eu não tenho escolha. Tenho que fazê-lo. Se for isso que ela quer, é assim que vai ser.

Eu também saio, seguindo-a, e a multidão se eleva a um frenesi. Nós duas ficamos no centro, de frente para a outra.

Quando estou ali, me perguntando se ela vai realmente lutar, a multidão grita, de repente, Flo

corre em minha direção, desdenhando, erguendo a espada alta. Ela a traz para baixo, bem na minha cabeça, e eu levanto a minha espada para bloquear seu golpe no último segundo. Seu golpe é forte, feito realmente para matar. Estou chocada. Mal posso acreditar. Ela não está apenas encenando: ela realmente quer me matar.

A multidão comemora loucamente.

Enquanto eu estou lá, bloqueando seu golpe com a minha espada, a força de seus punhos faz minhas mãos tremerem. Estou chocada com a força que ela tem em seus braços. Sei que não posso segurá-la por muito tempo, por isso, no último segundo, eu dou um passo para o lado, e sua espada voa baixo, para a minha lateral. Sua dinâmica a faz passar por mim, eu me viro e bato na parte de trás da cabeça com a empunhadura de minha espada, empurrando-a para a frente.

A plateia vibra e Flo vira e faz uma cara brava para mim. Ela ataca novamente, espada no alto, e a traz para baixo; eu vou para o lado, e ela erra o golpe. Eu tento acertá-la, mas ela bloqueia o meu golpe. Vamos lutando, balançando e parando, empurrando uma a outra para frente e para trás pela arena.

Um de seus golpes é ligeiramente mais rápido do que o meu e ela consegue cortar meu bíceps. Eu grito de dor, enquanto o sangue escorre. É o meu primeiro ferimento do dia.

A multidão grita como louca. Estendo a mão e cubro minha ferida, vejo que minha mão volta vermelha, manchada de sangue.

Ela olha para trás com frieza, sem remorso. Eu mal consigo acreditar.

Ela me ataca mais uma vez, e continuamos golpe por golpe. Ela é forte e ágil, e eu estou ficando cansada rapidamente. Parece uma máquina. Meus ombros estão doendo e queimando, percebo que não posso aguentar isso por muito tempo.

Por alguma razão, eu penso em meu pai. Suas palavras surgem na minha cabeça, ao pensar em tudo o que ele me ensinou. Todas essas lições sobre a luta. Sobre ser forte. Sobre suportar tudo. Sobre não lutar de acordo com o outro indivíduo, percebo que é o que eu tenho feito: estou lutando

de acordo com seus termos. Eu percebo que eu não devia. Eu sei de outras formas de luta. Quem disse precisamos lutar de espadas. Decido lutar de mãos limpas, a luta em que sou melhor.

Ela vem me atacar de novo, desta vez eu passo para o lado e, em vez de cortar, me inclino para trás e a chuto com força nas costelas.

Funciona. Ela não estava esperando por isso, e ela cai. A multidão vai à loucura.

Sem lhe dar uma chance de se recuperar, eu chego perto dela e a agarro por trás do cabelo e lhe dou uma joelhada com força no rosto.

Ela solta sua espada quando cai para trás, caindo de bunda, depois de costas, e seu nariz se quebra. Ela fica ali, tonta e confusa. Não esperava que eu fosse mudar meu estilo de luta.

A plateia grita se parar, ficando de pé.

Dou um passo para a frente e aponto minha espada para sua garganta. Eu a dominei. Posso matá-la facilmente agora, se eu quiser.

"Mate-a! Mate-a! Mate-a!" canta a torcida.

Enquanto fico ali, a ferida no meu braço doendo, uma parte de mim se sente traída e quer matá-la. Afinal, se isso fosse eu que estivesse no chão, ela não me mataria?

Mas eu a vejo olhando para mim, e penso em Charlie, sem uma irmã, e uma parte de mim não se atreve a fazê-lo.

"Faça", ela sorri. Naquele momento eu percebo que ela quer que eu a mate. Ela teve o suficiente: ela quer morrer.

A multidão se cala, eu olho para cima e vejo o líder dar um passo a frente.

"Se você matá-la", ele grita para baixo para mim, "Eu vou poupá-los. Todos vocês. Tudo que você tem a fazer é matá-la. E então todos serão libertados."

A multidão aplaude. Olho para Flo e a vejo respirando com dificuldade, franzindo o cenho para mim.

"Por favor", diz ela. "Faça isso."

Eu vejo que ela está sendo sincera, ela realmente quer morrer.

"NÃO!" Charlie grita. "Por favor, não a mate!"

Penso nas palavras do líder. Se eu matar Flo, pouparei Bree. E Charlie. E Ben. E Logan. E eu mesma. Tudo para alguém que quer morrer de qualquer jeito. Para alguém que teria prazer em me matar.

Eu sei que eu deveria fazê-lo.

Mas quando olho para ela, uma parte de mim simplesmente não consegue. Além disso, quero desafiar o líder.

Então, ao invés de ir em frente, eu largo minha espada. Ela cai no chão empoeirado do cânion com um barulho metálico.

A multidão vaia e grita para mim. Mas eu não me importo.

Flo balança lentamente a cabeça em desgosto. "Estúpida", diz ela.

Há um tremendo estrondo e, no começo, eu acho que é outra rocha, mas então eu olho para cima e não vejo nenhuma pedra caindo, percebo que é outra coisa. A terra inteira está tremendo embaixo de mim, como um terremoto, percebo que, o que quer que seja, é muito mais ameaçador.

De repente, surgem grandes armadilhas de aço do chão e das paredes, a nossa volta, água começa a jorrar. Vem como se fosse um rio, como uma barragem tivesse sido destruída, por todos os lados, uma enorme onda vindo direto para nós. Olho para Charlie, Ben, Logan e Flo, todos estão olhando com os olhos arregalados para a água.

Bree estende sua mão e corre para mim. Eu vou buscá-la.

Mas é uma causa perdida.

De repente, a água nos rodeia por todas as direções. Meu mundo vira de cabeça para baixo quando eu me reviro na água, abatida pelas ondas. A água me pega e me afunda de novo, eu caio e saio dando voltar, sinto água entrando pelo meu nariz. Eu giro e giro, tentando encontrar o caminho para a superfície, tento prender a respiração.

Depois de trinta segundos de caos total, consigo chegar à superfície. A água está girando em torno de mim, e eu posso ouvir a multidão torcendo loucamente. Eu olho para os lados, procurando

por sinais dos outros, e, à distância, vejo Bree e Charlie, suas cabeças balançando um pouco acima da água. Mais longe, eu posso ver Flo, viva, e Ben, se debatendo. Mas não vejo Logan em lugar nenhum.

Então eu o avisto: sua cabeça balança para cima, a poucos metros de mim. Ele parece estar em agonia absoluta, eu consigo nadar até ele, lutando contra a correnteza.

"Brooke!" ele exclama.

Eu estendo uma mão e eu nado até ele.

Nossas mãos se tocam, mas eu vejo algo na água abaixo de nós. É um redemoinho, sugando tudo a sua volta. Nossos dedos se tocam, e então ele é puxado, o redemoinho o arrasta para baixo.

"Brooke" ele grita.

Eu vejo o medo em seus olhos quando ele se afasta de mim, está sendo sugado pelo redemoinho.

"Logan" eu choro.

Ele vai para baixo d'água e, em seguida, desaparece.

Não há nada além do silêncio.

O redemoinho desaparece, como se alguém desligasse um interruptor. Eu fico olhando para a calma superfície da água.

"Logan!" eu grito.

Mas é tarde de mais. Ele se foi.

Não consigo acreditar. Logan. A coluna vertebral do nosso grupo. Morto.

Meu coração se parte. Mas eu não posso pensar nisso agora. Forço minha mente. As águas estão rodando e subindo, e eu giro ao redor, à procura de qualquer sinal dos outros. Vejo Bree e Charlie, próximos um do outro, os dois se debatendo, lutando, braços para cima sobre a água. Felizmente, Bree é uma boa nadadora e parece que Charlie também o é. Mas já posso dizer que Bree está perdendo força e não vai durar muito. Eu tenho que salvá-la.

Eu luto contra a correnteza, nado até ela, a água vai subindo e a espuma se forma ao redor de mim; é como nadar em um aquário gigante.

De alguma forma, eu consegui alcançá-la. Eu a agarro com um braço, por trás e envolvo o meu antebraço ao redor do seu peito.

"Está tudo bem, Bree, se acalme."

Ela tem respirar, com dificuldade. As ondas nos levaram para perto da parede do desfiladeiro, eu olho para cima e vejo a corda pendurada do lado do penhasco. Poucos minutos atrás, a corda estava a cem metros do chão, mas, agora, ele está bem ali, ao meu alcance. Eu mal posso acreditar.

Eu estendo a mão e a agarro, sinto as protuberâncias da corda cavando em minha pele, e então levanto Bree para alcançá-la. Quando ela está segura, eu olho para os lados e, a cerca de quinze metros de distância, vejo Charlie, que está sendo levado na direção errada.

"Salve-o!" Bree chora.

Eu nado até ele, lutando contra a correnteza, agarro sua camisa, e com a minha última explosão de energia, faço o caminho de volta, contra a força da água, em direção à corda.

Quando chego à corda, eu o levanto também. Agora, ele e Bree estão ambos na corda, balançando, e já começam a escalar subindo a corda para cima. Eu chego e seguro a corda atrás deles, me penduro, respirando com dificuldade, recuperando o fôlego. Olho a minha volta, mas não vejo sinais de Ben ou Flo. Eu me pergunto se eles também fizeram isso.

Mas não há tempo para procurar, ou para descansar em meus calcanhares. A água aumenta rapidamente em torno de nós.

Eu olho para cima, e vejo a subida íngreme pela frente, sessenta metros até o topo do desfiladeiro. Não temos escolha.

"Suba!" Eu grito, com o barulho da água jorrando.

Bree sobe rapidamente, assim como o Charlie, nós três vamos subindo em linha reta pela corda.

Eu uso os meus pés para empurrar a parede de pedra, ganhando impulso.

Logo, os três de nós estão no alto, a uns cinquenta metros acima da água. Estou começando a me sentir otimista, podemos realmente fazer isso daqui.

E então, eu ouvi um grito.

Eu paro e olho por cima do meu ombro, e não posso acreditar no que vejo: lá, no centro das águas jorrando, nadando para a parede, está Flo. Seu rosto está gravado em pânico, ela acena com a mão para mim. Eu nunca a vi com tanto medo, não consigo entender isso: é porque ela não sabe nadar?

Mas, então, eu vejo, o que lhe causa tanto medo e meu coração pára.

Um enorme tentáculo surge para fora da água, envolve-se em torno de sua perna, e a arrasta para baixo, por baixo da água. Flo desaparece, borbulhando, em seguida, momentos depois, volta à superfície de novo, com falta de ar.

"Por favor!", ela grita.

"Flo" Charlie grita.

Mas estamos impotentes. Não há nada que eu possa fazer aqui de cima, a não ser assistir como a criatura do mar levanta sua cabeça horrorosa. É a criatura mais horrenda que eu já vi: ele se parece com uma lula gigante, mas com fileiras e fileiras de dentes afiados e um único, grande olho. Seu rosto é grotesco, uma espécie de aberração que provavelmente resultou da guerra nuclear.

Ele estende outro tentáculo, envolvendo-o em torno de Flo, e a suga de uma vez.

A multidão ruge quando Flo é puxada para baixo, por baixo da água, e o monstro desaparece com ela.

Olho para as águas debaixo de mim com uma nova sensação de pavor. Se eu escorregar e cair, estarei morta.

"MEXAM-SE!" Eu grito para Bree e Charlie, que ficam lá, olhando para baixo, aterrorizados.

Todos nós subimos mais rápido, até que eu ouço uma risada zombeteira e olho para cima: o líder está ali, a menos de cem metros de distância, olhando para baixo e segurando um facão.

"Não!" Eu grito.

Mas é tarde demais. Ele se move para baixo e corta nossa corda.

No mesmo instante, nós três somos lançados para o ar, gritando.

DEZOITO

Eu caio mais rápido do que nunca, mergulhando na água, Antes que eu possa recuperar meu fôlego, sinto o impacto. Meu mundo escurece e eu me vejo afundando, deixando a superfície para trás.

Por um momento, luto para conseguir respirar, está tudo escuro. Vejo meu pai, ali, olhando com desaprovação para mim, suas mãos em seus quadris.

“Em pé, soldado! O que eu ensinei para você? Reaja. *Reaja!*”

Abro os meus olhos, ainda debaixo d’água e olho na direção da superfície. Parece estar uns sete metros acima de mim. Eu chuto, e nado, lutando para conseguir subir.

Momentos depois, chego à tona. Imediatamente, olho a minha volta e vejo Bree e Charlie perto de mim. Eles pisam na água e olham ao redor deles, assustados, atentos ao monstro.

Eu também olho ao meu redor e, agora, essas águas que esguicham parecem muito mais sinistras.

Sei que o monstro está aqui, conosco, em algum lugar. Flo não voltou à superfície, com certeza está morta e Ben também deve estar – nós seremos os próximos. Sinto-me desamparada. Não sei o que fazer nem para onde ir.

“Aqui em cima!” uma voz grita.

Estico meu pescoço e vejo Ben, a uns quinze metros acima, na parede do desfiladeiro, dentro de uma pequena caverna no penhasco. Ele está ali, com o arco e flecha sobre seu ombro, ao lado de uma corda pendurada que serve para subir. Estou impressionada. De algum jeito, ele conseguiu chegar a outra corda, conseguiu escalar metade do desfiladeiro e achou uma pequena abertura para se esconder. Está a um seis metros da água, a salvo.

Vejo a corda que leva à caverna, a uns quinze metros de distância. Não sei se iremos conseguir chegar até ela antes que o monstro nos encontre.

Eu nado em direção a Bree e Charlie.

“Nós precisamos chegar até aquela corda,” eu falo. “Vocês dois conseguem nadar?”

Eles fazem “sim” com a cabeça, seus olhos paralisados de medo enquanto eles olham para a água à procura do monstro.

Nós três começamos a nadar em direção à parede do desfiladeiro. Penso na terrível morte de Flo e penso que o monstro pode me afundar a qualquer momento. Nado mais rápido que nunca, terror crescendo a cada braçada. Bree e Charlie nadam tão rápido quanto eu, ao meu lado.

Parece que demoramos uma eternidade, achando que cada segundo poderia ser o último – mas, para minha surpresa, nós conseguimos. O monstro não apareceu na superfície. Pergunto-me se ele desapareceu em algum lugar. Talvez tenham aberto aquelas portas metálicas debaixo da água e ele tenha voltado para o lugar de onde ele veio.

Eu estendo a mão para ajudar Bree e Charlie a alcançarem a corda. E então eu seguro a corda e dou um impulso para sair da água – quando, de repente, sinto um tentáculo denso e forte agarrar minha perna. Meu coração pára.

Aperto a corda com toda a minha força, desesperada para conseguir me segurar a ela, mas começo a escorregar. A corda machuca as palmas de minhas mãos molhadas, não estou aguentando. E, finalmente, eu acabo soltando a corda.

Saio voando pelo ar e caio de costas na água. A última coisa que vejo é a cara de medo de Bree, olhando para baixo, para mim. E meu mundo fica escuro.

Mergulho na água e, quando abro os olhos, vejo o rosto horroroso do monstro, seus tentáculos de movimentando pela água, suas fileiras de dentes. Vejo um pedaço de perna entre dois de seus dentes e percebo que era aquilo tudo o que havia sobrado de Flo.

O monstro se debate e, temporariamente, solta minha perna, eu não perco tempo: vou até a superfície.

Penso que talvez ele tenha me soltado sem querer e eu possa fugir. Eu imediatamente saio da água e agarro a corda de novo. Mas, antes que eu consiga ir muito longe, sinto seus tentáculos de novo, envolvendo minhas panturrilhas como se fosse gelo. E então percebo que ele não havia me soltado –

era apenas parte de sua natureza perversa. Esta criatura gosta de brincar com sua presa antes de matá-la, como um tubarão que brinca com uma foca.

Quando sinto que estou sendo puxada, tenho a sensação de que, dessa vez, afundarei de uma vez por todas.

Antes de me afogar, olho para cima e vejo Ben ali, na beira da caverna, apontando uma flecha para baixo, parece que para mim. Ele vai me matar? Ele vai me poupar de uma dolorosa morte? Quase desejo que sim. Prefiro morrer com uma flecha dele do que com os dentes dessa terrível criatura.

Sim, eu desejo, silenciosamente. Atire logo. Por favor.

Ele atira e eu vejo a flecha atravessar o ar. Eu me preparo.

Mas ela não me atinge.

Ao invés disso, ouço um grito desesperador e vejo que a flecha feriu o interior da boca do monstro.

É um tiro perfeito. A criatura momentaneamente afrouxa seus tentáculos e eu rapidamente agarro a corda; logo estou metros acima, no ar, longe da água.

O monstro tenta atacar de novo, estendendo seus tentáculos – mas, por alguns centímetros, ele não me alcança e guincha de agonia e frustração.

Continuo subindo e, em segundos chego à caverna. Ben, Bree e Charlie estão ali parados, esperando para me saudarem, me puxarem para um lugar seguro. Estou a uns quinze metros da água, a criatura se mexe lá embaixo, mas não consegue nos alcançar. Não acredito. Consegui.

Eu me curvo e respiro com dificuldade, minhas pernas queimam nos locais aonde o monstro encostou. Sinto que não consigo recuperar meu fôlego.

“Você está bem?” Ben pergunta.

Estou. Nunca estive tão grata em toda a minha vida. Ele salvou minha vida.

Ouço a plateia vaiando, fazendo barulho, criticando. Olho para cima e vejo o olhar de

desaprovação no rosto do líder e nos rostos de todos os outros. Nós os fizemos de bobo.

Encontramos refúgio em uma arena onde não deveria haver nenhum. Não era isso que eles queriam que acontecesse. Não estão felizes.

Nós perdemos Logan e Flo, mas ainda restaram quatro de nós. E essas pessoas loucas ainda não estão satisfeitas. Eles querem todos nós mortos.

Mas nenhum de nós é bobo o suficiente para subir por essa corda novamente. Eles iriam cortá-la e cairíamos na água. Então ficamos aqui, em segurança, longe do perigo.

O líder dá um passo a frente e a plateia se cala.

“Aumentem a água!” ele grita.

A plateia irrompe em ovações, meu coração se aperta quando vejo que o nível da água começa a subir. O monstro marinho chega à superfície, alucinado para pegar sua nova comida, aproximando-se de nós.

Meu coração se enche de pânico e eu posso ver o terror no rosto de Bree, Charlie e Ben. Logo, a criatura estará no nosso nível e irá nos matar. Estamos sem opções.

Então, eu tenho uma ideia. É arriscada, mas viver também é. Se eu quiser salvar os outros, e me salvar também, é agora ou nunca.

Sem pensar, dou um passo para frente, retiro a lança alojada em minhas costas, eu a seguro com minhas duas mãos e fico na beira do precipício. Olho para baixo: o monstro está subindo, lentamente, cada vez mais próximo. Ele guincha.

“O que você está fazendo?” Ben berra. E então ele percebe. “Isto é suicídio!”

“Brooke,” Bree grita. “Não!”

Mas é tarde demais. Não há mais tempo para pensar. Apenas para agir.

Salto da borda do precipício, apontando a lança a minha frente, com as duas mãos. Eu atravesso o ar e a plateia faz barulho, alucinada.

Levanto a lança com minhas duas mãos, acima de minha cabeça e miro no olho do monstro. Vou

me aproximando e o monstro vai subindo, em minha direção, seus tentáculos retorcendo, sua boca está aberta e seu único olho está me encarando.

É nele que eu estou mirando. Aquele único olho.

Conforme caio a toda velocidade, miro perfeitamente em meu alvo e afundo a lança. Ela penetra exatamente o centro do olho e eu o perfuro ainda mais profundamente.

O monstro guincha um som agonizante e o mundo estremece.

Eu mergulho na água e a criatura vem em cima de mim, seu peso me afundando. Não sei se está vivo, ou se é apenas seu peso me empurrando para baixo, e eu vou caindo cada vez mais, sem saber se ainda estou viva ou morta.

D E Z E N O V E

Eu lentamente abro meus olhos, pensando se estou viva ou morta. Minha cabeça está me matando, parece que pesa uma tonelada, olho a minha volta, piscando os olhos. Tento descobrir onde eu estou.

Vejo Bree sentada ao meu lado, Charlie ao lado dela e Ben, ao lado de Charlie. Estamos em algum tipo de cela, mas diferente da caverna. É uma pequena cela de metal, protegida por barras metálicas, que levam a um túnel do lado de fora. Estamos apenas nós quatro aqui.

Pergunto-me se estou acordada ou sonhando, até que Bree, de repente, se senta e olha para mim.

“Brooke?” ela chama.

Ela se inclina sobre mim e me dá uma grande abraço. Minha cabeça parece que está rachando, mas, ainda assim, tento abraçá-la de volta. Charlie se aproxima e também me abraça. Ben se ajoelha, olha para mim e pousa gentilmente sua mão sobre meu rosto.

“Você está viva,” ele fala, aliviado.

Ele se inclina sobre mim e me beija na testa e, apesar de tudo, fico eletrizada com o toque de seus lábios em minha pele.

Ele me olha com tanto carinho, assim como os outros, que eu percebo, finalmente, que estou viva.

Conseguimos.

“O que aconteceu?” eu pergunto.

“Você matou o monstro,” Charlie responde.

“E depois você desmaiou debaixo d’água e Ben mergulhou para salvá-la.”

“Quando o monstro morreu, eles cancelaram o jogo,” Ben explica. “Trouxeram-nos para esta nova cela. Acho que ninguém nunca havia matado um monstro. Devem estar decidindo o que fazer conosco. Não acho que irão nos matar aqui, na frente de todos, acho que a plateia queria mais.”

Eu me sento, massageando minha cabeça, tentando lembrar. Lembro-me de haver pulado da caverna, ter ferido o monstro, e ter caído na água... E, depois disso, mais nada.

“Você é muito corajosa,” Ben fala.

“Há quanto tempo estou aqui?” eu pergunto.

“Você ficou apagada por horas. É noite agora. Eles nos trouxeram para esta nova cela. Acho que tem algo diferente acontecendo. Não sei o que é. Mas acredito que nós irritamos demais algumas pessoas.”

Ouçoo o som distante de uma porta metálica se abrindo e depois se fechando. Há uma dezena de botas marchando, todos nós nos sentamos e ficamos olhando, esperando.

Vários comerciantes de escravos aparecem. Eles abrem a porta da nossa cela e, no meio deles, está o líder. Ele é mais alto e maior visto de perto, um ombro mais alto que todos os outros, e veste uma capa longa e verde. Está segurando alguma coisa, fico impressionada ao ver o que é.

“Penélope!” Bree grita.

Ela se retorce e late nas mãos deles, tentando escapar, mas o líder a segura com firmeza contra seu peito, com um punho de ferro, praticamente sufocando-a.

“Este é seu cachorro,” ele diz a ela, com uma voz grave e retorcida. “Ou, deveria dizer, *era*. É nossa propriedade agora.”

Penélope choraminga e eu vejo a decepção nos olhos de Bree.

O líder se vira para mim e seu sorriso vira uma cenho franzido.

“Você me desafiou,” ele fala. “Ninguém jamais havia feito o que você fizera. Você me fez de bobo na frente do meu povo.”

Eu engulo em seco, pensando o que nos aguarda. Rezo para que não sejam outras arenas. Meu corpo não aguentará mais um dia.

“Mas eu me vingarei,” ele continua. “Amanhã, executaremos vocês quatro em público, no topo da mais alta colina, para que todos possam ver. Mandaremos uma mensagem para todos aqueles que queiram desafiar nossas regras.”

Ele dá um passo para frente e sorri para mim.

“Neste intervalo, na sua última noite na terra, eu lhe concederei um último desejo. Vou permitir que você escolha um dos quatro de vocês para viver. A escolha é sua. Os outros irão morrer. Você também pode escolher a si mesma, se quiser.”

Ele olha para mim com um sorriso perverso, e eu percebo que esta é a coisa mais cruel que ele já fizera. Como eu poderia escolher um de nós quatro? É claro que eu escolheria Bree. Mas isso seria injusto demais com Charlie e Ben. Escolher um significaria uma sentença de morte para os outros. E Bree seria destruída pela culpa. Eu a conheço. Não posso fazer isso com ela. Não posso deixar nossas mortes pesarem na sua consciência.

Eu penso rápido, forçando meu cérebro—tenho uma ideia.

“Eu escolho nossa cachorrinha, Penélope,” eu digo. “Deixe que ela fique conosco na nossa última noite.”

O líder me encara como se eu fosse maluca, olha para mim com os olhos arregalados, em choque. Então ele se inclina para trás e começa a rir uma risada sarcástica. Ele dá um impulso e atira Penélope, que sai voando pelo ar e aterrissa com força no chão.

“Você é mais burra do que eu imaginava,” ele diz. “Vou me divertir assistindo a morte de vocês amanhã.”

Ele se vira e marcha para fora da cela, todos os seus subordinados o seguem, fecha a porta de

metal com um baque atrás dele e a tranca. Eu ouço o som das botas marchando cada vez mais distante.

Bree pega Penélope no colo e a beija, Penélope choraminga para ela.

Imediatamente, os outros se viram para me encarar.

“Por que você fez isso?” Ben pergunta, ríspido. “Penélope? Sério mesmo? Entre todos nós? Você poderia ter deixado um de nós viver. Bree. Ou Charlie. Qualquer um. Por que você fez isso?” ele pergunta, sua frustração aumentando.

“Eu tenho um plano,” eu respondo. “Vê ali? Na parede mais distante?”

Todo mundo se vira para olhar. Ali, no final do corredor, a uns quinze metros, estão as chaves para as nossas celas, penduradas em um gancho.

Eu olho para Penélope.

“Ela é a cachorra mais esperta que conheço. É nosso tíquete de saída daqui.”

Olho para Charlie

“Charlie, você disse que conhecia uma saída.”

“E conheço!” ele insiste, defensivo.

“Eu acredito em você,” eu digo. “Se sairmos desta cela, você pode nos mostrar o caminho?”

Charlie diz que sim com a cabeça, vigorosamente.

“Eu já vi os túneis. Sei para onde eles levam. Tem uma saída daqui, uma alternativa. O rio. Há barcos no rio. Poderíamos pegar um.”

Ben sacode a cabeça. “É arriscado,” ele fala.

“Tem alguma outra ideia?” questiono.

Ele me encara com um olhar severo e então finalmente balança a cabeça. “Vamos lá.”

Eu me viro para Bree.

“Bree. Fale com Penélope. Ela a escuta. Dê um comando a ela. Diga-lhe o que fazer. Peça para que ela pegue as chaves. As que nós precisamos.”

Bree carrega Penélope para um canto da cela e nós as seguimos. Olho para os lados, não vejo mais ninguém.

Bree aproxima Penélope de si e sussurra em seu ouvido.

“Penélope, querida. Precisamos da sua ajuda. Por favor. Você tem que pegar aquelas chaves para nós.”

Bree aponta para a parede mais distante, e Penélope a acompanha com seu olho bom.

“Você entende?” Bree pergunta. “Peque aquelas chaves e traga para nós. Vá!”

Bree se ajoelha, coloca o pequeno corpo magricela de Penélope entre as barras e a empurra para o corredor.

Penélope dá três passos e então pára e olha para Bree.

Bree aponta para a parede.

“Vá!” ela murmura.

Penélope hesita, e então, de repente, ela corre e vai até a parede. Desce pelo corredor, apanha as chaves com sua boca, tira-as do ganho e volta rapidamente com elas. Ela corre mais e mais, passando entre as barras, carregando as chaves com a boca.

Dentro da cela, ela deixa as chaves na mão de Bree.

Não acredito. Deu certo. Estamos todos animados e felizes. Meu coração se enche de gratidão e admiração pela cachorra.

Bree me entrega o molho, que é pesado, cheio de chaves. Eu, imediatamente, as examino e as levo até as barras para testá-las uma a uma na fechadura. Após um terço das chaves terem sido testadas, uma vira com um clique metálico e a porta da cela se abre.

Funcionou. Mal consigo acreditar

Nós corremos pela cela, Bree carregando Penélope por dentro de sua jaqueta.

“Charlie, é sua vez. Para que lado?”

Charlie para e olha para as duas direções, hesitante. E então, ele vira para a direita.

“Por aqui,” ele fala, saindo em disparada. Nós vamos atrás dele, e logo estamos todos correndo pelos corredores.

Charlie vira para a esquerda e direita, seguindo as luzes de emergência, descendo por diferentes túneis, virando aqui e ali de novo e de novo. Eu mal consigo acompanhá-lo, mal consigo entender como ele descobriu esse caminho.

Começo a me preocupar se ele sabe para onde ele está indo quando, após várias voltas, ele para diante de duas luzes amarelas de emergência. Ele vai para uma parte preta da parede, estende a mão e bate forte com os nós dos dedos. Um som oco ressoa.

“Esta é a porta,” ele diz. “Eu já os vi utilizando-a. Vai para o lado de fora. Estão prontos?”

Nós quatro nos aproximamos e eu a abro com tudo.

Mal posso acreditar. Estamos do lado de fora. Charlie estava correto.

Estamos fora do complexo presidiário, em algum tipo de entrada lateral. É maravilhoso estar debaixo de um céu aberto de novo, estamos livres.

É noite e o céu está pontilhado de milhares de estrelas. É uma noite fria de inverno, a temperatura começa a cair de novo e estamos ao ar livre com elementos congelantes. Ainda estou com meu

uniforme, assim como os outros. Ele oferece proteção, mas mal consegue nos manter aquecidos.

Charlie aponta para o rio, ao longe. A água brilha com a luz da lua e posso ver barcos a motor de comerciantes de escravos balançando na água. É tarde da noite, eles parecem sem tripulação.

Começamos a correr, cruzando a grama para chegar ao rio, a uns cem metros de nós. Há uma camada de gelo por cima do chão e nossos passos a quebram quando pisamos. Há vigias por todos os lados, mas está escuro, não há lua e não há nenhum comerciante de escravos de guarda deste lado do complexo.

Quando chegamos à beira do rio, nos dirigimos a um dos barcos a motor. É um belo barco, novinho, ancorado, sem ninguém vigiando. Mas, é claro, por que eles vigiariam? Afinal de contas, estamos dentro de um complexo militar.

“Vamos,” eu sussurro, desesperada.

Pulamos no barco. Ao fazê-lo, Ben imediatamente puxa a âncora.

Meu coração palpita enquanto procuro pela chave, e as encontro na ignição. Eu me certifico que todos estão sentados e então ligo o barco, me preparando.

Viro a chave. Eu aperto o acelerador, devagar, no começo. Não quero fazer muito barulho até que estejamos fora do perímetro da cidade.

Estamos em movimento, olho para todos os lados enquanto piloto, procurando por qualquer sinal de que fomos seguidos. Mas não encontro nenhum. Deve ser bem tarde, ninguém está nos observando.

Olho para baixo e vejo que o tanque de combustível está cheio. Olho a minha volta e vejo os semblantes tensos dos meus amigos passageiros.

Quero ir mais rápido, mas me forço a manter a velocidade baixa, apenas alguns quilômetros por hora, quase que apenas flutuando rio abaixo sob a escuridão da noite. A minha direita, ao longe, posso ver o contorno da arena, dos estádios, de todos os locais de competição. Ao longe, avisto grupos de comerciantes de escravos em guarda. Mas eles estão distantes e de costas para nós.

Ninguém está nos vendo aqui, no rio, navegando. E, se estão, devem pensar que somos um deles.

À medida que nos afastamos, o rio começa a fazer curvas. Vamos na direção norte, contra a correnteza. O mais longe possível de Manhattan. Em direção ao Canadá.

Nós continuamos, virando, fazendo curvas, e, quando eu estou longe o suficiente, acelero com tudo. O motor ruge e ganhamos alta velocidade. Agora estamos passando por um rio sem nome, em direção a não sei qual lugar. Não me importo. Desde que seja bem distante daqui.

Não consigo apagar os rostos de Logan e de Flo de minha mente. Sinto que eles estão olhando para nós, nos observando. E que estão sorrindo.

Conseguimos. Nós sobrevivemos.

VINTE

Piloto o barco a noite toda, controlando o timão, enquanto os outros estão deitados, dormindo, nosso barco balança para cima e para baixo com as correntezas. De vez em quando, ouço Charlie

chorar, não tenho dúvida que ele está pensando em Flo. Bree se aconchega ao seu lado, apoiando um braço em volta dele, a cabeça dele encostada no ombro dela. Os dois são inseparáveis, penso que, se não fosse por Bree, Charlie estaria completamente devastado agora.

Olho para a escuridão da água, sua espuma passando por nós enquanto subimos o rio – e tudo o que eu vejo é o rosto de Logan. Eu o vejo na água, se afogando, tentando me alcançar. Vejo o redemoinho sugando-o e levando-o para baixo. Vejo-o pedindo socorro para mim e eu incapaz de ajudá-lo. Isso acaba comigo. Toda vez que fecho os olhos, é isso o que eu vejo.

Sinto que ele está comigo agora, mais do que nunca, que ele é uma parte de mim. Sinto um desejo urgente de tê-lo aqui, comigo, ao meu lado. De certa maneira, é o mesmo desejo que sinto quando sinto falta de meu pai. Também queria que ele estivesse aqui. Para ver tudo o que consegui fazer. Para ter orgulho de mim. Para fazer parte disso tudo.

Ben acorda, se aproxima de mim e olha para a água, junto comigo.

“Eu sinto muito pelo Logan,” ele diz, baixinho, olhando para frente.

“Eu também,” eu respondo.

“Não consigo acreditar que conseguimos,” ele diz. “Eu tinha certeza de que estávamos mortos. Sua ideia foi genial.”

“Ainda não conseguimos,” eu aviso.

“Mas estamos no barco há horas,” ele diz. “Ninguém está nos seguindo. Eles não sabem de nada. Não saberão até o amanhecer. E, quando perceberem, estaremos com pelo menos um dia de vantagem.”

Eu dou de ombros, pensando em todas as situações pelas quais passamos, sabendo que isto nada significa.

“Não estou preocupada com eles,” eu falo, pensando sobre o assunto. “Estou mais preocupada com o que nos espera pela frente.”

Ben deu uma olhada no barco antes e não encontrou nada— nenhuma comida, nenhum suprimento,

nenhuma arma. Estamos todos com fome, exaustos, morrendo de frio. E, quanto mais para o norte vamos, mais frio fica. O rio já está congelado em alguns pontos. Olho para o ponteiro de combustível e vejo que ele está caindo rapidamente. Não conseguiremos nos manter por muito tempo. Quando o sol nascer, eu acho, estaremos completamente sem combustível e, novamente, apenas flutuando à deriva, à mercê de qualquer predador por aí.

Eu quero relaxar, me descontraír e pensar que encontramos conforto, que tudo ficará bem. Mas, agora, não sinto nenhuma segurança. Apenas um sentimento de angústia. A necessidade de sobreviver.

De certa forma, Logan e Flo tiveram sorte. Estão fora do jogo. Agora, eles não têm preocupações.

“Bom, nós chegamos até aqui,” Ben fala, “e estou orgulhoso de você.”

Ele se inclina e me dá um beijo no rosto. É uma sensação boa, queria que ele não parasse, nem se afastasse. Mas ele o faz. Ele logo se retira e eu me pergunto se ficaremos próximos mais uma vez.

Como naquela noite.

“Quer que eu pegue a direção?” ele pergunta.

Respondo que não com a cabeça.

Ele concorda e volta para o seu lado do barco.

Enquanto estou aqui, olhando para a escuridão da noite, me pergunto novamente como tudo isso acabará. Penso naquela cidade, a mítica e perfeita cidade, em algum lugar ao norte do Canadá. Acho que é por isso que estou indo na direção norte, inconscientemente – para realizar o sonho de Logan.

Para ver se é verdade. Sei que, na minha cabeça, provavelmente não é. Mas eu finalmente aprendi algo: precisamos ter esperança; Sem esperança, não temos nada.

*

O sol nasce e eu abro meus olhos. Estamos balançando, flutuando sem direção na água, nosso barco está à deriva no meio do Hudson. Estamos todos amontoados, debaixo do mesmo cobertor fino, deitados sob o céu aberto. Penélope ainda dorme no colo de Bree.

O barco ficou sem combustível há horas, tarde da noite. Mas todos nós lembramos o que

aconteceu lá atrás, na última vez que deixamos o barco, ninguém mais quer abandoná-lo. Então ficamos juntos aqui, deixando que a correnteza nos leve pelo rio.

Viajamos por horas ontem à noite e, em todos os lados, não havia nada a não ser terras devastadas. Sem cidades, sem pessoas. Neste frio, sem comida aquecida, não iremos sobreviver por muito tempo.

Tenho tido sonhos, sonhos tranquilos, para variar. Quando abro meus olhos, vejo o céu colorido de rosa e roxo, não tenho certeza se estou acordada ou dormindo.

Estou tão fraca de fome, tão cansada, com tanto frio, que nem consigo me levantar. Nem os outros. Estamos todos congelados aqui, juntos. Sei que iremos todos morrer aqui. E, finalmente, estou pronta para aceitar isso. Pelo menos, estaremos livres. Pelo menos, nós morreremos do nosso jeito.

Abro um pouco mais os meus olhos e percebo que estamos vivos. Vejo um mundo colorido de rosa claro, roxo e outras cores suaves, é o céu aberto mais belo que já vi.

Quando olho para o rio, vejo alguma coisa, tenho certeza que estou alucinando. Vejo nosso barco de mover rio acima, contra a correnteza. É impossível.

Vejo um belo barco branco a nossa frente, nos levando, nos puxando lentamente pelo rio.

Navegamos vagorosamente pelas águas, em direção a algum lugar do norte, puxados por este lindo barco. O vento afaga gentilmente o meu cabelo e, quando me inclino para frente, vejo que passamos por um enorme portão de ouro no rio.

Continuamos indo e vejo dezenas de barcos, todos brancos e brilhantes, perfeitamente novos – e, atrás deles, dos dois lados do rio, vejo uma bela cidade. Tudo está intacto. Lojas. Calçadas. Pessoas. Carros. Tudo está perfeito. Imaculado. Limpo. Feliz. Pessoas estão sentadas em cafeterias, rindo. Mães passeiam com suas filhas nas ruas de paralelepípedos. A cidade mítica.

Eu me forço a abrir os olhos, me perguntando se talvez este seja meu último sonho antes de morrer. Não tenho certeza, mas não deixo de sentir que estou acordada. Que isto tudo é real. Que nós o encontramos.

E que tudo vai ficar bem.

EM BREVE...

ARENA TRÊS

(Livro III da Trilogia da Sobrevivência)

THE SORCERER'S RING



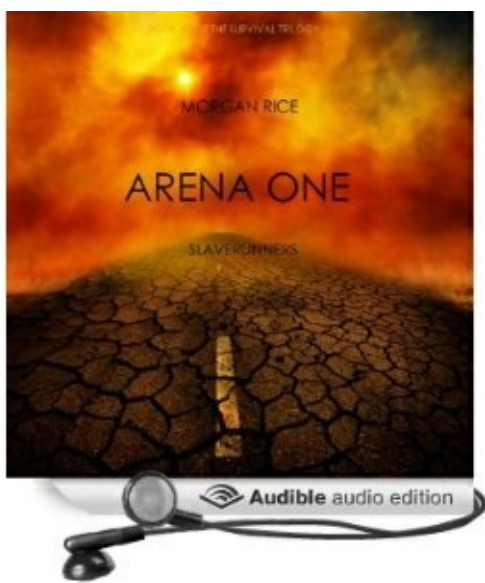
THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals



[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Google Play !](#)



[Ouça](#) a TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA no formato de audio book!

Disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FETICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

DESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)

JURADA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Google Play!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar

www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Document Outline

- [UM](#)
- [DOIS](#)
- [TRÊS](#)
- [QUATRO](#)
- [CINCO](#)
- [SEIS](#)
- [SETE](#)
- [OITO](#)
- [NOVE](#)
- [DEZ](#)
- [ONZE](#)
- [DOZE](#)
- [TREZE](#)
- [QUATORZE](#)
- [QUINZE](#)
- [DEZESSEIS](#)
- [DEZESSETE](#)
- [DEZOITO](#)
- [DEZENOVE](#)
- [VINTE](#)